

AUDIO VIDEO MAGAZINE

ANO 26
JANEIRO / FEVEREIRO 2023

292

EDITORA
AMMAG
www.clubedoaudioevideo.com.br

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA

A SIMPLICIDADE ELEVADA A MÁXIMA RESOLUÇÃO

TOCA-DISCOS BERGMANN
MODI COM BRAÇO THOR



Melhores do ano

2022

PRODUTO DO ANO
EDITOR

NESTE ANO, QUARENTA E UM PRODUTOS RECEBERAM O SELO DO EDITOR.
DENTRE ESTES, DEZESSEIS RECEBERAM O SELO DE REFERÊNCIA!

SELO DE
REFERÊNCIA
AMMAG

TCL

INSPIRE GREATNESS

O EXTRAORDINÁRIO EVOLUIU

Agora, pode chamar de **lendário**.



X925 Mini LED TV 8K



C835 Mini LED TV 4K



TCL, a marca de **Smart TV** mais bem avaliada por quem realmente entende de **qualidade de imagem**.

* Para desfrutar de todos os recursos e serviços inteligentes em sua TCL Google TV, é necessária uma conta gratuita no Google, uma conta gratuita TCL e uma conexão de internet banda larga confiável. Google TV é o nome da experiência de software deste dispositivo e uma marca comercial da Google LLC. Google, YouTube e Chromecast built-in são marcas registradas da Google LLC. Alguns aplicativos, conteúdos e/ou recursos podem não estar disponíveis em todos os países. Sujeito a disponibilidade.



ÍNDICE



**TOCA-DISCOS BERGMANN MODI
COM BRAÇO THOR**

12

E EDITORIAL 4

Como usar a edição melhores do ano?

NOVIDADES 6

Grandes novidades das principais marcas do mercado

HI-END PELO MUNDO 8

Novidades

TESTES DE ÁUDIO

12
Toca-discos Bergmann Modi com Braço Thor

20
Isolamento & amortecimento HRS: Vortex V150, DPII-14545 & M3X2-1923

28
Soundbar Yamaha SR-B20A



34



118



222

MELHORES DO ANO 2022

33
Como utilizar a edição Melhores do Ano

34
Fones de ouvido

64
Cabos

90
Acessórios para toca-discos

98
Cápsulas

102
Sistema completo

104
Toca-discos

111
Prés de phono

118
Áudio

222
Vídeo

VENDAS E TROCAS 232

Excelentes oportunidades de negócios



XX

Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

COMO USAR A EDIÇÃO MELHORES DO ANO?

Nosso leitor mais antigo deve estranhar esse editorial, pois eu já o expliquei desde que criamos em 1999 esta Edição Especial, pelo menos umas oito vezes. No entanto, precisamos estar atentos aos novos leitores que ganhamos a cada ano, desde que a publicação se tornou on-line e gratuita. Pela curva de crescimento nos anos de pandemia, ganhamos quase 18 mil novos leitores apenas nos últimos 12 meses. E esses novos leitores, além de boas-vindas, merecem esclarecimentos não apenas de nossa linha editorial, como também do propósito de termos uma Edição Especial Melhores do Ano. E lembrá-los de que o único objetivo dessa edição é dar aos nossos leitores uma radiografia precisa do que ocorreu de mais significativo no ano, e como fazer bom uso dessas informações.

Se você deseja realizar um futuro upgrade em seu sistema de áudio e vídeo hi-end, o primeiro passo é fazer uma 'varredura' nas duas últimas edições Melhores do Ano, para que se possa verificar as melhores opções dentro de seu orçamento. Feito esse primeiro levantamento, ler atentamente os testes e saber do grau de compatibilidade do produto com o restante do sistema, características gerais e, o mais importante, como é sua assinatura sônica no caso de produtos de áudio, e pontuação final dos produtos de vídeo. Essas informações serão essenciais para a escolha, de forma mais segura, do upgrade que você irá realizar.

Claro que sabemos que além de todas as questões racionais, existem outras subjetivas como design, marca e procedência do produto e justamente por isso somos tão criteriosos na descrição e histórico por trás de cada produto testado.

Quando criamos essa edição, além de todos os objetivos já expostos, pensamos naquele leitor que não vive nos grandes centros

urbanos e tem enorme dificuldade de ouvir e ver os produtos que lhe interessam. E sabendo das dificuldades pelo tamanho territorial do país, é que criamos o canal de consultoria, para poder ajudar esse leitor 'mais isolado' a se sentir mais seguro na hora de dar tão importante passo, e se aventurar no universo dos produtos hi-end.

Então, meu amigo, não se sinta intimidado com qualquer dúvida que, depois de ler essa edição, ainda possa surgir. Estamos aqui justamente para lhe ajudar a realizar upgrades seguros e ajustes finos que todos nós tanto desejamos em nossos sistemas.

O ano de 2022 não foi apenas o primeiro pós-pandemia, foi um ano que superou todas as nossas expectativas em relação a qualidade de produtos testados e sua diversidade. Basta uma pequena folheada nessa edição para o leitor ter a certeza que não só sobrevivemos aos dois anos de pandemia, como o mercado deu sinais de que está novamente se expandido, com a apresentação de novas marcas que começam a se destacar em nível mundial, e o mais importante: bem mais baratos e com excelente performance!

E ainda que estejamos longe da pujança que foi a primeira década do século 21, gradativamente acredito - salvo algum novo problema grave mundial - estamos caminhando para um crescimento consistente do mercado.

Desejo a todos os nossos leitores um 2023 repleto de realizações, saúde e acima de tudo conciliação. Pois não creio que uma nação possa prosperar dividida ou imersa em incertezas, desconfiança e tensão permanente.

Que o respeito e a compaixão pelo semelhante prosperem, e nos coloquem novamente nos trilhos! ■



NAGRA

POWER HD

SE A PERFEIÇÃO É A META, APRESENTAMOS NOSSA OBRA DE ARTE

"Sounded truly wonderful-beautiful, majestic, and very full-range".
Jonathan Valin, The Absolute Sound

"This is an exceptionally high resolution device, a superlative power amp that's as devoid of faults as might realistically be demanded given the equally superlative price. Even 'difficult' loudspeakers are driven to high levels and all but commanded to deliver a sound that is at once smooth and exquisitely detailed, gentle yet resolutely powerful. For a few lucky owners, the HD AMPs will be a partner for life".

Ken Kessler, Hi-Fi News

"'Integridade' é uma palavra que terá que ser incorporada ao uso em nossos testes, quando outros produtos também estiverem nesse nível de performance. E espero ter sido feliz na minha descrição do que é o power Nagra HD AMP, pois o que este produto atingiu em termos de performance extrapola em tudo que já observamos em qualquer produto por nós testado".

Fernando Andrette - Áudio e Vídeo Magazine

PRODUTO DO ANO
EDITOR

SELO DE
REFERÊNCIA
AVMAG

A verdadeira *experiência* da música.

german
curitiba • são paulo • san diego

contato@germanaudio.com.br



NOVA CAIXA DE SOM JBL PULSE 5



Equipada com o Original Pro Sound da JBL e show de luzes LED integradas, a série JBL Pulse expandiu seu portfólio com a JBL Pulse 5. A nova caixa de som portátil oferece até 12 horas de reprodução em um só carregamento, e possui classificação IP67, à prova d'água e resistente à poeira, garantindo que a festa aconteça em qualquer lugar, desde aventuras ao ar livre a festas em casa. Além disso, o produto possui uma alça entrelaçada tornando-o mais portátil do que nunca.

A JBL Pulse 5 oferece som 360°, com show de luzes ambiente. Por meio do recurso JBL PartyBoost é possível emparelhar várias caixas de som compatíveis, aprimorando a experiência de som. Além disso, com o aplicativo JBL Portable é possível escolher cores e efeitos que se adaptam a qualquer vibração musical. O produto conta ainda com Bluetooth 5.3, pronto para áudio LE, que permite conectar mais dispositivos simultaneamente e de maneira muito mais estável do que em versões anteriores.

Em comparação com seus predecessores da série Pulse, a JBL Pulse 5 foi projetada com um radiador passivo maior e um

volume acústico para graves mais profundos, bem como um woofer que visa fornecer sons de baixa e média frequência e um tweeter separado, proporcionando um som para qualquer ambiente. Com potência de saída dupla, a Pulse 5 traz melhoria na clareza e intensidade do som.

Disponível no Brasil na cor preta, a JBL Pulse 5 está na loja online da marca, com preço sugerido de R\$ 1.799. ■



Para mais informações:
JBL
www.jbl.com.br



estelon

X DIAMOND MKII

QUANDO A FORMA NÃO É
APENAS UMA QUESTÃO
DE DESIGN

Você já parou para pensar, a razão do formato de um piano de calda? Ou de um violino e de um clarinete? E se eles não tivessem exatamente esse formato, como soariam? Uma caixa Estelon, não foge desse mesmo conceito que é utilizado há séculos pelos luthiers de instrumentos musicais: o de buscar a forma correta para que a música soe em toda sua plenitude e fidelidade. Ao ouvir sua música em uma Estelon, instantaneamente você perceberá que não existe "instrumento" para a reprodução eletrônica, mais preciso e refinado.



@WC.JRDESIGN

A verdadeira *experiência* da música.

german
curitiba • são paulo • san diego

contato germanaudio.com.br



HI-END PELO MUNDO



MONOBLOCOS EROS 500 SELECT DA ZESTO AUDIO

A americana Zesto Audio, com sua linha de prés, powers e prés de phono valvulados, acaba de lançar os powers monobloco Eros 500 Select, classe A, equipados com válvulas KT150 - e um bias automático que permite o uso, alternativamente, de válvulas KT88, KT120 ou KT170, com um botão de seleção. O Eros 500 pode prover 250W, tem conexões para caixas de 4 e de 8 ohms, e um botão para desligar o terra. O preço do par de monoblocos Eros 500 Select da Zesto Audio é de US\$ 35.000, nos EUA. ■

www.zestoaudio.com

CAIXAS GREENWICH DA EJ JORDAN

A inglesa EJ Jordan, fabricante de alto-falantes full-range e caixas acústicas, está lançando seu mais novo modelo de caixas bookshelf. As Greenwich vêm em gabinetes estilo 'monitor BBC', com acabamento em madeira, trazendo dois full-range Eikona com cone de uma liga de metais de 4 polegadas, sem divisores de frequência, provendo resposta de 44 Hz a 18 kHz, com impedância de 16 ohms e 86 dB de sensibilidade. O preço do par de EJ Jordan Greenwich é de 4.950 libras, no Reino Unido. ■

www.ejjordan.co.uk



AMPLIFICADOR INTEGRADO 4040 A DA CREEK AUDIO

A inglesa Creek Audio está comemorando seus 40 anos de existência com o lançamento de um amplificador integrado. O 4040 A é um amplificador compacto que tem controles tonais e equalizador, e tem DAC interno ESS Sabre com conexão Bluetooth aptX HD, entradas digitais (coaxial, ótica e USB), e analógicas RCA e XLR, saída para fones de ouvido, e pode receber uma placa de phono MM opcional. O preço do integrado Creek Audio 4040 A é de 800 libras, no Reino Unido. ■

www.creekaudio.com





CÁPSULA GOLDY DA VPI

A americana VPI Industries, fabricante de toca-discos de vinil, acaba de anunciar a adição do modelo Goldy à sua linha de cápsulas, em comemoração ao aniversário de 2 anos de Goldy, filha de Mat Weisfeld, presidente da empresa. O modelo vem a se juntar ao Shyla, ambos desenvolvidos em uma parceria da VPI com a fabricante de cápsulas Audio Technica. A cápsula VPI Goldy, cujo lançamento é esperado para o primeiro trimestre de 2023, tem uma etiqueta de preço de US\$ 1.200, nos EUA. ■

www.vpiindustries.com

CAIXAS LUSO DA ERYK S CONCEPT

A empresa polonesa Eryk S Concept, com uma linha de amplificadores valvulados e caixas acústicas, acaba de lançar as bookshelf Lusso Limited Edition, que são tipo bass reflex, mas com dutos laterais inspirados no design das tomadas de ar do clássico carro esportivo Mercedes Gullwing, e trazem woofers com cone de cerâmica e tweeters tipo ribbon, ambos com ímãs de neodímio. As Lusso Limited Edition, que têm resposta de frequência de 25 Hz a 30 kHz e sensibilidade de 89 dB, têm uma etiqueta de preço de 45.000 euros, na Europa. ■

www.eryksc.com



PRÉ DE PHONO BALANCE REFERENCE DA CLEARAUDIO

A alemã Clearaudio, conhecida fabricante de toca-discos e acessórios para vinil, acaba de lançar um novo pré de phono topo de linha. O Balance Reference aceita cápsulas MM e MC, tem controle remoto de volume, duas entradas discretas para dois toca-discos ou braços, e fonte de alimentação externa. Por baixo do gabinete há regulagens de impedância e carga capacitiva, assim como estéreo/mono, filtro subsônico com atenuação de 18 dB por oitava abaixo de 20 Hz, e saída para fones de ouvido. O preço do Balance Reference é de 7.999 euros, na Europa. ■

www.clearaudio.de





RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Sunrise Lab V8 Anniversary Edition - 101 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sunrise Lab - Ed.287
Krell 300i - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.286
Nagra Classic INT - 99 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.260
Gold Note IS-1000 - 98 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.276
Hegel H590 - 97,5 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.256

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

Nagra HD Preamp - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.257
Nagra Classic Preamp (com a fonte PSU) - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.261
CH Precision L1 - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.239
Nagra Classic Preamp - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.261
D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.198

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

Nagra HD Amp Mono - 115 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.283
CH Precision M1 - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.238
Nagra Classic Amp Mono - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.258
Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Logical Design - Ed.200
CH Precision A1.5 - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.263

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Nagra Classic Phono (com a fonte PSU) - 115 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.273
CH Precision P1 - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.266
Nagra Classic Phono - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.273
Gold Note PH-1000 - 109 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.278
Rega Aura - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.291

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

Nagra DAC X - 111 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.264
dCS Rossini apex DAC - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.290
MSB Select DAC - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.252
MSB Reference DAC - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.286
Nagra Tube DAC - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.262

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Bergmann Modi Com Braço Thor - 115 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.292
Origin Live Sovereign MK4 - 112 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Timeless Audio - Ed.273
Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.196
Acoustic Signature Storm MkII - 103,5 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.257
SME Synergy - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.291

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

ZYX Ultimate Astro G - 115 pontos (Estado da Arte Superlativo) - KW Hi-Fi - Ed. 288
ZYX Ultimate Omega Gold - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - KW Hi-Fi - Ed. 278
Soundsmith Hyperion MKII ES - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.256
Hana Umami Red - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.273
MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.202

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Estelon X Diamond MKII - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.284
Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.200
Wilson Audio Sasha DAW - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.256
Estelon XB Diamond MKII - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.279
Rockport Avior II - 101 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.258

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Dynaudique Audio Apex - 112 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.267
Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.231
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.205
Sunrise Lab Reference Quintessence Magic Scope - 101 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sunrise Lab - Ed.240
Feel Different FDIII - Série 3 - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Feel Different - Ed.265

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Dynaudique Audio Apex - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.258
Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.214
Sax Soul Ágata II - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sax Soul - Ed.251
Dynaudique Audio Zenith 2 XLR - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.263
Sunrise Lab Quintessence - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sunrise Lab - Ed.244



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a *Áudio Vídeo Magazine* utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambiência, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer “pequeno” quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de “estar lá”. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não amplificada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.

TESTE
1
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=D22HRACMOIU](https://www.youtube.com/watch?v=D22HRACMOIU)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OLRPKDP_UHA](https://www.youtube.com/watch?v=OLRPKDP_UHA)



TOCA-DISCOS BERGMANN MODI COM BRAÇO THOR

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Me lembro em detalhes do Hi-End Show de 2011, quando entrei na sala do importador da Gryphon e lá estava o toca-discos da Bergmann, impetuoso em toda sua graça e delicadeza, em exposição silenciosa e ainda assim chamando todas as atenções para si.

Lembro de ficar minutos apreciando aquela engenharia e design com contornos tão limpos e, ao mesmo tempo, tão sóbrios e me perguntar se ele seria muito mais que apenas belo!

Tentei junto ao importador testá-lo, mas aquele em exposição já tinha dono, então só pude apreciá-lo alguns anos depois na casa de um leitor que havia me convidado para escutar o seu sistema.

Uma década depois, finalmente recebo um telefonema do novo importador me perguntando se teríamos interesse em testar o modelo de entrada, o Modi, com também o braço mais simples, o Thor.

A resposta foi imediatamente um sonoro sim!

Finalmente ouviríamos em nossa sala um Bergmann, em condições ideais com a companhia da cápsula ZYX Ultimate Astro G, do pré de phono Gold Note PH-1000 e dois excelentes cabos de braço: Cardas Clear PC e o novo Dynamique Audio Apex (ambos emprestados por dois queridos amigos). Algo inimaginável, se o primeiro teste de um Bergmann tivesse ocorrido em 2011.

Johnnie Bergmann é um engenheiro mecânico que desde muito cedo se interessou por toca-discos. Seu primeiro sistema tinha um toca-discos Micro Seiki com um braço Rega e cápsula Ortofon. No final dos anos 80, ele leu pela primeira vez que alguns fabricantes de toca-discos estavam tentando utilizar a técnica de sustentação por ar para eliminar os atritos inerentes nos pratos e braços. E aquele artigo foi para ele fonte de estudo e inspiração que o levou, em 2008, a largar uma excelente carreira e lançar seu primeiro toca-discos, o Sindre.



Era o início de uma verdadeira aventura na busca de um toca-discos de braço de tracionamento linear, em que todos os obstáculos dessa tecnologia fossem corrigidos e, acima de tudo, tivesse um nível de performance inigualável!

Rapidamente Johnnie Bergmann percebeu que, para atingir tão alto desafio, seria necessário não depender de fornecedores e produzir peça por peça internamente, em sua oficina na Dinamarca, para ter total controle de qualidade.

Às vezes pensamos que determinadas pessoas ‘extrapolam’, em seu meticuloso controle de qualidade, até nos depararmos com os resultados conquistados com critérios tão rigorosos. Não confundam, por favor, com os perfeccionistas que passam a vida sem colocar suas ideias em prática, justamente por nunca encontrarem a ‘situação’ ideal. Falo de pessoas de ‘carne e osso’, humanas, que acumulam tão precioso conhecimento, que conseguem ter controle absoluto de todas as etapas para materializar seus objetivos.

Eu me coloco nessa situação, pois ao ter em mãos por três meses o Modi, e utilizá-lo por mais de 12 horas diariamente, é que me ative ao quanto aquela aparente ‘simplicidade’ é apenas a ponta do iceberg! Para que o leitor possa acompanhar a magnitude do resultado dos toca-discos da Bergmann, temos que ter em mente a ideia inicial a que este engenheiro dinamarquês se propôs, que foi a de aperfeiçoar as técnicas de rolamento por ar como a forma ideal de construir toca-discos e braços sem o ruído mecânico e o atrito.

Ora, muitos outros fabricantes se propuseram a esse mesmo desafio e os obstáculos no caminho foram enormes. Pois o problema primordial é como projetar um rolamento pneumático que tenha durabilidade, confiabilidade e ao mesmo tempo seja preciso e silencioso. Os primeiros toca-discos com rolamentos movidos a ar, tinham a inconveniência de usarem bombas de ar barulhentas, e que precisavam ficar em outro ambiente, com mangueiras de metros e

mais metros, e sujeitas a todo tipo de entupimento e necessidade de limpezas regulares.

Outros fabricante então desistiram do fluxo de ar para manter o prato sem atrito, mas viram os benefícios dos braços lineares e continuaram investindo, criando braços tangenciais com cordinha (quem teve os modelos da Revox se lembrarão do inferno que era ajustar a cordinha para nivelar a cápsula), e outros usaram motores para acionarem o movimento das cápsulas.

Mas o engenheiro Bergmann sabia que a vantagem de seu braço com rolamento por ar era de longe a melhor solução em termos de performance, e ele não só chegou a um resultado primoroso, como mostrou que os problemas técnicos, tão desafiadores para muitos, tinham solução com muito de criatividade, engenhosidade e simplicidade. Sabe a velha máxima do ‘menos é mais’, que tanto descrevo nos projetos mais geniais que testamos, e que se destacaram nos 27 anos da revista?

Pois bem, a Bergmann Audio se junta a esse seleto grupo, e o faz de maneira magistral!

Enquanto eu me via incrédulo com a performance do Modi, apenas seu produto de entrada com o braço Thor que é também o mais simples, eu por várias vezes me perguntei: o que pode ser ainda melhor que esse toca-discos com essa tecnologia?

Só saberei se um dia tiver o privilégio de testar, mas imagino de antemão que se existem modelos acima do Modi, certamente existem muitas razões para assim ser.

O Modi tem muito da plataforma Galder, e também utiliza a tecnologia Trickle Down, com seu sistema de toca-discos de rolamento por ar, que permite a colocação de um segundo braço ‘convencional’. Ainda que seja um toca-discos minimalista pelo seu design e operação, sua tecnologia é tão avançada como dos modelos mais



JBL 4309

Projetada e desenvolvida nas mundialmente famosas instalações de engenharia acústica da JBL em Northridge, Califórnia, a 4309 Studio Monitor é uma vitrine das tecnologias acústicas patenteadas da JBL. Esta bookshelf apresenta um design de 2 vias com tecnologia de corneta patenteadas de imagem de alta definição (HDI™), o driver de compressão patenteadado 2410H-2 de 1 polegada (25 mm) e uma estrutura fundida de 6,5 polegadas (165 mm), Pure- woofer de cone de polpa para dinâmica poderosa e reprodução de som incrivelmente precisa.



Atenuador de frequências ultra altas



Crossover avançado



Dois conjuntos de bornes de conexão banhados à ouro com jumpers



Sua conexão com o melhor som.

DISTRIBUIDORA OFICIAL NO BRASIL

mediagear.com.br | (16) 3621.7699
contato@mediagear.com.br

sofisticados desse fabricante e, com o uso da mesma bomba de ar sem uso de óleo, silenciosa, precisa e que desacopla tanto rolamento do braço como o do prato, minimizando a fricção do braço e do eixo do prato do toca-discos.

Como a bomba de ar é ultra silenciosa, ela ficou instalada no mesmo rack em que estava o Modi e o pré de phono Gold Note. Para se ouvir algum ruído, é preciso encostar o ouvido na bomba, caso contrário não se ouvirá nada.

O prato de alumínio é centralizado por um eixo de aço, rodando em um material de rolamento em polímero de baixo ruído e resistente a desgaste. O prato flutua em uma fina almofada de ar, que reduz o atrito mecânico drasticamente ao mínimo absoluto. Outro benefício dessa almofada de ar é que o prato fica mais isolado do ambiente, além de uma maior estabilidade de velocidade.

O prato é acionado por uma correia por um motor corrente contínua controlado por tacômetro. A comunicação entre o motor e seu controle eletrônico de velocidade é feita de maneira automática - e quando foi medida pelo equipamento da Bruel & Kjaer, a variação de velocidade nunca é maior que 0,003%.

O motor é desacoplado dos três pés por uma camada isolante de borracha esponjosa, entre o motor e os pés, impedindo que qualquer vibração passe para a base do toca-discos.

Mas a genialidade do projeto você 'sente' ao acionar o toca-discos e perceber suavemente o ar saindo pelo cano que sustenta o braço: são micro furos que irão manter o braço literalmente desacoplado de sua base, suspenso no ar enquanto ele desliza sobre o disco.

Se um dia, amigo leitor, você tiver um Bergmann, só não caia na besteira de achar que poderá fazer o ajuste básico e depois o ajuste fino sozinho. Será um risco e não o aconselho a nem tentar. Pois essa joia é como um relógio suíço fino, e necessita das mãos de um especialista para extrair todo o seu potencial. E não acredito que alguém que invista tão vultosa soma em um analógico desse nível, não invista em um especialista para fazer essa montagem.

Tudo é tão delicado e de uma precisão tão absurda que será preciso o ferramental correto para ajuste de peso, VTA e aprumar tanto a base do toca-discos, como (principalmente) a base do braço. Pois um braço tangencial de tração linear precisa estar rigorosamente aprumado em relação ao prato, para não haver choro e ranger de dentes com uma cápsula de alguns mil dólares danificada. Para esse super trabalho, só poderia recorrer ao amigo André Maltese, que passou mais de 4 horas para ajustar um toca-discos que visualmente parece ser uma 'pêra doce' a se saborear, mas que necessita de mãos e ouvidos hábeis para nos levar para o nirvana dos analógicos!

O Bergmann Modi tem apenas dois botões do seu lado direito na base, para 33 e 45 RPM, e que você precisa acionar a primeira vez para dar partida e novamente para acender um suave LED azul e esperar 14 segundos para o prato estabilizar a velocidade. Se você for impaciente ou apressado, esqueça, pois os Bergmanns não serão para o senhor.

Com a velocidade estabilizada, pode colocar o disco, ir na lateral do braço e rodar o botão até ele chegar ao fim, e o braço irá baixar suavemente.

Para o teste utilizamos nosso Sistema de Referência, alternando apenas o cabo de braço Cardas para o Dynamique, depois das 50 horas de amaciamento do cabo interno do braço Thor.

Ouvi na vida alguns modelos de toca-discos com braços de tração lineares, alguns bastante caros e famosos. E jamais me encantei ou desejei ter um. Pois a manutenção, os cuidados constantes e a facilidade com que esses braços desregulavam, me fizeram apreciar as qualidades (que são muitas em termos de precisão e inteligibilidade), mas as restrições também são muito evidentes.

Então foi com esse 'espírito' de curiosidade e resistência que comecei a ouvir o Modi, após o término do ajuste do Maltese. Gosto sempre de ouvir com ele os mesmos discos, para tanto ele como eu sabermos de onde é o patamar que o produto em teste está saindo.

E ao final de uma faixa do Yes - *Close To The Edge*, nos entreolhamos tentando definir palavras para explicar o que cada um escutou. Quando começa assim, o que posso dizer, e o Maltese idem, é que o produto já partiu de um patamar muito acima do famoso 'promissor'. E daí em diante, nas 50 horas de amaciamento do fio interno do braço, a cada novo LP as anotações no meu diário de bordo só foram ganhando páginas e mais páginas.

No entanto, mais que a performance, o assombro na resposta de macrodinâmica e no tempo e ritmo, o que mais fiquei 'encucado' foi que a agulha não retinha sujeira alguma! Para você ter ideia do quanto de sujeira se retém na agulha, o máximo que consigo é ficar três ou quatro LPs sem precisar limpar, antes de colocar um novo disco. E falo de LPs que lavo regularmente, pois estão entre os LPs utilizados na Metodologia.

E fui limpar a agulha apenas depois de escutar 47 LPs dos dois lados!

Sabe o que significa isso? Só o audiófilo que possui um excelente sistema analógico vai compreender o meu total espanto e alegria, ao não precisar se certificar que o volume está totalmente fechado para usar a escova de agulha, e não tomar um baita susto. Ou, a cada virada de lado do disco, colocar o óculos para enxergar se acumulou sujeira na agulha. ▶

Imagino que esse 'benefício' não só nos poupe desse ritual, como conserve por mais tempo a agulha e o cantilever. Essa é a maior vantagem de um braço linear, não raspar as bordas dos sulcos, pois seu ângulo de leitura é sempre preciso com o do corte do disco. Mas acho que o braço e o prato estarem suspensos em um bolsão de ar, diminuindo drasticamente o atrito, é que são os responsáveis por esse fenômeno de manter a agulha limpa.

Tirando esse benefício, o que mais esse Modi faz? Não riam, pois essa foi a pergunta que minha esposa me fez quando comentei com a família essa preservação da agulha longe de sujeira. Aí convidei-a para ouvir os LPs que ela tanto conhece e aprecia, como o *Angelus* e *Clube da Esquina* do Milton Nascimento, João Bosco - *Cabeça de Nêgo*, Gilberto Gil - *Refavela*, e *O Grande Circo Místico* do Chico Buarque com o Edu Lobo.

Sua expressão de incredulidade foi a mesma que a minha e a do Maltese ao ouvir o Yes. Não dá para fazer cara de paisagem depois de ser exposto a tanta informação de forma tão organizada e precisa.

É uma avalanche de informações que levam seu cérebro a se perguntar se é a mesma gravação que você já ouviu uma centena de

vezes. E tudo com tanta graça, harmonia e detalhamento, que se leva algum tempo para interiorizar tudo. A mente, por um tempo, deseja participar ativamente das 'descobertas' e eu, particularmente, detesto essa postura, pois gosto de ouvir sem pensar. E por uma boa dúzia de LPs tive que suportar minha mente interferindo: "olha isso, você ouviu?", ou: "que facilidade ficou essa passagem!", "agora sim está explicada a mudança de andamento e todos os adjetivos ao final de mais um disco".

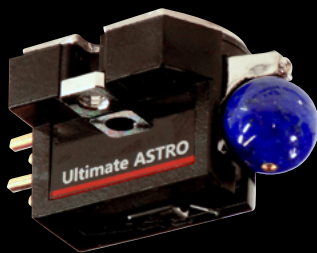
Uma coisa é você ter a companhia de uma outra pessoa na sala, expressando suas opiniões, agora sua própria mente!

Tive que passar todas essas informações também para o meu diário, pois percebi que por mais que me esforçasse em tentar silenciar minha mente, até esse primeiro impacto 'visceral' amainar, fui um tagarela inconveniente!

Você deve estar se perguntando: que diabos o Andrette precisa compartilhar seus 'tiques auditivos' conosco? É que não é comum eu ter essa reação, acredite leitor. Tenho tanto tempo rodado nessa estrada, que algo para me tirar do meu porto seguro, precisa vir como uma tempestade ou um susto! E o Modi foi um susto e tanto! ▶

O QUE DIFERE UMA ZYX DE QUALQUER OUTRA EXCELENTE CÁPSULA?

ZYX



PRODUTO DO ANO
EDITOR



PRODUTO DO ANO
EDITOR



PRODUTO DO ANO
EDITOR

Para entender o conceito desenvolvido pelo projetista e fundador Shirahoshi Nakatsuka da ZYX, você não precisa ser um expert em cápsulas. Basta como todo audiófilo se prestar a ouvir como se comporta sua cápsula quando você avalia a performance do canal direito e esquerdo da mesma. Você irá perceber que a grande maioria das cápsulas o canal direito o equilíbrio tonal é ligeiramente voltado mais para os agudos, já o canal esquerdo mais para os graves. E dessa forma a soma dos canais, não significa que você irá ter algo próximo ao som original captado e mixado.

Pois bem, nós nos debruçamos na solução dessa equação desde a fundação da empresa em 1985 e ao longo de todos esses anos, fizemos melhorias em mais de 15 itens de uma cápsula, para desenvolvermos cartuchos MC que reproduzam o som estéreo 'original' com um equilíbrio de som perfeito entre o canal direito e esquerdo, criando soluções jamais antes empregadas na construção de cápsulas. Tudo para oferecer a você a mais alta qualidade de som que aos que escutam em seus sistemas a definem como uma reprodução real como nunca antes escutaram.

Escolha a que mais atende as suas necessidades e descubra a razão de tantos audiófilos afirmarem ser a ZYX a cápsula definitiva de seus sistemas analógicos!

KW
Hi-Fi

FERNANDO@KWHIFI.COM.BR - (48) 3236.3385

(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

WWW.KWHIFI.COM.BR

E só vi o tamanho do susto, quando percebi finalmente que não estava pronto para o que esse toca-discos iria me apresentar.

Acabei no décimo dia de teste, minhas anotações, com a seguinte frase: "O Modi foi um divisor de águas, tão preciso e profundo que não será exagero escrever que existe o 'Antes do Bergmann e depois do Bergmann'."

O meu Origin Live é de longe não só o melhor toca-discos que testei, e que tive, nos últimos 30 anos. E o tenho por suas enormes qualidades, e o montei com um braço de 12 polegadas para extrair o sumo do sumo da plataforma. E por mais que o admire e o use com prazer, ouvir os mesmos discos em ambos mostra diferenças tão intensas que é algo semelhante a comparar dois universos distintos, e que convivem paralelos sem a menor hipótese de se comunicarem. Caminham razoavelmente próximos até um determinado ponto, mas depois se distanciam de maneira irreversível! E a maior diferença não está em extrair mais informações e sim na maneira que as informações são extraídas.

Um exemplo simples, para tornar 'explicáveis' as diferenças: toda microdinâmica que é lida pelo Modi, não possui 'borramento' algum. E, no entanto, a micro não se torna mais evidente no todo. Ela apenas está lá de maneira audível e nunca borrada. O que deixa a organização musical muito mais coesa, coerente e real!

Pois quando uma microdinâmica aparece borrada, ou ela passa despercebida ou então fica deslocada do todo. Para obras com poucos instrumentos, essa característica pode parecer irrisória, mas em formações maiores faz uma grande diferença. Um dos exemplos foi minha esposa que percebeu, ao ouvir um pau de chuva na faixa *Clube da Esquina 2*, que ela sempre escutou borrado em todo setup que mostrei esse disco a ela. E no Modi é possível não só ouvir plenamente o pau de chuva, como ele está perfeitamente focado e recortado no meio de todo o acontecimento musical.

Um outro exemplo foi quando escutei o LP duplo do Stevie Wonder, o *The Original Musiquarium*, a faixa *Isn't She Lovely*, e a gaita como a conversa do filho com ele tem uma série de 'truques' na captação, e soam geralmente estridentes tanto a voz como a gaita. O Modi consegue de novo 'organizar' tudo em termos de melhor apresentação da microdinâmica e um melhor equilíbrio tonal para essa faixa.

Foi aí que me dei conta do quanto o Modi, com a cápsula que é nossa Referência, com o cabo Dynamique Apex no TD, e o pré de phono Gold Note, subiram mais alguns pontos nesses quesitos (micro e macrodinâmica, equilíbrio tonal, transientes e textura) em relação ao nosso Origin Live.

E quando você finalmente assimila essas diferenças que são tão audíveis, você se atém ao quanto um toca-discos com essas características se encontra em um outro patamar de performance, e como comparar com os toca-discos 'convencionais' - por mais que sejam espetaculares em termos de construção, detalhe, precisão - é impossível. Pois são de dimensões distintas.

E não se esqueça que este é o projeto de entrada da Bergmann! E que se o audiófilo quiser ficar um pouco mais acima, sem ir para as 'cabeças', ele pode manter o Modi e investir no braço acima do Thor, o Odin.

Depois de me deliciar com mais de 80 LPs, que escutei na íntegra, o que posso dizer objetivamente é que nunca escutei um sistema analógico com tanta precisão detalhamento e performance! Será um daqueles poucos produtos testados nesses 27 anos, que fará uma falta enorme quando eu sentar para ouvir esses mesmos 80 LPs e sentir que todos eles soam muito melhores do que eu estou ouvindo.

CONCLUSÃO

Um toca-discos como o Modi da Bergmann precisa que todo o sistema esteja no mesmo patamar. Comprar um equipamento desse nível para colocar uma boa cápsula, ligá-lo a um bom pré de phono, será simplesmente jogar seu dinheiro fora, subutilizando um toca-discos primorosamente construído e muito bem resolvido. Que tem como objetivo extrair o sumo do analógico!

Se você se 'preparou' para experienciar esse tão alto nível de performance, comece pelo Modi da Bergmann, e se tiver fôlego vá passo-a-passo galgando o último degrau!

Eu, se pudesse, me daria por satisfeito em parar exatamente aqui! ■

PONTOS POSITIVOS

Um toca disco digno do século 21.

PONTOS NEGATIVOS

Preço (sempre esse pequeno grande detalhe).

ESPECIFICAÇÕES - BRAÇO THOR

Tipo	De alumínio/carbono com tração linear tangencial com rolamento por ar
Tubo do braço	Construção em dupla fibra de carbono com amortecimento interno
Contrapeso	Desacoplado do tubo do braço
Ajustes	VTA, alinhamento, nivelamento, força de tracionamento
Fiação	Cobre litz puro
Conectores de cápsula	Cobre com banho de ouro

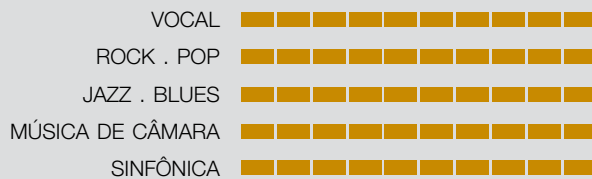
Conector de sinal	DIN com banho de ouro
Massa efetiva	12g
Peso (incluindo a base do braço)	1.055g
Dimensões (L x A x P)	285 x 87 máximo x 252 mm
Bomba de ar	Silenciosa, limpa, ar seco e constante, com filtro substituível, com 155(L) x 135(A) x 330(P) em mm, e peso de 5.7 kg

ESPECIFICAÇÕES - TOCA-DISCOS MODI

Tipo	Toca-discos com rolamento por ar
Suporte para Braços	2 braços, tanto lineares como normais
Base	Material composto sólido usinado por CNC
Rolamento do prato	Prato de alumínio flutuando em colchão de ar, com tapete de polietileno de 3mm, centrado por um eixo anodizado de baixa fricção com rolamento de polímero
Motor	DC tachô com sistema de controle de velocidade de alta precisão, com 33 & 45 RPM, e tração por correia (belt-drive).
Peso do prato	7.5 kg
Dimensões	460 x 124 x 395 mm
Peso total	17.5 kg
Bomba de ar	Silenciosa, limpa, com ar seco e constante, e com filtro substituível, com 195(L) x 107(A) x 355(P) mm e peso de 7,8 kg

TOCA-DISCOS BERGMANN MODI COM BRAÇO THOR

Equilíbrio Tonal	15,0
Soundstage	14,0
Textura	15,0
Transientes	14,0
Dinâmica	14,0
Corpo Harmônico	14,0
Organicidade	14,0
Musicalidade	15,0
Total	115,0



German Audio
 comercial@germanaudio.com.br
 (+1) 619 2436615
 R\$ 169.900

ESTADO DA ARTE
 SUPERLATIVO



TESTE
2
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=T-R06XLSG0I](https://www.youtube.com/watch?v=T-R06XLSG0I)



ISOLAMENTO & AMORTECIMENTO HRS: VORTEX V150, DPII-14545 & M3X2-1923

 Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Realizar testes com acessórios de isolamento e amortecimento, de redução de ruído, não é uma das tarefas que como revisor crítico de áudio gostaria de fazer com frequência.

Pois demanda tempo, disponibilidade de vários produtos onde se usar os dispositivos, uma metodologia criteriosa, e paciência para mapear os resultados que nem sempre serão idênticos entre vários equipamentos.

E quando são enviados simultaneamente três dispositivos para teste, os desafios também são multiplicados por três.

Então, ao receber todos os acessórios, montei uma estratégia de primeiro conhecer cada dispositivo anti-ruído separadamente, no maior número possível de equipamentos, para depois começar a usá-los em conjunto, até as conclusões finais.

Para esse longo teste, de mais de três meses, utilizei os seguintes equipamentos para a avaliação da base M3 (o modelo top de linha

da HRS): toca-discos SME Synergy, Origin Live (o nosso de referência) e o Bergman Modi (leia Teste 1 nesta edição). E também nos transportes digitais: dCS Rossini Apex e Roksan Atessa (leia teste na edição de março 2023). Já os pés Vortex foram utilizados no pré de phono Gold Note PH-1000, no integrado Sunrise Lab V8 Edição de Aniversário, digital dCS Rossini Apex, e integrado Willsenton R8. E a placa de amortecimento DPII utilizamos no V8 Edição de Aniversário, transportes dCS e Roksan Atessa, nos powers Nagra HD e no Gold Note PH-1000.

Sempre tive enorme curiosidade em conhecer tanto os acessórios como os elogiadíssimos racks da HRS (Harmonic Resolution Systems), uma empresa americana fundada em 1999 pelo engenheiro Michael Latvis, um profissional com mais de 40 anos especialista em controle de vibração e ruídos em sistemas, com diversas patentes relacionadas a choque e isolamento de vibração na área aeroespacial e sistemas de defesa antimísseis. ▶

O Sr Latvis, quando fundou a HRS, tinha em mente produzir acessórios de áudio que pudessem realmente fornecer soluções para os ruídos externos provenientes do próprio ambiente de escuta, assim como os ruídos gerados pelos próprios equipamentos de áudio.

E para atingir tão alto objetivo, procurou abordar o problema aplicando uma vasta gama de tecnologias e conhecimento científico. Isso levou-o a ter que produzir seus próprios laminados proprietários, desenvolvidos por químicos e engenheiros especialistas em materiais, com propriedades únicas. Essa equipe possui um conhecimento amplo de como alcançar os resultados, e todo novo projeto desenvolvido passa por uma dezena de testes de laboratório e auditivos.

Segundo o fabricante, a placa de amortecimento DPII da HRS, uma placa de vários tamanhos e espessuras (para atender a maior quantidade possível de equipamentos), tem como objetivo central eliminar o ruído gerado pelo próprio equipamento, e que fica armazenado no gabinete do mesmo.

São fabricados com alumínio aeronáutico, usinados de uma peça inteira, e polímeros proprietários da HRS. O objetivo desse acessório é transformar a energia residual do chassi em calor, e com isso melhorar audivelmente a inteligibilidade do acontecimento musical.

Já os Vortex são spikes, também feitos de alumínio aeronáutico, que desacoplam os equipamentos da prateleira com o objetivo também de eliminar tanto o ruído externo produzido na sala de audição, como as vibrações mecânicas dos equipamentos (principalmente nos transportes de CD).

E a base de isolamento M3 me pareceu ser o grande produto da HRS, tanto que podem também ser utilizadas em seus racks. E, ainda que caras, pelo resultado que proporcionam em sistemas Estado da Arte Superlativo, merecem ser avaliadas.

Com os três dispositivos à mão, avalei cuidadosamente os objetivos de cada um dos acessórios, e decidi pelo grau de facilidade iniciar minhas audições fazendo uso da placa DPII, já que estava em teste o transporte da dCS, o V8 Edição de Aniversário, os powers Nagra HD e o Gold Note PH-1000. Todos devidamente acomodados no rack Pagode da Finite Element (meu rack há mais de uma década), e as bases também Pagode para os powers.

A placa DPII, como todo dispositivo anti-vibração, não terá o mesmo desempenho em todos os produtos que tínhamos em mãos. Então começarei pelos produtos em que ela não fez nenhum efeito: Nagra Power HD. Aqui, não sei dizer se pela própria construção do gabinete ou por estar alojado em sua base da Finite Element, tirar e colocar o dispositivo foi absolutamente nulo. No transporte da dCS, idem. Não ouvi diferença alguma.

No entanto, nos outros equipamentos: Transporte Roksan Atesa, V8 Aniversário e no Gold Note PH-1000, a sensação mais audível foi o fato de passagens complexas serem completamente organizadas de maneira a poder presenciar os planos, foco e recorte com uma precisão cirúrgica! Isso sem o corpo perder tamanho e peso, e sem nenhuma alteração no equilíbrio tonal! Enfatizo essas duas questões, pois muitas vezes ao utilizarmos dispositivos anti-ruído, ganhamos de um lado e perdemos de outro. Isso é muito mais comum do que se imagina, e a consequência desse trocar seis por meia dúzia é que não existe nenhum audiófilo no mundo que não tenha uma gaveta repleta desses dispositivos que, ao longo do tempo, foram retirados do sistema.

Então, minha conclusão a respeito da DPII será descobrir se no seu sistema você necessita ou não desse dispositivo, e em qual produto ele irá ser mais essencial. O que posso dizer, amigo leitor, é que o DPII é um dispositivo que pode, no produto que necessita a eliminação de ruído gerado pelo próprio gabinete, fazer uma enorme diferença.

No Transporte da Roksan eu centralizei o dispositivo para ficar bem em cima da gaveta do transporte, e cheguei a brincar com o dispositivo deixando-o mais para as bordas do gabinete, e as diferenças no grau de inteligibilidade eram muito evidentes. Principalmente em passagens com muita informação e variação dinâmica



Harbeth

Os melhores monitores de estúdio hi end que você pode ter em sua sala de audição

XD Series



Muitos audiófilos acham que uma caixa hi end não pode ser um monitor de estúdio. Para todos que pensam assim, sugerimos que ouçam qualquer um dos nossos modelos da linha XD séries. E que procurem conhecer a nossa história para entenderem que nascemos produzindo monitores de estúdio para a BBC e com nossa enorme reputação e performance, rapidamente conquistamos o coração de milhares de audiófilos e melomanos. Estamos no mercado desde os anos 70, sempre buscando atender ao segmento de áudio sem fazer distinção entre o hi-end e o profissional. Se você busca um monitor de alto nível em termos de refinamento e fidelidade, a Harbeth tem o modelo certo para as suas expectativas e para o seu orçamento.



HARBETH SHL5PLUS XD



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

FERNANDO@KWHIFI.COM.BR
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855



WWW.KWHIFI.COM.BR



muito intensa. Posicionado corretamente, era notória a facilidade em acompanhar aquela 'massa' de informação, mais organizada e sem borramento de imagem no foco e recorte.

No V8 Aniversário, procurei deixar o dispositivo mais em cima do transformador, e aqui de novo, foi audível o quanto de limpeza a placa DP11 proporcionou nas passagens mais complexas, e com um detalhe a mais: maior conforto auditivo junto com a inteligibilidade.

E por fim, no Gold Note PH-1000, houve uma diferença, pois só atingimos uma total melhoria quando aqui também utilizamos os spikes Vortex em conjunto com a placa DP11.

Qual a razão dessa diferença? Construção do gabinete - o Gold Note possui gabinete com recortes em sua tampa superior - será isso?

A segunda etapa foi usar os Vortex em todos os equipamentos, e também no integrado valvulado R8. Novamente aqui tivemos de diferenças muito pouco expressivas até grandes diferenças. No Transporte dCS foi muito sutil, talvez alguma melhora na apresentação dos planos de orquestra, mas sem melhora no foco e recorte. Nenhuma diferença no DAC Rossini Apex. Houve uma melhora interessante no Roksan Atessa, e melhorias importantes novamente no V8 Aniversário, e grandes no R8 valvulado, e enormes no Gold Note PH-1000.

Isso sem o uso da placa DP11, para não confundir as conclusões. Para o leitor entender o teste, preciso explicar que primeiro: os pés Vortex fizeram mais diferença nos produtos que necessitam de isolamento, do que a placa DP11. OK?

Então, se eu tivesse que escolher qual upgrade realizar primeiro, eu escolheria os pés Vortex. Pois todos os benefícios que a placa DP11 proporciona, o Vortex também o faz, e com um novo elemento muito interessante, que é a melhora na resposta de transientes.

Tudo parece estar mais preciso, mais contundente e incisivo em termos de tempo e ritmo. E essa qualidade a mais é seu grande diferencial em relação ao outro dispositivo.

E quando colocados ambos, vale a pena? Nos casos específicos do Roksan, do V8 e do Gold Note, sim! Vale muito a pena. Já no R8 não foi possível utilizar a placa DP11, por motivos óbvios: não posso apoiar em cima das válvulas esse dispositivo.

Pois nesses três equipamentos, o uso em conjunto melhorou a inteligibilidade da imagem sonora, e aumentou a precisão de resposta dos transientes. Ou seja: matador!

E, finalmente, fomos ouvir a famosa base M3 nos toca-discos em teste. Aqui a coisa é muito séria, pois podemos classificar como 'antes de conhecer' essa fantástica base, e 'depois de ouvir' esse dispositivo. E afirmo categoricamente: não existe retorno!

Então nem pense, se estiver fora de seus planos turbinar seu toca-discos Estado da Arte, ouvir essa base. Pois você irá chorar no momento que for devolver.

Os três toca-discos utilizados no teste estavam dentro do peso específico para uso da base (até 30 Kg), o que facilitou muito a realização do mesmo. E, para ver seu grau de compatibilidade com diversos racks e prateleiras, utilizamos ela tanto no rack Finite Element, como no Audio Concept (onde mantenho meu toca-discos da Origin Live).

A primeira conclusão é o alto grau de isolamento da base em relação ao rack que esteja assentado: não houve diferenciação alguma estar no Audio Concept ou no rack Pagode da Finite Element.

Segundo ponto: é simplesmente como fazer um upgrade na cápsula ou então no conjunto braço e cápsula. Foram tão contundentes as melhoras nos três toca-discos, que é possível descrever com segurança as melhoras audíveis.

A primeira, como nos outros dois dispositivos, é o grau de organização e precisão do acontecimento musical. É possível ouvir as intencionalidades com erros e acertos de todas as gravações, assim como observar detalhes de ambiência (natural no caso de gravações feitas em salas de espetáculo, ou a reverberação digital das salas de estúdio).

O silêncio de fundo das gravações, assim como o hiss de gravações analógicas, se torna mais presentes. ▶

E, por fim, o corpo harmônico das gravações é o presente mais agradável do uso desse dispositivo. Ouvir a Quarta Sinfonia do compositor russo Tchaikovsky (Telarc) é um acontecimento inesquecível, com o naipe de metais cobrindo todo o fundo do palco, como ouvimos em uma audição ao vivo! Esse 'presente' foi reproduzido corretamente pelos três toca-discos, mostrando o quanto este quesito (tão crucial para enganar nosso cérebro), é um dos maiores benefícios que essa base pode nos proporcionar.

E, por último, um benefício que pode parecer sutil a muitos audiófilos, mas que é de suma importância para quem deseja extrair o máximo de seu setup analógico: o conforto auditivo. Os três toca-discos ganharam maior folga e controle nas variações dinâmicas, possibilitando esquecermos de monitorar o volume nas passagens fortíssimas.

Quando estava acabando esse teste, chegou o Thorens TD 403 DD, que custa um terço da base M3, mas por curiosidade também quis ouvir o quanto esse toca-disco de entrada se beneficiaria de ser isolado do ambiente. Pois bem, se ele fosse testado nessas condições, ele ganharia pelo menos um ponto no soundstage e no corpo harmônico.

Claro que ninguém em sã consciência utilizaria essa base em um toca-disco de entrada, mas foi importante ouvi-lo nessa condição, para confirmar o grau de eficiência da HRS.

CONCLUSÃO

Sei do grau de resistência que inúmeros audiófilos têm em relação a todo acessório antivibração (talvez seja até maior que a cabos),

pois todos nós já fomos tentados a ouvir e muitas vezes ficar com diversos desses dispositivos. E entendo perfeitamente o grau de frustração quando ouvimos algo que, no nosso sistema, não traz os benefícios esperados.

Por isso sou tão cuidadoso na avaliação desses acessórios, exigindo do fabricante ou importador que os produtos fiquem para teste por um longo período, para utilizarmos em todas as variações possíveis, antes de publicar nossas conclusões.

Os HRS não são dispositivos baratos e, como todo acessório, não possui um grau de compatibilidade absoluto (isso não existe). Mas em sistemas que necessitem desses dispositivos, eles podem ser um upgrade pontual seguro e muito consistente no resultado.

Pois, acredite, serão audíveis e possíveis de serem revistos quantas vezes for necessário, para entender que não se trata de placebo ou da sua mente querendo que eles funcionem.

Agora, será preciso ter um método coerente de escuta, e paciência para posicionar por exemplo o DP11, e avaliar com critérios os benefícios. E, o mais importante, você ouvirá rapidamente se o produto que você instalou se beneficiará ou não. Pois, como disse, se o equipamento necessitar de melhorias para baixar o ruído, você perceberá assim que instalado.

Minha dica, para quem quiser conhecer os dispositivos HRS: comece por instalar nas fontes antes de colocar na amplificação. Pois assim você poderá (caso haja benefícios) desfrutar do efeito cascata (de cima para baixo, como nos cabos melhores para os piores). E, lembre-se: em alguns casos será preciso experimentar o conjunto





Vortex com o DPII, para se extrair o sumo do sumo (como no caso do Gold Note, Roksan e do V8).

Quanto à base M3 para toca-discos, como escrevi acima, só ouça se houver capital para investir, pois ela custa mais que muitas cápsulas de primeira linha Estado da Arte.

Parece uma loucura? Sim, mas se você julga que já extraiu o máximo de seu toca-discos, cápsula e braço, não custa nada descobrir que ainda havia mais uma camada a ser lapidada. E que essa camada irá fazer uma diferença brutal no que se pode extrair ainda de seus discos! ■

PONTOS POSITIVOS

Dispositivos antirruídos que têm um alto grau de eficiência quando o equipamento necessita desses ajustes.

PONTOS NEGATIVOS

Não são dispositivos baratos.

Pés Vortex V150 (conjunto de 3)
R\$ 13.500
Placa de Amortecimento DPII-14545
R\$ 2.900

**ESTADO
DA ARTE**



Base de Isolamento Acústico
M3X2-1923
R\$ 37.500

**ESTADO
DA ARTE
SUPERLATIVO**



Ferrari Technologies
info@ferraritechnologies.com.br
(11) 98369-3001 / 99471-1477

O melhor amplificador integrado do Brasil agora entre os melhores do mundo

Venha conhecer o mais novo membro da família V8



8

INTEGRATED AMPLIFIER
20th ANNIVERSARY

PRODUTO DO ANO
EDITOR

SELO DE
REFERÊNCIA
MAG



ADAPTIVE POWER SYSTEM

 **SUNRISE LAB**

+55.11.5594.8172 | www.sunriselab.com.br

TESTE
3
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=F-NOWFEW4SS](https://www.youtube.com/watch?v=F-NOWFEW4SS)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CEDIXTKO9FY](https://www.youtube.com/watch?v=CEDIXTKO9FY)



SOUNDBAR YAMAHA SR-B20A



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Nossos leitores mais novos, que conheceram a revista através da Audiofone, têm nos questionado se não existe espaço nessa revista para produtos mais 'pé no chão', para a realidade deles.

Costumo responder que difícil é convencer os fabricantes e importadores a nos enviar esses produtos, pois temem que não daremos a devida atenção, por sermos uma publicação de produtos hi-end.

Porém, de vez em quando algum fabricante se anima e nos envia seus produtos de entrada, para avaliarmos e aí conseguimos atender a essa legião de leitores ávidos por saber nossa opinião a respeito desses produtos mais simples.

Das poucas soundbars que essa revista testou, uma que se destacou muitos anos atrás, tanto que uso ainda hoje em nossa sala de home-theater em casa, e meus filhos vivem pegando para utilizá-la em seus quartos, é justamente uma da Yamaha, a SRT-1000. Enorme, pesada, e capaz de surpreender tanto com filmes, como com games e 'música'.

E esse é o grande entrave para as soundbars mais simples: reproduzir música de maneira convincente, sem distorção e com um bom equilíbrio tonal. Não se trata apenas uma questão de projeto, mas do material utilizado em seus gabinetes, que precisam ser leves e práticos de instalar, levando a esmagadora maioria dos fabricantes a utilizar plástico no gabinete.

A Yamaha possui uma sólida credibilidade no mercado de soundbars, e muitos desses lançamentos são referência de mercado em suas categorias. Acredito que a SR-B20A pode, pelos seus recursos e benefícios, ser uma opção segura para os que necessitam de uma soundbar que não seja tão 'volumosa' em termos de tamanho e peso, e se encaixe bem em telas de até 55 polegadas.

Seus pés de silicone permitem uma boa aderência em uma base firme de um bom rack, ou ainda ser fixada diretamente na parede, se assim o usuário desejar.



A SR-B20A é compatível com Dolby Audio, DTS Digital e o DTS Virtual X, para uma impressão mais 'audível' de um som 3D - independente do posicionamento da soundbar no rack ou preso na parede.

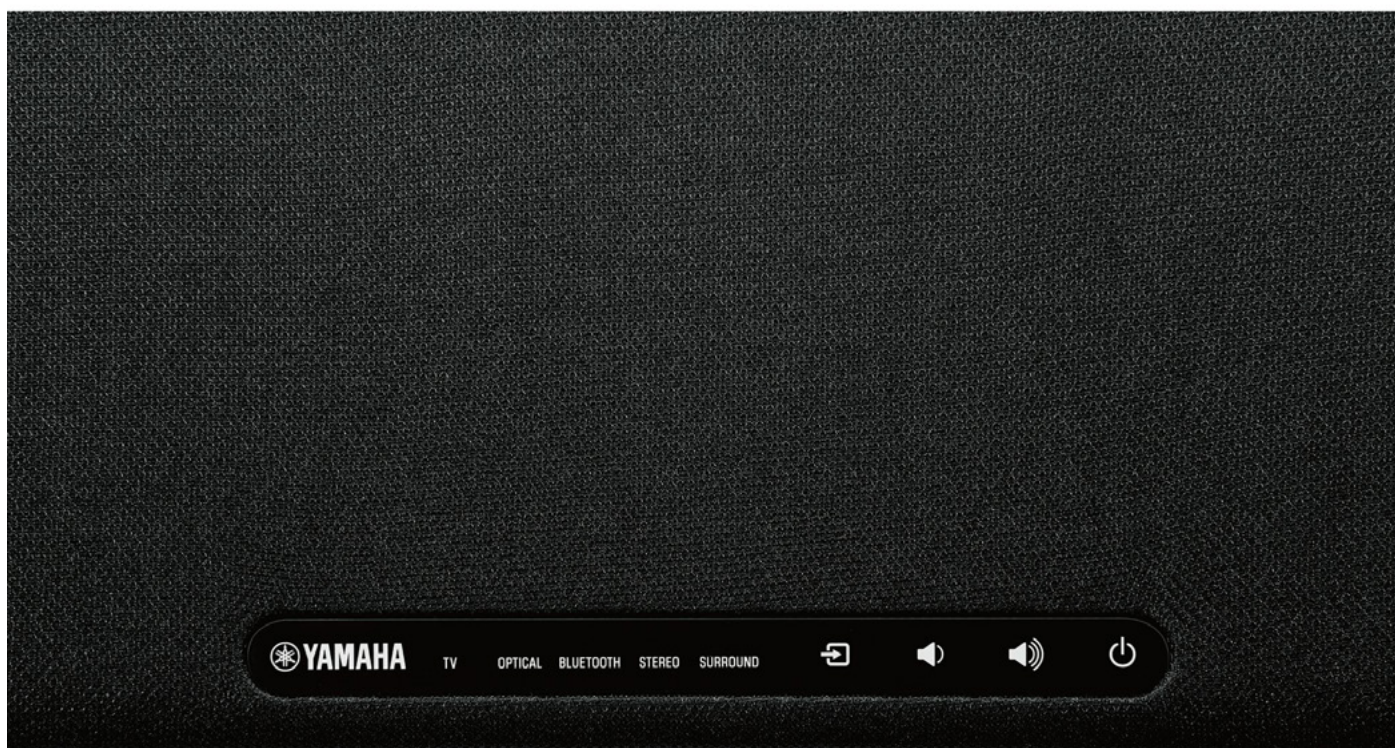
No total, são seis falantes: dois tweeters de 25 mm apontados para a frente, dois falantes de médio de 55 mm que são colocados em cima do gabinete, assim como os dois falantes de grave de 75 mm. O fabricante indica a potência de 120 Watts, com amplificação classe D. A conectividade para ouvir música é via Bluetooth 5.0, além de entradas óticas para imagem.

A Yamaha também disponibilizou, nesse seu modelo, uma saída para um subwoofer dedicado, com dois falantes de grave de 75 mm e potência de 30 watts. Nós não recebemos esse sub dedicado, então todo o teste foi feito apenas com a barra de som.

Existem várias predefinições de EQ, como: Padrão, Estéreo (a que usamos na avaliação de música), Filme e Jogo. Com o efeito Clear Voice para assistir filmes, os médios se tornam mais proeminentes. O efeito 3D para ouvir os efeitos sonoros dos filmes, cria a sensação de estarmos realmente imersos na trilha sonora.

Além de acesso ao controle existente na própria barra, o usuário pode por meio do aplicativo de controle remoto Sound Bar, pode comandar a SR-B20A via iOS e Android.

A melhora em relação à inteligibilidade de filmes usando o SR-B20A foi notória, permitindo o que sempre defendo, melhorar a inteligibilidade com volumes muito mais baixos. Nesse quesito, todos em casa aprovaram a SR-B20A. E também o maior envolvimento com as imagens e efeitos sonoros dos filmes, sem ter que aumentar o volume excessivamente.





Sua variação dinâmica em trilhas sonoras é surpreendente pelo seu tamanho.

Outra qualidade que muito nos surpreendeu foi que os agudos, ao contrário de muitas soundbars mais de entrada, não são duros e muito menos brilhantes. Permitindo audições livres de fadiga auditiva, mesmo em filmes de ação e cheios de variação dinâmica.

ESPECIFICAÇÕES	Potência	120 W (30 Wx2 soundbar + 60 W sub embutido)
	Drivers	2 woofers de 3", 2 mid-woofers de 2,16", 2 tweeters de 1"
	Decodificadores	Dolby Audio, DTS e DTS Virtual:X
	Conexões	(somente áudio), 2 óticas, RCA mono (subwoofer ativo), USB (para atualização de firmware), Bluetooth 5.0
	Dimensões (L x A x P)	91 x 5.3 x 13 cm
	Peso	3.2 kg

E para os apaixonados pela imersão 3D, com sons vindo de todas as direções, a SR-B20A consegue essa façanha com efeitos para muito fora da barra. Claro que não será um som Dolby Atmos, evidentemente, mas o resultado alcançado é surpreendente.

Para games, segundo meu filho, não foi tão impressionante quanto a Yamaha que temos há tantos anos (também é um projeto muito mais sofisticado e com o triplo de tamanho e peso). Mas ele gostou justamente pelo fato de os graves em volumes seguros não distorcerem ou tornarem-se cansativos muito rapidamente.

E para ouvir música, Andrette?

Aí vem a notícia não tão satisfatória. Se você deseja colocar música ambiente para entreter os amigos em um final de semana, não fará feio (desde que não se extrapole o volume). Mas não é a melhor opção para se ouvir música seriamente. Pois falta envolvimento emocional e imersivo em reprodução estéreo. Claro que, se a opção é seu fone unicamente, e você deseja compartilhar sua playlist com os amigos, família ou par romântico, ok!

Mas jamais substituirá um sistema simples estéreo, mas bem ajustado, e com um par de books bem posicionadas.

Mas se o seu interesse é melhorar a apresentação do áudio ao assistir seus filmes e jogar vídeo game, meu amigo, ela pode ser sua soundbar definitiva. Principalmente se você não tem muito espaço e deseja uma solução objetiva e funcional.

Nesse aspecto, essa Yamaha continua sendo uma das melhores referências em sua faixa de preço! ■

PONTOS POSITIVOS

Excelente tamanho e construção e cumpre com seu maior objetivo, que é melhorar a inteligibilidade nos filmes.

PONTOS NEGATIVOS

Limitação para se ouvir música estéreo com maior imersão.

Yamaha
<https://br.yamaha.com>
 R\$ 2.385

PRATA
REFERÊNCIA



Melhores do ano

2022

**CONHEÇA OS 60 PRODUTOS QUE
SE DESTACARAM EM 2022**



**NESTE ANO, QUARENTA E UM PRODUTOS RECEBERAM O SELO DO EDITOR.
DENTRE ESTES, DEZESSEIS RECEBERAM O SELO DE REFERÊNCIA!**





METODOLOGIA

COMO UTILIZAR A EDIÇÃO MELHORES DO ANO

Para facilitar sua consulta, amigo leitor, dividimos os produtos em acessórios, áudio e vídeo e os apresentamos de acordo com o selo recebido em ordem crescente. Esta sequência, que vai do Prata Recomendado ao Estado da Arte Superlativo, é explicada mais abaixo.

Na parte superior de cada página desta seção você encontrará um ícone representando o tipo de produto testado e, logo abaixo dele, o modelo do equipamento e o articulista que realizou o teste. Ao final do texto você poderá ver o selo dado pela revista para este produto (indicando a sua categoria), o nome e o contato do importador ou distribuidor, o valor pelo qual ele é vendido e a edição da *Áudio Vídeo Magazine* na qual o teste foi publicado.

Este ano 41 produtos ganharam o selo Produto do Ano Editor, sendo que 16 destes ganharam também o selo de Referência. Estes equipamentos, além de excepcional desempenho, ainda apresentam uma atrativa relação de custo-performance dentro da categoria a que pertencem.

Depois de escolher os produtos que mais lhe interessam consultando esta seção, localize a revista que teve o teste publicado para poder ler a análise completa e ter dicas quanto à compatibilidade e melhor utilização do equipamento.

Sempre que possível procure ouvi-lo em seu sistema, respeitando as recomendações fornecidas, antes de decidir pela compra. Caso não seja possível ter acesso ao equipamento, envie-nos um e-mail para o endereço revista@clubedoaudio.com.br para informar as características de sua sala, sua configuração atual e suas preferências musicais. Você terá uma consultoria gratuita sobre o equipamento desejado. Este serviço já ajudou milhares de leitores a ajustar seus sistemas e obter um resultado melhor sem desperdiçar tempo ou dinheiro.

Lembre-se que o resultado final também dependerá da qualidade da instalação elétrica da sua sala e da acústica. Acreditamos que a informação de qualidade será sua melhor ferramenta nessa gratificante jornada. Boa sorte!

SELOS UTILIZADOS EM NOSSA METODOLOGIA



PRATA RECOMENDADO / PRATA REFERÊNCIA

Um produto Prata já possui um sólido compromisso com a qualidade de reprodução de áudio e vídeo e muitos se enquadram na categoria Hi-Fi (alta fidelidade).



OURO RECOMENDADO / OURO REFERÊNCIA

Produtos desta categoria demonstram ótimo desempenho em um ou mais quesitos da metodologia e, a partir da categoria Ouro Referência, já são considerados Hi-End.



DIAMANTE RECOMENDADO / DIAMANTE REFERÊNCIA

Para pertencer à categoria Diamante, o produto deverá ter excelente desempenho em todos os quesitos da metodologia, sendo capaz de reproduzir adequadamente qualquer estilo musical. Produtos Diamante Referência são aqueles que melhor representam os ideais Hi-End.



ESTADO DA ARTE

Esta é uma categoria à parte e que não possui subdivisões. Produtos Estado da Arte disponibilizam o melhor que a tecnologia atual é capaz de oferecer ditando os parâmetros que serão buscados pelos demais fabricantes.



ESTADO DA ARTE SUPERLATIVO

Produtos Estado da Arte que receberam mais de 100 pontos. Ela representa o ponto mais alto da reprodução eletrônica.



PRODUTO DO ANO EDITOR

Este selo, criado em 2002, tem por objetivo premiar os produtos que se destacaram dentro de suas respectivas categorias. O critério de escolha baseia-se no conjunto de inúmeras qualidades, como: avanço tecnológico, performance, custo-benefício e sinergia.



SELO DE REFERÊNCIA AV MAG

Esse selo, criado em 2016, apresenta nossa opinião em relação a dois produtos concorrentes com a mesma pontuação, confirmando que o produto com o Selo de Referência da revista é o produto a ser 'batido' no próximo ano.

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO BLUETOOTH EDIFIER X5

Juan Lourenço



A Edifier lançou X5 no início de 2021, após o sucesso obtido com o X3, que entregava ótimo custo/benefício, entre boa qualidade sonora e tecnologia. No X5 a Edifier voltou-se ainda mais para a qualidade sonora, e mesmo mantendo o Bluetooth 5.0, houve melhora na sonoridade, e tratou de fechar algumas lacunas do projeto anterior, como comandos sensíveis ao toque e microfone interno com cancelamento de ruído externo em cada fone (com este recurso, pode-se atender chamadas com um ou com os dois fones), certificação IP55 que atesta a resistência à poeira e chuva leve, bateria para até seis horas de audição, e o estojo com entrada USB-C e bateria de 500mAh para até 21 horas de reprodução, além do tão bem-vindo manual em português.

Com o X5, a Edifier dá aos amantes de atividades físicas mais uma boa opção. Com seu design mais alongado na extremidade inferior, o fone se mantém estável no ouvido mesmo em movimentos bruscos.

Para aproveitar este espaço extra, o microfone foi alocado nesta extremidade final, ficando mais próximo da boca, acrescentando três tamanhos de abafadores em silicone, e o X5 está pronto para te acompanhar na academia, corridas ou pedaladas por aí.

O Edifier X5 vem embalado em uma caixa minimalista, e dentro dela encontramos o estojo e os fones acomodados em um molde plástico, e na parte de baixo do molde temos o manual, cabo USB-C e os abafadores em silicone. Por falar neles, os abafadores oferecem boa isolamento do mundo exterior, trazendo conforto em audições prolongadas.

COMO TOCA

Para o teste, utilizamos o Astell & Kern modelo KANN, e os smartphones Samsung S10 Plus e iPhone 8 Plus.

O emparelhamento é muito fácil e intuitivo, é só manter o dedo sob o logo Edifier no fone por três segundos para Bluetooth, ou toque duas vezes para TWS (stereo). Atente-se para o dispositivo emparelhado, se ele mostra os dois fones R e L. Para limpar os registros de emparelhamento, segure por oito segundos.

O amaciamento não trouxe grandes mudanças - o fone ganha um pouco mais de extensão nos extremos, mas fora isso quase não há alterações. Com o X5, as músicas soam rápidas, com bom nível de suavidade, e médios claros com boa inteligibilidade. Os dois extremos ▶

são menos pronunciados que a região média, porém estão dentro do esperado, e os graves não embolam e nem tentam te enganar produzindo graves falsos, tentando descer mais do que o fone pode suportar - e isso é uma coisa boa, pois não inventa subgraves que não existem e, com isto, o fone não fica restrito à música pop e ritmos jovens. Não tem coisa pior que estar ouvindo estilos musicais com ótimos arranjos e aquele grave borrando a música inteira. Juntamente com os agudos na mesma medida, o fone entrega bom equilíbrio tonal e texturas que surpreendem para seu preço.

CONCLUSÃO

Ouvindo Hotel California (Eagles), Amy Winehouse, Pantera, ou um ótimo Reggae do Gregory Isaacs, percebe-se que o fone não te faz refém de poucos estilos musicais, tudo isso graças ao seu equilíbrio tonal que não favorece graves e agudos. Acrescente a tecnologia embarcada e seu ótimo preço, e temos no Edifier X5 um excelente companheiro para todos os dias. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OFFPCKCR3IBC](https://www.youtube.com/watch?v=OFFPCKCR3IBC)

AVMAG #280
Edifier
contato@edifier.com.br
(11) 5033.5100
R\$ 249

NOTA: 56,0



PRATA RECOMENDADO

DO ALFA AO ÔMEGA

O fone Elite é nossa mais recente criação. E recebeu tantas melhorias revolucionárias que é preciso uma audição atenta para observar seu grau de precisão, fidelidade e refinamento. Uma referência do início ao fim na trajetória de quem busca o melhor fone hi-end atualmente fabricado no mundo!

PRODUTO DO ANO
EDITOR



@WCJRDESIGN



A verdadeira *experiência* da música.

german
curitiba • são paulo • san diego

contato@germanaudio.com.br

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO GRADO LABS PRESTIGE SERIES SR60X

Fernando Andrette



A leitora Patrícia Cruz mandou um 'cuidadoso' e-mail nos perguntando como conseguir ter um fone 'correto', com todas as qualidades, que custasse até 1000 reais, que ela gostaria de dar de presente para o seu noivo, que ama ouvir jazz e vozes em diversos estilos musicais.

Antes de responder à sua pergunta, pedi que ela me desse algumas informações adicionais, de como o noivo escuta suas músicas, se em casa sentado confortavelmente ou se a música o acompanha em suas atividades diárias?

E se ele escuta em volumes corretos ou se empolga e gosta de ouvir em volumes não seguros?

E, por último, a pergunta mais importante: suas audições são feitas no celular ou em um sistema de áudio?

Ela prontamente respondeu a todas as perguntas e, depois de pesquisar uma vasta lista de fones que se encaixavam no orçamento, eu achei que para o gosto musical do noivo, um fone que deveria ser escutado seria o Grado SR60x, que estava em teste - e expliquei o motivo de estar lhe indicando esse fone.

Mas pedi que se ela decidisse por esse modelo, que entregasse o presente imediatamente, pois caso o noivo não apreciasse a escolha, eles teriam sete dias para fazer a devolução. E solicitei que ela, depois desse um feedback se acertei na indicação, ou se errei feio.

Na conclusão do teste eu compartilharei as impressões, tanto da Patrícia como do seu noivo (Eduardo).

O SR60x é o fone mais barato em produção da Grado nesse momento. Sua primeira versão foi lançada em 1994, e ainda que com

tamanha longevidade seja um dos fones mais vendidos da empresa, ele perde para o modelo SR80, o campeão em vendas nesses últimos 28 anos.

Nessa nova versão, a Grado desenvolveu um novo driver de quarta geração, que utiliza uma bobina de voz de menor massa, circuito magnético mais potente e um diafragma redesenhado. O que promete ter uma maior eficiência, com distorção reduzida e uma 'integridade' aprimorada no som.

As outras alterações são totalmente 'cosméticas' - sem alterar o seu design original.

Um novo cabo com 4 condutores, de menor bitola e mais maleável, uma faixa de cabeça com melhor acolchoado, e uma estrutura de metal mais confortável, para se adaptar a diversos diâmetros de cabeça.

Claro que, para custar (lá fora) 99 dólares, o fone teria que ser de plástico rígido. E para esse plástico não machucar, a solução é o uso de uma esponja para proteger as orelhas (algo que no inverno parece aconchegante, mas que no verão será um problema - ao menos para mim).

A embalagem é o mais simples possível (uma caixa de papelão simples), e as informações técnicas estão no verso da mesma.

Não existem muitos testes com esse modelo - não como os inúmeros do SR80x, que parece que continua a ser o carro chefe da empresa, e o queridinho de milhares de consumidores.

Mas, dos dois testes que li, com avaliações objetivas, achei interessante a do site que cito esse mês no Opinião, que não indica para

os seus leitores o fone se não fizer o ajuste de equalização - que ele indica para 'corrigir' suas deficiências de fábrica. Se o amigo leitor quiser mais informações sobre este bizarro site, leia o Opinião, pois lá eu descrevo em detalhes todas as idiosincrasias do fundador dele. E, de cara, discordo de sua avaliação, pelo fato dele dizer (através de suas medições), que o fone não tem graves, e falta agudo.

E o primeiro disco que ouvi, assim que o fone passou 24 horas amaciando, foi o novo trabalho da Beyoncé: *Renaissance*, em que posso garantir que em nenhuma das 16 faixas achei falta de grave (talvez para ele, só exista grave quando sua retina tremer e sua mandíbula for deslocada).

E em relação ao agudo, o SR60x não tem uma baita extensão nas altas, mas ele não soa nem brilhante e nem artificial.

O segundo disco que ouvi (antes de passar as faixas da Metodologia), foi o Chucho Valdés & Paquito D'Rivera: *I Missed You Too*. Aqui, em um estilo completamente distinto da Beyoncé, também não sentimos nenhuma falta de graves ou ausência de agudos.

Depois desses dois exemplos aleatórios, e por mera curiosidade de conhecer esses dois trabalhos lançados recentemente, fomos ouvir as 20 faixas para análise de equilíbrio tonal, textura, transientes, dinâmica, etc.

O que mais nos agradou neste fone de entrada é que seu equilíbrio tonal é honesto e permite o que mais defendemos: ouvir em volumes seguros! E quanto melhor for o equilíbrio tonal de um fone, mais seguras e confortáveis serão nossas audições.

Não dá para abrir mão dessa questão, então ao contrário do 'lunático' que afirma pelas suas medições que falta grave, se ele ouvir corretamente, irá perceber que se ele acentuar de 3 a 6 dB as baixas frequências, para ficar no seu gosto torto, todo o resto irá ficar desequilibrado, obviamente!

Então, se conseguimos ouvir em volumes corretos todas as frequências, acentuar ou atenuar qualquer faixa de frequência neste fone será catastrófico em termos de resposta, segurança e conforto auditivo!

A região média, como em todo fone Grado, possui em sua assinatura sônica um grau de naturalidade e musicalidade, imediatamente identificável (podem os que não apreciam os fones da Grado, falarem do design, de que gostariam de mais extensão nas pontas, mas discordar da beleza dos médios, será tarefa bem mais difícil).

Com esse equilíbrio tonal correto, claro que as texturas serão beneficiadas. Permitindo em todos os exemplos usados neste quesito, perceber a qualidade da paleta de cores de cada instrumento e as tão faladas intencionalidades da gravação, do músico e da qualidade dos instrumentos.

Os transientes são corretos, não vendo possibilidade de alguém achar que a música irá soar displicente ou letárgica em termos de ritmo e andamento.

A microdinâmica poderia ser mais detalhada? Certamente que sim, mas não em um fone de menos de 100 dólares (esse milagre eu ainda não escutei). Porém, as passagens de micro captadas com facilidade, serão audíveis sem nenhum esforço. E a macro, nos volumes de segurança, não irão distorcer e nem tão pouco soarem duras.

CONCLUSÃO

O Grado SR60x pode perfeitamente ser o primeiro fone para quem deseja 'corrigir' sua forma de ouvir música em fones de ouvido.

Correção que não é apenas proporcionar maior prazer com menor fadiga auditiva, e sim 'proteger' sua audição!

E, de tabela, ainda ganhar um maior refinamento nas gravações com melhor qualidade técnica, com apresentação de melhores texturas, naturalidade e maior musicalidade!

Para quem aprecia Jazz, vocais, música clássica, nossa MPB, e Folk Music, não vejo muitas opções a este preço.

E fico feliz de ter ajudado a Patricia e seu noivo Eduardo, a conhecerem um fabricante de fones que tem uma legião de admiradores cada vez mais crescente.

Então, quando me falam que fones da Grado não são para todos, cada vez mais aceito essa afirmação, com ressalvas, pois para determinados estilos musicais essa assinatura sônica tão 'peculiar' parece ser cada vez mais assertiva!

O casal me mandou a seguinte resposta: "Caro Sr Andrette, agradecemos imensamente o prazer que sua indicação nos proporcionou. Ainda que ele tenha um design 'retrô' que nos lembrou anos 40, sua apresentação das músicas que amamos ficou muito mais rica e musical. E a todos os amigos que mostramos, nenhum reagiu com indiferença ou desagrado. Temos a impressão que muitos, quando desejarem adquirir um novo fone, este modelo da Grado será uma forte opção".

Pelo visto, minha percepção em relação aos novos fones de entrada da Grado, não está errada! ■

AVMAG #287
KW HI-FI
fernando@kwhifi.com.br
R\$ 847

NOTA: 60,0



PRATA REFERÊNCIA

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO YAMAHA TW-E7B

Fernando Andrette



Nos fóruns internacionais, os dois novos modelos da Yamaha sem fio - o TW-E7B e o TW-E5SA - foram muito bem recebidos, com elogios a ambos. A diferença, segundo o fabricante, é que apenas o TW-E7B vem com cancelamento de ruído (ANC).

E foi justamente o modelo que a Yamaha nos enviou.

A construção é realmente impecável, com cuidados nos detalhes típicos deste fabricante! O modelo E7B (permita-me abreviar) possui uma membrana interna 50% maior que o modelo mais simples, e toda a estrutura em volta do driver foi revisada para minimizar ecos e realmente isolar o ambiente externo de maneira mais eficaz.

Além do cancelamento de ruídos por meio de microfones, e de um algoritmo próprio, a Yamaha disponibiliza nesse modelo o Ambient Sound, que possibilita a passagem de sons externos, caso o usuário deseje ouvir sua música mas precise ficar atento a informações do ambiente externo em aeroportos, consultas médicas, etc. Outro recurso disponível é o Listening Optimizer, para identificar características do canal auricular a cada 20 segundos, para corrigir e oferecer um áudio mais adequado.

A Yamaha garante que este modelo é capaz de entregar uma resposta equilibrada tonalmente, mesmo em volumes mais baixos e seguros. E foi esse o motivo central que aceitamos ouvi-lo e testá-lo!

Sua bateria tem carga para seis horas de uso contínuo com o uso do ANC, e até 22 horas com o auxílio do estojo de carregamento. Os fones têm resistência IPX5 contra água, e a conectividade é feita por meio do Bluetooth 5.2, com ajustes pessoais com o aplicativo Headphone Control, e com suporte para Google Assistente e Siri.

As cores possíveis são: preto, bege, azul ou branco (esta a cor do modelo enviado para teste).

Eu não tive dificuldade de achar o adaptador correto para os meus ouvidos (são 4 opções), e nem tampouco fazer o ajuste de empurrar para o canal e girar, para ele se adaptar corretamente, não ficando aquela sensação de frouxo e que pode cair a qualquer movimento brusco da cabeça. Depois de encaixado corretamente, você se acostuma imediatamente.

Penei mais para, com meus dedos grossos, acionar os comandos que ficam na câmara traseira separada da carcaça do drive. São três botões com um ponto de pressão mais saliente ao toque do dedo - o que, segundo os fóruns que consultei, são uma vantagem sobre modelos concorrentes.

O botão da esquerda é para se atender às chamadas telefônicas, bem como para reproduzir música. O botão da direita regula o volume (esse eu penei para ajustar, pois ao tentar regular o volume, cliquei muitas vezes no botão pequeno que muda a faixa, ao clicar duas vezes). Para regular o volume, você aperta e espera o nível de reprodução ser sincronizado com o dispositivo via Bluetooth.

Depois de simultâneos erros, finalmente memorizei os comandos (claro que meus filhos quiseram escutar, e óbvio que ambos não tiveram dificuldade alguma de executar os comandos de bate-e-pronto).

Ouvi basicamente o Yamaha no meu celular, tanto como Tidal, como com QoBuz. Os fones intra-auriculares costumam ter uma sonoridade diferente dos fones que cobrem a orelha. Eu particularmente os acho com um corpo harmônico ainda mais 'esquelético', e me incomodam os instrumentos estarem soando no meio do meu crânio.

Mas, à medida que fui ouvindo o Yamaha, e vendo suas virtudes, confesso que esse desconforto foi diminuindo (não ao ponto de eu ►



desejar um fone intra-auricular), e posso confirmar o que o fabricante destaca: que este fone mantém o equilíbrio tonal correto mesmo em volumes seguros. O que é um enorme alento aos que buscam fones de qualidade para sua audição.

Em nenhuma gravação senti a necessidade de aumentar o volume, e o grau de inteligibilidade de todas as frequências foi mais que satisfatório, em todos os gêneros musicais.

A vantagem maior em relação aos fones com fio, é que estarmos livres do peso que todo fone externo carrega, sendo um alento para recuperarmos a liberdade de ouvir música fazendo inúmeras atividades diárias. E sabendo que esse fone tem a 'vantagem' de nos permitir audições seguras, ele realmente se torna uma opção intra-auricular recomendável.

Faltava descobrir o quanto seu cancelamento de ruído externo atrapalharia audições em volumes seguros - ou teríamos que, com ruídos externos, acima de 80dB, aumentar o volume da música para níveis perigosos?

E lá fui eu para a feira livre de domingo, testar o cancelamento de ruído do Yamaha, no pico do movimento, às 11h da manhã! Achei uma experiência interessante, ver o movimento da boca dos feirantes, seus gestos com os braços, que me fez lembrar uma coreografia de uma ópera de Puccini, enquanto para mim só a voz de Ella Fitzgerald acariciava meus ouvidos.

E detalhe: sem ter que sair da margem de segurança no volume!

CONCLUSÃO

O fone Yamaha TW-E7B cumpre integralmente o que promete.

E ainda permitem aos grave-dependentes (que ainda não entenderam os riscos que correm em danificar seu sistema auditivo), equalizar

as baixas e médias frequências ao seu gosto pessoal. Eu não usei isso em momento algum do teste, apenas coloquei para observar o grau de reforço que esse tipo de equalização oferece às baixas frequências. E fica óbvio que o equilíbrio tonal vai para o espaço!

Extremamente bem acabado, e com recursos eficazes, pode perfeitamente ser o fone para quem pratica esporte, faz longas viagens frequentemente, ou vive em grandes centros urbanos em locais com intensa poluição sonora.

Seu cancelamento de ruído externo, além de eficiente, permite que a música seja escutada em volumes seguros, sem atrapalhar a inteligibilidade e o conforto auditivo.

É um investimento caro, mas pelo seu grau de construção, é o tipo de investimento para durar muitos anos.

Quem possui qualquer eletrônico dessa marca, sabe que são feitos para durar por uma vida, se bem cuidados! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=K4T93A4RTN8](https://www.youtube.com/watch?v=K4T93A4RTN8)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=HJ0TFJHQWQ4](https://www.youtube.com/watch?v=HJ0TFJHQWQ4)

AVMAG #288
YAMAHA
www.yamaha.com
€ 847 (preço na Europa)

NOTA: 61,0



OURO RECOMENDADO

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO SENNHEISER HD 560S

Fernando Andrette



Se tem um mercado altamente competitivo, e que ninguém está dormindo no ponto, esse mercado é o de fones de alta qualidade.

E a Sennheiser, uma das referências desse mercado, vem surpreendendo a cada novo lançamento e, gradativamente, 'ouvindo' as tendências e buscando atendê-las sem perder sua identidade sonora. Admiro muito essa postura, pois mostra a 'personalidade' e o foco da empresa, que entende o que o mercado deseja, mas não abre mão dos seus princípios essenciais que fizeram dela uma referência em fones.

Por outro lado, para se manter vivo e atuante, concessões precisam ser feitas, como enxugamento de custos, para que o produto se torne competitivo e atraente ao consumidor.

E aí não existe fórmula mágica, o acabamento premium existente nos fones mais top, precisam ser repensados nos fones mais baratos. E aí essas escolhas geralmente são vistas como pontos negativos por muitos revisores.

E fico aqui pensando com os meus botões: o que é mais importante, a performance ou o acabamento?

Então, amigo leitor, em nosso ponto de vista em relação às limitações que qualquer produto analisado aqui, sempre terá maior peso a performance do que o acabamento e ergonomia.

Como todo fone deste fabricante, seu formato busca deixar as orelhas do ouvinte completamente cobertas (ao contrário dos Grado, por exemplo), o que para mim representa um conforto maior e permite mais tempo de uso.

Ele pesa apenas 240 gramas, e para chegar a esse peso soluções tiveram que ser encontradas, como uma estrutura de plástico, e ser pouco moldável para cabeças maiores e mais largas (o que me parece ser um problema de ergonomia). Mas depois de devidamente ajustado, essa sensação de fragilidade desaparece, e olhe que minha cabeça é larga.

Para compensar essa questão de ergonomia, o fabricante colocou almofadas de feltro bem macias, e a haste também possui esse revestimento para não machucar o apoio na cabeça.

A única coisa que me incomodou foi o tamanho do cabo, exageradamente longo, e o adaptador, que é pesado e aumenta ainda mais o cabo. Tirando essa questão, todo o resto até aqui citado achei de menor relevância.

Para o teste, utilizamos os amplificadores de fone do Nagra Classic, do integrado Mark Levinson No.5802 (leia Teste 2 nessa edição), e do Gold Note PH-1000 - além dos celulares da família.

Em relação ao último fone que testamos da Sennheiser, o HD 660S (leia Teste na edição 273), achei que algumas características na sonoridade são muito semelhantes - o que é um baita elogio a este fone, e o coloca como um verdadeiro 'best buy'.

Ouçõ de muitos leitores (mais jovens) que reconhecem as qualidades dos fones dessa marca em termos de transparência, detalhamento, conforto auditivo - mas que sempre levantam que falta mais peso nos graves.

E essa observação não vem de hoje, pois tanto que o mundo ao avaliar o HD 800 (meu fone de referência ainda hoje), todos elogiaram os graves do fone, alguns sugerindo que finalmente a Sennheiser havia dado o braço a torcer ao rever essa questão. E acho que para a Sennheiser também foi um 'divisor de águas' a enorme aceitação do HD 800, que fica evidente que todas as linhas abaixo estão sendo favorecidas por esses avanços do top de linha.

Agora, não espere que ao ler as inúmeras revisões deste produto, assim como do HD 660S, você vá encontrar coerência, pois as mesmas críticas que li dos graves e agudos do 660S, se repetiram com o HD 560S - como falta mais peso no grave e os agudos não são brilhantes!

Como escrevi no teste do HD 660S, felizmente os agudos não são brilhantes e que bom que o fone não tem 'sub grave'! Pois se tivessem essas duas características, não seriam Sennheiser, e sim uma falsificação barata de qualquer camelô da 25 de Março.

Ninguém com a história da Sennheiser irá jogar sua reputação no lixo para atender a modismos passageiros. Eu não me incomodo que as pessoas apreciem musicalmente o que desejarem, o que me tira do sério é que existam 'revisores críticos de áudio' que não tenham o mínimo de referência musical para escrever e opinar. Pois eles desinformam e, pior, incentivam os jovens a perderem sua audição antes dos 30 anos!

Se isso não é grave, para eu estar mais uma vez criticando essa postura, me desculpe, mas não sei mais o que é importante e correto!

O HD 560S é muito similar ao 660S, tanto em termos de assinatura sônica, quanto em sua construção e ergonomia. Porém, o 660S está mais próximo da linha 800 que obviamente o 560S.

O equilíbrio tonal é semelhante, porém o modelo acima tem mais extensão nas duas pontas, permitindo uma apresentação das ambiências mais fidedigna. Mas o consumidor só notará essa maior extensão em um teste aXb - do contrário, garanto que 90% dos consumidores se darão por satisfeito com o HD 560S!

A região média é muito natural e timbricamente correta. É possível acompanhar cada detalhe de modulação, microdinâmica, sem esforço adicional algum. E os graves, se faltam aquela 'fundação' final, são exemplares em termos de inteligibilidade e velocidade.

Pessoalmente, o grave mais comedido, desde que correto, não me incomoda em nada.

O foco e recorte são excelentes, como em todos os fones deste fabricante, sendo possível notar o silêncio em volta dos solistas e aquela apresentação que nos prende a atenção do começo ao fim. Pois muitas pessoas não entendem (principalmente os mais jovens), que quando o silêncio de fundo é excelente, nossa atenção não é forçada. Possibilitando um relaxamento e uma imersão maior na música. E só bons fones tem a capacidade de nos entreter dessa maneira.

Os amantes da 'espacialidade' em volta da nossa cabeça, irão se deliciar com o HD 560S!

Os transientes são excelentes, permitindo o acompanhamento de tempo e ritmo com enorme precisão.

A micro dinâmica, graças à transparência dos médios, é ótima e a macrodinâmica também é muito boa.

A materialização física do acontecimento musical em nossa cabeça (organicidade), neste fone é bem interessante. Em gravações muito bem feitas tecnicamente, o efeito psicoacústico nos faz redobrar nossa atenção!

É muito interessante quando mostramos a qualidade da Organicidade em bons fones, para os leitores mais jovens - eles exprimem a sensação de vivenciar isso a primeira vez com frases muitas vezes humoradas, tipo: "parece minha consciência me falando algo!", rs...

Sua musicalidade tende mais para o neutro, o que para muitos consumidores é traduzido subjetivamente como 'frio'. Quando é justamente o oposto. O neutro nos dá a possibilidade de avaliarmos cada gravação pelos seus próprios méritos, não acrescentando algo artificialmente.

Essa questão me lembrou um 'revisor' que, quando não gosta da neutralidade de um fone (e pelo jeito ele não gosta de nada neutro), ele acaba seus testes mostrando a curva de equalização que ele colocou para deixar o fone mais palatável ao seu 'gosto'. E fico me perguntando: como alguém que usa como 'muleta' equalizar o que testa, pode avaliar produtos de áudio?! Qual é sua referência auditiva, para julgar o que está certo ou errado? Quando esse sujeito vai a uma Sala São Paulo (da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo) sem amplificação, e sem seu setup de equalização, como ele escuta a sala e os instrumentos? Que impressões ele guarda de instrumentos reais não amplificadas?

Enfim, são perguntas para as quais provavelmente nunca terei as respostas.

Então, voltando à neutralidade, se você busca conhecer nas entranhas as qualidades e defeitos de suas gravações preferidas, a única maneira de conhecer será em um fone ou sistema neutro, do contrário você está interferindo no acontecimento musical - o que pode ser ótimo para o seu gosto pessoal e péssimo para quem pretende ouvir suas músicas da maneira mais fiel possível.

Se você tem o desejo de investir em um fone com uma assinatura sônica 'neutra', o HD 560S merece ser avaliado. Acho que se essa é sua proposta, você vai se surpreender! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Z_K1RJVE5ZI](https://www.youtube.com/watch?v=Z_K1RJVE5ZI)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=NP6KJAAT98A](https://www.youtube.com/watch?v=NP6KJAAT98A)

AVMAG #282
Sennheiser
<https://pt-br.sennheiser.com>
R\$ 1.775

NOTA: 69,0



OURO REFERÊNCIA

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO STAX SPIRIT S3 GTM DA EDIFIER

Fernando Andrette

Acho muito inteligente da Edifier ampliar o universo de pessoas que possam conhecer os lendários fones eletrostáticos da Stax, e o melhor: comprar esses novos fones!

E, mais interessante ainda, é usar também de sua parceria (com sua participação societária) com os fones planares Audeze, e com isso buscar integrar as tecnologias desenvolvidas pelos três fabricantes (Edifier, Stax e Audeze). E com isso a Edifier ganha participação nesse mercado tão competitivo, e oferece ao consumidor soluções tecnologicamente muito sofisticadas.

O primeiro produto dessa nova fase da Edifier será lançado em maio, e se chama Stax Spirit S3 GTM, e tivemos a exclusividade de testar em primeira mão esse belo fone.

Trata-se de um fone de ouvido sem fio Bluetooth (que funciona também com cabeamento normal), com um sistema de transdutores magneto-planar. Extremamente confortável, bem acabado, e que na faixa de fones 'premium' irá chacoalhar o mercado, tanto em termos de preço, como de performance.

O sistema de driver planar já é bastante conhecido, e busca obter o máximo de qualidade de resposta dentro do espectro audível com a menor distorção possível, sendo de maior eficiência e permitindo volumes maiores que a topologia eletrostática.

Para se atingir tão alto objetivo, as ondas sonoras em um sistema planar soam de forma uniforme, reduzindo a interferência por difração ou menor inteligibilidade em passagens com muita informação, ou com grande variação dinâmica.

A Edifier garante que a vida útil da bateria é de 80 horas para reprodução de música, com duas horas de recarga. E existe a opção de recarga rápida de 10 minutos, para mais 11h de reprodução.

Os seus drivers magneto-planares possuem uma faixa ampla de resposta de frequência, de 10 Hz a 40 kHz.

Para chamadas, o novo fone Stax Spirit G3 utiliza o microprocessamento Qualcomm QCC5141, com um novo chip Snapdragon Sound que, segundo a Edifier, apresenta latência ultrabaixa e qualidade de voz mais clara e audível.

O comprador do novo Stax Spirit poderá habilitar o fone para as configurações de Equalização Personalizada para vários estilos musicais, com funcionalidade avançada, configuração de controle e memorização.

O fone foi desenvolvido com composto de fibra de carbono ultraleve e muito resistente, com sistema de dobradiças de dobra completa, almofadas auriculares e headband de couro legítimo, e um conjunto



adicional de almofada de malha para um melhor resfriamento em contato com a pele.

Seu peso é de apenas 329 gramas, impedância de 24 ohms, nível de pressão sonora de 94 (+/- 3 dB SPL), resposta de frequência 10 Hz a 40 kHz e sensibilidade do microfone de -37 dBFS (+/- 1 dBFS).

É notório que a Edifier, com o lançamento do Stax Spirit S3 GTM deseja atender ao audiófilo, mas também o consumidor que deseje um fone para uso em diversos ambientes, inclusive em trânsito.

Para o teste, utilizamos o Stax Spirit no celular reproduzindo Tidal (tanto via cabo como via Bluetooth), e no Sistema de Referência (via cabo) ouvindo Servidor de Música, e mídias físicas (LP e CD).

Ele tem como principal característica uma assinatura sônica equilibrada, sem excesso de graves, ou de brilho nas altas, deixando claro ▶



Novo album
piano solo

NOTTURNO 2021

Edição especial

Faixas bônus, encarte em pdf e arquivos originais em 16/44 disponíveis para download exclusivo através do site.

andremehmari.com.br

Lançamento
Setembro 2021

“ Miraculosamente prolífico, André Mehmari tem praticamente um disco gravado para cada ano de vida. Cada um desses mais de 40 álbuns conta; é difícil escolher dentre as múltiplas facetas de um talento musical tão eclético, que não cessa de surpreender quando nos parece que ele já fez de tudo – e em todos os instrumentos possíveis, imagináveis e imaginários. Notturmo 20>21 destaca-se como um dos mais introspectivos de toda sua trajetória. Mehmari está só, ao piano, que o acompanha desde sempre. E compartilha conosco ideias musicais cristalizadas em noites de insônia dos sombrios tempos que nos assolam. Os tempos são de pesadelo; a música que deles brota, contudo, não é. Pelo contrário: é uma música que reafirma nosso direito de sonhar. “Música de sobrevivência”, na feliz expressão que ele toma emprestada de um de seus ídolos, Egberto Gismonti. Trata-se também de uma espécie de *Pequeno Livro de André Mehmari*, um bloco sonoro de notas em que, ao lado de suas composições, ele finalmente compartilha com o mundo referências do que costumava tocar e gravar em ocasiões íntimas, mas sem se decidir a trazer a público. “

Irineu Franco Perpétuo

Música Brasileira de excelência produzida hoje.

Conheça os lançamentos do selo Estúdio Monteverdi

<http://www.andremehmari.com.br/loja-shop>



Estúdio Monteverdi

FONES DE OUVIDO

que se trata de um fone que reverencia o DNA sonoro Stax. A região média é muito transparente, e concordo com o fabricante que a distorção é realmente muito baixa, principalmente para música mais complexa como clássica e jazz. Minha dúvida é se, com esse correto equilíbrio ele atenderá as expectativas dos jovens que escutam música eletrônica, rap, funk, etc. Acho muito pouco provável que isso ocorra.

Mas para um perfil de público que goste de estilos mais refinados, acredito que terá forte aceitação.

Ele tem algumas semelhanças com o Sennheiser HD 560S, que acabei de testar, e como ambos estiveram conosco ao mesmo tempo, pude fazer várias comparações AxB. E o que o Stax Spirit é nitidamente superior é no grau de inteligibilidade e silêncio de fundo. O Sennheiser busca apresentar a música de forma mais 'global', sem mergulhar nos detalhes.

Agora, em termos de corpo harmônico e extensão e decaimento nas duas pontas, são muito parecidos.

Outra diferença está no grau de distorção. O limite do volume possível com o Stax Spirit é mais alto (o que pode ser um problema, para os que não sabem respeitar os limites de segurança).

O que me agrada e muito nessa nova geração de fones de qualidade, é que em termos de equilíbrio tonal os fabricantes estão buscando soluções muito interessantes para que o ouvinte escute sua música em volumes seguros. Nesse ponto o Stax Spirit é mais um que entra na minha lista de preferidos neste quesito.

Pude escutar dezenas de gravações de piano solo, quartetos e trios, com os volumes reduzidos, e nunca senti falta de peso no grave ou na região médio-grave (que quando falta, faz com que o ouvinte aumente imediatamente o volume).

Dois leitores me perguntaram, ao ler o teste do Sennheiser HD 560S, se ele seria um fone ideal para se ouvir Thrash Metal? Respondi que vai depender muito mais da qualidade de captação e da compressão da gravação, do que do próprio fone. Eles (eu acho), não se deram por satisfeitos com a minha resposta, e entendo perfeitamente a decepção. Mas é verdade: ouça a maioria das gravações de Thrash Metal e visualize no decibelímetro ou no VU (se tiver um em seu power) e vai ver que esse gênero musical a música, do primeiro ao último acorde, está no limite. Os VUs ou o decibelímetro nem se alteram.

E fones que conseguem reproduzir decentemente essas gravações são bem raras. Existem, claro que sim, mas é preciso fazer um bom pente fino para achar o ideal.

Então, o Stax Spirit também não será a melhor opção para Thrash Metal, mas para gêneros com menor compressão (ou sem nenhuma como na música clássica, jazz, blues, folk, MPB, etc.), será excelente.

Outra qualidade muito presente neste fone é a materialização física da música dentro de sua cabeça. É possível se levar alguns sustos com tanto detalhamento, como virada de página de partitura, roçar de unha no traste do violão, pedal de sustentação de piano sem graxa ou desregulado, e aquela mola grunhindo no pedal do baterista do Led Zeppelin em várias faixas de vários discos - que parece que nenhum engenheiro de gravação desses trabalhos detectou ou se incomodou. E que nesse Stax Spirit, passa a fazer parte constante, cada vez que o bumbo é acionado.

Então, aos apaixonados por transparência absoluta em fones, a boa notícia é que o Stax Spirit tem essa qualidade, e não custa uma exorbitância.

Como se trata de um lançamento, e a Edifier tinha apenas essa unidade (devido aos problemas com a insana guerra na Europa), tive apenas uma semana para avaliar em primeira mão esse fone. Gostaria de ter tido mais tempo para avaliar as equalizações e até o microfone.

Mas em termos gerais, e do que mais importa, acredito que tenhamos feito um apanhado fidedigno de suas qualidades e limitações.

CONCLUSÃO

Acho que o Stax Spirit S3 GTM é um fone interessante, e que pode atender a 'tribos' distintas de amantes de fones.

É um produto de enorme poder de alcance de inúmeras tendências e gêneros musicais? Não, pois seu conceito é manter o padrão de performance Stax vivo para as novas gerações.

Mas termos um produto Stax custando menos de 3.000 reais é um mérito a ser comemorado, por todos que desejam um fone de ouvido correto, equilibrado e com ótima performance! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OJV38PS-HWC](https://www.youtube.com/watch?v=OJV38PS-HWC)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=7LBQKNPS_IK](https://www.youtube.com/watch?v=7LBQKNPS_IK)

AVMAG #283

Edifier

contato@edifier.com.br

(11) 5033.5100

R\$ 2.500

NOTA: 75,0



DIAMANTE RECOMENDADO

FONE DE OUVIDO GRADO RS2X

Fernando Andrette



Acredito que muitas vezes, para o nosso leitor que começa a se interessar por áudio com um padrão de qualidade hi-end, os valores dos produtos testados assustem, e muitos se sintam desestimulados a tentar seguir por esse caminho.

Afinal, gastar quase 5 mil reais em um fone de ouvido está fora da realidade de grande parte dos amantes de fones.

Lá atrás, no início da *Áudio & Vídeo Magazine* (quando ela ainda se chamava *Clube do Áudio*), a mesma indignação tomou conta dos nossos primeiros leitores, fazendo que a publicação ganhasse o pejorativo conceito de 'elitista'. Se passaram 26 anos, e aqui estamos, tentando mostrar que para os que amam a música, e buscam em suas audições extrair o maior proveito possível, não existe outro caminho.

E o ouvinte só precisa ter um contato com essa 'realidade sonora', para entender o que estamos falando.

E quando falamos de fones de ouvido, existe uma questão ainda mais crucial: preservar sua audição.

Para atenuar a desconfiança que muitos carregam, por puro desconhecimento, sempre lembramos que um fone de ouvido de excelente padrão de construção e performance, será um investimento para muitos anos, e não um fone de plástico descartável depois de um ano de uso.

E que, com as facilidades de pagamento em 10 ou 12 vezes sem juros, é um investimento que pode sim ser feito, com enormes benefícios em termos de prazer auditivo e de preservação de nossa audição.

Já testamos diversos fones deste conceituado fabricante, com sede no Brooklyn desde sua fundação, e que tem uma legião de fãs audiófilos e melômanos espalhados pelo planeta.

A série Reference é a linha intermediária entre os fones de entrada da linha Prestige, e a linha top Statement.

E o novo RS2x é a atualização do consagrado RS2. Segundo o fabricante, a geração X inclui novos drives, com uma carcaça híbrida de bordo com a infusão de cânhamo, com o objetivo de propiciar uma assinatura sônica ainda mais equilibrada e natural, e maior conforto auditivo, por ser uma madeira mais leve.

Como todo fone deste fabricante, trata-se de um design aberto, com suas vantagens e desvantagens. A grande vantagem é que os fones abertos fornecem uma sensação psicoacústica de maior ambiência, e o som não fica no meio de sua cabeça, tendo um pouco mais de arejamento. E, em boas gravações, permitindo que tenhamos a sensação que elas soam à nossa frente, e não dentro de nossa cabeça.

A desvantagem é que as pessoas à sua volta também participarão da sua audição, o que pode ser bastante irritante para elas.

Comparado à linha Prestige, que conheço tão bem, já que sou um usuário há anos de um SR325e, o conforto auditivo do Reference RS2x é um bálsamo à cabeça e aos ouvidos, pois são extremamente mais leves, e se encaixam muito melhor, permitindo (no meu caso), mais horas de audição sem fadiga auditiva!

FONES DE OUVIDO

O RS2x vem com almofadas de espuma que se adaptam bem em volta da orelha, e o sistema de suspensão do aro do fone faz com que a pressão seja melhor distribuída na cabeça, para que nossos movimentos não sejam prejudicados quando estivermos em movimento.

O aro possui um acabamento de couro com costura reforçada, que mostra na prática o padrão de qualidade de construção dessa série, e que o produto foi feito para durar décadas!

Pessoalmente, minha única restrição a todos os fones Grados continua sendo a escolha dos cabos, que são grossos e difíceis de manusear - tenho esperança que com a chegada da terceira geração a empresa, seja em breve solucionada essa questão. Afinal, cabos evoluíram tanto, que não vejo sentido um fone tão leve como o RS2x usar um cabo com uma bitola tão larga e pouco maleável. Ainda que tenha que admitir que este novo cabo é anos luz superior, e melhor que o do meu Prestige SR325e (esse sim um cabo mais para uso de caixa acústica do que para fone de ouvido).

Para o teste, usamos o RS2 para uma importante missão: ouvir todos os vídeos publicados no Youtube da feira de Munique, que ocorreu entre os dias 19 e 22 de maio. Trata-se da maior feira de áudio hi-end na atualidade, que este ano reuniu quase 500 expositores de mais de 40 países! Foi uma maratona de mais de 4 horas de vídeos, e o RS2x foi essencial para podermos ouvir nuances sutis de diferenças de salas e setups.

Feito esse trabalho, passamos ao teste com as nossas 80 faixas utilizadas para avaliação dos quesitos da Metodologia, e dezenas de discos de diversos gêneros para descobrirmos todas suas virtudes. Nessa parte do teste, utilizamos o amplificador de fone de ouvido do nosso pré de linha Classic da Nagra.

O RS2x é muito superior ao Prestige SR325e, um fone que gosto muito justamente por ser um fone equilibrado e que não impõe nenhum tipo de luz onde não existe.

Li alguns reviews que o revisor sentiu uma 'leve' ênfase no agudo, em determinados momentos. Eu confesso que, para mim, os agudos se apresentaram de maneira correta, com uma excelente extensão, arejamento e um decaimento muito uniforme e correto.

Para tirar essa dúvida, recorri a nossa gravação do disco Lacrimae, do André Mehmar, em que temos uma captação primorosa de pratos, e o RS2x nos surpreendeu, exatamente por retratar a ambiência e o decaimento dos pratos com enorme fidelidade e equilíbrio tonal.

A região média é muito rica em detalhes, recuperação de microdinâmica, apresentação de texturas, e o detalhe mais interessante: nos dá a sensação, em diversas gravações bem feitas, que o som não está dentro de nossa cabeça, e sim um pouco à nossa frente. O que é essencial para nos dar mais conforto auditivo!

Os graves tem excelente peso, velocidade e precisão, e nos permitem manter o volume em condições seguras de audição, algo tão imprescindível para os que estão começando sua jornada na busca de fones corretos e seguros!

Os transientes são de uma beleza impressionante, nos permitindo entender as variações de tempo e andamento sem dar um nó no nosso cérebro, como no disco solo de capa cinza do baterista Vinnie Colaiuta, em que suas variações muitas vezes nos fazem deixar de entender que tempo ele está usando em um compasso, com suas subdivisões virtuosísticas.

A macrodinâmica é excelente, deixando o meu Prestige SR325e no banco de reservas! Gostei de como é possível ouvir a macro em volumes seguros, e ainda assim sentir o impacto e a intencionalidade desejada.

CONCLUSÃO

É um fone que atenderá a todos os interessados em um excelente fone de ouvido?

Certamente que não, pois esse tipo de fone ainda não foi inventado - e não acredito que um dia venha a existir. No entanto, para os que já conhecem a marca e já possuem ou possuíram fones da série Prestige, eis uma oportunidade de saber o patamar em que se encontra a nova série Reference.

Só posso dizer que é um salto consistente, e que se encontra muito mais perto da linha Statement como nunca ocorreu antes.

E, para você que tem curiosidade em conhecer o 'DNA' da Grado, também é uma ótima oportunidade de fazê-lo. Talvez até haja um estranhamento inicial, ao ouvir um fone que não se destaca por algum 'artifício', como colorir ou acentuar determinadas frequências (se você só teve e se referenciou por fones com baixo equilíbrio tonal), mas à medida que você perceber o quanto ele é rico em fazer a música se tornar mais detalhada, precisa, natural e fidedigna, será difícil abrir mão dessa assinatura, eu te garanto! ■

AVMAG #285
KW Hi-Fi
 fernando@kwhifi.com.br
 (48) 98418.2801
 R\$ 4.300

NOTA: 79,5



DIAMANTE REFERÊNCIA

FONE DE OUVIDO FOCAL CELESTEE

Juan Lourenço



A Focal, grande fabricante francesa de equipamentos de áudio hi-end, já não é mais uma novata no mundo dos fones de ouvido. Sua estreia impactou o mercado profundamente, formando uma verdadeira legião de admiradores que podem desfrutar de sua assinatura sônica na sala de estar, no carro, e com fones andando por aí.

Com o modelo Elegia, a Focal ganhou o mundo, não só pela beleza e construção. É claro que ter uma peça de design que acompanha o estilo das mais badaladas grifes de moda do mundo, ajuda - mas seu som era realmente surpreendente e tomou uma grande fatia do mercado em sua categoria.

Para continuar convertendo compradores em entusiastas seguidores da marca, a Focal foi além, lançando recentemente o Celestee, que substituiu o Elegia com extrema competência.

O Elegia era um ótimo fone, mas a Focal conseguiu melhorar alguns pontos que, a meu ver, não eram ruins, mas sim uma questão de escolha de mercado. O som era mais vibrante e casava muito bem

com músicas vibrantes, e quando precisava desacelerar e ser intimista, mais relaxado, ele nem sempre conseguia - faltava folga a ele, tudo estava certo, equilibrado, mas faltava folga sonora para lidar passagens complexas de alguns estilos musicais.

A Focal fez as melhorias necessárias sem precisar virar o fone do avesso. As mudanças nos drivers e outros pequenos acertos, fizeram o Celestee subir de nível, tornando-o mais amigável com estilos musicais maduros, tecnicamente falando, como a música erudita, ao mesmo tempo que mantém o entusiasmo quando se ouve hip-hop, por exemplo.

Os drivers dinâmicos de 40 mm de cúpula em forma de M, feitos de alumínio e magnésio, são uma evolução palpável, mas as conchas continuam fechadas, a espuma de excelente memória e compressão, continuam as mesmas do fone anterior - são cobertas por couro de excelente qualidade, com costuras dignas de carros luxuosos. Isto faz uma diferença enorme em fones fechados, pois não ficamos com aquela sensação de estarmos com as orelhas em uma sauna: a pele respira e aquela sensação de entupimento, comum em fones fechados, praticamente não existe. O mesmo couro está presente no arco da cabeça, trazendo ainda mais conforto para curtir horas de audição.

O design é irretocável, tanto é que para essa nova versão não mexeram tanto na parte estética (eu chamo de parte artística) do fone, apenas nas cores e, como é de praxe na Focal, eles arrebitaram novamente utilizando cores ousadas, mas que harmonizam entre si e combinam muito com o nome do fone - o azul com toques em cobre ficou maravilhoso! É 'tcham', mas não é 'tcharam!!': é impactante sem ser cansativo aos olhos.

O cabo de interligação segue o mesmo bom gosto do fone, utilizando terminais banhados a ouro com acabamento também em cobre, puxando para um cobre rosê, tudo muito chique. O estojo de viagem não poderia ser algo simples: o case rígido tem zíper que imita banho de prata com puxadores cobertos por silicone. Soberbo!

Sem mais delongas, vamos para o que interessa, que é como o Focal Celestee toca!

Utilizamos o amplificador de fones de ouvido dual-monaural Teac HA-501 com mod by Sunrise Lab, e o estágio de fone de ouvido do DAC Gold Note DS-10 com fonte externa, além do Astell & Kern modelo KANN. Cabo de interligação: original e Sunrise Lab modelo Premium MS.

Começamos as audições do Focal Celestee com o Teac HA-501, pois é o mais potente deles, e o casamento foi muito bom. Com o DS-10, as possibilidades aumentaram um pouco mais e mantivemos com

FONES DE OUVIDO

ele até o final do amaciamento, mudando os equipamentos apenas para fechar o teste. O fone é fácil de empurrar, e até por celular ele responde bem. Com o KANN então, tocou solto sem pedir potência - ou seja, dá para curtir o Celestee com a maioria dos portáteis do mercado sem problema algum!

Como em todo equipamento novo, é perceptível a necessidade de amaciamento, só que as audições não viram uma tortura: o equilíbrio do fone é muito bom desde os primeiros acordes musicais. O incômodo inicial fica por conta de uma certa dureza nos agudos, e falta de articulação nos graves. A região média não é tão frontal como se esperava de um fone novo, e isso ajuda nas primeiras horas de audição. Por se tratar de um fone refinado, essas questões de amaciamento sempre ficam mais expostas que em fones mais simples, que não possuem extensão suficiente para mostrar tais características de amaciamento mecânico dos drivers, de sinal e cabeamento. Já em fones pensados para a alta fidelidade, como é o caso deste Focal, é justamente o contrário: eles mostram absolutamente tudo, então é importante ter um pouco de paciência e aguardar o período de amaciamento.

Após 100 horas de uso, o fone está totalmente amaciado e toda a dureza e falta de extensão vão embora, dando lugar a agudos com decaimentos mais suaves, extensão de graves mais correta, e uma holografia maravilhosa. A localização dos músicos no palco melhora muito após o amaciamento.

Os timbres de cordas e vozes são um show à parte neste fone: a precisão tonal é muito boa, e a velocidade dos transientes está em perfeito equilíbrio com seu som pulsante.

Ele gosta de música, e não faz cara feia para o que recebe. Seu equilíbrio tonal não pende para os graves nem exagera nos médios, trazendo-os para frente para evidenciar vozes (artifício já muito manjado em fones). Sua compatibilidade com estilos musicais diversos é um ponto forte a seu favor, indo do jazz ao heavy metal sem grandes mudanças em seu corpo harmônico. O palco, por exemplo, se mantém firme mesmo com músicas comprimidas, com exceção de discos realmente mal captados ou assassinados na mixagem, que aí nenhum santo faz milagre. Seu conforto auditivo vem de um silêncio de fundo muito bom, os sons brotam de sua concha com muita facilidade, e a velocidade faz parecer que ele não se esforça muito para manter um bom equilíbrio, desembolando as passagens musicais complexas sem endurecer o som.

Diana Krall Live in Paris, Boz Scaggs Greatest Hits Live 2004, José James Lean On Me, Touch Yello faixa 3, Dianne Reeves Bridges, Buika Volver Volver, e The London Double Bass Sound faixa 1 - são alguns exemplos de como este fone consegue tornar a música ainda mais intimista e vibrante!



CONCLUSÃO

Para a Focal, não basta agradar os ouvidos, é preciso agradar aos olhos também, e o tato não fica atrás - este pensamento é um dos pontos fortes da marca, que sempre excedeu as expectativas quanto aos materiais que utiliza no acabamento dos seus produtos. Do tecido que recobre o estojo rígido, ao zíper que aparenta banho de prata protegido por silicone, e o couro azul e apliques na cor cobre, tudo neste fone exala requinte e uma enorme satisfação em possuí-lo, o som vem como um presente celestial. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=83MXPTQQGHK](https://www.youtube.com/watch?v=83MXPTQQGHK)

AVMAG #284
Audiogene
 audiogene@audiogene.com.br
 (11) 3726.8200
 US\$ 899

NOTA: 81,5



DIAMANTE REFERÊNCIA

FONE DE OUVIDO MARK LEVINSON Nº 5909

Fernando Andrette



A primeira pergunta que me fiz ao receber o fone da Mark Levinson para teste foi: ele está à altura dos 'pergaminhos' dessa lendária marca hi-end? Pois entrar em um mercado tão competitivo de fones de ponta, apenas para cumprir 'tabela', não imagino que seja o objetivo deste fabricante.

E, por outro lado, já que a Mark Levinson pertence ao grupo Harman, que também tem debaixo de seu guarda-chuva os conceituadíssimos fones AKG, e os fones JBL, que razão estratégica levou o grupo a desenvolver um fone para a Mark Levinson?

E quase que todas as dúvidas foram respondidas, assim que recebi o fone em sua bela embalagem e pude ter o primeiro contato visual com o produto. Trata-se de um produto premium voltado claro para o audiófilo que busca um fone moderno com cancelamento de ruído, Bluetooth e opção de uso com cabos, que seja altamente confortável, versátil e eficiente.

Os leitores que lêem a Audiofone, conhecem minha opinião a respeito do grau de performance hoje dos melhores fones Bluetooth, que assim como o streamer em relação a mídia física ainda não chegou lá, o mesmo ocorre com a essa tecnologia em relação aos fones com fio.

A Mark Levinson não deixa claro se o primeiro fone com a marca Mark Levinson foi desenvolvido pela divisão AKG, mas fica evidente que ele passa a ser um membro de destaque da família Harman Luxury Audio, como todo produto com a marca Mark Levinson.

O Nº 5909 é um Bluetooth 5.1 com codecs AAC, aptX Adaptive e LDCA. Segundo o fabricante, a inclusão do LDCA é importante para a qualidade final do 5909, pois oferece capacidade de envio de sinal em 24-bits/96 kHz.

O 5909 utiliza drivers dinâmicos de 40 mm, revestidos com berílio. Segundo o fabricante, a escolha do berílio é pelo fato de oferecer um aumento considerável de rigidez, sem o aumento de massa efetiva, pelo fato deste metal ter um peso atômico menor.

Foi dado um enorme cuidado ao cancelamento de ruído, com o uso de quatro microfones, em vez de apenas dois como na maioria dos concorrentes. Esses quatro microfones comparam os níveis de ruído interno e externo, e respondem nas configurações adaptativa padrão com: modo alto, médio ou baixo, mantendo a passagem de voz para que o contato externo não se perca.

O fone 5909 é um design fechado, com sua cúpula de alumínio com pintura automotiva, couro sintético e com a opção na cor vermelha. O produto tem uma excelente ergonomia, e caso você deseje extrair todo o potencial deste fone, o fabricante dispõe de dois excelentes cabos de 1 e de 3 metros.

O 5909 tem uma autonomia estimada de até 34 horas de funcionamento com ANC desligado, e 30 horas com. Em viagens, o fone pode ser recarregado em 15 minutos para autonomia de mais 6 horas.

Para o teste, liguei em Bluetooth para ouvir streaming Tidal e QoBuz, direto do Innuos ZENmini Mk3, e testei o cancelamento de ruído enquanto fazia essas audições.

Confesso que seria minha última opção na vida usar um fone desse nível em Bluetooth, pois é tão inferior a plugar o fone com seu excelente cabo direto no pré de fone do CLASSIC PREAMP da Nagra, que fazer uma comparação de alto nível fica praticamente impossível.

Então, mais uma vez tenho que afirmar que Bluetooth não pode ser considerado hi-end. No máximo, eu o classificaria como um correto hi-fi de entrada. Pois a música perde o encanto, a magia, se tornando uma reprodução meramente burocrática e nada mais.

FONES DE OUVIDO

Já o cancelamento de ruído é bastante funcional nos três modos existentes.

Agora, ligado a um bom amplificador de fone, o N° 5909 se transforma literalmente! Excelente equilíbrio tonal, com excelente extensão em ambas as pontas, graves precisos sem o risco de desaparecerem em volumes bem reduzidos, e agudos sem nenhum resquício de coloração, brilho ou falta de arejamento. A região média é bem definida, com excelente recuperação de microdinâmica, e um correto equilíbrio entre transparência e conforto auditivo.

Seu design permite um bom isolamento do ruído externo sem precisar fazer uso de seu cancelamento de ruído, em ambientes com ruídos externos de até 66 dB!

O que o torna um fone excelente para quem tem que dividir seu espaço de audição com o restante dos familiares. E também, em volumes corretos, as pessoas em volta não serão incomodadas pela música.

Ainda que o 5909 possa ser usado ligado ao seu celular, eu não indico essa opção, pois ele será totalmente subutilizado. Seu investimento obviamente é para ser o fone de referência de quem deseja um produto de alto nível.

Com o grau de equilíbrio tonal do 5909, as texturas ganham muito em riqueza e intencionalidade. Permitindo ao ouvinte se embrenhar nas entranhas das gravações sem no entanto as mesmas se tornarem frias ou desinteressantes. Pelo contrário, com o 5909 essa possibilidade quando estiver em um amplificador de fone à sua altura, a música sempre estará em primeiro plano como um todo.

Bato muito nessa tecla de se ouvir o 'todo', pois percebo que inúmeros fones hi-end, que apostam em uma ultra transparência, tendem a ser empolgantes nas primeiras audições, quando vamos 'descobrir' detalhes desconhecidos, e que, no entanto, se tornam rapidamente fatigantes.

Essa não é a assinatura sônica do 5909. Com ele a música será fornecida 'equilibradamente', sem extrapolar o conceito de ter, no mesmo peso, transparência e musicalidade.

A reprodução de transientes é primorosa, com um grau de precisão e domínio de tempo, ritmo e andamento que empolga e, ao mesmo tempo, nos mantém presos ao acontecimento musical. Para esse quesito, eu utilizo bastante o CD do baterista Vinnie Colaiuta - o de capa cinza - em que, como dizem os músicos, simplesmente "destrói" os andamentos, que dão um nó na cabeça de tão bem executados.

Para o leitor que não conhece esse virtuose, vou contar um fato que correu o mundo no meio musical. Frank Zappa, quando ia contratar um novo músico para sua banda, adorava pregar peças para ver

o grau de conhecimento do candidato. E para os bateristas escrevia passagens ultra complexas, que exigiam que eles fossem lendo, executando, parando para ler mais um pedaço, e aí executar mais um trecho. Vinnie Colaiuta, segundo o próprio Zappa, foi o único baterista que ele conheceu que leu e executou sem erro a 'pegadinha'. Levando o Frank Zappa a gravar com ele naquele dia mesmo!

É um baterista de uma precisão que beira o perfeccionismo absoluto, porém com alma e um swing espantoso. Não conheço exemplo mais matador para avaliação de transientes de fones que este disco.

A macrodinâmica, como em todo excelente fone de ouvido, nos volumes seguros, é excelente, permitindo ouvirmos os degraus dos crescendos sem aquela incômoda sensação de saturação e endurecimento tão comuns quando extrapolamos o volume.

O corpo é muito coerente, e nos permite compilar e perceber as nuances e escolhas do engenheiro de gravação na escolha dos microfones e posicionamento dos mesmos, em relação aos instrumentos. Gostei da apresentação de grupos de jazz, folk, música de câmara e vozes à capela, nos dando uma nítida imagem do tamanho dos instrumentos nas gravações em que este quesito foi cuidadosamente gravado.

A materialização física em nossa cabeça com esse fone será bem mais fácil que em alguns fones similares em preço e proposta. As vozes, por este ter uma região média tão bem resolvida, nos permitem degustar de cada sílaba e realmente a ausência de fadiga e o grau de naturalidade, colaboram para o prazer auditivo.

CONCLUSÃO

Muitos dos leitores que tomam coragem e nos questionam, perguntam frequentemente se é preciso investir 2 mil dólares para se ter um grau de refinamento hi-end? Minha resposta é sempre a mesma: depende do grau de expectativa de cada um.

Parece que estou querendo, com essa resposta, sair pela tangente, mas não é isso. A pergunta correta que todos devemos fazer é: que nível se encontra a fonte em que eu escuto minha música?

Se você escuta streamer em seu celular, ou em um DAC de 200 dólares, evidente que você não precisa de um fone de 2000 dólares. Um fone de 200 dólares bem equilibrado tonalmente irá ser mais do que suficiente.

Agora, se você possui ou pensa em investir em um amplificador de fone de 1000 a 2000 dólares, e possui um bom DAC e escuta streaming com um padrão de qualidade mais refinado, evidente que todo bom fone entre 1000 a 2500 dólares deveria estar em sua 'órbita' de consulta.



A2700 / P1

uma dupla perfeita

O pré-amplificador P1 e o amplificador de potência A2700 são perfeitamente complementares. Em termos de design, eles formam uma unidade homogênea com linhas limpas.

O P1 é um pré-amplificador topo de gama. Um modelo audiófilo capaz de sublimar toda a sua música, mantendo uma relação sinal-ruído ideal e uma distorção reduzida ao mínimo estrito. O produto não é fixo no tempo, as suas placas de entrada opcionais e a sua modularidade permitem-lhe acompanhar facilmente as evoluções do mercado.

O Elipson A2700 é um modelo topo de linha capaz de fornecer uma saída de alta potência de 400 W RMS abaixo de 8 ohms no modo estéreo ou 1400 W RMS abaixo de 8 ohms no modo mono. O amplificador de potência Elipson A2700 é, portanto, capaz de dar vida e energia a qualquer par de alto-falantes de chão ou de estante. Sua associação com um pré-amplificador também é facilitada por suas entradas RCA não balanceadas e XLR balanceadas.



IMPEL

Sua vida em alto e bom som.

DISTRIBUIDORA OFICIAL NO BRASIL



(11) 3582.3994
contato@impel.com.br

impel.
com.br

FONES DE OUVIDO

Pois é para esses setups de mais alto nível que fones como o N° 5909 podem fazer toda a diferença, e compensar integralmente seu investimento em tempo e dinheiro.

A segunda pergunta que recebemos é: mas eu ouvirei as diferenças entre o fone de 200 que uso e o de 2000 dólares? Não em seu celular, mas em um setup a altura, certamente que sim.

E mesmo que o leitor se sinta inseguro em descobrir essas diferenças, tenho uma dica infalível. Pegue umas duas ou três faixas que você ama, que soem com dificuldade em seu setup de referência, e escute em um setup de maior qualidade, refinamento e folga, com um fone como o 5909, e o conforto auditivo e o grau de inteligibilidade irão ser audíveis no primeiro acorde. Não se prenda a observar os graves, médios e agudos. Se atenha ao conforto auditivo e à facilidade com que a música floresce em nossa cabeça. Para fazer esse exercício, não precisamos ter ouvidos treinados, ou anos de audições em sistemas sofisticados, apenas precisamos fazer uso de gravações que conhecemos bem.

O Mark Levinson N° 5909 é um excelente fone (com fio, rs) e um bom fone Bluetooth. Para quem faz longas viagens aéreas, pode ser um companheiro inestimável, para suportar o alto ruído interno de

toda aeronave e ainda ouvir música com um bom nível de inteligibilidade e conforto.

Para a primeira entrada neste mercado de luxo, a Mark Levinson acertou em cheio!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RGAHEABMWRU](https://www.youtube.com/watch?v=RGAHEABMWRU)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DKOUE7AI-FI](https://www.youtube.com/watch?v=DKOUE7AI-FI)

AVMAG #290
Mediagear
 contato@mediagear.com.br
 (16) 3621.7699
 R\$ 13.100

NOTA: 90,0



ESTADO DA ARTE

FONE DE OUVIDO FOCAL STELLIA

Juan Lourenço

Dando continuidade aos testes de headphones da francesa Focal, após avaliar o fone Celestee - um fone que realmente reúne os valores pregados pelo áudio hi-end como os audiófilos gostam - tivemos o prazer em ouvir o Stellia, fone de ouvido topo de linha da marca francesa.

Este é a versão fechada do aclamado Utopia, com melhorias óbvias devido aos avanços obtidos ao longo dos anos, entre um modelo e outro. Na hierarquia, o Celestee testado na edição 285 fica dois degraus abaixo deste aqui avaliado.

No quesito beleza, o Stellia consegue arrancar ainda mais suspiros - eu realmente adoro este desenho e toda a complexidade envolvida para torná-lo impactante sem parecer espalhafatoso.

Os materiais falam por si: são de primeiríssima e as formas dadas a cada um deles são como peças de relojoaria. A delicada transição do alumínio da concha e arco da cabeça para o couro que reveste as almofadas e tiara, são de ótima densidade e memória. As cores quentes com a luminosidade certa entre o fosco e o acetinado, ficaram tão harmonicamente encaixadas que faz sentir conforto e acolhimento, uma sensação muito gostosa, quase como comprar o primeiro carro. Se bem que seu preço chega próximo de um primeiro carro!

A Focal manteve o famoso driver com domo de berílio de 40 mm de diâmetro, impedância de 35 ohms, sensibilidade de 106dB, e que responde de 5Hz a 40kHz. O fone pesa um total de 435 gramas.

O berílio é um material que já mostrou suas qualidades em diversas aplicações para o áudio, de tomadas especiais à tweeters. É bastante versátil, de baixíssima massa, e altamente resistente à deformação - o que para um driver de fones de ouvido é quase perfeito! Para completar o time, o fone vem com dois cabos de interligação, um com terminação XLR (não balanceado) e outro cabo com terminação 3.5 mm com um adaptador 6.3mm padrão - que complementam a sonoridade do fone.

A embalagem segue a mesma qualidade de construção do fone, com materiais não tão nobres, claro, mas o bom gosto sim. O mesmo zíper com tonalidades que lembram a prata, silicone nos puxadores do zíper e o encaixe interno preciso, trazem segurança para levar o fone a qualquer lugar. Além da caixa de transporte, ele vem em uma embalagem externa em papel cartão de boa densidade.

COMO TOCA

Para as audições, utilizamos o amplificador de fones de ouvido dual monaural Teac HA-501 com mod by Sunrise Lab, e o estágio de fone de ouvido do DAC Gold Note DS-10 com fonte externa, e o player portátil Astell & Kern modelo KANN. O cabo de interligação foi o original Focal.

Uma coisa bacana da Focal, é que seus produtos seguem uma identidade sonora única e essa assinatura não se perde em nenhum produto da marca. Mesmo o driver sendo apenas berílio, eles conseguem dar ao fone uma qualidade de textura muito parecida com os falantes de graves das



PRODUTO DO ANO
EDITOR

caixas acústicas. O que muda de um modelo para outro é o refinamento, mas a sonoridade geral está lá! Se você gosta da sonoridade Focal, pode ir de olhos fechados em qualquer modelo, pois não há a possibilidade de se enganar com o som.

Em comparação com o fone Celestee, testado anteriormente, o Stellia soa mais aberto, mas não tanto. O equilíbrio tonal não pende para as altas e, com isso, os timbres e as texturas se beneficiam muito dessa sonoridade mais relaxada, mostrando detalhes sem deixar tudo superexposto.

A sensação de amplitude de palco também é bastante superior, e os transientes são coisa séria - são muito bons mesmo! Como frisei acima, não soam agressivos ou demasiadamente pronunciados. Refinamento é a palavra chave para este fone. De música erudita à reggae, com gravações limitadas ele soa sempre com bastante folga, majestoso com uma musicalidade que não ouvia no meu antigo Sennheiser HD800, nem trocando cabos, por exemplo.

Como é de se esperar de um fone de altíssimo nível, o Stellia não dá colher de chá, ele não vai bem com celulares, precisa de uma boa amplificação, de preferência com ajuste de amortecimento, ele se beneficia muito da escolha certa do amortecimento. Ele não escolhe gêneros musicais, ele toca de tudo e toca muito bem, mas com esse recurso conseguimos tirar um sumo a mais dele.

O KANN teve dificuldades para empurrá-lo à contento: as altas tendem a saturar e achatar o palco. Talvez esteja aí uma certa reclamação de donos de Focal, principalmente com o Utopia: à amplificação precisa ser parruda.

Novamente, o DAC DS-10 com fonte externa deu um show. Não empurrou como o TEAC, mas no geral tocou melhor. Já vi que preciso trocar a minha amplificação (risos)...

CONCLUSÃO

O Focal Stellia mantém o legado do Utopia intacto, elevando o nível dos fones fechados ao ponto de brigar diretamente com os abertos. Um feito e tanto! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=5S3VMJKJMOC](https://www.youtube.com/watch?v=5S3VMJKJMOC)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=AM95B7UG7IC](https://www.youtube.com/watch?v=AM95B7UG7IC)

AVMAG #286
Audiogene
audiogene@audiogene.com.br
(11) 3726.8200
US\$ 3.000

NOTA: 91,0

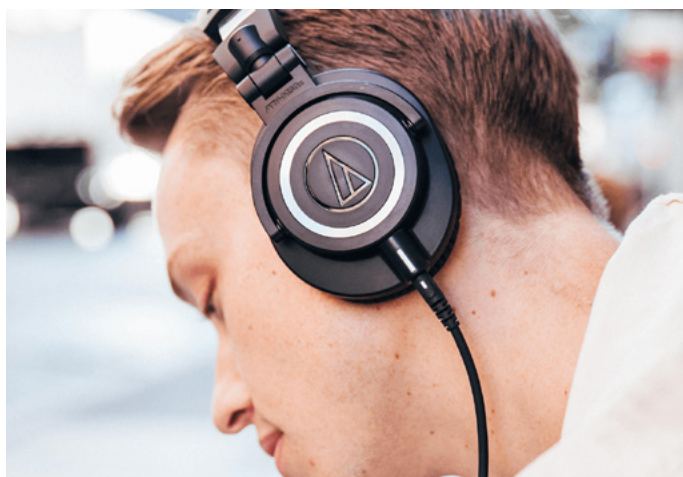


ESTADO DA ARTE

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO AUDIO-TECHNICA ATH-M50XBT2

Fernando Andrette



O fundador da Audio-Technica, Hideo Matsushita, antes de realizar seu sonho, era curador no Museu Bridgestone das Artes, em Tóquio e realizava semanalmente audições de música, em que a população podia apreciar os lançamentos em vinil em bom sistemas de áudio da época.

O interesse era enorme, porém Matsushita estava frustrado com a incapacidade de grande parte do público presente nessas audições, de não ter poder aquisitivo para levar essa experiência para os seus lares. Foi aí que lhe veio a ideia de montar a Audio-Technica, com o objetivo de produzir áudio de alta qualidade para todos. E em 1962, ele lançou a cápsula fonográfica a AT-1, com preço verdadeiramente acessível à população.

A repercussão foi imediata, e a Audio-Technica expandiu seu portfólio rapidamente para a produção de fones de ouvido, toca-discos e microfones, mas sem desviar do conceito que seus produtos deveriam sempre atender ao maior leque de pessoas possível.

Hideo Matsushita tinha em mente que, para a evolução do áudio, seria preciso fincar raízes nas duas pontas simultaneamente (o pro-áudio, oferecendo microfones e fones de ouvidos para os engenheiros de gravação cada vez mais sofisticados, e o áudio doméstico, com a produção de cápsulas, toca-discos e fones de ouvido para consumidores).

Meu pai, nos anos 70, antes da famigerada Reserva de Mercado, era além de militar um consultor de áudio e admirador das cápsulas desse fabricante, por dois motivos: confiabilidade e custo-benefício.

Então me sinto 'em casa' para escrever a respeito dessa tão prestigiada marca, e expressar minha admiração que o conceito inicial que inspirou seu fundador, ainda esteja presente nos dias de hoje em cada produto lançado por este fabricante.

Espero que em breve, além dos fones consumer, tenhamos a possibilidade de também mostrar para os nossos leitores suas excelentes cápsulas de toca-discos!

O ATH-M50xBT2 é o modelo topo, da segunda geração, dos aclamados fones sem fio da série M. Como em toda a série, este também utiliza os drivers de 45 mm de grande abertura, com um design sem fio com uma assinatura sonora semelhante do ATH-M50x, um dos fones mais utilizados nos estúdios de gravação do mundo todo.

Esse novo modelo, segundo o fabricante, introduziu um aprimoramento em relação a série anterior na melhoria da captação de voz nas chamadas de teleconferência, uma nova conexão USB-C, e ainda um tempo de uso do fone sem fio para até 50 horas, e recarregamento em apenas 10 minutos.

Os microfones agora são duplos, baseados na tecnologia Beam-forming com uma captação de voz do usuário plena, para ligações telefônicas confiáveis e assistente de voz integrado do Amazon Alexa.

O cabo é de excelente qualidade, caso você, assim como eu, prefira a conexão física ao Bluetooth e, para os mais jovens que adoram 'fuçar' e fazer suas equalizações pessoais, o aplicativo A-T Connect lhe dará acesso a um vasto mundo de ajustes, como: modo de baixa latência, equalizador, alteração do volume e posicionamento direito e esquerdo, acionamento de voz desejado, localizar o fone perdido, e alteração de codecs.

Como escrevi acima, a filosofia desse fabricante japonês sempre foi oferecer confiabilidade, e custo/benefício, e o ATH-M50xBT2 não foge à regra. Pelo contrário. Sua construção segue à risca esses preceitos, mas garante ao usuário conforto com seu design e ergonomia de encaixe perfeito na cabeça, sem ser pesado.

Alguns usuários em fóruns lá de fora, se queixam que o M50xBT2 não isola totalmente o ruído externo, porém eu particularmente prefiro que assim seja, pois os fones que testei recentemente que possuem esse grau de isolamento sem o uso do recurso de cancelamento de ruído, além de necessitar de manter maior pressão nos ouvidos para conseguir esse isolamento, tornam-se cansativos em muito pouco tempo.

O M50xBT2, além de ser confortável nos ouvidos, não possui essa característica de maior pressão. Suas almofadas são confortáveis e seu tamanho cobre corretamente orelhas de tamanho padrão. ▶

Para o teste utilizamos o amplificador de fone de ouvido do pré de linha Classic Nagra, e também no nosso celular ouvindo Tidal. Ouvimos streamer, vinil e CD através de nosso Sistema de Referência. Não fiz uso, para a avaliação do fone, de nenhum tipo de equalização, preferindo ouvi-lo o tempo todo em flat.

Como Bluetooth, foi o fone que melhor se apresentou de todos os fones com esse recurso por nós testados. Minha 'resistência' a ouvir dessa maneira é que a sensação que tenho é a mesma de quando ouvia gravações em MP3. Tudo parece ceifado tanto na extensão nas duas pontas, como na reprodução do invólucro harmônico, deixando a música muito mais pobre. Pois o ATH-M50xBT2 se mostrou muito mais correto e com um invólucro harmônico mais rico.

Foi uma surpresa bastante positiva, fazendo dele nossa nova referência para pontuar os fones com esse recurso, daqui para frente.

Mas se você deseja extrair todo o seu potencial, ligue-o ao seu cabo e o plugue em um excelente amplificador de fone, com uma excelente fonte, e descobrirá a principal razão desse fabricante de áudio japonês ser tão admirado e renomado!

Trata-se de um fone com um excelente equilíbrio tonal, digno de fones monitores de estúdio de alto nível. Seus graves não têm sobra ou nenhum tipo de borramento ou indefinição. São graves com o peso certo, impecavelmente recortados, possibilitando ouvir sem esforço toda a linha de baixo, sem essa se perder em um emaranhado de informações em outras frequências.

Sua região média é transparente na medida certa, nos dando o prazer de ter total inteligibilidade, sem, porém, tornar a audição cansativa ou proeminente nesta região.

E os agudos possuem excelente extensão, clareza e decaimento precisos, para observarmos detalhes de ambiência, escolhas de reverberações digitais nas vozes e instrumentos, sem nunca desbancar para o agudo brilhante ou duro.

Ou seja, um equilíbrio tonal sem risco de fadiga ou perda de interesse em se escutar o todo, e não apenas parte do acontecimento musical.

Essa é a proposta de um excelente fone de monitoramento. Dar ao engenheiro de gravação e aos músicos a capacidade de perceberem se o que estão gravando condiz com sua intencionalidade e expectativa de resultado.

Com esse grau de equilíbrio tonal, as texturas serão sempre muito beneficiadas, sendo justamente esse quesito outro ponto forte desse fone. Você ficará espantado o quanto de informação, cores das paletas dos instrumentos e a intencionalidade lhe serão apresentadas. Vozes à capela, quartetos de cordas, têm uma riqueza inebriante, levando o ouvinte a audições muito mais intensas e imersivas.

Pois as texturas, quando bem reproduzidas, redobram nossa atenção e interesse em penetrar no âmago musical.

Os transientes no M50xBT2 são precisos, e os amantes de estilos como rock, música eletrônica, blues e reggae se sentirão convidados a interagir dançando, batendo os pés ou, aos mais tímidos: um balançar de cabeça ainda que sutil ao término de cada música.

A dinâmica, dentro dos volumes seguros, é excelente, nos dando uma ideia clara dos degraus entre o pianíssimo e o fortíssimo, sem engasgar ou pular degraus. Digo isso, pois quando a macrodinâmica em um fone não é boa, a sensação que temos é que no final, próximo do fortíssimo, além do sinal endurecer, fica a nítida sensação de que o som distorceu ou ficou desagradável. Nos volumes seguros, em que o fortíssimo não esteja acima de 84 dB (por alguns segundos e não por intermináveis minutos), no ATH-M50xBT2 o fortíssimo não soará duro ou desagradável. E a microdinâmica, com seu equilíbrio tonal, é reproduzida com enorme naturalidade e detalhamento.

A materialização física do acontecimento musical é excelente, mas fique atento, pois podem ocorrer alguns bons sustos devido ao grau de realismo, em ótimas gravações como do cantor José Cura no disco Anhele, em que Cura estará literalmente a um palmo à frente de sua testa!

CONCLUSÃO

Foi, junto com o fone da Meze testado também recentemente, a segunda grande surpresa do ano.

Se você procura um fone com esse grau de refinamento, inteligibilidade e conforto auditivo, com uma assinatura sônica de fone de ouvido monitor, ele precisa estar no seu radar de futuros upgrades.

E custando menos de 2000 reais, é sem dúvida uma relação custo/benefício quase impossível de bater.

Musicalmente é uma das melhores opções hoje no mercado. Faça um favor a si mesmo e se dê esse presente de natal.

O meu está garantido! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MSJ2FGNVTMA](https://www.youtube.com/watch?v=MSJ2FGNVTMA)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=KMY-YF2MRZ4](https://www.youtube.com/watch?v=KMY-YF2MRZ4)

AVMAG #291
Karimex
info@audio-technica.com.br
(11) 5189.1980
R\$ 1.767

NOTA: 93,0



ESTADO DA ARTE

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO STAX SR-009S & AMPLIFICADOR SRM-700T

Fernando Andrette



Para o nosso leitor da *Áudio & Vídeo Magazine*, a Stax é uma marca que soa como boa música aos ouvidos, mas para os novos leitores da *Audiofone*, provavelmente a Stax seja um fabricante de fones que jamais ouviram falar!

Então tentarei escrever esse teste para ambos os perfis, contando um pouco da história deste incrível fabricante aos que não conhecem, e relatando a performance deste segundo mais importante fone em sua linha (já que no ano passado a Stax lançou o novo modelo top o SR-X9000).

A Stax foi fundada um ano antes de eclodir a Segunda Guerra Mundial, em 1938, no Japão, e seu primeiro fone de ouvido eletrostático foi apresentado ao mundo em 1960, sendo batizado como SR-1. E daí em diante, a Stax ganhou o mundo, diversificando sua linha com a produção de cápsulas e braços para toca-discos de vinil, e até eletrônicos (amplificadores e CD-Players).

Mas jamais abandonou o aprimoramento e diversificação de fones eletrostáticos.

Infelizmente, depois de muitos erros estratégicos, em 1995, a Stax se tornou inviável - e depois de inúmeras tentativas de salvar a empre-

sa, ela fechou. O que só valorizou ainda mais seus fones eletrostáticos feitos até o período de insolvência! E tornou a marca um ícone de referência em eletrostático em nível mundial.

Felizmente, em 2011, a empresa chinesa Edifier adquiriu a marca, e teve a feliz ideia de manter a empresa com seu desenvolvimento no Japão, e recontratou a maioria do staff da empresa dos anos 90.

Atualmente a Stax mantém em linha oito fones eletrostáticos, mais sete amplificadores de fones, e alguns acessórios como cabos de extensão e suportes para fones de ouvido.

Existe uma enorme legião de 'Staxistas' espalhados pelo planeta, fãs incondicionais da marca que possuem diversos fones Stax de diversos períodos (eu conheço alguns, sendo os mais próximos o colaborador André Maltese e o querido amigo Roberto Diniz).

O que pode parecer estranho para os nossos novos leitores é como alguém pode ter tanta admiração por uma marca, a ponto de ter vários fones deste fabricante. E só posso explicar isso quando esses leitores ouvirem um fone eletrostático Stax, e compreenderem o que sua assinatura sônica tem de tão 'singular' em relação às outras topologias muito mais comuns e baratas.

Eu tive por uma década o Stax Lambda Pro, e inclusive o usei na monitoração da gravação dos discos Genuinamente Brasileiro volumes 1 e 2. E por um simples motivo: sua praticidade e fidelidade em ajudar na escolha dos microfones corretos para cada um dos instrumentos usados na gravação. Pois como foram inúmeros instrumentistas, e cada um com instrumentos de diferentes níveis de qualidade, o Stax Lambda Pro foi fundamental para a agilização de escolha e posicionamento do microfone em relação a cada instrumento gravado.

Esse sempre foi o grande diferencial dos fones Stax em relação aos outros grandes fones do mercado: fidelidade na reprodução dos timbres.

Agora, como todo fone tem suas vantagens e desvantagens, pois é um fone que não pode ser usado na sala de gravação pois seu som vaza para todos os lados, e não é um fone que suporta altos volumes sem distorcer, e os cuidados tem que ser extremos para que ele tenha uma vida longa.

Costumo sempre dizer que não é o consumidor que escolhe um Stax, e sim o contrário: o Stax escolhe quem está pronto para apreciá-lo e tirar todo o proveito e prazer sonoro que ele tem a oferecer.

Então, quando a Edifier Brasil nos procurou e nos ofereceu para teste o SR-009S e o amplificador de fone SRM-700T, não tínhamos como recusar a oferta.

O acabamento do SR-009S é de alto nível, feito em alumínio usinado e peças de couro nos lugares certos, para proporcionar conforto e excelente ergonomia na cabeça. Diria que estão entre os fones mais macios e confortáveis que tive o prazer de testar nos últimos três anos.

Ele vem embalado em uma bela caixa de madeira, que deve ser guardada com cuidado, pois depois de cada audição será o local mais seguro para guardar o Stax.

Os terminais são banhados a ouro, e o cabo além de flexível é de excelente qualidade tanto de acabamento, quanto de construção.

Para o teste, a Edifier nos enviou o amplificador de fone modelo SRM-700T. Os fones eletrostáticos necessitam de uma alimentação de alta voltagem para a polarização da membrana, portanto eles possuem um cabo e um plugue especial, que é conectado em um amplificador desenhado especificamente para a tarefa de prover não só o sinal contendo a música, mas também essa alimentação de alta voltagem. Além dos amplificadores da própria Stax, existem no mercado mundial outras marcas que fazem amplificadores específicos para fones eletrostáticos.

O SRM-700T é um dos três melhores amplificadores de fone eletrostático da linha da Stax, abaixo do SRM-T8000 - que na minha opinião seria o mais indicado para o SR-009S, mas que não estava à disposição no momento do teste.

O SRM-700T utiliza as válvulas 6SN7 na saída que, segundo o fabricante, se mostraram muito mais eficientes, tanto em termos de performance como de durabilidade. Os resistores de enrolamento não indutivo são da VISHAY, os transistores FET são de pares combinados com tolerância de 1% , e os capacitores de filme de alta definição são feitos pela WIMA por encomenda.

O controle de nível pode ser passado, e o usuário usar um pré de linha externo - foi o que fiz no final do teste, passando pelo pré de linha da Nagra Classic, para ver se extraía mais algum 'sumo' em termos de performance, usando a entrada RCA. E, como no amplificador de fone mais sofisticado, o SRM-T8000, o potenciômetro de volume é fixado em uma caixa blindada, para evitar interferência de rádio frequência.

Segundo o fabricante, as especificações técnicas são as seguintes. Resposta de frequência DC-100kHz (com o Stax SR-009S), ganho 60 dB, distorção harmônica 0,01% (saída de 1 kHz/100 Vrms), impedância de entrada 50 kOhms (RCA) 50 kOhms x 2 (XLR), tensão máxima de saída 340 Vrms (1 Khz), tensão de polarização PRO 580V, consumo de energia de 54W, peso de 5,7 Kg.

Adoraria ter tido mais opções de amplificadores de fones eletrostáticos, ou pelo menos por uns dias o top de linha T8000, mas às vezes não é possível, então temos que nos virar com o que temos. Deixo registrado essa vontade, pois temo que o potencial do SR-009S seja ainda maior com um amplificador de fone mais sofisticado, então a primeira dica para os interessados em ter essa maravilha: o investimento também terá que ser no mínimo em um amplificador de fone eletrostático do nível do aqui utilizado no teste.

Mas que, se puder investir no T8000, não pense um segundo a mais! Pois irá valer cada centavo!

Para o teste utilizamos nosso Sistema de Referências, tanto fonte analógica como digital. Pelas entradas RCA, RCA paralela, para usar o volume do pré de linha Nagra Classic como volume (foi aí que percebemos o quanto o Stax oferece ainda mais em termos de silêncio de fundo e extensão nas duas pontas), e o setup analógico utilizando o pré de phono V10 da Hegel e nossa referência, o PH-1000 da Gold Note.

Quem nunca ouviu música em um fone eletrostático irá estranhar os primeiros minutos, pois a quantidade de informação recebida realmente assusta. É como ser jogado dentro da jaula dos leões, pois pode-se ficar tonto com tanta informação adicional, tanto em matéria de microdinâmica, como de textura e intencionalidade. Ruídos, gemidos, falhas na captação, vacilos do solista e sons estranhos de vazamento da sala de gravação, ou erros grotescos na escolha das reverberações digitais - tudo se torna explícito.

O segundo susto é reajustar o volume para bem mais baixo do que se está acostumado a ouvir, pois tudo está perfeitamente equilibrado tonalmente. Então, minha sugestão para os 'virgens' com o uso

FONES DE OUVIDO



de fones eletrostáticos, peguem leve no começo, com as primeiras audições de pequenos grupos e, se gostarem, muita voz feminina e masculina. Assim, irão entender muito rapidamente onde estão os encantos que seduzem tantos melômanos e audiófilos quando falam de Stax!

Se me pedirem para fazer um paralelo com alguma eletrônica que tenha esse poder de sedução, o que me vem imediatamente à mente é Shindo, fabricante também japonês, que possui uma assinatura muito semelhante aos fones Stax. Pois ambos se preocupam com a qualidade do acontecimento musical e não quantidade.

E assim como Shindo é para um nicho muito específico de audiófilos, o mesmo eu digo para os fones Stax. Pois já li inúmeros depoimentos em fóruns de pessoas que não acharam Stax ou Shindo tudo isso, pois não se pode dar muito 'gás' (palavra muito utilizada) ou que não parecem ter pegada (também termo muito utilizado). Já do outro lado, o dos que apreciaram, o que mais leio são: musicalidade, neutralidade, ausência de pirotecnia ou desequilíbrio tonal, etc.

Como escrevi no começo desse teste, Stax são fones para quem, acima de tudo, deseja fidelidade na reprodução, independente dos acertos e erros do engenheiro de gravação. São ouvintes que querem a imersão total, sem desvios no que foi captado, mixado e masterizado.

E, acima de tudo, sabem dos riscos de fazer audições com volumes altos, e escolhem um fone eletrostático justamente para lembrá-los de que os limites estão ali para serem seguidos.

Mas os que nunca ouviram um Stax, não tirem conclusões precipitadas de que a música então deve ficar 'sem graça', pois é justamen-

te o oposto! A capacidade do Stax nos colocar literalmente entre os músicos, como se fossemos um dos integrantes da gravação, é seu maior diferencial de qualquer outro fone que o amigo já tenha ouvido e apreciado. Ele nos faz co-participantes de todas as gravações que amamos, de forma privilegiada e emocionante.

Como vocês sabem, tenho profunda paixão por quartetos de cordas e instrumentos solo, e ouvir inúmeras gravações desse gênero pelo SR-009S foi um grande presente nas três semanas que tivemos o Stax em nossa Sala de Referência.

O interessante é que, devido ao grau de fidelidade do Stax, nossa perspectiva é a soma da captação dos microfones, ambiência da sala de gravação e mixagem, o que nos permite sermos ouvintes privilegiados em cada disco que ouvimos - tão privilegiados quanto um engenheiro atento, e que não se esconde na técnica e confia apenas nos monitores para fazer suas gravações.

Essa é a magia que faz de cada consumidor apaixonado por um fone Stax, continuar a propagar suas virtudes a quem deseja conhecer essa marca que mudou de patamar os fones hi-end, e continua a fazer história no presente.

Ouvir o SR-009S é acreditar que existem excelentes fones, e existe Stax. Agora, entender isso depende de você amigo leitor, pois eu só posso te trazer até aqui e te dizer o quanto o SR-009S é excelente, correto, refinado, fidedigno e exigente para se extrair todos os seus benefícios.

Toda a legião no mundo dos que possuem vários modelos Stax, estão aí para comprovar tudo que aqui escrevi.

Se o seu desejo é fazer de suas audições uma viagem no tempo, cada vez que você aperta o play, em termos de fones de ouvido, não conheço opção mais segura e prazerosa! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=KMY-YF2MRZ4](https://www.youtube.com/watch?v=KMY-YF2MRZ4)

Earspeakers SR-009S
R\$ 35.999

**Amplificador
Stax SRM-700T**
R\$28.999

**AVMAG #281
Edifier**
www.edifier.com.br

**Kit Amplificador
Stax SRM-700T &
Earspeakers SR-009S**
R\$ 59.999

NOTA: 95,0



ESTADO DA ARTE



audio-technica



ATH-M50xBT2

Som de estúdio legendário

O famoso ATH-M50xBT2 e seu legendário som de estúdio ganharam mais uma chancela de qualidade: fomos eleitos o Produto do Ano 2022 pela AVMAG ganhando então o Selo de Referência. Agradecemos aos nossos usuários e leitores da AVMAG.



Tecnologia sem fio Bluetooth



Vida útil da bateria de 50 horas



Carga rápida (carga de 10 minutos = 3 horas de uso)



Som de estúdio



Tecnologia Beamforming

Conheça mais do produto aqui:

www.audio-technica.com/pt-br/ath-m50xbt2

Ou entre em contato conosco: info@audio-technica.com.br

FONES DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO MEZE AUDIO ELITE

Fernando Andrette



Não pense que as dúvidas que todo audiófilo têm em relação a um bom sistema de um estado da arte, não se repetem quando falamos de fone de ouvido.

Inúmeros leitores dos dois segmentos formulam até a mesma pergunta: “Terei capacidade de ouvir as diferenças?”. “Elas são tão significativas, para justificar um custo adicional tão exorbitante?”.

Costumo ser bastante cauteloso nas respostas, pois para muitos dos que perguntam, o que eles desejam ouvir como resposta não será a que darei. Pois a resposta depende muito mais do que o ouvinte busca em um sistema ou fone, do que as diferenças entre produtos de boa qualidade e de excelente qualidade.

E vou adiante, ao lembrar que dependendo do gênero musical, investir mais do que o ‘básico’ será pura perda de tempo e dinheiro.

Isso remete a uma outra questão fundamental: o quanto ter um fone de alta qualidade é importante em termos de preservação da audição e conforto auditivo? Pois não faz sentido gastar 2 mil reais em um bom

fone para utilizá-lo no seu celular. E fones acima de 2 mil dólares, só justificará o investimento se o consumidor tiver um bom amplificador de fone e seu gosto musical for mais eclético.

Agora, voltando à primeira pergunta: se todos ouvirão as diferenças entre esse fone Elite da Meze Audio e fones bons? A resposta é certamente que sim. Mas não de maneira tão explícita que o fará descartar qualquer fone que não tenha essa performance.

E se o consumidor se atém a características pontuais na hora de escolher o seu fone, o Elite será uma enorme decepção, eu garanto. Pois fones desse nível não pontuam absolutamente nada. Eles apenas nos colocam no centro do acontecimento musical de forma tão realista, que em segundos estamos absolutamente imersos naquele universo, pelo tempo que desejarmos estar!

Sei que isso pode parecer uma descrição muito simplória do que um fone desse nível realmente nos entrega, mas tenho que ‘facilitar’ a vida de quem nunca teve uma experiência com um fone desse nível. ►

Tentar descrever como é o grave, os médios ou agudos, é a maior perda de tempo, pois assim como não falta nada, também não sobra pontas para serem corrigidas.

O que você pode e deveria fazer para ativar sua memória de longo prazo, é observar o quanto de folga aquela gravação forrada de compressão agora soa, ou como os planos são retratados em nossa cabeça de maneira organizada, sem dificuldade alguma de observar os mais sutis detalhes da gravação, ou ainda perceber que mesmo depois de duas a quatro horas ouvindo música em um fone que pesa 430 gramas, a fadiga auditiva inexistente - e a vontade de esticar a audição é intensa.

Se você for um viciado em graves, no primeiro instante certamente achará que falta peso. Mas se seguir ouvindo, irá perceber rapidamente que acompanhar toda a linha de grave, dá mais simples a mais complexa, não exigirá esforço algum. E o mais incrível: os graves não se sobrepõem aos médios e agudos.

E, conseqüentemente, ouvir a música de maneira integral torna muito mais interessante e envolvente. E quando isso ocorre, nosso cérebro curioso como é, irá querer explorar todas as gravações, para ver o que tem de novidade jamais ouvida.

Acho que dei uma boa pincelada no que realmente ocorre entre um produto excepcional, quando escutado com atenção, e as características mais relevantes dessa audição. E aí entra a parte mais espinhosa da questão: explicar o motivo desses produtos custarem mais do que os bons produtos.

Sei que para muitos de vocês essa é a parte 'azedada' da questão. Mas, acredite, ela existe.

Agora, se você irá aceitar os argumentos ou não, já corre por sua conta.

Da minha parte, o meu trabalho é descrever as qualidades e fazer uma radiografia do produto, para entender como o fabricante conseguiu chegar a esse nível de performance.

Então vamos lá: O Meze Audio Elite foi lançado no auge da pandemia, em 2021, e por tanto diria que seu lançamento foi quase que tímido em termos de divulgação e testes. Ele está acima do Emphyrean (leia teste na Edição 269), sendo no momento o top de linha deste fabricante. Assim como o Emphyrean, ele também é um fone de ouvido de matriz híbrida isodinâmica, com abertura traseira, que utiliza um novo driver batizado de MZ3SE.

Lá fora ele custa mil dólares a mais que o Emphyrean.

O QUE É O CONCEITO HÍBRIDO?

Esse conceito é determinado pela maneira com que os ímãs são organizados e dispostos dentro da concha do fone. Sua colocação é

estudada de forma a ser o mais simétrica possível a posição dos ímãs de neodímio e, assim, maximizando a eficiência do campo magnético isodinâmico para uma resposta sempre uniforme e consistente.

O novo diafragma, chamado de Parus, utiliza um polímero de baixa massa e ultrafino. Ainda que este tipo de polímero não seja uma novidade, o que a Meze e seu parceiro a Rinaro fizeram foi dar características inovadoras de resistência à trincas por tensão e fadiga. Resultando em muito maior durabilidade e uma microestrutura de baixa massa rígida, vertical.

Esses cuidados adicionais em relação a matriz de bobina usada no Emphyrean, levaram a resultados surpreendentes em termos de resposta de transientes, e uma assinatura sônica muito mais correta e real.

Eu infelizmente não tinha a mão um Emphyrean para um AxB no momento do teste do Elite, o que me fez recorrer às minhas 'salvadoras' anotações pessoais. E na Conclusão, voltarei ao tema.

As novidades externamente são: novas almofadas de alcântara de 30 mm mais profundas, e uma nova versão de couro híbrido e perfurada, mais fina de 25 mm, desenvolvida pela Rinaro.

A nova estrutura de alumínio CNC, com acabamento em prata, e o pivô agora em preto para casar melhor com o alumínio CNC (no Emphyrean era um cobre envelhecido, o pivô).

De resto, o Elite segue o mesmo design do Emphyrean, com a concha em forma oval, e a estrutura da faixa de couro na cabeça com a estrutura de fibra de carbono ultra leve.

O que mais gostei no Elite foi que a larga faixa de couro de apoio para a cabeça dissipa a pressão vertical das conchas na orelha, fazendo com que a pressão do fone na orelha seja muito suave, e ambas as almofadas que vem com o produto são muito confortáveis e práticas.

O cabo padrão é um cobre OFC revestido de nylon e com comprimento de 2,5m. Os conectores para se acoplar no fone são mini-XLR um com acabamento vermelho (right) e azul (left). O fabricante oferece dois cabos de atualizações, ambos da Furukawa PCUHD, sendo um com fio de cobre e a outra opção com fio de prata. A versão de cobre custa, lá fora, 349 dólares e a de prata 499 dólares.

A embalagem é a mesma do Emphyrean: uma pasta de alumínio personalizada em acabamento prateado de alumínio, com chave. Dentro, temos uma espuma protetora para os fones e espaço para o par de pads adicionais mais profundos, espaço para o cabo e o manual técnico.

O fone nos foi entregue com quase 80 horas de amaciamento. Pelas minhas anotações, a única coisa que mudou nas 20 horas a mais de amaciamento, foi em relação aos agudos que ganharam uma sutil extensão a mais, nos dando a possibilidades de ouvir com extrema

FONES DE OUVIDO



precisão cada ambiência de cada gravação, fosse ela feita em salas de espetáculo, gravações ao vivo ou em estúdio.

Para o teste, utilizamos o amplificador de fone de ouvido do pré de linha Classic da Nagra. Tocamos tanto streamer, quanto LP e CD.

O Elite é bastante diferente do Emyrean, tanto na apresentação como em sua assinatura sônica. Ele é mais bem organizado e lapidado na apresentação. Isso pode ser ouvido em qualquer estilo musical, pois tudo se apresenta com maior relaxamento e muito mais detalhes. Não falo de ruídos ou microdinâmica e sim de intencionalidades.

As texturas no Elite são as mais impressionantes que já ouvimos em qualquer fone testado. Superiores até mesmo ao Sennheiser HE 1, nossa referência nesse quesito por muitos anos!

O Elite é mestre em trazer à tona intenções muitas vezes 'manipuladas' pelo engenheiro de gravação, para esconder uma vacilada ou algo que não havia mais tempo de consertar. Ouvi dezenas dessas 'vaciladas' - algumas bem feitas e outras grosseiras que jamais havia notado. Mostrando essas intenções de esconder defeitos a um amigo músico, ele ficou surpreso como elas se tornaram tão explícitas no Elite. Se eu fosse engenheiro de gravação, eu não abriria mão de ter esse fone como meu monitor final de mixagem e masterização, jamais.

E quanto às intencionalidades dos músicos, é um deleite poder entender como o músico reage e constrói sua arquitetura melódica, em solos, em arranjos complexos, etc. Foi uma aula de como este

quesito da Metodologia pode e deveria ser explorado e exposto, por todos fabricantes de fones de ouvido Estado da Arte que se gabam da transparência de seus fones. Pois não se trata de melhor silêncio de fundo apenas - o buraco é muito mais embaixo, pois é necessária uma melhor organização de planos, com um foco e recorte mais corretos, assim como equilíbrio tonal, maneira de distribuir as frequências no sistema auditivo e, principalmente, conhecimento técnico, teórico e prático de como fazer resultar esse grau de performance tão alto.

Assim como o palco sonoro - que na minha opinião é tão limitado em qualquer fone de ouvido, que preferimos não ter esse quesito na Metodologia- outro quesito que trato com enorme restrição é a macrodinâmica. Pois nem é saudável ouvir em volumes não seguros passagens com enorme macrodinâmica.

Mas no Elite foi muito interessante como a macrodinâmica se comporta em volumes seguros. Jamais ouvi com tanto prazer o crescendo do Bolero de Ravel sem ter que ficar pilotando o volume do pré para não clipar ou estragar minha audição.

E isso só foi possível graças a poder manter o tempo todo o Elite em volumes seguros e corretos.

CONCLUSÃO

O Elite é o melhor fone de ouvido por nós já testado. E ainda que custe muito, ele é apenas 10% do valor do Sennheiser HE 1, e também muito mais barato que os Stax. Então, por essa 'perspectiva', o Elite é nesse momento o fone de ouvido a ser batido.

Se o amigo deseja um fone definitivo, possui um excelente amplificador de fone, e um gosto musical eclético e refinado, ouça-o.

Garanto que você ficará encantado com seu design, acabamento e, principalmente, sua performance.

Um ponto totalmente fora da curva em termos de fone de ouvido hi-end. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=YLHQIN438Q](https://www.youtube.com/watch?v=YLHQIN438Q)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JPBH478PEXE](https://www.youtube.com/watch?v=JPBH478PEXE)

AVMAG #289
 German Audio
 comercial@germanaudio.com.br
 (+1) 619 2436615
 US\$ 5.990

NOTA: 99,0



ESTADO DA ARTE

@WCJRDESIGN



GRADO

Se razão e sensibilidade não são suficientes para te convencer da superioridade de um fone Grado, que tal mais esses? CUSTO E PERFORMANCE!

CONHEÇA AS LINHAS DE FONES GRADO



PRESTIGE
SR325x



REFERENCE
RS2x

PRODUTO DO ANO
EDITOR



STATEMENT
GS1000x



WIRELESS
GW100x



PROFESSIONAL
PS2000e



IN-EAR
iGe3



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

FERNANDO@KWHIFI.COM.BR
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855



WWW.KWHIFI.COM.BR

CABOS

CABO DIGITAL AES/EBU DYNAMIQUE AUDIO APEX

Fernando Andrette



Eu esperei toda a pandemia passar, para finalmente receber para teste o cabo digital AES/EBU Apex, e o cabo de força também dessa série, da Dynamique Audio.

Nos dois anos que aguardei o envio, muitas dúvidas foram alimentando minha curiosidade. Estariam ambos no mesmo patamar de performance dos de interconexão e caixa? Pois recebi inúmeras vezes para testes sets completos de cabos, e raramente o fabricante consegue manter todos no mesmo nível de performance e com a mesma assinatura sônica.

E as maiores variações, sempre que ouvi, estavam justamente nos cabos de força e nos digitais. Então, meu questionamento inicial tinha uma certa relevância.

Até que, finalmente, ambos chegaram para teste e pude não só responder a todas as minhas dúvidas iniciais, como também poderei em ambos os testes (o de força publicarei minhas impressões na edição 291), aprofundar por completo o conceito de 'neutralidade' que abordei enfaticamente nos testes dos cabos da Dynamique.

Então, meu amigo, se acomode em sua cadeira, escolha uma seleção musical relaxante e tenha paciência, pois esse não será apenas mais um teste de cabos.

Ele terá que embrenhar em um conceito muito utilizado na linguagem audiófila, e ainda muito pouco explorado: a tal da Neutralidade! Que, assim como a musicalidade, me soa mais como um jargão para exprimir subjetivamente o que sentimos do que propriamente ouvimos.

Já tentei lembrar a você leitor que, em nossa Metodologia, a musicalidade é a soma de todos os nossos quesitos, e não algo que possa ser expressado independentemente do todo. Mas sei que não é tarefa simples, pois o que mais lemos em testes, nas conclusões finais, é o quanto o produto testado é musical ou neutro. Diminuindo o peso dessas duas qualidades, no meu modo de ver alta fidelidade.

Afinal, imagino que todo audiófilo clame por ter em seus sistemas esses dois itens na mais perfeita harmonia que seu bolso possa conquistar. Mas será mesmo que possuímos em nossa referência auditiva de longo prazo, consistência para reconhecer quando essas qualidades estão presentes no setup que estamos ouvindo?

Para responder a essa pergunta, será preciso cavarmos mais fundo e entendermos como nosso cérebro interpreta o som, as fundamentais e seus respectivos harmônicos, e saber que toda eletrônica, por melhor que seja, terá uma assinatura sônica, e que determinados harmônicos (pares ou ímpares) irão prevalecer.

E, obviamente que, dependendo dos cabos escolhidos para casar com qualquer eletrônica, eles também criarão sua influência nessa resultante sonora.

Agora, se você tiver munido da paciência necessária para ler esse teste, garanto uma coisa: sua concepção da importância dos cabos irá mudar por completo. Pois existem, sim, cabos mais neutros e cabos que gostam de impor sua assinatura sônica (veja os objetivistas procurando onde guardaram suas tochas e foices, rs).

Mas antes de entrar por essa mata virgem, vamos à descrição do cabo digital AES/EBU Apex da Dynamique Audio.

Segundo o Daniel Hassany, o desenvolvimento do cabo digital Apex demorou muito a sair, pelo fato de que o Zenith 2 tinha um grau de performance tão alto, que para fazer sentido, o novo top de linha precisaria ser em tudo ainda melhor. Então, a base de desenvolvimento partiu de se aprofundar nas melhorias possíveis e ir buscando a evolução.

O primeiro passo foi aprimorar a mistura de metais nobres, através da galvanoplastia (em que o Daniel se tornou um expert), com a utilização do fio de prata pura 5N com camadas muito puras de ouro e ródio. Em uma topologia de construção 'quad' balanceada que consiste em 8 condutores de núcleo sólido por canal, com quatro bitolas de condutores variadas entre 20 AWG e 24 AWG, para uma resposta muito mais estendida e uniforme. O isolamento é similar ao do Zenith 2, de PTFE Teflon, com super espaçamento de ar e uma versão modificada da geometria Helical Array de todas as séries da Dynamique, para um espaçamento ideal dos condutores e seu filtro de ressonância, que foi desenvolvido para combater todo tipo de ruído.

As especificações técnicas estarão no final do teste.

AFINAL, POSSO OUVIR A NEUTRALIDADE EM UM SISTEMA?

Quantas vezes você já parou para se perguntar se o que você está ouvindo é neutro ou não? E, no entanto, os termos Neutralidade e Musicalidade estão presentes na esmagadora maioria dos testes que são publicados diariamente em todos os continentes.

Aqui precisamos esclarecer o que deveríamos utilizar como critério para se dizer se determinado sistema é mais ou menos 'neutro' ao reproduzir nossos discos. E, para isso, é preciso pelo menos se fazer uma breve introdução, para leigos, do que estamos a falar.

Toda eletrônica, por melhor que seja, terá algum tipo de distorção. E, dependendo do tipo de distorção, ela irá influenciar no resultado do que ouvimos. Todo instrumento (aqui também incluída a voz, obviamente), possui uma fundamental e seus respectivos harmônicos (que podem ser pares ou ímpares, dependendo do instrumento). E, assim como os instrumentos musicais, os equipamentos de áudio também produzem distorções harmônicas que também são múltiplos ímpares

e pares da frequência fundamental (o amigo começa a perceber o labirinto que estamos nos metendo?).

Assim, a soma do que ouvimos é a reprodução gerada por instrumentos que estão na gravação, com a distorção eletrônica de nosso sistema. O que então vem a ser: a soma da fundamental do instrumento junto com a soma do sobretom original e mais as distorções harmônicas do nosso equipamento. O que pode ocasionar que, o que estamos ouvindo não é o que a gravação captou, mixou e masterizou, e sim uma resposta alterada em amplitude.

E aí dizer que esse produto é neutro será totalmente impossível.

Vamos a dois exemplos simples, para que você não comece a arrancar seus fios de cabelo e desista de se aprofundar nesse laborioso tema.

Uma flauta produz apenas harmônicos pares, mas se você ouvir essa flauta em um sistema que tem o 'hábito' de adicionar harmônicos ímpares, o que ocorrerá? Se você tem como Referência a música ao vivo não amplificada, ao ouvir essa flauta notará instantaneamente que ela está soando estranha, e que uma flauta ao vivo jamais teria essa assinatura sônica.

Agora, um segundo exemplo: um clarinete com seus harmônicos ímpares - se estivermos a ouvir esse instrumento em uma eletrônica em que possui a predominância de harmônicos pares, o que ouviremos? O mesmo resultado que da flauta.

E só podemos reconhecer esses problemas se tivermos a referência de ouvir clarinetes ao vivo, não amplificados.

Antes que você levante a mão, ofegante, eu me adianto em responder como esses dois instrumentos soarão em uma eletrônica em que os harmônicos predominantes são o oposto dos harmônicos dos instrumentos solos que estamos ouvindo. No caso de ambos, as notas mais agudas soarão duras e agressivas! Simples de ouvir e identificar o problema. Não precisa ter ouvido de ouro, pós-graduação em neurociência da audição, ou falar e escrever poemas em dezoito línguas!

Então, meu amigo, agora que você sabe que o que você escuta em seu sistema é a soma de tudo, fique muito atento quando você ler que determinado produto soa 'neutro', pois o que vejo por aí de produtos que ganham esse 'selo' de neutralidade, sem merecê-lo, é muito maior do que se imagina.

Sigamos. A próxima pergunta óbvia então é: Pode existir Musicalidade sem Neutralidade?

Evidente que não, meu amigo.

Pois se em um sistema com baixa neutralidade e, dependendo da escolha do projetista, ele favoreceu harmônicos pares ou ímpares, determinados instrumentos soarão 'estranhos' (para ser cordial). E se os

CABOS

instrumentos que serão prejudicados terão sua assinatura sônica alterada principalmente na oitava mais alta, esse produto certamente, ao ser reproduzido, perderá sua fleuma musical.

Então, acredito já ter dado a resposta, que Neutralidade e Musicalidade não podem andar separadas. Mas, podemos sim perceber que determinadas eletrônicas conseguem soar mais 'musicais' aos nossos ouvidos, ainda que não possuam o mesmo grau de neutralidade.

E como isso ocorre?

Vamos lá. Todo audiófilo já ouviu centenas de vezes que os circuitos valvulados produzem distorções harmônicas mais suaves com uma saturação do sinal mais branda, e que ferem menos nossa audição quando ocorrem.

E que os circuitos de estado sólido, a distorção harmônica é mais abrupta, e isso ocorre pelo fato de o circuito valvulado ter harmônicos pares e o transistor harmônicos ímpares.

Isso, meu amigo, podia ser uma resposta perfeitamente 'aceitável' até o século passado. Hoje lhe diria que não mais, pois as topologias evoluíram tanto que se eu te colocar de olhos vendados em nossa Sala de Referência, você terá sérias dificuldades para me dizer se a eletrônica que estou lhe mostrando é transistor ou válvula.

O que podemos lhe dizer é que eletrônicas modernas conseguem soar mais musicais, independente do seu grau de neutralidade, e que para conseguirem vencer esse desafio, obviamente seus projetistas investiram em diminuir drasticamente as distorções harmônicas de seus produtos, e utilizaram escolhas mais 'corretas' (entre harmônicos pares ou ímpares).

E QUANTO À NEUTRALIDADE?

Aqui o buraco é tão mais embaixo, que posso lhe dizer que cada degrau novo, deveria ser comemorado com muito maior destaque. E, na minha modesta opinião, isso não ocorre pelo fato de muitos revisores sequer saberem exatamente o que é realmente a neutralidade.

Vou dar um exemplo simples: vamos de novo a flauta, com seus harmônicos pares. Esse instrumento, na mão de um virtuose como o Jean-Pierre Rampal, soará igualmente magistral na mão de um aluno esforçado e talentoso?

O que determinará apresentações distintas aos nossos ouvidos, além da técnica de execução? Muitos revisores, ao ouvir essa apresentação, irão sugerir que ouvimos as diferenças graças à transparência do nosso sistema.

Errado - o que irá mostrar em detalhes as diferenças, será o grau de neutralidade do sistema e não sua transparência.

E aí temos um novo quesito adicional às qualidades inerentes à neutralidade: a intencionalidade na apresentação e execução. E então, adicionamos mais uma qualidade ao buscar a maior neutralidade possível: maior musicalidade e melhor apresentação das texturas e suas intencionalidades.

Mas a neutralidade não traz apenas esses dois benefícios tão essenciais à alta fidelidade, ela traz o componente mais fundamental: a possibilidade de distinção plena e correta entre múltiplas gravações a um patamar jamais antes apresentado. Esse é o grande 'pulo do gato' ao se objetivar criar produtos que sejam realmente neutros o suficiente - para fazer emergir esse grau de qualidade tão essencial à reprodução nos equipamentos Estado da Arte.

E a linha Apex de cabos da Dynamique Audio é a única que ouvi até esse momento que, quando instalados em um sistema que também tenha esse mesmo 'DNA' sônico, permite um grau de neutralidade que não havíamos ainda experimentado.

Essa questão dos harmônicos pares ou ímpares é tão complexa, que conheço leitores que simplesmente abriram mão de ouvir determinados instrumentos em seus sistemas, pois como soam agressivos, rotularam ser um problema do timbre do instrumento e não de seu sistema.

Nesses casos extremos, ao pedirem minha sugestão, indiquei a eles que tentassem ouvir esses instrumentos ao vivo sem amplificação para ver se era um 'obstáculo' auditivo pessoal a altas frequências, ou se era apenas o sistema não sabendo como reproduzir corretamente determinados instrumentos.

Os que não possuíam nenhum problema auditivo, perceberam finalmente onde se encontrava o problema, e aceitaram que seu setup não era tão correto como imaginavam.

Para o teste utilizamos o setup Nagra todo, alimentado pelo set de cabo Apex, com o cabo de força na nossa régua de alimentação, o que fez uma verdadeira revolução no sistema (falarei pormenorizada sobre esse cabo na edição 291).

O digital AES/EBU foi utilizado também entre o transporte Rossini e o DAC Rossini Apex da dCS (leia teste 1 na edição 290). O que permitiu ouvirmos em dois setups digitais tão distintos como um cabo verdadeiramente neutro deve se comportar. Acho que não poderia, para avaliar o AES/EBU Apex, dois setups digitais melhores.

Quem nos acompanha sabe que utilizo como referência em AES/EBU o Absolute Dream da Crystal Cable faz muitos anos. E ele sempre se mostrou insubstituível por suas enormes qualidades nos oito quesitos da Metodologia. Ainda que sempre o tenha considerado um cabo que exige de seus pares uma assinatura sônica semelhante. E

quando atendido, sempre soa sublime! Então, o Apex não poderia ter um desafiante melhor.

Deixamos o Apex AES/EBU queimando por 100 horas, antes de iniciarmos os testes. Como o setup Rossini estava para chegar, priorizei colocá-lo no nosso Sistema de Referência, e fazer todas as observações possíveis antes da chegada do dCS.

O que posso dizer de diferenças essenciais em relação ao Absolute Dream, é o quanto são difíceis comparações neste nível de patamar, pois ambos são extremamente corretos, precisos, com enorme folga e autoridade na condução do sinal. No entanto, a única comparação possível é a que os faz extremamente distintos.

Com o grau de neutralidade do Apex, o que se ganha é a possibilidade de observar por uma janela mais ampla as diferenças inerentes de cada gravação, a qualidade dos músicos e seus instrumentos, e o grau de acerto e erro do engenheiro de gravação em suas escolhas e finalizações.

O que leva o Apex para um outro grau de perspectiva que nenhum cabo que eu tenha ouvido permite.

Isso é bom?

Meu amigo, dependerá do que você possui de sistema, seu gosto musical, e principalmente o que você entende por etapa final de alta fidelidade. As vantagens são inúmeras, desde que você saiba exatamente o que esperar de um setup todo mais neutro.

Voltemos aos dois exemplos de instrumentos solo com harmônicos pares e ímpares. Ouvindo esses instrumentos no setup todo Apex e com o AES/EBU - tanto nos Nagra como no Rossini - em relação ao Absolute Dream, eles soam como foram gravados, em todos os discos que coloquei. Se as escolhas do engenheiro de gravação foram equivocadas, ou a qualidade do músico e do seu instrumento não é primorosa, isso ficou audivelmente evidente.

Já com o Absolute Dream, essas evidências não foram tão explícitas, deixando todos os exemplos mais homogêneos. Entende aonde quero chegar? Aí só você para definir o que mais lhe agrada.

Agora, esse setup Apex, quando ligado a um sistema com a mesma proposta, o que ocorre é simplesmente mágico e apaixonante. Pois ainda que as gravações sejam tecnicamente limitadas, o grau de folga do sistema permite audições extremamente prazerosas e corretas.

Esse é o maior trunfo de um setup genuinamente neutro: correção.

E se a alta fidelidade em seu Estado da Arte não primar pela maior correção possível, esse sistema na minha opinião não pode receber essa designação.

Resta, então, a última questão em relação a esse AES/EBU: como ele se comporta longe dos seus pares?

Para isso recorri a deixá-lo sozinho com cabos de interconexão Sunrise Lab Quintessence Edição de Aniversário, cabos de força Transparent Audio G6, e também um interconexão Transparent G6 Reference XL entre os DACs dCS Rossini e Nagra TUBE DAC e o pré Nagra Classic.

E tive uma grande surpresa: ele continuou mostrando sua neutralidade na diferença das gravações de clarinete e flauta, ainda que de maneira menos contundente!

CONCLUSÃO

O AES/EBU Apex da Dynamique é excepcional pelo que não introduz, e pelo que não faz ou coloca no sinal. E isso é um elemento que possui dois lados bastantes distintos na composição de um sistema de alta performance de áudio. Para os que buscam 'azeitar' seus sistemas deixando o som mais 'temperado' e com um toque pessoal, ele não será uma opção desejável jamais.

Agora, para os que clamam por levar a concepção de alta fidelidade ao seu extremo de possibilidade, não existe nenhuma outra opção mais interessante e consistente até esse momento que alie: musicalidade, naturalidade e correção nesse grau de refinamento! ■

AVMAG #290
German Audio
comercial@germanaudio.com.br
(+1) 619 2436615
R\$ 24.990 (1m)

NOTA: 115,0



ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO

CABOS

CABO DE INTERCONEXÃO RCA KIMBER KABLE CARBON 8

Fernando Andrette


 PRODUTO DO ANO
EDITOR

Minha relação com os cabos deste fabricante americano é muito antiga, e remonta ao tempo que ainda estava na revista Audio News, quando comprei seis metros de cabo de caixa trançado 8 TC para montar meu sistema de home estéreo na sala de estar.

Já na *Áudio & Vídeo* (quando ainda se chamava Clube do *Áudio*), eu comprei meu primeiro cabo coaxial da Kimber, para ligar o transporte da Pink Triangle ao DAC DaCapo e, anos mais tarde, tive vários cabos da geração Select (a linha mais sofisticada desse fabricante e ainda em produção).

Sempre admirei esse fabricante justamente por ele não querer reinventar a roda, buscando desde sempre oferecer cabos corretos, bem construídos e com uma excelente relação custo/performance.

Conheço leitores que mantêm em seus sistemas por anos a fio cabos da Kimber, depois de seus sistemas sofrerem inúmeros upgrades, o que demonstra o quanto seus produtos são de alto nível! Todos os produtos desse fabricante possuem o mesmo 'DNA Sonoro': bom equilíbrio tonal e transparência, e musicalidade na medida certa.

Então, quando soube do lançamento da nova linha Carbon (logo abaixo da linha Select), fiquei pedindo à Mediagear (representante oficial da marca no Brasil), o envio para teste.

Com a pandemia, tudo ficou em suspenso, e os meses passaram e só conseguimos colocar a mão, até esse momento, no interconnect RCA de 1m. E estamos aguardando a chegada do cabo de caixa, o modelo top 18XL (que se tudo der certo, publicaremos ainda neste ano).

Comecei a me interessar por essa linha quando li uma nota do fabricante afirmando que essa série tinha aberto uma nova porta para o desenvolvimento de cabos, e seu potencial era grande o suficiente para a fabricação de uma linha inteira com essa abordagem.

Foi o suficiente para despertar meu interesse em conhecer esse 'novo caminho' da Kimber.

A grande novidade é o uso de carbono na construção dessa nova linha, em que 8 fios de cobre puro VariStrand recebem um polímero condutor com infusão de carbono, que é aplicado sob pressão. O polímero preenche os espaços entre os oito fios de cobre puro, ajudando a manter sua geometria. E com os fios trançados, eles se comportam como um condutor de núcleo sólido sem perder a leveza e flexibilidade. Os condutores de cobre e o polímero de carbono são, então, isolados com Teflon - um processo que associado ao polímero de carbono, reduz o ruído induzido mecanicamente, melhorando o desempenho do isolamento externo do cabo.

Visualmente, o Carbon 8 é muito semelhante aos cabos que a Kimber fabrica há décadas, inclusive com o uso dos famosos plugs WBT, que a Kimber foi um dos primeiros fabricantes a utilizar em várias de suas séries.

As especificações técnicas descrevem o Carbon com o uso de 8 condutores trançados de 19,5 AWG por canal, cobre puro IACS 102%, trançados, sem emenda para positivo e negativo.

O produto vem embalado em uma bela caixa, que parece mais uma embalagem de uma joia do que de um cabo de interconexão.

Para o teste, o Carbon 8 foi utilizado em diversos equipamentos como: integrados Krell K-300i, Sunrise Lab V8 Edição de Aniversário, e Willsenton R8, pré Nagra Classic, powers Nagra HD, pré de phono PH-1000 da Gold Note, DACs dCS Bartok e TUBE DAC da Nagra.

Eis um dos raros cabos de interconexão que, saído da embalagem, toca muito bem, já nos conquistando de imediato!

Adoro cabos que conseguem nos fazer 'saltar' o longo tempo de amaciamento, e nos deixar conhecê-lo sem nenhum tipo de constrangimento, nos criando aquela agradável expectativa do patamar de seu

limite. O Carbon 8 é esse cabo, que você irá tirar da embalagem e escolher onde ele será ligado, e iniciar uma convivência que será muito intensa.

Foi uma primeira impressão muito longa, em que ouvimos inúmeras faixas dos nossos CDs da CAVI Records, e que se estendeu a algumas faixas dos discos lançados pela revista Musician em parceria com a Naxos. O que mostra o quanto já apreciamos de cara seus dotes!

Como todo cabo deste fabricante, o que irá prevalecer será sempre um bom equilíbrio tonal, e uma musicalidade acentuada sem se tornar 'melosa' ou enfadonha. Um amigo músico descreveu bem sua característica central como: 'vívido comportado'.

O Carbon 8, assim como a linha Select, não podem ser considerados cabos neutros como, por exemplo, os Apex da Dynamique Audio, mas sua assinatura se enquadra no lado mais musical do que do transparente, o que no meu modo de ver é preferível que seja um cabo com esse comportamento, do que o contrário (excesso de transparência).

Seu equilíbrio tonal está mais para o lado quente, com graves corretos, médios de extrema naturalidade e agudos com excelente extensão (características muito semelhantes à linha Select, infinitamente mais cara).

Seu soundstage é de alto nível, com planos, foco, recorte e respiro precisos, possibilitando ao ouvinte apreciar detalhes sem o menor esforço, mesmo em gravações complexas com inúmeros instrumentos ou grandes obras sinfônicas.

A apresentação de texturas no Carbon 8 é um caso à parte, pois agrega em um mesmo pacote, refinamento e sutileza, que estou acostumado a ouvir em cabos muito mais caros, sendo esse o quesito da Metodologia que mais me encantou.

Não existe exemplo mais contundente para se avaliar texturas que gravações de quartetos de cordas (eu ainda não descobri exemplos mais reveladores). E o Carbon 8 consegue recriar com a mesma intensidade, as variações de paletas de cores, intencionalidade e qualidade dos instrumentos, virtuosidade dos músicos e qualidade da captação.

Ouvir com tamanha fidelidade, primeiro, segundo violino, viola e cello, e observar todas essas nuances, nunca foi tarefa fácil para cabo algum. E ouço cabos infinitamente mais caros que o Carbon 8, que não possuem esse grau de requinte na reprodução de texturas!

Os transientes, além de serem precisos, possuem enorme autoridade na condução de tempo, ritmo e andamento. Apreciei muito a forma com que ele reproduziu os exemplos utilizados para avaliação deste quesito, principalmente o CD *I Ching* do grupo Uakti! (quem participou

dos nossos Cursos de Percepção Auditiva, sabe a pedreira que é reproduzir as faixas 2 e 3).

A dinâmica, tanto na macro como na micro, foram corretas, sendo que a macro surpreende pela segurança e escala, mostrando os degraus existentes entre o pianíssimo e o fortíssimo. Por exemplo, na faixa 10 do CD *Live In Montreux 91/97*, da cantora Rachele Ferrell, em que ela vai do pianíssimo ao fortíssimo, junto com o piano e os pratos, fazendo com que sistemas, caixas e cabos sem folga, façam esse momento parecer uma tortura sonora. E em sistemas com folga dinâmica, é um momento de puro deleite de ouvir a técnica vocal de Rachele, e o belo arranjo executado pelo trio que a acompanha.

O Carbon 8 passou por esse difícil exemplo com louvor!

O corpo harmônico é preciso e de uma fidelidade absoluta ao que a gravação captou em termos de corpo dos instrumentos, o que é fundamental para enganarmos nosso cérebro de que não estamos diante de uma reprodução eletrônica.

E com esse corpo harmônico correto, consequentemente a materialização física do acontecimento musical (organicidade) se torna possível, em qualquer gravação de alto nível.

CONCLUSÃO

Ao conhecer o Carbon 8, minha curiosidade em ouvir e compartilhar com vocês como irá soar o cabo de caixa, só aumentou.

A Kimber acertou em cheio nessa sua nova linha, e consegue estabelecer um excelente patamar de custo/performance, que será um problema para a concorrência, pois além dessas qualidades, seu grau de compatibilidade é assustadoramente alto!

Para audiófilos que não gostam de perder tempo pesquisando, ouvindo, comparando cabos, desejando pular sempre essa parte, o Kimber Carbon 8 precisa ser escutado em seu sistema o quanto antes. Pois ele tem o dom de ser curto e reto em apresentar suas qualidades de imediato, fazendo com que todos que o escutarem, saibam se é essa direção ou não a seguir. Você não precisará ficar semanas com ele para tirar suas conclusões.

Um cabo que entrou definitivamente para minha lista de cabos que merecem ser indicados em nossa consultorias diárias, principalmente aos que desejam um cabo que os conecte diretamente com a música sem intermediários! ■

AVMAG #288
Mediagear
contato@mediagear.com.br
(16) 3621.7699
R\$ 5.500 (1m)

NOTA: 100,0



ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO

CABOS

CABO DE ENERGIA ELÉTRICA DA SUNRISE LAB

Fernando Andrette



PRODUTO DO ANO
EDITOR

Fiquei impressionado com o número de leitores que ainda não possuem uma elétrica dedicada para seu sistema de áudio e vídeo (leia na edição 286 a enquete preliminar da pesquisa que postamos na Edição de Aniversário - 284). Praticamente metade dos leitores ainda pluga seu sistema na parede sem saber se a fase utilizada é a mesma utilizada para geladeira, máquina de lavar e outros eletrodomésticos com motor da casa.

E pelo número de respostas do uso de condicionadores (maior que o número de salas com elétrica dedicada), fica patente que muitos acreditam que ligar o condicionador na parede e depois plugar os equipamentos no condicionador, tenha resolvido o problema de sujeira na rede.

Infelizmente a solução não é tão simples assim. E por mais que o condicionador escolhido filtre as impurezas existentes na rede, esse mesmo condicionador teria, em muito, seu trabalho facilitado se ele pudesse ter uma instalação elétrica exclusiva para o sistema.

E existem excelentes soluções para isso ser feito e, acredite, o resultado pode ser tão bom quanto realizar um upgrade em todo o sistema.

Aqui na revista falamos da importância de uma elétrica dedicada desde 1998! Sim, com apenas dois anos, já escrevíamos artigos referentes a como montar sua elétrica e os benefícios para o sistema, assim como em 1999, com a primeira turma do nosso Curso de Percepção Auditiva, nomeamos que 50% do resultado obtido advém de tratamento acústico e elétrico. ▶

Ou seja, se você fizer essa primeira parte da lição de casa, você já andou metade do caminho!

E ainda assim, duas décadas e meia depois, vimos que apenas metade dos nossos leitores fizeram a lição de casa (tanto na elétrica, como na acústica). E, ao levantar os dados da pesquisa com quase dois mil participantes, fiquei aqui pensando com os meus botões: o que impede o leitor de compreender a importância de fazer a elétrica e a acústica de sua sala, se os benefícios são imediatos? E o ajudará a economizar muito em grana em futuros upgrades de caixas, eletrônico e acessórios!

Não se tem como burlar essas duas etapas - seu sistema sempre irá soar o elo mais fraco e sala e elétrica costumam ser dois elos fracos, pois nenhuma construção, por mais moderna que seja, possui uma elétrica dedicada para uma sala de áudio e vídeo. E, muito menos, possui salas com dimensões ideais para sistemas de áudio estéreo ou multicanal! Sem falar nas construções modernas, com suas paredes de gesso e piso frio.

Nas primeiras turmas dos Cursos, eu fazia a analogia com comprar uma Ferrari para andar em ruas de paralelepípedo. Os participantes achavam graça, mas é o mesmo que colocar um sistema de algumas centenas de milhares de dólares ligado à tomada da parede na mesma fase em que está o elevador do prédio em que eu moro, ou se o aterramento do prédio não tem manutenção há décadas!

O melhor sistema do mundo, em situações como essa, irá soar abaixo de um sistema modesto instalado em uma boa elétrica.

Como tudo que escrevo na revista, primeiro eu aplico na prática. Em 1997, no segundo ano da revista, fiz minha primeira elétrica dedicada. Para tanto, trouxe da caixa de força da entrada do apartamento em que morava, 18 metros de cabo Pirelli Cordplast flexível de 6mm. Na época a discussão era entre se usar fio flexível ou rígido - comprei os dois e ouvi cada um deles por um mês, e para o meu sistema da época, o flexível deu um equilíbrio tonal ao sistema muito superior. E publiquei o primeiro artigo falando das melhorias com uma elétrica dedicada, com melhor silêncio de fundo, melhor resposta nos transientes e maior extensão e decaimento nos agudos.

Muitos leitores se animaram com o resultado e houve uma procura intensa por cabo Pirelli Cordplast para uso em elétrica e na fabricação de cabos de caixa e de força.

Em 2000, fiz o segundo upgrade na elétrica, agora usando um cabo importado que um engenheiro elétrico muito amigo do meu pai trouxe de uma viagem à Europa. Era um cabo utilizado na instalação de emisoras de Rádio e TV, de cobre OFC.

Consegui que ele me comprasse 20 metros! E o resultado foi impressionante! Pois além de estabelecer um novo patamar sobre o que

o Cordplast havia obtido, ampliou os benefícios com um palco muito mais amplo em termos de largura e profundidade.

Foi aí que começou minha briga para se ter no mercado um cabo para elétrica de preço razoável com cobre OFC, pois o resultado era realmente muito animador. Até que, quando mudei em 2008 para São Roque, com uma sala dedicada, pudemos usar desde a entrada da rua até a sala (com quase 50 metros de distância), o cabo de elétrica da Logical Cables, modelo Power Clean. E da chave seccionadora Siemens, instalada dentro da sala, até a tomada principal do sistema, usamos 8 metros de um cabo da Furutech (que 10 metros custava o dobro dos 50 metros do Power Clean).

Mas os resultados compensaram todo o investimento. Fiquei sem mexer na instalação elétrica até o ano passado, quando tive que fazer uma manutenção no meu aterramento, e o Ulisses da Sunrise me disse que tinha um cabo dedicado de elétrica saindo do forno, e se eu não gostaria de conhecê-lo. Era o momento exato para fazer testes, já que com a manutenção do aterramento, eu iria parar os testes por um mês!

Combinei com o Ulisses e o Juan de levar seu cabo por fora do condute, para facilitar um aXb com o Furutech. Usando este artifício, foram necessários 16 metros do novo cabo da Sunrise, pois ele teve que correr pelo lado oposto da porta de entrada, praticamente dando a volta na sala inteira.

Porém, antes de contar os resultados, deixem-me falar um pouco das características do cabo.

O cabo dedicado para elétrica da Sunrise utiliza um total de seis condutores, sendo dois por polo. Cada condutor contém 17 fios de bitola de 0,43 de diâmetro de cobre sólido com 6N de pureza, em encordoamento classe 4 assimétrico e geometria concêntrica proprietária da Sunrise Lab. Para desacoplar os fios internos da capa PP, e reduzir o amortecimento geral, foram adicionadas duas películas enroladas em sentidos opostos uma da outra, com baixo coeficiente de atrito, criando assim um dissipador mecânico que restringe as vibrações internas do cabo quando energizado.

Após inúmeros testes com diversos sistemas de áudio distintos, a Sunrise Lab chegou à conclusão que a bitola total ideal de cada polo seria de 5mm², porém isto gerava um problema bastante conhecido pela audiofilia: o 'efeito skin'. Fenômeno observado em condutores filiformes, quando esses são percorridos por corrente alternada. Esse efeito é provocado por um campo magnético devido à constante mudança de sentido das cargas elétricas, que faz com que a densidade de corrente se concentre na periferia do condutor, diminuindo a densidade de corrente presente no seu interior, gerando perdas ôhmicas que ocorrem em decorrência do efeito.

CABOS

Esse efeito, auditivamente, causa um som letárgico e que concentra as variações dinâmicas na região média, resultando em tamanhos de corpo dos instrumentos e vozes ainda mais distantes da realidade da gravação, além de muitas vezes ocasionar asperezas e agressividade em passagens com grande variação dinâmica. E quanto maior a bitola do cabo, mais o efeito se faz presente.

Feitas essas observações em campo, com o protótipo inicial (nas quais eu também participei, ficando com o primeiro protótipo por duas semanas no sistema), o Ulisses percebeu que eliminar este efeito é impossível, então a Sunrise optou por dividir a bitola geral dos condutores em dois cabos, por polos, contornando o problema.

Colocarei, no encerramento deste teste, a ficha técnica.

Ainda que no primeiro protótipo alguns dos efeitos observados em campo pelo Ulisses, tenham ocorrido em nosso Sistema de Referência (só que em menor intensidade, já que o sistema possui grande folga macrodinâmica), era notório que os transientes, em algumas frequências específicas, sofriam de uma ligeira letargia, sim. Mas já foi possível observar que algumas qualidades já eram por demais evidentes, como um silêncio de fundo impressionante e uma capacidade das notas brotarem à sua frente, livres de qualquer sensação de elemento eletrônico entre o sistema e o ouvinte.

E relatei a ele e ao Juan minha surpresa em ver o potencial que este cabo de elétrica atingiria, resolvendo as limitações.

Os meses passaram, e eis que no começo deste ano, no período de minha recuperação, eles instalaram a versão final, aprovada pelo Ulisses, e já em pleno funcionamento na casa de alguns clientes da Sunrise.

Diria, amigo leitor, que foi um dos upgrades mais significativos que realizei em nossa sala de teste. Pois ele permitiu que os produtos em teste, e nosso Sistema de Referência, se comportem livres de qualquer tipo de sujeira que esteja na rede. E desde que a CPFL mudou toda a fiação de cobre para alumínio aqui na região, que eu lamentava o quanto de sujeira, antes inexistente, foi se acumulando.

Tanto que por diversas vezes fui 'tentado' a voltar a pensar no uso de um condicionador, para tentar limpar a rede que, de forma intermitente, hora injeta ruído nas altas, e hora nas baixas. E de pouco adiantou a manutenção do aterramento, pois esses ruídos intermitentes somem por dias e de repente se instalam por um dia todo.

O cabo de elétrica da Sunrise não fez o milagre de eliminar o problema (é um cabo e não um condicionador), mas trouxe a beleza de ouvir os produtos em teste em sua plenitude de performance.

O palco é muito mais tridimensional, graças ao seu silêncio de fundo, como escrevi. O acontecimento musical brota deste silêncio, de

maneira muito semelhante como ouvimos na sala de gravação com os músicos. É de uma beleza psicoacústica relevante, que só quem já teve o prazer de viver essa experiência sabe do que estou falando.

Algo parecido (mas não do mesmo naipe, pois as pessoas estão sempre tagarelando), é o momento em que os músicos fazem a afinação final de seus instrumentos no palco, e somos puxados pela atenção para aqueles sons misturados.

Resumindo: com esse cabo na nossa elétrica, tudo parece mais refinado. Tudo mesmo! Os equipamentos utilizados nele, podem mostrar o seu melhor, pois ele não irá interferir no equilíbrio tonal dos mesmos.

Para a Revista, não poderia haver cabo de elétrica melhor!

CONCLUSÃO

Claro que, pelo seu preço por metro, talvez ele não seja ideal para todos vocês.

Mas, para aqueles que possuem uma sala dedicada e um sistema Estado da Arte ou caminhando em direção a esse objetivo, só posso recomendar enfaticamente essa opção!

Aqui ele veio para testes, e ficou! Desbancando um Furutech top de linha que hoje, se estivesse em linha, custaria de oito a dez vezes o valor do metro do Sunrise Lab! ■

AVMAG #286
Sunrise Lab
 ulisses@sunriselab.com.br
 (11) 5594.8172
 R\$ 250 (o metro)



ESTADO DA ARTE

DYNAMIQUE

NEUTRALIDADE

A ÚLTIMA FRONTEIRA DO HI END

@WCJRDESIGN



Todo audiófilo sabe que o caminho para chegar ao sistema ideal, dependerá de inúmeros fatores que vão muito além de conhecimento e disponibilidade financeira. E quando a questão são os cabos que farão a ponte entre todo o sistema, as possibilidades são tão grandes que muitos se sentem exaustos mesmo antes de iniciar a escolha. Você pode imaginar que os cabos também possuem uma assinatura sônica, e que se esta não for semelhante ao sistema, pode colocar tudo a perder. Todo audiófilo já viu ou presenciou essa situação, de um sistema desandar pela escolha errada de um cabo. Por isso a Dynamique Audio, desde sua fundação, resolveu trilhar um outro caminho: o da Neutralidade. Todos nossos cabos foram desenvolvidos para interferir o mínimo na assinatura sônica do sistema, e nas gravações que você tanto ama, mas o grau de Neutralidade da nossa série Apex é único. E em sistemas que tenham esse mesmo objetivo, o resultado será simplesmente primoroso! Quem ouviu, entendeu que a Neutralidade é o mais essencial objetivo a se atingir em um sistema hi-end. Ouça e descubra a razão de ser assim.



PRODUTO DO ANO
EDITOR

ESTADO
DA ARTE
SUPERLATIVO



ESTADO
DA ARTE



A verdadeira *experiência* da música.

german
curitiba • são paulo • san diego

contato@germanaudio.com.br

CABOS

CABO DE FORÇA VIRTUAL REALITY BOLT TRANÇADO

Fernando Andrette



Gostei tanto do cabo de caixa da Virtual Reality Trançado, que este passou a ser uma de minhas referências de melhor custo e performance possível para os que possuem um sistema bem ajustado, e querem uma opção excelente e barata para seu cabo de caixa.

Então quando o projetista da Virtual Reality me disse que estava pronto o primeiro de uma nova série de cabos, que está saindo do forno, e que era um cabo de força trançado, eu me interessei imediatamente em conhecer.

O Ebert Carlos, em nossas conversas, sempre deixou claro que o seu objetivo é focar no mercado em que existe maior carência de opções excelentes, mas com preços que sejam compatíveis com a nossa realidade.

E acho que todo o seu esforço e expertise estão dando frutos! Pois seu novo cabo de força Bolt Trançado foi um salto consistente em relação aos novos objetivos deste fabricante.

Com enormes benefícios, como alta compatibilidade com diversos eletrônicos, flexibilidade para poder ser usado em locais com pouco espaço em que os cabos de força rígidos, grossos e pesados podem ser um estorvo, e o seu diferencial de aterramento que conta com uma pequena chave perto do plug fêmea, que possibilita a desconexão do terra do circuito de alimentação do sistema.

Gostei muito da montagem e do acabamento final do produto, possibilitando ver a dedicação e esmero aos detalhes na construção do cabo.

Ele é composto de 8 condutores de 1,5 mm de cobre puro produzido na Alemanha, formando os dois polos trançados em torno do cabo de aterramento.

O Bolt Trançado, segundo o fabricante, não possui blindagem, pois se beneficia das características de cancelamento de campo magnético dos polos trançados, o que dá mais flexibilidade ao cabo sem causar interferência nos equipamentos e cabos ao seu redor.

O fabricante permite que o cliente escolha os terminais do plug Furutech FI-11 de cobre puro, ouro ou ródio (veja os valores no final do teste).

O enviado para teste foi com o plug de ouro. Na minha opinião, essa não é das escolhas mais fáceis de se definir, pois depende muito do equipamento em que o cabo será usado, assinatura sônica do sistema e compatibilidade com o próprio cabo.

Então, se o amigo leitor não tiver muita certeza em que plug escolher, vá no plug de cobre, já que o cabo também é de cobre puro. Agora, se houver a necessidade de maior extensão nas altas com maior arejamento, ouça a versão com ródio (fico imaginando os objetivistas ▶

furando o cérebro do boneco de vodu do Andrette, ao ler essa frase, rs).

Quando recebemos apenas um cabo de força, temos as seguintes opções de teste: ligá-lo em nossa régua que alimenta todo o sistema, nos integrados que estiverem à disposição no momento, streamers, prés de phono, ou no nosso transporte. E foi o que fizemos, já que o Bolt veio praticamente amaciado.

Deixamos terminar o amaciamento no integrado Willsenton R8 (leia Teste 1 na edição 289) por quase 120 horas, antes de passarmos com ele pelo resto do sistema.

Ele casou tão bem com o Willsenton R8, que indico uma audição cuidadosa aos futuros compradores deste belo valvulado. Depois de fazer par com o R8, o colocamos na fonte do Innuos ZENmini Mk3, e outra bela surpresa! Mantivemos as mesmas características que notamos com nosso cabo de referência que utilizamos no Innuos, com exceção da profundidade que foi sutilmente menor. Mas com o equilíbrio tonal, transientes, texturas e dinâmica, foi sem perda alguma em relação ao que ouvimos diariamente.

No pré de phono Gold Note PH-1000, ainda que não tenhamos conseguido o mesmo desempenho do nosso cabo de referência, o Bolt se saiu muito bem, com uma ligeira perda apenas na extensão final nos dois extremos. Mas nada que tirasse o encanto de perceber o quanto sua relação custo e performance é bem alta!

O mesmo ocorreu quando o pusemos a alimentar a fonte do transporte da Nagra. As pontas não possuíam o mesmo arejamento que estamos acostumados a escutar com nosso cabo de referência (que custa 4 vezes mais), sem perder, no entanto, o prazer de ouvir a música.

Poderia resumir sua performance no grau de organização que ele imprimiu ao acontecimento musical, fazendo-o de forma harmoniosa, sem colocar luz ou energia demasiada onde não há. Tornando as audições confortáveis e com um grau de detalhamento e transparência, sem desviar nossa atenção do todo.

Por isso ele casou tão bem com o integrado R8, pois ambos possuem a mesma assinatura sônica.

Seus transientes são corretíssimos, sua dinâmica, tanto a micro como a macro, é precisa, e sua capacidade de materialização do acontecimento musical é muito sedutora.

Com isso, os amantes de audições confortáveis e sem sobressaltos (quando a música não os tem), se sentirão recompensados pelo investimento.

Faltava o teste final para saber o nível que o cabo se encontra em nosso sistema de referência: ligá-lo em nossa régua. Esse é o teste

mais dramático para qualquer cabo de força, pois irá determinar se ele está à altura do sistema, ou se irá se destacar por ser o elo fraco (alterando o nível de performance integral do sistema).

Pois bem, o Bolt se mostrou seguro ao realizar o teste, deixando apenas evidente que sua única limitação se encontra na parte final na apresentação do arejamento (que é o responsável por determinar a ambiência da gravação). Algo que inúmeros sistemas sequer apresentam, pois esse grau de extensão requer um refinamento alto do sistema, além do tratamento acústico da sala e de não ter nenhum elo fraco aparente.

Tirando isso, o Bolt se comportou de maneira exemplar no teste final.

CONCLUSÃO

Aqui está uma opção excelente para leitores que possuem sistemas entre 90 a 95 pontos, que desejam refinar seus cabos de força sem hipotecar a casa ou refinar seu carro, para realizar esse upgrade.

E, o mais importante, um grau de compatibilidade bem alto - o que torna uma opção segura aos que moram fora dos grandes centros e não possuem uma rede de audiófilos próxima para trocar informações e experiências.

O Bolt pode perfeitamente ser essa solução tão desejada por todos que reconhecem a necessidade de cabos superiores aos emborrachados 'originais', mas que não se arriscam ao ver os preços dos melhores cabos de força.

Vejo, ao levantar minha cabeça, uma legião de candidatos que irão querer ouvir esse cabo em seus sistemas! ■

TAMANHO	COBRE	OURO	RÓDIO
1 metro	R\$ 1.765	R\$ 2.485	R\$ 2.845
1,5 metro	R\$ 1.927	R\$ 2.647	R\$ 3.007
2 metros	R\$ 2.089	R\$ 2.809	R\$ 3.169
2,5 metros	R\$ 2.252	R\$ 2.972	R\$ 3.332
3 metros	R\$ 2.414	R\$ 3.134	R\$ 3.494

AVMAG #289
Ebert Carlos
ebertgoulart@icloud.com
(12) 99147.7504

NOTA: 95,0



ESTADO DA ARTE

CABOS

CABO DE FORÇA SUNRISE LAB QUINTESSENCE 20TH ANNIVERSARY

Fernando Andrette



Finalmente estamos publicando teste do tão falado, e citado em todos os testes dos últimos 11 meses aqui na revista - e que muitos leitores já nos cobravam quando sairia nossa avaliação.

Acredite, amigo leitor, a culpa não foi minha, rs!

Cobrem o pai da criança, pois ele fez, nesses 11 meses tantos ajustes, que cheguei a brincar que, se demorasse mais um pouco, seria o de aniversário de vinte e um anos da Sunrise, e não do vigésimo ano.

Brincadeiras à parte, posso dizer a todos que acompanham o trabalho do Ulisses, sabem o quanto ele é criterioso e perfeccionista - mas o quanto isso tem rendido excelentes produtos nos últimos três anos!

Então, agora que finalmente ele bateu o martelo, começaremos por mostrar a linha dos 20 Anos da Sunrise pelo seu cabo de força Quintessence, depois na sequência publicaremos o USB, depois o interconnect, culminando com o novo amplificador V8, edição também de Aniversário - 284.

Este foi um daqueles testes que gostaria de ver repetido muito mais vezes, pois foi maravilhoso ouvir cada geração e as melhorias consistentes a cada nova descoberta que era aplicada em sua evolução.

Do primeiro Quintessence Edição Especial, até esse que testei, para o leitor ter ideia da evolução, ele subiu em nossa Metodologia 3 pontos! Colocando-o no nicho dos Estado da Arte de nível Superlativo.

É prazeroso ver como os fabricantes nacionais evoluíram nos últimos 5 anos, e como o consumidor pode agora, com absoluta segurança, comparar os produtos nacionais de alto nível com qualquer produto importado similar. Isso é muito importante para o desenvolvimento do mercado, pois com tantas incertezas mundiais saber que temos opções de alto nível feitas aqui, é alentador.

Segundo o Ulisses, o novo Quintessence Edição Especial de Aniversário é uma geração totalmente nova em relação a série Quintessence anterior. E este é o resultado de quase três anos de pesquisas e desenvolvimento, envolvendo vários colaboradores, que culminou em mais de 10 protótipos até a obtenção do produto final (entenderam o motivo da espera?).

A nova versão é ainda mais focada na naturalidade musical e, para chegar a esse resultado, foi preciso revisar todas as etapas de desenvolvimento, escolhendo uma nova geometria variável, com inserção de outros materiais nobres em sua composição.

Sua seção total agora é de cerca de 15mm², e lhe confere capacidade instantânea de corrente de 100 Amperes, limitada apenas pelo plug. Tal arranjo permite um fornecimento de corrente linear e uniforme, sincronizando os harmônicos da banda audível.

Além do cuidado com a escolha dos materiais que compõem o fio, esta nova versão de aniversário utiliza uma blindagem proprietária em múltiplas camadas, sendo uma delas de Kapton.

Após longos testes de bancada e de audições, descobriu-se que a sintonia perfeita do cabo ocorre quando o conjunto geometria e blindagem são alinhados na frequência de 632 Hz (centro geométrico do espectro de áudio).

E, por fim, os plugues foram cuidadosamente selecionados de modo a realçar suas características, sem inserir colorações em sua assinatura extremamente neutra. A escolha dos plugues em fibra de carbono vai muito além da estética, segundo o Ulisses, já que nos testes eles desempenharam importante papel na dissipação de ruídos.

Durante o desenvolvimento da linha Quintessence Edição de Aniversário, tive grandes embates com o Ulisses e o Juan, já que sempre defendi que com o grau de performance alcançado pela série Quintessence anterior (ao qual usei em nosso Sistema de Referência por mais de dois anos), ele teria em mãos uma difícil decisão a tomar.

Pois o nível que ele atingiu poderia seguir o caminho que foi bem alcançado da musicalidade e compatibilidade com diversos sistemas, ou partir para um novo salto e manter as principais características, e tornar a nova geração mais neutra e com uma assinatura sônica com maior folga.

Pode parecer ao leitor que essa decisão possa ser fácil, mas exige enorme conhecimento técnico, e coragem para saber que esse caminho irá limitar suas vendas, pois a grande maioria dos audiófilos ainda utiliza cabos para ajustar 'desequilíbrios' no sistema ou na falta de tratamento acústico na sala de audição.

Limitando aos que fizeram a 'lição de casa' corretamente, procurar por cabos realmente neutros e que sirvam apenas como 'pontes' entre a eletrônica até chegar nas caixas acústicas, e entregar o sinal sem nenhuma interferência deles, mantendo a assinatura sônica do sistema e dos sonofletores.

E lembrei a eles dois que se seguir por essa estrada, o número de ouvintes que irá compreender as qualidades intrínsecas de um cabo neutro é muito menor do que os consumidores que ligam depois de uma hora admirados com os 'elementos' inseridos em seu sistema (ainda que depois de ouvir uma dúzia de discos, essa empolgação inicial vá esmorecendo).

E quando falamos de cabos de força então, aí que a 'porca torce o rabo', pois se tem um cabo que as pessoas esperam que vá 'turbinar' ou 'amansar' sistemas, este cabo é justamente o de força.

Mas, para minha surpresa, a Sunrise aceitou o desafio e só posso parabenizá-los pela coragem de tal escolha.

O produto finalmente acabado foi utilizado em todos os produtos que passaram em nossa sala nos últimos meses. Vou dar uma lista aproximada onde eu os ouvi: Todos os produtos da Nagra do Sistema

de Referência (exceto o power HD AMP, pois esse é 20 Amperes e a Sunrise estava sem plugs de 20 amperes na ocasião), o CD-Player da Mark Levinson em teste e o Integrado (leia teste na edição 282), integrado Arcam SA30 (leia teste 2 na edição 284), pré de phono Hegel V10 (leia teste na edição 279), integrado Leak (teste na edição 286), powers monoblocos da Line Magnetic LM-503PA (que esperamos poder receber em breve para teste), o pré de linha Line Magnetic LM-512CA, o DAC MSB Reference (teste na edição 286), e o integrado Sunrise Lab V8 Aniversário. Também utilizamos o cabo de força em duas réguas.

Ele foi comparado todo o tempo com o Quintessence anterior. E podemos dizer que as melhoras foram notáveis em todos os aspectos, pois melhorou consideravelmente o silêncio de fundo, possibilitando que o acontecimento musical não saia do silêncio em flashes, e sim brote já com o crescendo dinâmico, como se comporta o acontecimento musical ao vivo. As pessoas podem se perguntar se não é assim com todo som reproduzido eletronicamente, e por incrível que pareça, não. Essa sutileza dependerá muito do grau de silêncio do sistema, da sala, da elétrica e, claro, da acústica.

Para essa avaliação, se o som aparece ou não como um 'flash', utilizo a faixa 6 do Genuinamente Brasileiro Volume 2, em que a cellista no canal esquerdo inicia o tema após o solo da flauta (no centro do palco e em pé), no pianíssimo, e vai crescendo. E se o silêncio de fundo não for excelente, o ouvinte só percebe depois de alguns microssegundos em que ela já retornou o tema.

E poucos cabos de força conseguem mostrar essa sutileza de maneira tão verossímil! E o Quintessence Edição de Aniversário agora faz parte deste seleto grupo!

O equilíbrio tonal deste cabo também se encontra em um estágio superior ao anterior, com mais extensão nas duas pontas, melhor decaimento, que além de mais suave tem mais corpo, deixando as apresentações de ambiência muito mais reais! Este grau de refinamento em cabos de força é muito difícil de se conseguir, pois é a soma de excelente silêncio de fundo com o melhor equilíbrio tonal possível.

Seus graves são precisos, com excelente energia, corpo e velocidade. E os médios são muito transparentes, mas não querem ser mais reais do que a realidade. Então não esperem dele chamar a atenção da região média, tirando o encanto de tão belo equilíbrio tonal, pois ele não utiliza desses artifícios nunca! Então, o que for a assinatura sônica do sistema, continuará sendo! E, na minha opinião amigo leitor, não existe outra forma de conseguirmos ajustar corretamente nosso sistema. Pois se a eletrônica vai para um lado, as caixas para outro e os cabos em outra direção, a soma deste conjunto resultará fatalmente no 'expurgo' de metade de nossa discoteca.

CABOS

Então, a arte deste século (já que os produtos evoluíram muito, assim como toda a cadeia desde a captação até a mídia física final) é justamente saber dar a assinatura sônica que desejamos ao nosso sistema, sabendo que quanto mais optarmos por neutralidade nas passagens do sinal, menos riscos correremos de expurgar nossos discos tão estimados.

Dizer que no Estado da Arte seu sistema ainda causa fadiga auditiva, algo está muito desequilibrado. Pois nunca se conseguiu tamanha inteligibilidade, naturalidade e musicalidade com zero de fadiga auditiva. Se os sistemas que você tem como referência, e de amigos, depois de uma hora começam a cansar, algo está seriamente errado! E não use o 'álibi' do século passado - das gravações - serem um lixo, pois isso não cola mais!

Voltando ao Quintessence Aniversário, com esse excelente silêncio de fundo, alto padrão no equilíbrio tonal e seu grau de neutralidade, é natural que sua apresentação de texturas seja excepcional, tanto em termos de paletas de cores, como de intencionalidade.

O mesmo ocorre com os transientes, que são precisos, incisivos e com uma marcação de tempo e ritmo impressionantes!

Agora temos o primeiro 'obstáculo' à essa nova geração, se o que queremos em termos de macrodinâmica é o cofre de uma tonelada caindo à nossa frente e quase nos matando de susto. O Quintessence não tem esses arroubos 'pirotécnicos', ele lhe dará a macrodinâmica captada na gravação, mas não turbinada. Se você já assimilou que ele não irá 'pintar' o que não existe na gravação, ficará satisfeito com sua autoridade em apresentar a macrodinâmica.

E quanto à micro, meu amigo, com esse exuberante silêncio de fundo, tudo que estiver na gravação em termos de microdinâmica será apresentado sempre!

O corpo harmônico é excelente, e tão correto, que este é meu cabo número 1 para ser usado em qualquer streamer que venha para teste, DAC e CD-Player, por justamente deixar o corpo bem mais proporcional à realidade e entre diversos instrumentos. Para ouvir meu streamer Innuos ZENmini Mk3, é o cabo de força obrigatório!

A organicidade, para se ter uma materialização física do acontecimento musical em nossa sala, como dizia meu pai: 'se o equipamento não atrapalhar, já ajuda', desde é claro a parte técnica da gravação seja impecável. Então, aqui o maior benefício do Quintessence Aniversário é justamente, pela sua neutralidade, não atrapalhar nunca!

CONCLUSÃO

Este é de longe o melhor cabo de força nacional que já testamos! Mas vai além, pois também concorre em pé de igualdade com muitos cabos importados, custando até três ou quatro vezes mais caro!

E com uma vantagem enorme, em minha opinião: sua neutralidade!

Sei que temos muito que andar até que mais audiófilos entendam o 'pacote' que está por trás da tão famosa neutralidade, e o quanto muitos tem dificuldade até de distinguir o que é neutro do que é colorido. Isso levará muito tempo, até que mais sistemas neutros estejam soando neste país, e possa ajudar mais leitores a fazerem suas escolhas mais bem referenciadas.

Mas pense da seguinte maneira: não é por eu não ter escutado, que não exista essa possibilidade que o Andrette tanto escreve. Pois ela existe, e fica fácil entender depois que você escuta algumas gravações e percebe as diferenças, e como seu cérebro aprecia ou não essa nova referência.

Um bom primeiro passo é escolher um instrumento que goste muito, e julgue que conhece bem, referenciar uma gravação que você tenha certeza que foi fielmente captada (sem uso de equalizador, com o microfone correto e sem compressão) e passe a ouvir esse mesmo disco em tudo quanto for sistema.

Não tenha vergonha de, enquanto escuta, fazer anotações para não esquecer detalhes importantes. Você irá se surpreender o quanto a assinatura sônica de cada sistema modifica essa gravação.

E, por fim, temos que separar o que agrada aos nossos ouvidos, do que é mais correto. Feito isso, acredite, você estará muito mais próximo de entender como soa um sistema mais neutro.

E se você acredita no que escrevemos aqui todos os meses, e quiser uma ajuda, leve o CD Timbres e escute em todos os sistemas possíveis - eu lhe garanto que todos os instrumentos gravados neste CD foram feitos da maneira mais minimalista e fidedigna. Nesse exemplo, você irá se assustar como cada sistema com sua assinatura pessoal, 'define' qual microfone se adequa mais a essa assinatura. E sabendo que apenas a primeira faixa é a mais fidedigna, terá em mãos uma bússola valiosa para descobrir os encantos de se escutar música em um sistema o mais neutro possível. E saber que este cabo de força permite isso.

Para aqueles que já estão galgando essa estrada, é um grande alento!

Pois achar cabos de força neste nível é ainda uma exceção, e não a regra! Acredite em mim!

AVMAG #284
Sunrise Lab
 contato@sunriselab.com.br
 (11) 5594.8172
 preço (para 1,2 m): R\$ 15.000

NOTA: 103,0



ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO



TRANSPARENT AUDIO XLPC2

Eu uso, em meus sistemas, cabos de força da Transparent Audio desde 2009, sendo que nos últimos 10 anos os Powerlink MM2 foram absolutos, e somente em 2017 entraram dois XL Geração 5, um para alimentar a régua e outro para uso no transporte.

O motivo dessa fidelidade é muito simples: relação custo/performance. E, ao longo do tempo, um terceiro elemento se destacou: alta compatibilidade com inúmeros eletrônicos.

Arrisco dizer, sem medo de errar, que o Powerlink MM2 tem um grau de compatibilidade impressionante, seja com amplificadores de estado sólido ou valvulados, CD-Players, Transportes, DACs, condicionadores de energia, prés de phono e amplificadores de fone! E, ainda que esteja fora de linha e seja um projeto de 2009 da Transparent, ele ainda tem enorme procura no mercado de usados, e presta excelentes serviços a sistemas atuais.

Eu sou muito claro em minhas consultorias, e nos Cursos de Percepção Auditiva, em explicar que o ideal para o ajuste fino de qualquer

sistema que procurem, é manter cabos sempre de um único fabricante. Pois identificar 'elos fracos' com cabos de diversos fabricantes, é muito mais trabalhoso.

Isso não significa que cabos de fabricantes distintos, que tenham assinatura sônica semelhante e alto grau de sinergia, não possam ser utilizados. Mas isso requer paciência, planejamento, e poder ter os cabos que nos interessam em nosso sistema por pelo menos uma semana e já amaciados!

No nosso Sistema de Referência, todos os cabos de força são da Transparent, os Powerlink MM2 (exceto no Innuos que usamos o cabo da Sunrise Lab Quintessence Anniversary), e mantemos cabos de outros fabricantes para serem utilizados em todos os produtos que são testados, por uma questão de coerência com a faixa de preço do produto que está sendo avaliado.

Mas depois de um longo hiato devido a pandemia, e o último cabo de força da Transparent testado ser um XL G5, quando recebemos a

CABOS

proposta de receber a nova geração 6, solicitamos de uma só vez o envio do XLPC2 G6 (a série abaixo da linha Opus), e do Opus G6, pois poderíamos não só avaliar comparando-os com o Powerlink MM2, como fazer um aXb entre os dois da linha G6.

A Ferrari nos emprestou cinco cabos no total (dois XLPC2 e dois Opus G6) e posteriormente eles nos enviaram um terceiro Opus G6. E como estávamos testando dois excelentes integrados (Krell K-300i e o Sunrise Lab V8 Anniversary), iniciamos o amaciamento utilizando um cabo de força no integrado e um cabo de força nos DACs (Bartok 2.0 e Nagra TUBE DAC). Primeiro o XLPC2 G6 e depois o Opus G6, sempre comparando com o Powerlink MM2.

Segundo o fabricante, os novos cabos da Geração 6 modelo XL passaram por uma transformação física significativa, além de especificações de rede mais precisas e abrangentes. A Transparent afirma em seu site, que nunca antes a linha Reference esteve tão mais próxima em termos de performance da série Opus como agora. A Transparent fez um grande investimento em ferramentas para criar os novos gabinetes de rede XL Carbon Fiber Composite (CFC), novas carcaças de acrílico, com um controle mais eficaz de vibração e ressonância, sendo, porém, mais rígidos e mais leves. Outra evolução foi na colocação de uma fina camada termoplástica de amortecimento, eliminando qualquer tipo de vibração que venha pelo ar.

Ao olhos e ao toque, é possível perceber essas melhorias no acabamento e na maleabilidade do cabo, ainda que ele tenha uma bitola maior que o Reference G5.

O que sempre apreciei em qualquer cabo deste fabricante é que o cabo é totalmente audível mesmo no processo de amaciamento. Não sendo nervoso ou com um equilíbrio tonal descompassado até se assentar. O XLPC2 G6 manteve essa máxima, e entrou no setup (integrado/DAC), já soando muito mais refinado que os Powerlink MM2 em todos os quesitos da Metodologia.

É impressionante como toda a cadeia hi-end evoluiu nessa nova década. Como brinco aqui na redação, não existe mais nenhum 'bobo' nesse mercado. Se você quiser sobreviver, corra atrás do seu concorrente que sabe o que está fazendo! Do contrário, meu amigo, dê tchau ao mercado!

O silêncio de fundo deste novo G6 também é muito superior à Geração 5. Audível em gravações de música clássica, com os instrumentos e os naipes da orquestra se apresentando com maior fluidez e inteligibilidade em todo o espectro audível. Ouvir obras sinfônicas com esse cabo de força é um verdadeiro deleite, capaz de nos fazer estender essas audições por períodos muito mais longos.

E, conseqüentemente, com o maior silêncio de fundo, muitas qualidades além da inteligibilidade são beneficiadas, como: apresentação de texturas muito mais ricas e precisas, microdinâmica, foco, recorte e ambiência.

Das gravações da História de um Soldado, de Stravinsky, tenho pelo menos umas seis grandes versões (inclusive a com o próprio Igor Stravinsky regendo - uma de minhas preferidas, junto com a do Boulez). E a que mais ouço pela qualidade técnica é a do Professor Johnson pelo selo Reference Recordings. Impressionante como, no caso específico dessa obra gravada em salas de concerto distintas, a ambiência através do cabo de força XLPC2 G6 se tornou muito mais evidente. Algo que com o Powerlink MM2, não se escuta com tanta precisão os decaimentos, e menos ainda as reverberações e os rebatimentos laterais de cada sala (principalmente dos metais).

Claro que para muitos leitores, isso pode ser absolutamente irrelevante e de um preciosismo que tem um preço a se pagar muito alto. OK! Mas esse é meu trabalho digníssimo leitor, observar e relatar os fenômenos auditivos que ocorrem com todo produto testado, e se essa informação será importante ou decisiva em suas escolhas, não cabe a mim julgar.

Meu papel é o de relatar fatos ocorridos nas audições, que isso fique claro a todos!

Silêncio de fundo também representa maior inteligibilidade em passagens complexas, seja com variação dinâmica ou não.

Então, comparar o Powerlink com qualquer um desses dois cabos da Geração 6, é pura perda de tempo. Pois são de campeonatos diferentes.

E com o G5? Aqui está a pergunta correta a ser respondida.

O G5 tem muito dessas qualidades aqui relatadas, mas não nesse grau de refinamento e precisão.

O importante é que o consumidor que tenha um cabo de força Geração 5, pode realizar o upgrade para o G6 enviando o cabo para a fábrica - e esse custo será menor do que comprar um G6 novo.

Claro que, mandar um cabo daqui para os Estados Unidos com a burocracia que é esse país, faz muitos sequer cogitarem essa possibilidade, mas é uma informação importante saber que quem possui um G5 não precisa se desfazer do cabo para adquirir um G6.

Se, no Powerlink MM2, o equilíbrio tonal já era muito correto, no G5 se tornou ainda melhor, e no G6 impressionantemente melhor!

Os transientes são absolutamente mais precisos, mostrando com enorme precisão tempo e andamento.



TRANSPARENT AUDIO OPUS G6

E a dinâmica parece possuir mais folga e detalhamento no crescendo do forte para o fortíssimo.

E o grau de compatibilidade, é o mesmo do Powerlink MM2 e do XL G5? Sim, e com um adendo interessante: a capacidade de extrair ainda mais dos aparelhos em que este for ligado. Para o leitor ter ideia, muitas vezes nesses últimos dez anos, quando no momento de fechar a nota, um produto na avaliação de um determinado quesito nos deixava na dúvida se merecia um ponto a mais, e não conseguíamos ter essa certeza, sempre abdicamos de dar esse ponto adicional.

O XLPC2 G6 não nos deixou em dúvida no fechamento de nota, nem do Bartok 2.0, nem do Krell K-300i, e muito menos do V8 Edição de Aniversário. Ele nos mostrou os limites (ou, como chamo: a demarcação de fronteira de cada um desses produtos) com muito maior segurança. O que mostra a importância dos cabos de força deste nível de performance em nosso Sistema de Referência.

Faltava avaliar o Opus G6, e conhecendo essa série como tão bem conheço, desde o Opus MM2 e do G5 - cabos que tivemos por anos em nossos Sistemas de Referência - achamos que seria importante escutá-los no sistema Nagra para não ter dúvida de nossas conclusões.

Mas como não tínhamos cinco Opus G6, tivemos que escolher onde os colocar para o teste. Depois de uma semana ouvindo em todos os equipamentos, misturados com os XLPC2 G6, colocamos os Opus na PSU do pré de linha e do TUBE DAC, e o outro cabo na régua que alimenta todo sistema. E os dois cabos de força XLPC2 G6 nos powers Nagra HD.

Só que, antes de fazer o teste, escolhemos uma faixa de cada quesito da Metodologia, ouvindo com os PowerLink MM2, e depois com este arranjo que fizemos.

Segundo o fabricante, assim como a linha XL está mais próxima da linha Opus, os novos G6 desta série estão mais próximos da linha Magnum Opus G6 (série que jamais tive a sorte de escutar). As diferenças, além de um novo network (como na série XLPC2 G6), estão na nova bitola mais grossa dos cabos.

Felizmente os Opus G6 já vieram amaciados, o que facilitou muito nosso trabalho de avaliação auditiva.

Aqui as coisas são mais difíceis até de explicar, pois parecem nos fazer esquecer quase que instantaneamente se tratar de reprodução ▶

CABOS

eletrônica. Pois a música flui com a mesma 'materialização' da apresentação ao vivo! Como explicar esse fenômeno psicoacústico de maneira plausível?

Fica mais fácil pegando o exemplo de quando vamos à Sala São Paulo escutar a orquestra tocando uma obra que não estamos muito familiarizados, ou que não temos uma boa gravação dela. As luzes se apagam, o público se acalma, entra o maestro, crescem os aplausos e aí vem aquele silêncio que pode ir de segundos até um minuto, e as primeiras notas literalmente brotam no ar. Falo deste primeiro impacto, em que nosso cérebro tem sua atenção totalmente voltada para o acontecimento musical. E que, à medida que a música se desenrola, somos tomados por emoções e pensamentos que nos transportam para um outro tempo/espaço.

Difícil repetir essas 'sensações' na reprodução eletrônica, pois temos intimidade demais com o ambiente e com nosso sistema, para conseguir sermos surpreendidos por algum elemento que nos tire de nossa mecanicidade diária.

Pois bem, em um Sistema de Referência, com esses cabos Opus G6, esse 'choque auditivo' ocorre, de maneira espontânea, por inúmeras gravações bem feitas e bem executadas. Não depende do seu ânimo, ou de sua devoção pela música e admiração pelo seu sistema!

Com os Opus G6 de força, misturados com os XLPC2 G6, tive por dias essa maravilhosa sensação de presença 'tátil', e essa atmosfera inebriante da música suspendendo o tempo e espaço. Nesses momentos não existe brecha em nossa mente para a racionalização - ou você mergulha de corpo e alma, ou perderá a sensação mais impressionante que um sistema Estado da Arte pode lhe proporcionar.

Quem tiver um sistema à altura dos Opus G6, deveria ao menos tentar 'saborear' essa experiência tão impactante.

Aí alguns corajosos leitores me perguntam: mas com o passar do tempo, nosso cérebro não se acostuma com essa 'magia'? Aí você só precisa ser mais esperto que os seus hábitos, e dar a si mesmo sempre gravações novas que ele ainda não conhece. Simples não?

Um velho ditado popular, que talvez nem seja mais empregado, diz que as melhores coisas da vida são aquelas que nos surpreendem. Um sistema alimentado por cabos de força Opus G6, tem esse dom de nos encantar! ■

**CABO DE FORÇA TRANSPARENT
XLPC2 G6**

NOTA: 108,0

**CABO DE FORÇA TRANSPARENT
OPUS G6**

NOTA: 113,0

Cabo de Força XLPC2 G6
US\$ 3.290 (2m)

Cabo de Força OPUS G6
US\$ 7.200 (2m)

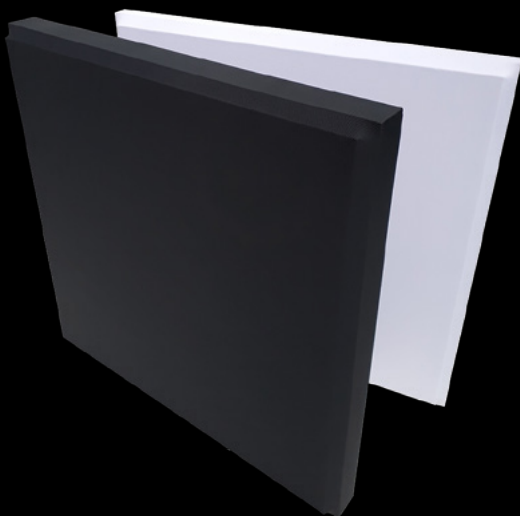
AVMAG #287
Ferrari Technologies
info@ferraritechnologies.com.br
(11) 98369.3001 / 99471.1477



**ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO**

hi-fi *e*xperience
high performance 2D diffuser

Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



O novo painel acústico Pererĩ oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



hi-fi *e*xperience
www.hifiexperience.com.br

CABO DE FORÇA APEX DA DYNAMIQUE AUDIO

Fernando Andrette



E, finalmente, com o cabo de força Apex, fecho este ciclo de testes dos novos produtos da Dynamique Audio.

Foi uma experiência fascinante conhecer esse fabricante de cabos e, mais incrível ainda, foi poder descobrir que existe um projetista de áudio que pensa fora das normas vigentes, que regem a 'cartilha' de como cabos hi-end devem ser fabricados e como devem soar.

Essa, na minha opinião, foi a parte mais interessante, depois de testar os cabos intermediários o Halo 2, os top Zenith 2, e os de nível superlativo Apex.

Diria que muito mais que um fã e usuário dos Apex, me tornei um admirador de seu projetista, pela ousadia e capacidade de colocar suas ideias em prática de maneira tão consistente.

Em 30 anos como revisor crítico de áudio, jamais ouvi e testei cabos que buscassem de forma tão veemente soarem neutros como esses cabos da Dynamique. E minha admiração só foi se multiplicando à

medida que constatei que, nos cabos mais sofisticados da Dynamique, a busca pela neutralidade tornou-se exemplo a ser seguido - se algum dia outros fabricantes de cabos quiserem trilhar essa nova e tão fecunda estrada.

Tenho dúvidas se outros o farão, pois esse grau de neutralidade encontrado na linha Zenith 2 e Apex, são incompatíveis com uma larga parcela de eletrônicos. E, claro, com uma enorme legião de audiófilos que ainda buscam um som 'azeitado'!

Diria que essa neutralidade só será muito bem vinda aos que tem como sua única referência instrumentos reais não-amplificados. E que buscam dar aos seus setups hi-end essa mesma assinatura sônica, e não abrem mão de que também sua eletrônica, suas fontes e suas caixas sejam o mais neutras possível!

Por isso que minha admiração pelo Daniel Hassany só aumenta cada vez que ele nos envia um novo produto. ▶

CABOS

Já escrevi no teste do mês passado (edição 290), do cabo AES/EBU Apex, o quanto esperei pacientemente por ouvir um setup completo Apex no nosso Sistema de Referência. Foram dois anos de espera. E posso afirmar que, por mais que tenha 'vislumbrado' o efeito que um setup de cabos todo Apex faria pelo nosso sistema, errei em ter a dimensão exata do que ocorreria.

Eu sugiro que os que não leram o teste publicado na edição 290 do cabo digital Apex, o façam, pois nele eu passei boa parte do teste descrevendo o que entendo por neutralidade, e os benefícios que um cabo genuinamente neutro pode fazer por um sistema que também prima por esse tão importante atributo sonoro.

Então, neste teste, me debruçarei mais em descrever as qualidades da neutralidade do Apex de força do que repetir a longa introdução feita no teste do AES/EBU.

Mas não posso, antes de descrever as informações técnicas do cabo, não falar dos erros que muitos revisores cometem ao descrever observações auditivas como neutras. Um excelente exemplo li recentemente em uma mídia de língua inglesa muito conceituada, em que o revisor descreve o produto em teste da seguinte maneira: "Diria que sua assinatura sônica esteja mais para o campo do quente, sem, no entanto, perder o lado analítico que tanto desejo, deixando-o mais neutro". 'Quente' suponho que seja o termo mais comumente usados para descrever algo 'musical' ou agradável aos nossos ouvidos. E o 'analítico', seja descrever uma apresentação mais fria ou menos convidativa.

No entanto, o produto que se encontra entre essas duas possibilidades, não pode ser classificado como neutro. Pois neutralidade significa justamente não ter nenhuma característica sônica que se imponha.

Eu descrevi esse erro com inúmeros exemplos no teste do Apex digital, então não irei voltar a explicar minuciosamente aqui as confusões tão frequentes no uso indevido desse termo por revisores, mas preciso que o amigo leitor entenda definitivamente que o termo neutro, usado para descrever os cabos da Dynamique, nada tem a ver com o termo empregado frequentemente em inúmeros testes mundiais. OK?

O cabo Apex de força, segundo o fabricante, possui todos os pontos fortes do modelo Celestial 2, incorporando a mesma mistura de metais nobres utilizados na linha Apex interconexão.

Composto por 14 condutores de prata sólidos 5N, de bitola variável, que incluem quatro condutores multinúcleos (para um equilíbrio tonal ainda mais correto). Três condutores de 5.3 mm, são galvanizados em ródio e isolados em um super dielétrico PTFE Teflon espaçado a ar, e configurados em uma geometria helicoidal empregando a tecnologia de filtro de ressonância. As terminações incluem conectores de revestimento de metal premium, com contatos de cobre banhados a ouro.

O acabamento é primoroso, como todo Apex, e como todo cabo dessa linha, perfeitamente maleável e nada de pesar um 'saco de cimento' como inúmeros cabos de força existentes no mercado, que são capazes de levantar powers e integrados Classe D.

O Daniel pede um amaciamento de no mínimo 100 horas, mas eu achei alterações significativas tanto no equilíbrio tonal, como no seu foco e recorte, até as 250 horas. Depois de 200 horas, serão variações muito pontuais, mas elas estarão presentes principalmente na apresentação dos planos, foco, recorte e ambiência.

Para o teste utilizamos o cabo de força nos seguintes equipamentos: na régua da Sunrise Lab, que alimenta todo o sistema, na fonte PSU Nagra que alimenta o pré Classic e o TUBE DAC, no DAC Rossini (leia Teste 1 na edição 290), nos Transportes Nagra e dCS Rossini, e no pré de phono Gold Note PH-1000.

Os outros cabos de força foram os Transparent PowerLink MM2, Transparent G6 Reference XL e Opus, e Sunrise Lab Quintessence Aniversário.

O set de cabos foi todo Apex do digital ao cabo de caixa.

Foi essencial passear com o Apex de força para ver com ele, alimentando cada um dos equipamentos, o que poderíamos observar. E para teste AxB, nomeamos os Geração 6 da Transparent, para observar o que mudava na assinatura sônica de cada um dos produtos.

Para os objetivistas, que não creio que se interessem por um teste de cabo de força, já que para eles não podem existir diferenças audíveis, o que descreverei certamente será 'processado' como puro devaneio sonoro.

Para os que estão familiarizados com cabos de força e suas diferenças audíveis, será bem interessante acompanhar esse teste.

Eu nomeei cinco gravações que conheço bem, e que são usadas para fechar notas de nossos quesitos e são bem encardidas em termos de equilíbrio tonal, textura, transientes, corpo harmônico, timbre, musicalidade e neutralidade.

São elas:

Miroslav Vitous - Universal Syncopations, com a participação do saxofonista Jan Garbarek, do pianista Chick Corea, do guitarrista John McLaughlin e do baterista Jack DeJohnette. Gravação primorosa do selo ECM.

Wynton Marsalis Quartet - The Magic Hour, em que utilizo sempre as faixas 2 e 7, destruidoras de reputação de sistemas hi-end.

Paganini - La Campanella - Le Streghe e La Cenerentola And Tancredi Variations, com o violinista Philippe Quint e o pianista Dmitriy Cogan, do selo Naxos, que exigem o maior grau de equilíbrio tonal

do setup. Minhas preferidas para avaliação de equilíbrio tonal, textura, foco, recorte e neutralidade são as faixas 4 e 7. Sendo a 7 outra destruidora de sistemas que não tenham exímia neutralidade e equilíbrio tonal.

O belíssimo **Cinema Serenade** com o violinista Itzhak Perlman e regência de John Williams, com a Orquestra Sinfônica de Pittsburgh. Desse disco as duas faixas que mais utilizo são: a 2 e a 6. Sendo a 6 excelente para avaliação de todos os quesitos da nossa Metodologia.

E, finalmente, para fechar o teste do cabo de força Apex, nomeei o 'implode quarteirão': **James Carter - In Cartesian Fashion**. Aqui é até difícil nomear uma ou duas faixas, pois todo o disco é uma hecatombe sonora, que em sistemas sem o nível artístico e técnico da gravação irão sucumbir em segundos. Escolhi as faixas 4 e 5 para uma avaliação criteriosa de transientes, dinâmica, textura e musicalidade.

Quando escrevi, há muitos anos, a resenha desse disco, recebi críticas ferozes de leitores dizendo se tratar de um 'lixo sonoro', incapaz de ser audível em um sistema hi-end! Foram dezenas de leitores inconformados com a indicação, um até exigiu que se restituísse o dinheiro investido! Ossos do ofício... Se eu sair contando todas que já ouvi, sobre nossas gravações e discos como esse do James Carter, daria tranquilamente uns cinco Espaço Aberto!

Vamos lá, às observações do cabo Apex de força, começando pelo Miroslav Vitous. Tenho amigos e colaboradores que preferem comer jiló com casca semi-cozido a ouvir o saxofonista Jan Garbarek tocando sax soprano, rs! Adoro a faixa nove - *Brazil Waves*. Mas tenho que concordar que se o equilíbrio tonal do setup não for preciso, o som do sax será inaudível na oitava mais alta. Muitos audiófilos, ao ouvirem este disco, jogam a culpa na gravação e no próprio Garbarek.

Até terem a oportunidade de escutar essa faixa em um sistema que tenha o equilíbrio tonal correto. Ai tudo muda de figura.

Outros que gostam do disco e do artista, tentam compensar a extensão e o timbre do sax soprano, 'aveludando' o instrumento, seja com cabos, ou com válvula na eletrônica. Esquecendo que, ao fazer uso desse truque, estão na verdade alterando o equilíbrio tonal da gravação.

Pois bem, ouvir essa faixa 9, sem o Apex na régua, ou na fonte Nagra PSU que alimenta o Pré Classic e o TUBE DAC, tínhamos o equilíbrio correto, porém sem a riqueza e detalhes do invólucro harmônico, que enriquece a apresentação da textura do instrumento e, o mais interessante: a folga na extensão no decaimento das altas, que propicia um enorme conforto auditivo.

E sabe como se consegue isso amigo leitor? Com a neutralidade. Sem maior neutralidade, essas qualidades tão sutis não estão audíveis. Foram gravadas, captadas, não se perderam na mixagem, muito

menos na masterização, porém se estiverem apenas dependentes do correto equilíbrio tonal, não serão expostas.

Somente a Neutralidade nos permite 'recompor' detalhes tão importantes para desfrutarmos de todas as qualidades da gravação e, o mais importante: da intencionalidade existente desde a concepção do arranjo, da execução e da gravação!

Aí, novamente, levanto a questão tão importante: podemos chamar de alta fidelidade sistemas que não nos mostram na totalidade o que foi executado? Podemos colocar no mesmo patamar, sistemas que soam corretos, mas não nos passam o grau de intencionalidade presente na obra?

O segundo exemplo, a faixa 8 de *The Magic Hour* do quarteto do trompetista Wynton Marsalis, é fatal para sistemas 'pretensiosamente' de referência sem na verdade o serem. Pois trata-se de uma gravação e de uma obra de enorme complexidade, tanto de arranjo, como de execução. E se o sistema não estiver à altura, a música se apresenta confusa, desinteressante, e com o piano (em seu momento solo) e com o trompete do Marsalis (na oitava mais alta), duros, brilhantes e agressivos.

Esse é outro disco como o do James Carter, que frequentemente é criticado por uma legião de audiófilos. Gosto muito, na faixa 8, de mostrar o solo de piano a todos que acham que a gravação é ruim e que a mão direita soa com som de piano de vidro!

Porque isso não é verdade. Nem o piano e muito menos o trompete soam agressivos. A diferença, quando escutamos essa faixa no Apex de força, está novamente na folga existente na macrodinâmica e no grau de extensão nas duas pontas, que associado à sua neutralidade, novamente nos permite apreciar a beleza da textura do quarteto e toda a complexidade do arranjo e o quanto exige do grupo em termos de interpretação e execução.

E quando extraímos o Apex de força é que notamos que a gravação se torna menos impactante e realista! Diria a todos que possam fazer o investimento em um set de cabo de força Apex, só o façam se tiverem plena certeza, pois voltar atrás é realmente impossível. Pois em cada faixa que você escutou com ele, irá faltar justamente seu maior trunfo - a neutralidade.

Outro disco que soa decepcionante em muitos sistemas top é o do Paganini, principalmente a faixa 7, dos 24 Caprichos. Sabe como a maioria dos audiófilos faz para poder escutar essa obra? Fica com o controle remoto, monitorando o volume. Se você faz uso desse expediente, sabe o quanto isso é frustrante, pois é a prova cabal que o sistema não possui folga suficiente para a variação dinâmica. E quando finalmente você escuta essa faixa em um sistema que reproduz toda a faixa dinâmica sem problema, é simplesmente a glória, não é verdade?

Muitos podem estar se perguntando, mas são apenas dois instru- ▶

CABOS

mentos acústicos, um violino e um piano. Pode ser tão dramática assim a variação dinâmica?

Ouçá meu amigo, ouçá!

O que o Apex de força nos proporcionou foi mais importante que a folga já existente no sistema, para ouvir esse disco com tanto prazer. Ele no sistema nos deixou ouvir a beleza das texturas tanto do violino, como do piano, fazendo com que a gravação, que já é primorosa, ganhasse requinte de realismo absoluto!

Se você deduzir que isso tem a ver com o grau de neutralidade do cabo, tenha absoluta certeza que sua resposta está corretíssima!

E chegamos ao tão difamado James Carter, e as duas faixas que podem azedar a vida de qualquer audiófilo que julgue que, em termos de equilíbrio tonal, chegou ao topo da montanha!

Ao ouvir esse disco, certamente você perceberá que as nuvens estão impedindo de você ver realmente o topo da montanha.

Para esse disco, e as faixas 4 e 5, soarem em todo seu esplendor, todos os quesitos da Metodologia precisarão estar em perfeito alinhamento e, para sentir aquele gosto do 'perfeito' alinhamento, será preciso uma pitada de neutralidade, para que finalmente possamos compreender que a técnica de embocadura e técnica de respiração de James Carter é única! Você pode ser um fã de inúmeros outros virtuosos do saxofone, que felizmente são muitos, mas o que o James Carter extrai principalmente do sax barítono é excepcional!

Esse disco saiu em 2003, e o ouço com enorme frequência e ainda me pergunto, em várias passagens, onde ele tomou fôlego para alongar tanto cada nota. O cabo Apex me deu algumas respostas e pontuou como nenhum outro cabo o quanto é exuberante sua respiração!

As pessoas que já ouviram nosso Sistema de Referência sempre me questionam o volume em que escuto as gravações. E por mais que eu diga que ouço no volume em que foram gravadas cada música, muitos ficam na dúvida se estou ou não falando a verdade.

O que os faz não acreditarem na minha palavra, está justamente no silêncio do piso de ruído da sala (menor que 30 dB), na acústica da mesma com um decaimento longo para uma orquestra sinfônica poder soar, e o mais importante respirar na sala e, principalmente na folga que o sistema tem.

Pois bem, para provar que não estou mentindo, explico que quando a música exigir, na resposta macrodinâmica, o deslocamento de ar será integralmente sentido em todo o corpo, sem no entanto a gravação endurecer ou pular para a frente das caixas e soar bidimensional. E não tem faixa mais exemplar que a 6 do disco do violinista Itzhak Perlman com a regência de John Williams.

Pois no crescendo da orquestra para o fortíssimo dos tímpanos, seu corpo é sacudido por um redemoinho de deslocamento de ar, como na sala de espetáculo (quem já foi a Sala São Paulo, por exemplo, entenderá perfeitamente minha descrição).

Aí meus convidados acreditam no que disse de sempre estarmos escutando o volume de cada gravação. Mas como o sistema não fica com a 'faca nos dentes' onde não há necessidade, a folga e o conforto auditivo para quem nunca apreciou a reprodução eletrônica com esse grau de equilíbrio fica na dúvida.

O Apex nessa faixa foi além de todas as audições que já tinha feito. Permitindo um grau de inteligibilidade dos naipes de metais e madeiras que nunca havia escutado!

CONCLUSÃO

Não sei quando poderei fazer esse investimento, pois estamos falando de 16 mil dólares, para adquirir apenas dois cabos de força Apex. Mas se existe um upgrade que se tornou obrigatório em nosso Sistema de Referência, antes de comprar a fonte externa do pré de phono da Gold Note (que era minha próxima meta), será colocar dois Apex de força nesse sistema. Um na régua (esse urgente e mais que obrigatório) e um segundo na fonte PSU da Nagra.

Comecei até a elucubrar mudar a disposição dos equipamentos, para ver se o Daniel faz dois cabos Apex de apenas meio metro cada um, para poder acelerar esse upgrade. Pois retirar o cabo de força Apex do sistema, foi uma das maiores tristezas que já experimentei nos 26 anos da revista!

Acho que seria inútil dizer ou escrever algo mais sobre a importância da neutralidade em um sistema que já está com todos os cabos Apex, exceto o de força.

Espero ter condições de em breve realizar esse essencial upgrade! ■

AVMAG #291
German Audio
 comercial@germanaudio.com.br
 (+1) 619 2436615
 US\$ 8.199 (1m)

NOTA: 115,0



ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO

CABO DE CAIXA OYAIDE ACROSS 3000 B

Fernando Andrette



Depois do teste do cabo de força e do cabo USB deste renomado fabricante japonês, eu estava devendo a vocês o de caixa, que já está conosco desde o último trimestre do ano passado.

Seu teste já era para ter sido publicado na edição 281, mas com a minha internação e a recuperação mais lenta do que era imaginado, embolou o meio de campo e só agora consegui finalizar o teste.

Agradeço publicamente o Kawabe pela paciência em aguardar minhas conclusões.

O lado positivo (lá vou eu com o meu otimismo latente), é que com isso mais caixas foram utilizadas no teste, o que só contribuiu para garantirmos o quanto o cabo tem alta compatibilidade com inúmeras caixas distintas em preço e performance.

O ACROSS 3000 B utiliza o condutor 102 SSC, de tecnologia patenteada da Mishima Electric Wire. Além da topologia CIS (estabilizador com isolamento cruzado), e isolamento de polietileno de alto densidade molecular.

Os plugues são tipo banana de bronze com revestimento de prata e ródio, projetados em máquina CNC de precisão. E o sistema de fixação utiliza parafuso duplo. O cabo de fios de cobre possui revestimento duplo de prata e platina, em uma geometria de trança para uma condutividade superior, sem perda do sinal em relação aos sistemas de tranças coaxiais mais comumente utilizados nos cabos nessa faixa de preço.

A Oyaide afirma, em seu site, que o ACROSS 3000 B foi desenvolvido para o consumidor que possui um orçamento mais apertado, mas que procura para o seu sistema um cabo mais neutro e com excelente equilíbrio tonal em todo o espectro audível!

E começo meu teste concordando com o fabricante, que seus objetivos foram plenamente alcançados. Pois nos sete meses que este cabo esteve conosco, pudemos utilizá-lo em diferentes setups de caixas e eletrônica, e sua assinatura sônica sempre tendeu para o equilíbrio tonal correto e uma neutralidade surpreendente, para sua faixa de preço.

CABOS

Tanto que em minhas anotações pessoais eu escrevi por diversas vezes, ser muito positivo um cabo de caixa de menos de 4 mil reais ter essa capacidade de não impor sua assinatura sônica no sistema. Então, se o que procura amigo leitor, é um cabo de caixa para ‘temperar’ seu setup, não precisa perder seu tempo lendo esse teste.

Porém, se o que deseja é um cabo de caixa que não ‘interfira’ no equilíbrio e assinatura sônica que você almejou e conseguiu com seu sistema, leia esse teste, pois ele pode lhe dar uma excelente pista de como manter essa assinatura sônica sem alterações.

Sua construção é excelente para o seu custo, e a sua maleabilidade e acabamento dos plugs banana são dignos de nota. Pois além de uma pegada muito segura, o contato com o terminal do plug de caixa e do amplificador é excelente.

O modelo enviado para teste é com forquilha. Por ser o terminal do amplificador Nagra Classic o Cardas (que só permite forquilha) o Kawabe solicitou a Oyaide que me fizesse essa gentileza. E posso afirmar que o plug forquilha também é de excelente qualidade e acabamento.

Para o teste utilizamos as seguintes caixas: Elac Debut Reference DFR52, Elac Uni-Fi 2.0 UB52, JBL L82 Classic e L100 Classic, Wharfedale Elysian 4, Wilson Audio Sasha DAW, Estelon XB Diamond MkII, YB MkII, e X Diamond MkII (teste na edição 284). Os integrados: Boulder 866, Sunrise Lab V8 Aniversário, Mark Levinson No.5802, e Arcam SA30 (teste edição 284). E o Sistema de Referência da CAVI: pré e power Nagra Classic, Nagra TUBE DAC, Pré de phono Gold Note PH-1000, streamer Innuos Zen Mini Mk3 (leia Teste 2 na edição 283), toca-discos Origin Live Sovereign Mk4, braço Origin Enterprise Mk4 de 12 polegadas, e cápsula ZYX Ultimate Omega Gold.

Como o cabo já veio integralmente amaciado, o colocamos em todas as caixas que chegaram nesse período para teste. Sua sonoridade é bastante neutra, lembrando em muitos aspectos os cabos da Dynamique Audio.

Fico feliz que outros fabricantes de cabos tenham enveredado por esse caminho, abrindo mão de fazer cabos para ‘ajeitar’ sistemas.

Seu equilíbrio tonal é muito correto, e ainda que falte a extensão, refinamento e arejamento de nosso cabo de referência (o Dynamique Audio Apex que custa dez vezes mais), nas caixas todas que o ligamos, compatíveis com sua margem de preço, o resultado foi sempre excelente. Agudos muito limpos, com bom corpo, velocidade e um decaimento suave.

A região média tem transparência suficiente para nos apresentar uma micro-dinâmica rica e precisa.

E os graves possuem energia, velocidade, bom deslocamento de ar nas duas primeiras oitavas, e o mais importante: corpo tanto no grave, como nos médios-graves.

Esse foi o cabo que mais gostamos nas duas JBL Classic. Na L82, foi um casamento exemplar pois sua neutralidade nos permitiu observar todas as qualidades da caixa, e como foi bem resolvida a passagem do falante do médio-grave para o tweeter, que começa a trabalhar em 1,7kHz, algo raro e bastante ousado por parte do fabricante. E graças à sua ‘neutralidade’, pudemos nos certificar que a caixa também possui uma passagem de crossover excelente.

O soundstage é o quesito que talvez a Oyaide possa resolver no futuro, pois se o foco e recorte são excelentes, a profundidade e os planos são menos profundos que outros cabos na sua faixa de preço.

Tudo é uma questão de perdas e ganhos. Mas se você é um amante de grandes profundidades na imagem entre as caixas, o ACROSS 3000 B não será sua primeira escolha.

Mas se para você o equilíbrio tonal é muito mais importante (como é para mim), o ACROSS 3000 B volta a ocupar a linha de frente das opções.

As texturas dependerão exclusivamente da qualidade da eletrônica e da caixa. Se forem excelentes na apresentação de paleta de cores e intencionalidades, o ACROSS será perfeito. Foi, junto com o equilíbrio tonal, um dos quesitos que mais nos chamaram atenção.

Os transientes são precisos, e a marcação de tempo e ritmo perfeitos em todos os setups de caixas e eletrônica que utilizamos.

O mesmo em relação tanto a macro como micro-dinâmica.

Seu comportamento em todos esses quesitos está sob responsabilidade do setup e não dele. Então, caso o leitor peça para ouvir o ACROSS 3000 B, e algo em algum desses quesitos não fique a contento, o alarme acendeu! E se isso ocorrer, agradeça ao ACROSS por ‘colocar o dedo na ferida’.

Aliás, este é um assunto recorrente nos fóruns dedicados: gostar ou não gostar de um produto colocado em um setup. Nunca vejo os participantes questionando se o setup está suficientemente correto para avaliar algo, ou mesmo a sala ou a elétrica estão. O foco é sempre no equipamento avaliado: se é bom ou não o suficiente.

Isso me lembra a piada de usar um triciclo para carregar um elefante. Se fosse tão simples corrigir um sistema torto com a entrada de um cabo, nem os objetivistas seriam tão resistentes à importância dos cabos em sistemas hi-end. Mas não se corrige um erro acertando uma ponta apenas.

Então, se o ACROSS 3000 B escancarar o problema, agradeça e não resmungue.

O corpo harmônico foi excelente em todo o espectro audível, assim como a organicidade em ótimas gravações!

CONCLUSÃO

Para os leitores que vivem nos pedindo testes de excelentes produtos baratos, acho que de dois anos para cá precisam aceitar que estamos nos esforçando e trazendo muitos produtos excelentes a custos condizentes.

É claro que queremos cada vez mais apresentar esses 'achados' a todos vocês! Pois isso incentiva o mercado e faz com que ele floresça novamente.

Não pense que não estamos todos os meses fuçando o mercado em busca dessas pérolas, pois toda equipe de revisores faz isso semanalmente.

E o ACROSS 3000 B faz parte dessa leva de produtos que podem perfeitamente atender um leque enorme de setups, de Diamante até Estado da Arte. Trata-se de um excelente cabo de caixa, por um

preço muito competitivo, com alto grau de compatibilidade, neutro, correto e capaz de deixar qualquer eletrônica bem ajustada mostrar seus atributos.

Se seu orçamento é apertado, mas deseja dar esse passo em relação à neutralidade na condução do sinal, eis uma oportunidade imperdível! ■

AVMAG #283
KW Hi-Fi
fernando@kwwifi.com.br
11 95442.0855 / 483236.3385
2 m - R\$ 3.150

NOTA: 90,0



ESTADO DA ARTE



*É ouvir
para crer*

A IS Audio está localizada na cidade de Jundiaí – SP, e tem o propósito de projetar e construir artesanalmente caixas acústicas de alta qualidade.

Atualmente possuímos os 3 modelos onde, cada um tem sua particularidade na sonoridade.



IS-P70



IS-A100



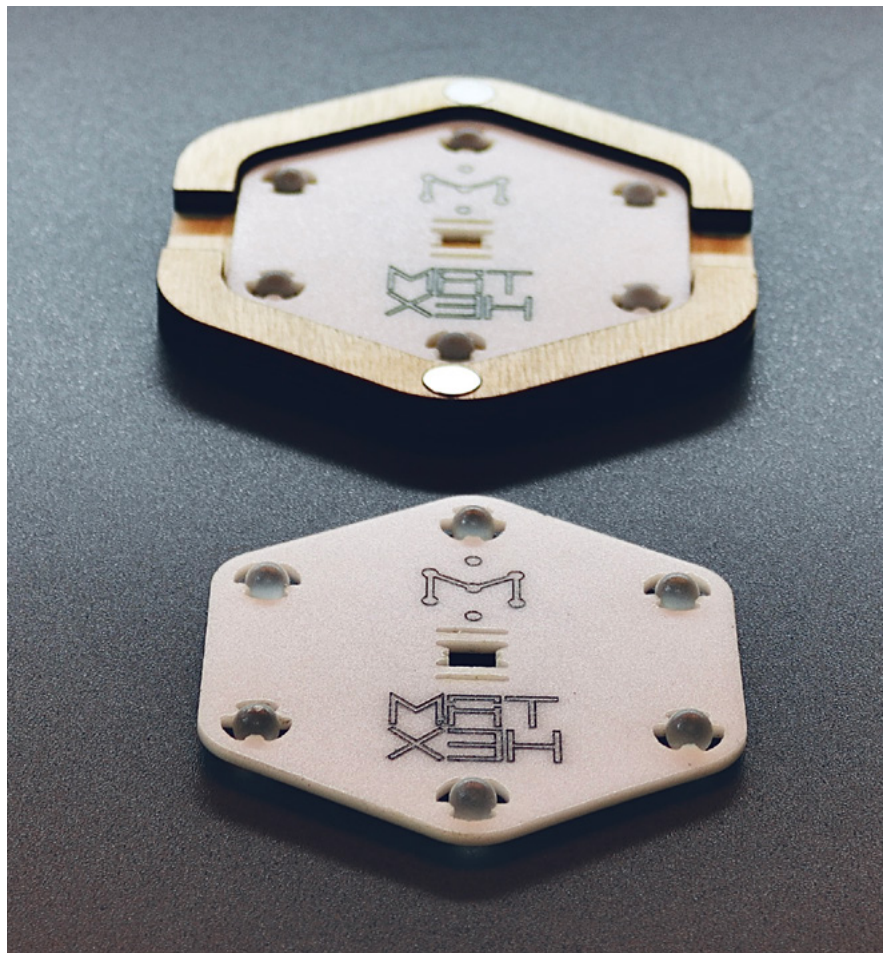
IS-K180

www.isaudio.com.br |  11 98729-1945

ACESSÓRIOS PARA TOCA-DISCOS

RECORD CLAMP MOLEKULA DA HEXMAT

Fernando Andrette


**PRODUTO DO ANO
EDITOR**

Desde que tive meu primeiro toca-discos, aos 18 anos, eu me interessei por clamps. Tive e testei com certeza mais de trinta ao longo dessa jornada, e acho que todo audiófilo deveria em sua busca pelo aprimoramento de seu setup analógico, se dedicar com afinco a escolher o clamp mais adequado para o seu toca-discos e seu gosto pessoal.

Pois clamps possuem diferenças audíveis, assim como um upgrade de cápsulas ou troca de braços.

Por muitas décadas, fabricantes deste acessório abordaram que o ideal é ter um clamp pesado, e que tenha uma longa superfície de contato com o disco. E o mercado então foi invadido por clamps feitos de diversos materiais, como metais fundidos, madeiras tropicais, estruturas cilíndricas com esferas, e também peças em que o usuário podia acrescentar massa ou tirar, para ver qual obtinha o melhor resultado.

Por uma década tive um Stillpoint, que se caísse no meu pé ou em um disco, acabaria com ambos. E por mais que em determinados setups, e com gravações tecnicamente piores, ele tivesse a tendência

de secar o corpo das gravações, e os graves ficarem parcialmente 'difusos', achava que este era o preço a se pagar para manter um clamp que em gravações de qualidade tinha uma boa performance.

E em relação a todos os outros clamps que testei nesse período, ele foi o de melhor performance.

Ficou claro para mim que o uso de um clamp era uma escolha com perdas e ganhos, era necessário. Até que recentemente ao adquirir o toca-discos da Origin Live com o braço Enterprise C Mk4 de 12 polegadas, decidi ouvir o clamp Gravity One da marca (leia teste na edição 278), e comparar com o meu Stillpoint e ver se tudo que falavam a respeito do Gravity One era fato.

Pois bem, não só era, como para mim ficou claro que havia uma nova abordagem de como utilizar este acessório, que mudava radicalmente de direção. Com muito mais benefícios do que problemas, fazendo com que as gravações tecnicamente mais limitadas, ganhassem o direito de serem apreciadas novamente!

E achei que a jornada de busca pelo clamp ideal havia terminado (desde que com o setup todo Origin Live). Aí entra a Hexmat que, ao nos enviar seus tapetes para teste, nos fez a gentileza de enviar junto seu clamp Molekula, que acabara de ser lançado! E veio para balançar o coreto novamente.

Com apenas 17 gramas de peso (ele consegue ser mais leve que o Origin Gravity One), e seis esferas de contato com a superfície do selo do disco, esferas translúcidas com um revestimento especial de alguma resina, que têm apenas 7 mm de diâmetro. O clamp é feito da mesma mistura de polímeros que o tapete Eclipse usa, para que o melhor coeficiente de amortecimento seja alcançado.

E, ao contrário de qualquer clamp que possui uma área de contato maior com o selo do disco, o Molekula assenta no disco apenas nesses seis pontos, através das esferas, para transferência do torque, mas amortecendo eficientemente as ressonâncias e frequências prejudiciais causadas por todo tipo de contato e atrito mecânico, que ocorre na leitura do disco.

Segundo o fabricante, o seu clamp pode ser usado com qualquer tapete do mercado, com os mesmos benefícios. E ainda segundo a Hexmat, as melhorias são similares às dos seus tapetes: dinâmica aprimorada, maior inteligibilidade em todo o espectro audível, um som muito mais relaxado e uniforme, e precisão inigualável na resposta de transientes.

E lá fomos nós fazer a avaliação do Molekula. Eu e o nosso colaborador internacional, Tarso Calixto - leia o Segunda Opinião na sequência.

Para o teste utilizei nosso setup analógico de referência, com os dois tapetes da Hexmat, mais o tapete da Origin Live e o de feltro antiestático. E, claro, fiz a comparação diretamente com o nosso clamp de referência Gravity One.

Com o tapete de feltro antiestático, as diferenças entre os clamps existiram, porém não foram tão evidentes. Diria que o que torna o Molekula mais adequado e eficiente é na recuperação da microdinâmica, e na organização dos planos em passagens com enorme quantidade de informação (com muitos instrumentos). Mas em termos de equilíbrio tonal, apresentação de texturas e transientes, seria uma questão de gosto a escolha de um ou outro.

Com o tapete da Origin Live, imaginei que o resultado seria inteiramente favorável ao Gravity One - e, pasmem, não foi! Aqui as diferenças em alguns quesitos (com gravações tecnicamente mais limitadas), penderam claramente para o Molekula. Tornando a música mais fluida, orgânica e prazerosa de se acompanhar. Isso graças ao grau de descongestionamento alcançado pelo Molekula, com o tapete da Origin Live - as qualidades inerentes aos produtos da Hexmat ficaram bem mais evidentes e audíveis aqui.

E com os dois tapetes da Hexmat, as diferenças só aumentaram vertiginosamente. Com todos os quesitos da Metodologia audivelmente melhores. O equilíbrio tonal ganhou maior extensão em ambas as pontas, os médios maior transparência e organicidade, o soundstage foi aprimorado em termos de planos e largura e profundidade, se ampliou o silêncio de fundo em volta dos instrumentos solistas, vieram texturas muito mais precisas e um grau de intencionalidade que foi como se tivéssemos trocado de cápsula e não de clamp! Transientes assustadoramente mais incisivos e precisos, e micro e macro totalmente descongestionados!

E o Gravity One, se beneficia ou não do uso dos tapetes da Hexmat? Sim amigo, se beneficia e muito, e pode ser uma opção muito interessante, desde que você o tenha (como eu e como o Tarso), e opte por primeiro adquirir o tapete da Hexmat (esse no meu modo de ver obrigatório). Mas não tenham a ilusão que seja o mesmo resultado que fazer o upgrade para o Molekula, pois não é.

Todo conjunto Hexmat no toca-discos é a opção mais sensata e o upgrade mais seguro e barato que se pode fazer. Afirmando que será como trocar de cápsula ou de pré de phono, para que o amigo leitor tenha uma ideia do impacto positivo que foi conhecer esses acessórios.

Se deseja extrair o sumo do sumo de seu analógico sem gastar uma fortuna com um upgrade de cápsulas, braços e prés de phono, o caminho é esse! ■

AVMAG #284
Hexmat
info@hexmat.net
www.hexmat.net
€ 120

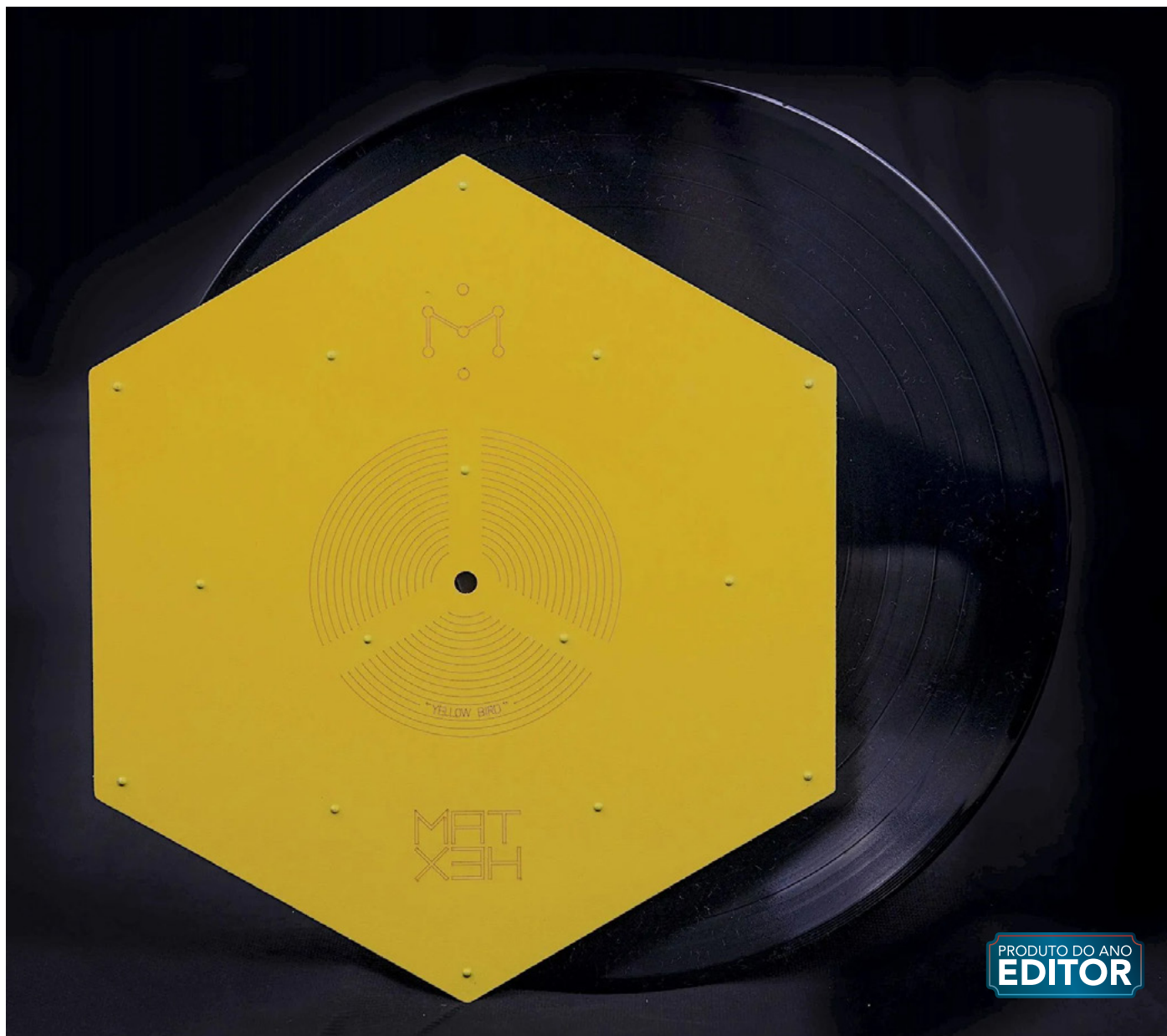


ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO

ACESSÓRIOS PARA TOCA-DISCOS

TAPETE PARA TOCA-DISCOS YELLOW BIRD DA HEXMAT

Fernando Andrette



Confesso que nunca me interessei com afinco a tapetes de prato de toca discos, como me debrucei e investi tempo e dinheiro atrás de bons clamps.

Claro que tive tapetes distintos de borracha (geralmente os originais que vieram nos toca discos da Thorens), cortiça (nas experimentações feitas por amigos), feltro e, que eu me lembre, o mais recente foi o tapete da Origin Live que veio no toca-discos.

Até o nosso colaborador internacional, Tarso Calixto, me ligar e perguntar se eu teria interesse em testar os tapetes do sr. Zsolt Fajt, empresário de Budapeste que desenvolveu dois modelos de tapetes

'revolucionários', e que ele havia lido dois excelentes reviews a respeito dos benefícios dos mesmos colocados em bons toca-discos. Como o Tarso é um apaixonado por analógico, achei que deveria seguir sua dica e entrar em contato com a Hexmat, e solicitar o envio para teste de ambos os tapetes.

O que não esperava era estar no lugar certo e na hora apropriada, e junto com os dois tapetes a Hexmat nos enviou gentilmente seu primeiro clamp, que recebeu o interessante nome de Molekula (leia teste 5 na edição 284), e sua régua de ajuste de VTA-Azimuth e ONP que em breve será utilizada pelo nosso colaborador para o ajuste da

cápsula ZYX Ultimate Astro, que está chegando para teste. E aí certamente pedirei ao Maltese que nos dê seu parecer sobre sua eficiência e precisão de ajustes tão determinantes para extrairmos o máximo de um setup analógico.

Mas, agora, voltemos ao tapete 'Pássaro Amarelo' (que sugestivo nome). Porém antes queria compartilhar com vocês um pouco da interessante trajetória de Zsolt Fajt, que nos conta que foi, como muitos de nós, influenciado pelo profundo conhecimento e amor do seu pai por sistemas de áudio de alta-fidelidade. Essa motivação levou-o a estudar engenharia, e acabou por escolher se tornar um engenheiro de gravação em Budapeste, possuindo na atualidade seu estúdio de gravação e mixagem.

Ele nos conta que, há cerca de 25 anos, comprou seu primeiro toca-discos, um Thorens TD 320 MkII, e começou a estudar como o toca disco se comportava em cada um de seus upgrades com braços e cápsulas. E lhe chamou atenção como os assobios dos sons eram gravados com 'SH', 'S', 'TZ', 'CH', variações na reprodução dos graves, instabilidade no foco e recorte do espaço, tolerância a baixo volume com frequências sumindo, e começou a desconfiar que alguns fenômenos não poderiam ser o conjunto braço/cápsula.

E, como engenheiro de gravação, ele sabia que existem regras que, quando seguidas 'religiosamente', permitem que o som seja estável também no disco analógico, o que o deixou ainda mais intrigado com os efeitos que escutava, independente da qualidade de gravação. Ele começou por estudar as vibrações geradas na sala de audição, com o aumento do volume em suas audições e, como essas vibrações passam por portas e janelas e toda essa energia volta em ondas para o próprio toca-discos, ao sair na velocidade do som, voltando com algum microssegundo de atraso, e se manifesta como distorção de fase, e que aumenta na mesma proporção que se aumenta o volume.

Consequentemente, o rastreamento da agulha fica mais impreciso no sulco do disco. Teoricamente, a regra utilizada é: à medida que o peso aumente, as vibrações do dispositivo são melhor absorvidas quando ouvimos música em nossos sistemas e por tanto a solução é utilizarmos plataformas pesadas, com pratos pesando quilos e mais quilos, como se precisássemos, para contornar os problema de vibração, grudar o disco no prato.

Porém, para Zsolt Fajt, essa abordagem estava equivocada e levando a deixar a reprodução analógica cada vez mais analítica e menos musical. E ele nos conta que, a partir desse insight, percebeu que deveria trilhar um caminho oposto ao que todos seguiam. E ele começou a abordar o problema tentando diminuir o tamanho da superfície, se aproximando ao máximo do contato zero entre o disco e o prato.

A superfície de um prato, em contato direto com um LP, é de vários decímetros quadrados, mas com o seu tapete Hexmat esta superfície é próxima de zero, chegando a apenas 1-2 milímetros quadrados, deixando o LP quase que flutuando sobre o prato.

Mas faltava resolver uma outra questão: descobrir o material ideal de toda estrutura do tapete, para isolar as vibrações prejudiciais que voltam ao braço/cápsula e prato. O tapete isolador Hexmat (ambos os modelos), isolam essas vibrações, gerando total transferência de potência entre prato e disco, utilizando amortecimento colocado estrategicamente no tapete. O isolador em forma de pequenas esferas é um mecanismo de fixação, que separa o disco da massa do prato e permite que o vinil flua livre de qualquer vibração.

O resultado, segundo o fabricante, é um som mais preciso, transientes mais corretos, notas mais definidas e claras, mostrando detalhes das gravações até antes distorcidos ou mascarados.

Ainda, segundo o fabricante, medições instrumentais provam a eficiência do tapete/isolador melhorando em +0,2dB em média o controle do volume (relação sinal/ruído que sempre é muito mais crítica no analógico). Com isso também a dinâmica é favorecida.

Seus últimos quatro anos foram no aperfeiçoamento dos dois tapetes/isoladores e, agora, no recém lançado clamp. O tapete/isolador mais sofisticado, o Eclipse, publicarei minhas impressões junto com o segunda opinião do Tarso, na edição 285.

Antes de descrever minhas impressões, gostaria de finalizar a 'odisseia' do sr. Zsolt Fajt, contando que ele construiu mais de 100 protótipos, com as mais incríveis e malucas composições de materiais, como: polímeros, madeiras estabilizadas, árvores tropicais, metais industriais, cerâmica, ouro, prata, cristais, pedras e revestimento diversos. E descobriu, antes de chegar ao material utilizado (e guardado a sete chaves), que a combinação de materiais tem um impacto dramático no som e, por isso, ele almeja no futuro lançar versões dos tapetes com materiais distintos, considerando essa primeira leva serem tapetes/isoladores de nível básico, para mostrar ao mundo que sua forma de abordar o problema das vibrações não está de maneira nenhuma errada - pelo contrário!

Assim que recebi os produtos, montei uma estratégia para entender e comparar o produto. Então peguei o 'Pássaro Amarelo', que é o mais barato, e o comparei com dois tapetes que tenho e utilizo: um de feltro antiestático, e o original da Origin Live que também é comercializado isoladamente e muito bem cotado no mercado, com benefícios citados em diversos fóruns internacionais.

E usei, nessa primeira fase de teste, para conhecer o tapete, apenas o clamp da Origin Live, já testado por mim na revista, e que desbancou meu Stillpoints, que foi meu clamp oficial por mais de uma década! ▶

ACESSÓRIOS PARA TOCA-DISCOS

Escolhi dez LPs, e iniciei o teste. Felizmente a altura do tapete foi compatível com o dos outros dois tapetes, então não precisei reajustar o VTA, pois se precisasse seria um parto fazer o teste A x B. Assim que ouvi o primeiro LP, do grupo Shakti, tanto a voz dos percussionistas na primeira faixa, marcando a divisão das tablas, e a entrada das mesmas, já mostrou uma diferença considerável em termos de precisão, velocidade e componente harmônico. Permitindo um acompanhamento dessa introdução de maneira muito mais confortável.

Percebi ali que seria divertido o teste, e enviei uma mensagem para o nosso colaborador Christian Pruks, e perguntei se ele não gostaria de fazer uma Segunda Opinião em seu setup analógico - que é muito mais simples que o meu - e vermos se as mesmas melhorias ocorreriam em um setup mais modesto.

Ele topou na hora!

As melhorias não são apenas pontuais - ao contrário: com o maior grau de inteligibilidade, com o descongestionamento alcançado, a música flui com maior precisão e folga. Este tapete/isolador faz literalmente uma 'descompressão' do que estava submerso em todas as gravações, isso pode ser bom e ruim (se tecnicamente a gravação for de baixa qualidade), mas depois de experimentar seu efeito nas medianas, boas e ótimas gravações, desculpe, mas não tem como voltar atrás.

O tapete antiestático de feltro não sobreviveu ao primeiro LP utilizado para o teste. O da Origin Live chegou ao terceiro round, até colocarmos as gravações mais complexas, como Sagração da Primavera de Stravinsky, ou a Sinfonia Fantástica de Berlioz.

Como brinco faz anos, com vocês leitores, foi o 'Massacre da Serra Elétrica' em gravações como esses dois exemplos - a sensação que nos passa é que a organização do acontecimento musical se ajusta de maneira que ouvimos mais extensão nas duas pontas, o foco e recorte dos solistas ganham aquele importante silêncio de fundo à sua volta, e o corpo dos naipes dos instrumentos se tornam sólidos em seus planos e muito mais verossímeis.

Os benefícios foram tão consistentes, que foi nesse momento que resolvi ver se seria possível extrair ainda mais deste tapete, trocando o clamp da Origin Live pelo Molekula da Hexmat. Aí a coisa se complicou de vez, tanto para os meus dois tapetes de referência, quanto para o meu clamp Origin Live (mas deixo os detalhes para o Teste 5, OK?).

CONCLUSÃO

Meu amigo, se você tem um bom toca-discos e deseja extrair o sumo de seu setup, sugiro que ouça os acessórios Hexmat. Eles não são apenas acessórios que pontualmente entrarão em seu sistema para lapidar um detalhe que falta. Eles são upgrades consistentes e

valem tanto como fazer um upgrade caro na sua cápsula, braço ou pré de phono.

Altamente recomendado!

Um produto Estado da Arte sem dúvida alguma, e que estará entre os melhores de 2022!

Espero que algum distribuidor, ao ler esse teste, se anime em distribuir o produto no Brasil. ■

AVMAG #284
Hexmat
 info@hexmat.net
 www.hexmat.net
 € 150



ESTADO DA ARTE

TAPETE PARA TOCA DISCOS ECLIPSE DA HEXMAT

Fernando Andrette



Se você tem preguiça de ler, dessa vez não haverá alternativa meu amigo.

Pois para você entender a 'magnitude' do resultado do tapete Eclipse da Hexmat, você terá que ler o teste publicado na edição 284 do tapete Yellow Bird, escrito a quatro mãos, e também do clamp Molekula, para compreender a 'revolução' que o sr Zsolt Fajt conseguiu com o seu conceito de desacoplamento do LP do prato do toca-discos!

Sem compreender o que está por trás dessa inovadora ideia, que vai na contramão de tudo que você e eu imaginávamos ser 'consenso' em termos de tapetes e clamps, não será possível acompanhar a descrição do que eu, e o nosso colaborador Tarso Calixto, ouvimos ao colocar o tapete Eclipse em nossos setups analógicos.

Pois se já havíamos ficado impressionados com as melhorias do Yellow Bird, o nível de performance no uso do Eclipse foi ainda mais contundente!

Segundo o fabricante, a superfície de contato deste novo tapete foi reduzida ainda mais entre o corpo do tapete e as esferas, para um controle ainda melhor de vibrações. Consequentemente, os planos de fundo (na microdinâmica e planos), são ainda mais transparentes que no Yellow Bird.

As esferas utilizadas no tapete Eclipse têm 15,3 mm de diâmetro, e são mais sofisticadas que as usadas no Yellow Bird. A espessura do tapete Eclipse é de 3 mm. O corpo do tapete é uma mistura de polímeros, extrudados de 2 mm, desenvolvido para aumentar drasticamente o coeficiente de amortecimento. Segundo o fabricante, essa mistura é proprietária da marca.

Após um longo processo de limpeza e polimento, as esferas são montadas manualmente nos orifícios com uma ferramenta projetada especificamente para esse processo.

O tapete vem embalado em um estojo para sua total proteção e transporte. Então não jogue fora essa embalagem, pois algum dia fatalmente será preciso transportar ou guardar o tapete.

Para sua manutenção, o fabricante aconselha o uso de um pano macio e úmido, para limpar, sempre com movimentos suaves.

Uma dúvida que alguns leitores levantaram em relação ao tapete Yellow Bird, é se necessariamente o único clamp a ser utilizado é o Molekula? Não, você pode usar até clamps pesados se desejar, mas aviso que o resultado será sempre inferior ao uso do Molekula.

Mas você pode usar qualquer clamp que tiver à mão, ou apreciar!

No teste do Eclipse utilizamos o mesmo setup do Yellow Bird, pois infelizmente a cápsula ZYX Ultimate Astro G, sofreu um atraso na ▶

ACESSÓRIOS PARA TOCA-DISCOS

produção e não chegou a tempo. Mas quando eu publicar o teste da ZYX, se houver algo de relevante em relação ao tapete e o clamp, certamente comentarei.

Novamente, para o teste do Eclipse, usamos os seguintes tapetes: o original da Origin Live, um de feltro antiestático, e o Yellow Bird. Os clamps foram: o Origin Live e o Hexmat Molekula.

A maior diferença em relação ao Yellow Bird é em relação à recuperação de detalhes, que é ainda mais impressionante. Mas ouvindo as mesmas gravações por diversas vezes, à medida que nos acostumamos com a maior inteligibilidade da microdinâmica e sua apresentação, pudemos observar que em gravações de maior qualidade técnica havia algo a mais em termos de apresentação de extensão, decaimento e ambiência.

E o equilíbrio tonal de todas as gravações se tornou ainda melhor. Consequentemente as texturas também foram favorecidas.

A sensação é que com o Eclipse, e o clamp Molekula, tudo fica mais uniformemente resolvido, seja em termos de planos, folga e conforto auditivo. Para ter certeza que de fato esse era o maior diferencial, fui buscar gravações de música instrumental brasileira dos anos oitenta, muitas tecnicamente limitadas, mas de altíssimo valor artístico, que provaram que a sensação de maior conforto auditivo era um fato irrefutável e totalmente audível.

Ouvindo com os outros tapetes (mesmo o Yellow Bird), as deficiências técnicas ainda sobressaíram, fazendo com que a atenção e acompanhamento fossem necessárias, para abstrairmos os defeitos e ouvir a música.

Discos do pianista Luiz Eça, do guitarrista Hélio Delmiro, que estão comigo há mais de quatro décadas, e sempre os escutei, independente do nível do meu setup analógico, ganharam finalmente um 'alento' com o tapete Eclipse, pois ele amenizou as deficiências técnicas o suficiente para eu poder apreciar apenas a música!

Animado fui buscar gravações do início do selo GRP e da ECM, muito mais bem gravadas, e descobrir o que o tapete Eclipse nos 'revelaria'! Só posso dizer que foi um misto de surpresa e enorme alegria em ouvir gravações que conheço nota por nota, e ter a sensação que estava ouvindo uma 'remasterização' feita com esmero e sem acrescentar nada ao original. Literalmente a sensação foi de se tirar uma névoa das gravações e deixá-las ali para serem apreciadas, com seus detalhes audivelmente mais presentes!

Se o uso do tapete Yellow Bird é semelhante a realizar um upgrade seguro, como subir um ou dois degraus na escolha de uma nova cápsula, o Eclipse é como realizar um salto significativo (daqueles que tanto desejamos e que financeiramente é sempre um entrave), para o topo final!

Pois o que o Eclipse proporciona a um excelente setup analógico, é fazer esse sistema extrair dos sulcos todas as informações existentes, sem colorir ou alterar o que foi captado, mixado e masterizado! Pois comparado aos tapetes que tenho, no mesmo setup, nenhum extraiu tanta informação e organizou tão plenamente o acontecimento musical como o Eclipse!

Para os amigos que ouviram, todos foram unânimes em concordar que o resultado se parece muito mais com um upgrade de cápsula, braço ou pré de phono, do que com a mudança de um tapete apenas!

E esse resultado é 'potencializado' com o uso do clamp Hexmat Molekula!

Então, meu amigo, se deseja extrair toda a beleza de seus discos, pense seriamente se não é mais interessante e menos dispendioso realizar primeiro esse upgrade, antes de trocar sua cápsula, braço ou pré de phono. Pois financeiramente é muito mais vantajoso, creia!

CONCLUSÃO

É impossível ficar sem este tapete Eclipse e o clamp Molekula, pois o resultado foi muito acima de qualquer acessório concorrente que tive ou testei. E olhe que estou faz tempo nessa estrada analógica.

E garanto, aos que nos leem, que em termos de acessórios jamais ouvi nada similar ao que essa dupla faz!

Certamente será Produto do Ano, receberá o Selo do Editor e recomendação do mais indicado acessório para sistemas analógicos definitivos!

Trata-se sem dúvida de um Estado da Arte de nível Superlativo! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JXGJHMTL81A](https://www.youtube.com/watch?v=JXGJHMTL81A)

AVMAG #285
Hexmat
 info@hexmat.net
 www.hexmat.net
 € 280



ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO

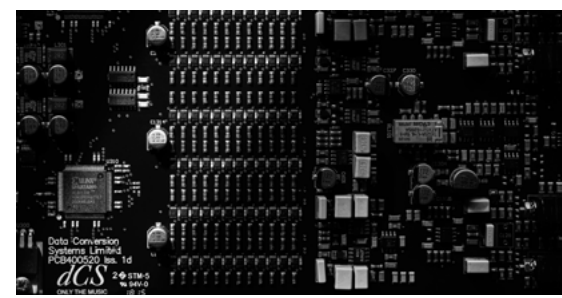
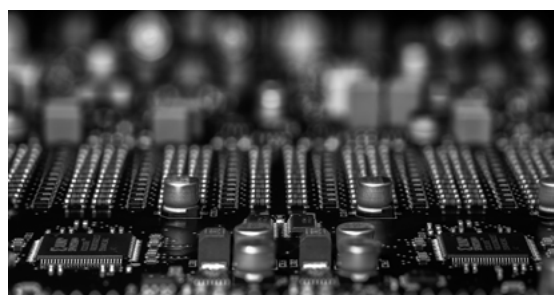
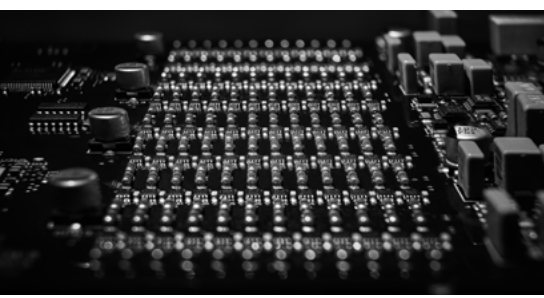
A REFERÊNCIA EM DAC, STREAMER E PRÉ DE FONE



@WCJRDESIGN



O NOVO BARTOK É O MELHOR UPGRADE QUE VOCÊ PODE REALIZAR EM SEU SISTEMA.



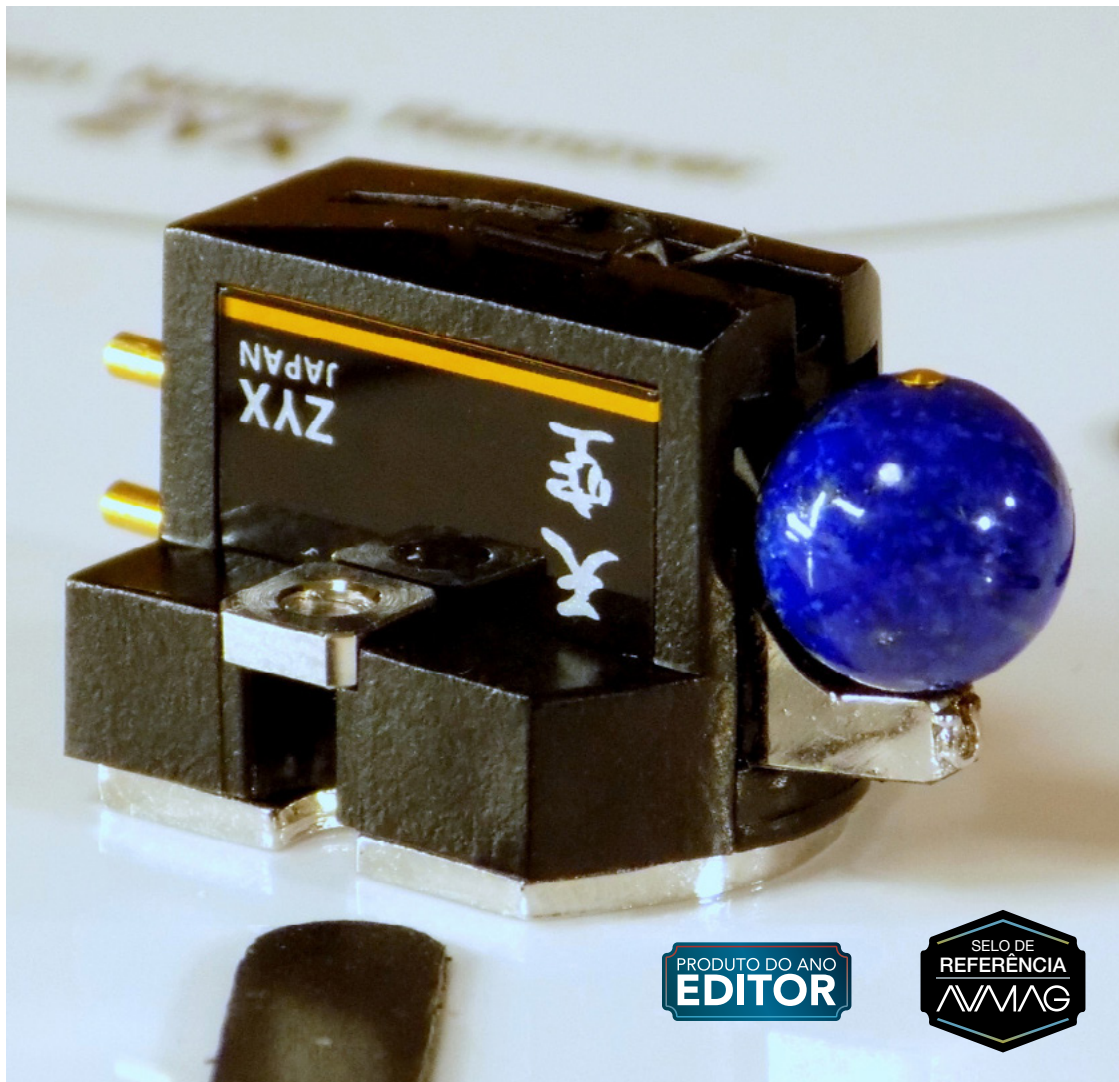
WWW.FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR
INFO@FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR
TELEFONES: (11) 98369.3001



CÁPSULAS

CÁPSULA ZYX ULTIMATE ASTRO G

Fernando Andrette



Ao receber a ZYX Ultimate Astro G para teste, antes sequer de abrir a embalagem me veio à mente a seguinte questão: o quanto ela poderia ser mais refinada que a Ultimate Omega G?

Já que a Omega foi, de longe, a cápsula mais ‘impressionante’ e com a maior pontuação da revista até esse momento.

Pois muitas vezes nossas conjecturas estão mais ligadas às nossas expectativas do que à realidade iminente. Sabendo dessas armadilhas que construímos mentalmente é que fico me policiando o tempo todo, querendo ouvir para crer e entender, o que o fabricante almejou em seu modelo mais sofisticado.

E ao tentar penetrar na mente do projetista Hisayoshi Nakatsuka, fica evidente que a sua busca incessante por extrair dos sulcos a totalidade de informações, todo aprimoramento alcançado virá com inúmeras

novidades. Pois para o senhor Hisayoshi, a reprodução analógica é a única que traduz fidedignamente a música em sua totalidade. Então, cada avanço em um novo modelo da ZYX, é uma conquista rumo a esse tão alto objetivo de oferecer ao ouvinte a mais precisa e realista reprodução musical.

Para meus ouvidos, a Omega G já estava muito próxima desse ‘nirvana analógico’, ao me possibilitar ouvir nuances e detalhes sem perder a visão do todo, como nenhuma outra cápsula havia atingido.

E ter a possibilidade de escutar o modelo top de linha deste fabricante, acabou por ser um daqueles acontecimentos que todo revisor de áudio sabe que não ocorre corriqueiramente.

Para os que não tiveram o interesse em ler o teste da Omega G, darei um breve curriculum do CEO da empresa e seu principal projetista. ►

Nakatsuka San nasceu em Nagano no Japão, e desde muito jovem se interessou por equipamentos de áudio, e ao sair da universidade foi trabalhar na Kenwood, onde foi o responsável pelo desenvolvimento de um amplificador integrado Trio (que tive por muitos anos e foi o integrado que mais indiquei aos amigos nos anos 70). Depois do lançamento do amplificador, foi deslocado para o departamento de produtos futuros, e lá desenhou a primeira cápsula ótica - que nunca saiu do papel.

Depois da Kenwood, ele foi trabalhar na Ortofon na Dinamarca e desenvolveu a famosa MC 20. Seu próximo passo foi trabalhar na Namiki Precision Jewel Company, onde gerenciou toda estrutura de cápsulas OEM para dezenas de fabricantes no Japão, Europa e Estados Unidos. Até que, em 1986, saiu da Namiki para realizar seu sonho de ter sua própria empresa.

O nome ZYX foi extraído da ideia de brincar com um conceito tridimensional, de coordenadas, analógico de tempo (Z), amplitude (Y) e frequência (X). Sendo esse conceito aplicado em todas as cápsulas, em que a geração de energia sonora com a distorção do eixo do tempo é eliminada por meio de várias tecnologias patenteadas, o que o levou à sua mais recente patente: o cantilever de carbono.

O maior diferencial da Ultimate Astro em relação a todas outras cápsulas ZYX, está no novo sistema de gerador que não interfere nas bobinas - o que faz essa nova cápsula ser a única no mundo em que todas as partes da cápsula que compõem o circuito magnético são submetidas a um tratamento especial, que neutraliza qualquer sinal nocivo ao nível de distorção mecânico ou elétrico. O que audivelmente se traduz em extrair a informação existente nos sulcos de maneira fidedigna ao que foi impresso no disco.

Aliado à estrutura simétrica com amortecimento na frente e atrás da bobina, já existente nos modelos abaixo da ZYX, a Ultimate Astro - segundo o fabricante - chegou ainda mais próximo do realismo que só o analógico pode oferecer. Não vou descrever novamente o que consiste esse amortecimento simétrico, e nem o peso de equilíbrio de lápis azul, pois falei de ambos em detalhes no teste da Ultimate Omega G - e o processo de ambos é o mesmo na Ultimate Astro G. O que difere das outras séries na linha Astro, é a nova placa de terminais de composto de carbono, que trava os pinos dos terminais de saída e que protege os cabos contra qualquer tipo de vibração externa vinda do braço, além de eliminar carga estática. Essa placa pode ser aterrada através do fio terra da saída do canal direito, diretamente ao pré de phono. Isso, segundo o fabricante, permite uma transmissão de sinal mais pura, eliminando a capacitância entre os 4 pinos da conexão.

O cantilever de carbono patentado, é composto de 1000 pedaços de nano carbono (por isso o nome de C-1000), e segundo o

fabricante, a fibra de carbono é mais rígida que alumínio, ferro e titânio, e sua gravidade é apenas metade da do boro.

Em testes auditivos, a ZYX afirma que o cantilever de carbono tem uma resposta mais ampla de frequência e desempenho de trilhagem mais preciso que qualquer outro material utilizado em cantilevers.

Outro grande diferencial (segundo o fabricante) é que o sinal mecânico captado na agulha, não é refletido mecanicamente ou modulado, voltando da bobina para a agulha novamente, e sendo completamente eliminados.

A ZYX é, no momento, o único fabricante de cápsulas MC que conseguiu provar em medições um eixo de tempo igual entre o canal direito e esquerdo, e esse feito se reflete dramaticamente na audição de suas cápsulas. Foi o que mais percebi no teste da Omega G, ao ouvir detalhes jamais escutados em nenhuma outra cápsula, em todos os discos que ouvimos durante o teste. Sem exceção, todos LPs apresentaram camadas de informações que foram muito além de micro-detahes, de ruído de fundo, de instrumentos ou dos músicos.

Para o teste, utilizamos o Sistema de Referência e apenas substituímos a Ultimate Omega G pela Ultimate Astro G, trabalho feito com primor pelo amigo e colaborador André Maltese.

Nenhuma das três cápsulas ZYX que testamos até o momento, saem tocando magistralmente - ao contrário, cada uma teve uma sonoridade distinta: a Bloon 3 saiu com uma energia exagerada, que parecia que havíamos acelerado a rotação - o mais correto seria dizer que por 40 horas soou nervosa e descontrolada, até entrar no prumo. A Omega G, soou engessada nos agudos e a região média mais projetada que o normal de qualquer cápsula decente até às 50 horas, e a Ultimate Astro G soou como se o grave estivesse metros à frente do restante, sendo impossível ouvir tudo que tivesse resposta abaixo de 80 Hz, ou seja: quase nada era audível.

No caso da Astro, cheguei a temer que ela tivesse algum defeito de fabricação (foram dezenas de mensagens trocadas diariamente com o Kawabe e ele com o fabricante). O pobre Maltese quebrou a cabeça, buscando descobrir o que havia ocorrido. Até que com 60 horas o grave começou a recuar, o médio-grave com 70 horas encaixou e, com 80 horas, a Ultimate Astro G floriu sonoramente.

Mas não foi um florescimento tímido de um roseiral, e sim um vasto campo de girassóis como nas pinturas de Van Gogh - para ser mais preciso! Com ela, a música, qualquer música, se torna um acontecimento épico, daqueles momentos que sua memória auditiva ampliará para sempre.

Todos nós temos lembranças de algum momento arrebatador, em que um sistema, um disco, nos virou do avesso e nos fez entender o

CÁPSULAS

real significado da alta fidelidade, e melhor: justificou o motivo da reprodução eletrônica de altíssimo nível ser assim denominada!

A Ultimate Astro G fará essas lembranças se tornarem diárias, permanentes, em qualquer momento de sua vida, esteja você feliz ou triste, atento ou desatento.

Mas a Omega também não tem esse poder, Andrette? Claro que tem, basta ler o teste para constatar que essa é uma das maiores qualidades deste fabricante de cápsulas. No entanto, a Astro consegue nos colocar ainda mais próximo do acontecimento musical, nos transportando de maneira tão realista para cada um dos estúdios ou sala de concerto em que o disco foi gravado, que é preciso um certo tempo para se digerir esse grau de precisão.

Aos que já tiveram a oportunidade de vir ouvir a Astro, tenho apresentado três gravações distintas. Uma obra sinfônica: a Quarta Sinfonia de Tchaikovsky com a Orquestra de Cleveland e regência de Lorin Maazel, gravação de 1979 pelo selo Telarc. Ella & Louis, remasterização da Analogue Productions em 45 RPM de 2011. E Legrand Jazz de Michel Legrand com Miles Davis, gravação de 1958 e relançada pela DNM em 2013.

Três gravações que conheço integralmente em detalhes, e que utilizo para fechar notas de cápsulas, toca-discos, braços, cabos de phono e prés de phono. E que haviam alcançado seu auge em performance com a Omega G, e me fizeram escrever seis páginas inteiras em meus cadernos pessoais de anotação, tamanha quantidade de observações que extrai das audições com essa cápsula.

O impacto causado em mim, e nas pessoas a quem tive a oportunidade de mostrar esses três discos, foi muito semelhante, tanto na incredulidade do que se escuta, como na capacidade de fazer nosso cérebro instantaneamente esquecer que se trata de reprodução eletrônica, tamanho realismo em nos transportar para dentro da gravação.

Evidente que a gravação de maior impacto emocional e de efeito psicoacústico é a da Telarc - uma das gravações de música clássica mais primorosas já realizadas - que na Ultimate Astro G nos leva a entender imediatamente as diferenças enormes entre o digital e o analógico. O palco sonoro é de um realismo tão impressionante, que as paredes laterais e as costas das caixas simplesmente se dissolvem, deixando-nos observar todos os planos e naipes da orquestra de maneira magistral! Por mais que as melhores cápsulas por nós já avaliadas, façam um belo trabalho nesse disco, a amplitude e o respiro da orquestra que a Astro nos apresentou, é inédito!

O interessante é que de todos esses três discos eu só tive a intenção de mostrar uma faixa ou, no caso da obra sinfônica apenas o primeiro movimento, e simplesmente é impossível ousar parar de ouvir até que todo o lado A termine.

E quando estou sozinho, esse fenômeno se repete com cada um dos discos selecionados.

A segunda observação dos que escutaram a ZYX Ultimate Astro G, é que fica evidente não só a diferença do analógico para o digital em setups bem ajustados, como com essa cápsula, a distância se torna ainda mais contundente! Essa também foi a minha percepção ao entender o grau de refinamento da Astro, em relação a qualquer outra cápsula excelente.

Tempo, andamento, precisão, detalhamento, naturalidade, realismo, musicalidade, emotividade - todos esses adjetivos estão dentro do pacote, mas com um diferencial: todos na mesma proporção, de maneira coerente e harmoniosa.

Eu não abro mais mão de escutar toda a minha discoteca - acabou-se o tempo em que fazia 'concessões' aos meus setups, acreditando que eles eram 'bons demais' para tocar gravações tecnicamente limitadas. Então, ao descobrir que essa posição era um enorme equívoco de minha parte, comecei a observar um movimento - à princípio tímido - dos fabricantes na busca de soluções para esse impasse, que assim que ouvi esses produtos e constatei que não era apenas promessa teórica, defini que meu sistema analógico haveria de ser definido seguindo a premissa de resgatar todos os LPs renegados por anos.

Ao testar a Ômega, já havia me dado por satisfeito em descobrir a cápsula que atendia a esse propósito, ainda que uma dezena de discos tivessem que ser monitorados à risca, para não me empolgar e passar do volume possível, e colocar tudo a perder.

A Astro G, não só amplia essa margem tão estreita no volume, como nos permite apreciar o trabalho artístico sem nos preocupar com a deficiência técnica tão evidente. E isso, meu amigo, é o maior legado que a cápsula Astro pode proporcionar ao amante do analógico: lhe dar a chance de ouvir sua discoteca integralmente, sem receio de que a limitação técnica irá diminuir o prazer em escutar aquele disco.

Acho que está na hora de revermos conceitos e principalmente objetivos na busca pelo som ideal, e nos perguntarmos o óbvio: o que realmente desejamos ao investir tanto tempo e dinheiro nessa busca pelo nirvana sonoro?

Pois ouço tantos sistemas caríssimos que excluem tantas gravações artisticamente imprescindíveis, que me pergunto quanto o dono desse sistema irá perceber que sua busca se desvirtuou completamente do objetivo inicial (ter o melhor sistema possível, para ampliar exponencialmente o seu prazer em ouvir sua música, e nunca o contrário)?

Se você tiver a oportunidade de ouvir, em algum momento de sua jornada, essa cápsula em um setup bem ajustado, garanto uma coisa meu amigo, você imediatamente irá lembrar da proposta inicial de todo audiófilo: ter um sistema para ampliar o prazer de se ouvir música, e não o contrário.

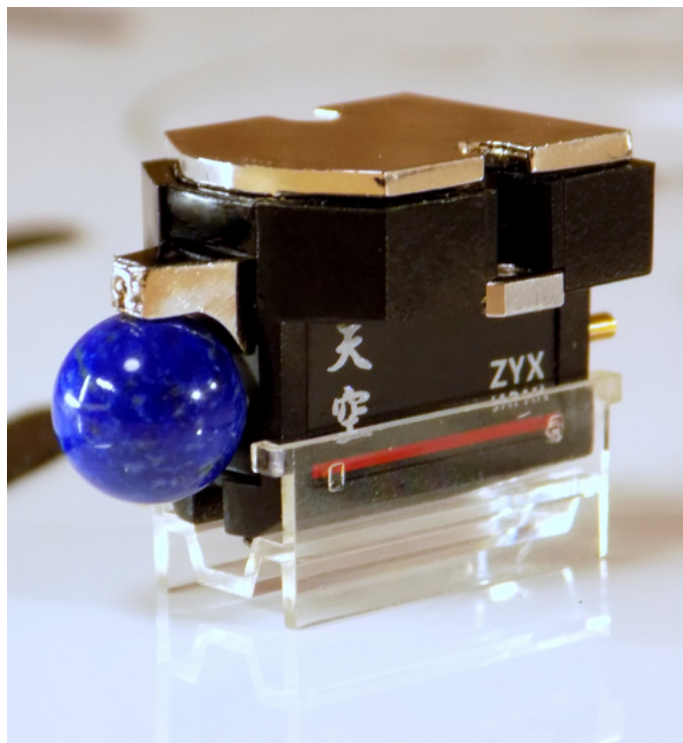
Pois a Ultimate Astro G, é o ápice de um projetista que dedicou sua vida a esse único objetivo: trazer a música o mais próxima da realidade. Nos meus 64 anos de vida, afirmo que melhor do que isso, somente se você estivesse presente no dia 14 de maio de 1979, no Auditório de Cleveland, e fosse o assistente do engenheiro de gravação Jack Renner. Como isso é impossível, a única outra maneira de você 'recriar' esse momento em toda sua plenitude, será ouvir esse LP na Ultimate Astro G. Acredite, com ela, você estará literalmente lá!

AVMAG #288
KW HiFi
 fernando@kwhifi.com.br
 (11) 95442.0855 / (48) 3236.3385
 R\$ 52.000

NOTA: 115,0



**ESTADO DA ARTE
 SUPERLATIVO**



Produtos adequados ao mercado brasileiro, com garantia de originalidade e garantia técnica integral no Brasil.

OATLON

Caixas Oatlon : fabricante de caixas OEM, a Oatlon oferece suas caixas ao mercado com sua própria marca, com uma enorme variedade de modelos. Conta com uma grande fábrica, com projetos técnicos avançados , acabamento e materiais ao nível das mais conceituadas fabricantes de caixas do mundo, com um preço dentro da realidade cada vez mais exigida no mercado audiófilo. Venha se surpreender com o nível de refinamento alcançado em cada modelo desta marca.



+55 19 99713-5005
 www.elitesound.com.br

@elitesoundhifi
 @elitesoundhifi



SISTEMA COMPLETO

SISTEMA REGA: INTEGRADO IO, TOCA-DISCOS PLANAR 1 & CAIXAS KYTE

Fernando Andrette



Tivemos muita pouca oportunidade de testar ‘pacotes fechados’ nos 26 anos da revista, e não foi por falta de interesse e sim por muito poucos importadores terem à disposição as peças essenciais para nos disponibilizar pelo tempo necessário para os testes.

Então, quando oportunidades como essa que a Alpha Áudio & Vídeo nos ofereceu aparecem, não pensamos duas vezes antes em aceitar. Pois sabemos que inúmeros leitores desejam saber como componentes de um mesmo fabricante se comportam quando em conjunto, e se a soma se mostra maior que as partes atuando em conjunto.

A Rega sempre atuou com enorme apelo no segmento de entrada, oferecendo eletrônica, toca-discos e caixas que pudessem ser a porta de entrada, em bom nível, para o mercado hi-fi.

Está no DNA da empresa desenvolver equipamentos bons e baratos desde sua fundação. Porém, fazê-lo nos dias atuais com a forte concorrência existente na China, mantendo seu parque industrial integralmente na Inglaterra, é um feito para ser aplaudido.

E mostrando suas cartas de uma só vez, a Rega colocou no mercado um pacote que oferece aos que amam o analógico seu sistema de entrada, custando menos de 2 mil dólares - lá fora, evidentemente.

O pacote é composto por um par de caixas bookshelf Kyte, um novo Rega Planar 1, e o novo amplificador integrado Rega IO. Para baratear custos e tornar o pacote competitivo, os engenheiros da Rega tiveram que tomar decisões que fossem criativas e, ao mesmo tempo, eficientes.

Então o gabinete da Kyte é feito de resina fenólica, a unidade de graves e médios continua sendo feita à mão na própria fábrica, assim como o tweeter de domo de seda. Em um acabamento fosco e simples, a Kyte não tem o mesmo apelo que as séries anteriores,

feitas em MDF, mas continua a ser eficaz e casa perfeitamente com o minimalista IO de apenas 30 Watts classe AB, com uma entrada pré de phono MM e mais uma entrada RCA, além de uma saída para fone de ouvido e um pequeno controle remoto.

E o novo Planar 1 está agora com uma nova correia de transmissão EBLT, novo acabamento, braço RB110 com rolamento novo de fricção ultra baixa, resina fenólica para o prato, e motor síncrono de alta qualidade 24V de baixo ruído, e uma cápsula MM de entrada já instalada de fábrica.

O sistema veio lacrado, o que nos fez instalá-lo em nossa sala de home, e deixar amaciando com streamer por 100 horas. Utilizamos os cabos de caixa Trançado da Virtual Reality, com cabo de força Virtual Reality Bolt (leia Teste 4 na edição 289), e os pedestais da Magis para o melhor posicionamento das Kyte.

Na nossa sala de 12 metros quadrados, o sistema se mostrou adequado, mas diria que ele se adaptará ainda melhor em salas menores, como quartos e pequenos escritórios. Pois não espere dele grandes arroubos dinâmicos ou sustos pirotécnicos.

Trata-se de um sistema para quem deseja começar a entender as vantagens de se investir em um sistema hi-fi com melhor inteligibilidade e maior conforto auditivo.

Para os 30 Watts do IO, as caixas Kyte se mostraram o par perfeito, principalmente em estilos musicais com pequenos grupos, instrumentos acústicos e vozes. Nesses exemplos, o setup irá surpreender, pois a assinatura sônica é quente, musical e com um grau de transparência ‘incomum’ para essa faixa de preço.

E se o cliente desejar um pouco mais de graves, basta ele diminuir a distância das caixas em relação a parede às costas delas. Mas cuidado pois o duto da caixa fica exatamente nas costas, então se aproximar demais, se perderá muito da inteligibilidade nos graves.





Na sala, as Kyte ficaram - para seu melhor equilíbrio tonal - a 80 cm da parede às costas e 2m de distância entre elas (com um respiro de 50 cm das paredes laterais). E voltadas apenas 15 graus para o ponto ideal de audição.

O cuidado a se tomar será quanto à altura das caixas em relação ao ouvinte. O ideal é que o tweeter não esteja na mesma altura do ouvido e sim alguns centímetros acima. Se o pedestal for muito baixo, sugiro a colocação de uma base para tirar o tweeter da orelha - esse detalhe também fará muito bem ao equilíbrio tonal do setup. Claro que os graves serão limitados pelo tamanho da caixa, mas não pensem que irá faltar grave a partir de 60Hz, pois essas Kyte são bastante ousadas para o seu tamanho e preço.

E ajustando a distância entre as caixas e as paredes, é possível arrancar um sumo a mais nas baixas frequências.

Faltava ouvirmos o pré de phono MM ligado ao Rega Planar 1. Aqui não houve surpresas, já que tanto os toca-discos desse fabricante, quanto seus prés de phono tem uma longa carreira de serviços prestados ao mercado. Claro que o ideal seria, assim que o consumidor tiver fôlego, fazer um upgrade na cápsula, pois ela é muito 'de entrada'. Mas enquanto não for possível, dá perfeitamente para ouvir seus discos sem o risco de danificá-los. Falta as pontas? Sim, ambas são bem limitadas, mas são um pouco compensadas por uma região média detalhada, graças a um bom silêncio de fundo.

O que é bastante positivo é que o Planar 1 tem muito a crescer, colocando uma cápsula como a Ortofon 2M Red ou um modelo intermediário da própria Rega.

O pré de phono é o ponto forte do integrado IO, e fica claro que os engenheiros quiseram mostrar aos futuros compradores que ele poderá investir no analógico, e se dar por satisfeito por muitos e muitos anos.

O que mais me agradou nesse pacote, é o fato que nenhum dos produtos é superior, tornando-os melhores quando trabalhando em conjunto, do que em separado.

Claro que se o usuário investir em uma cápsula MM que custe quase 50% do pacote Rega, essa escolha irá desequilibrar o sistema. Mas ficando em uma 2M Red, por exemplo, ele irá ganhar muito e ainda assim poderá manter o sistema por muitos anos.

CONCLUSÃO

Ousada a proposta da Rega, tanto em desafiar o mercado com um pacote tão competitivo, como ainda por cima deixar claro que não abre mão de continuar apostando que o analógico não é uma questão de modismo.

Dando a chance à nova geração de clientes de entender o encanto do vinil sem cair na armadilha dessas vitrolas vendidas na Amazon que destruirão seus discos com agulhas de cerâmica de 10 dólares.

Que a estratégia da Rega dê excelentes resultados, e inspire outros fabricantes a fazerem o mesmo! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ITTPWVAAMUE](https://www.youtube.com/watch?v=ITTPWVAAMUE)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=88XDQ8PXIIK](https://www.youtube.com/watch?v=88XDQ8PXIIK)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MDDRL-RZHV4](https://www.youtube.com/watch?v=MDDRL-RZHV4)

Toca disco REGA Planar 1 Black Matt 115V

R\$ 3.690

Amplificador Integrado REGA IO BLACK 115V

R\$ 5.500

Par de caixa REGA KYTE

R\$ 4.990

AVMAG #289

Alpha Audio e Video

bianca@alphaav.com.br

11 3255.2849

NOTA: 70,0



OURO RECOMENDADO

TOCA-DISCOS

TOCA-DISCOS THORENS TD 1610

Fernando Andrette



Tive por mais de 20 anos toca-discos da Thorens, e o interessante que foram apenas três modelos: o TD 160, o TD 124 e o TD 125 MkII - esse último comprado na Raul Duarte ainda na Rua Sete de Abril com o Cassiano, o pai das 'meninas' da Raul Duarte como as três são conhecidas.

E o mais impressionante é que ambos ainda estão em uso com seus novos donos! Thorens, assim como Garrard e SME, foram feitos para durar por um século se bem cuidados!

Fundada em 1883 na Suíça, ela sempre esteve ligada ao áudio (com a produção de gaitas, caixas de música e tocadores de cilindro do tipo Edison), ainda que no início também fabricasse pêndulos para relógios de parede e isqueiros.

Com o advento do CD-Player a Thorens (como todos os fabricantes de toca-discos), teve seu momento de estagnação - e quase falência na virada do século - mas entrou novamente em evidência em 2018, quando Gunter Kurten comprou a empresa e impôs uma nova diretriz à marca.

O currículo de Kurten é bem consistente: foi CEO da ELAC, e antes foi gerente da Denon, e passou por grandes empresas do setor como LG, Sharp e Sony. O objetivo de Kurten é 'rejuvenescer' a marca para atender a esse novo mercado analógico.

Visitei o site da empresa e vi que atualmente existem 17 produtos sendo comercializados sob a marca Thorens!

Esse novo modelo tem duas opções: 1600 (manual) e o 1610 (semiautomático). São idênticos no design, com a diferença que no 1610 o braço levanta ao término do disco.

Ao desembalar o 1610, imediatamente veio à memória o TD 160 que, no entanto, era mais pesado e um pouco maior que a nova versão. Meu TD 160 veio com o braço da Thorens, com headshell destacável, mas em termos de braço e tapete de borracha denso, são bastante semelhantes.

Mas a nova suspensão e amortecimento de três pontos é totalmente distinta do TD 160. Pois em vez das três molas helicoidais, agora a base é apoiada no rodapé, fazendo com que o sub-chassi não fique ►

pendurado, estando livre das oscilações laterais existentes em todos os antigos Thorens. A grande sacada foi a colocação de um cabo de aço ligando os três pontos, que interrompe a oscilação lateral. E foi introduzida uma placa lateral de reforço para garantir a rigidez do sub chassis.

Os dois modelos são fornecidos com o novo braço de 9 polegadas, o TP92. Como o modelo 1610 é semiautomático, existe um motor para o levantamento do braço ao término do disco. Felizmente esse motor é bastante silencioso. Mas os audiófilos acostumados com alavancas na lateral dos braços para baixar e subir, estranharão momentaneamente ter que apertar um botão à frente do braço para fazer esse movimento. Na luz verde o braço está erguido, na luz vermelha, em contato com o disco.

A esquerda se encontra os três botões: de velocidade e stop. O TD 1610 tem saída RCA e balanceada, entrada para fonte para alimentação do motor, e ajuste fino de velocidade para 33 e 45 RPM. Ele não veio com cápsula, então utilizamos a ZYX Ultimate Bloom 3 (leia teste na edição 274).

Mais uma vez contamos com a ajuda inestimável do colaborador André Maltese, para a instalação da cápsula e ajuste fino do toca-discos.

Aqui faço uma pausa para dar uma informação 'essencial' aos futuros compradores deste toca-discos: só desça o braço sobre o disco quando o motor estiver com a velocidade plenamente estabilizada, pois ao acionar o motor, a base do braço - que é independente do restante do toca disco - vibra enquanto a rotação se estabiliza, e se você descer o braço no disco antes da estabilização, essa vibração pode danificar a agulha e o disco. Então, nada de pressa - se você quer imediatismo esse não é o TD indicado. Aqui será preciso fazer todo ritual de ligar o toca-discos, e ir selecionar os discos que serão apreciados. Quando o prato estiver com a rotação estabilizada e não houver nenhum movimento na base do braço, você poderá colocar o disco finalmente. Escolha a faixa, aperte o botão do elevador (que deve estar verde), e o braço descerá suavemente sobre o LP (e o botão do elevador ficará vermelho).

Sua assinatura sônica me lembrou muito o Thorens top de linha, o 550 (agora infelizmente descontinuado - leia edição 260), que adoramos pelo seu grau de relaxamento e musicalidade.

E foi uma surpresa gratificante ver que o braço TP92 é muito eficiente e correto em sua leitura. Visualmente parece um tubo muito 'simplicista e frágil', mas, ao contrário, é bem construído, em alumínio multicamadas para melhor amortecimento interno. Externamente ele possui um anel fixo adicionado estrategicamente no meio do braço para diminuir qualquer tipo de vibração externa. O tubo possui uma

extensão para a montagem da cápsula com um contato mecânico bem seguro.

O Maltese não teve dificuldade nenhuma em instalar a cápsula, ajustar o peso, anti-skating e o VTA. Mas não se iludam em achar que pode se fazer este ajuste sem as ferramentas adequadas e corretas. Pois como todo bom toca-discos, a performance dependerá do ajuste correto do braço e a instalação do toca-discos sobre um rack adequado.

A fonte externa é de excelente qualidade em termos de acabamento e funcionalidade. E a Thorens envia junto com o toca-discos um ajuste estrobo de velocidade, tanto para 33 quanto para 45RPM, extremamente essencial.

Para o teste utilizamos os prés de phono PH-1000 da Gold Note, e Sunrise Lab Mk2. Os integrados foram: Krell K-300i (leia teste na edição 286) e o Sunrise Lab V8 Anniversary (leia Teste 1 na edição 287). Caixas: Wharfedale Denton 85th Anniversary (leia Teste 3 na edição 287), JBL L100 Classic (leia teste na edição 285), Monitor Audio Gold 300 (leia teste na edição 290) e Estelon X Diamond Mk2. Cabos de interconexão Sunrise Lab Quintessence Anniversary (XLR e RCA).

Como a cápsula ZYX já estava completamente amaciada, deixamos apenas 20 horas ouvindo diversos LPs, para amaciar o cabo do braço. Muitos leitores esquecem que o cabo do braço de toca-discos também necessita de amaciamento.

Como escrevi, o conforto auditivo já nos primeiros discos foi muito semelhante ao que ouvimos no TD 550, mas com o braço SME Series V - o que é um enorme elogio ao TD 1610. Pois o que separa os toca-discos de entrada dos intermediários e dos de referência, é o grau de descongestionamento e inteligibilidade que cada um oferece. E muitos ainda acreditam que essa responsabilidade (de maior inteligibilidade), seja apenas da cápsula e do pré de phono. Grande erro, meu amigo, se você também pensa assim - pois no analógico tudo está ainda mais interligado do que em um setup digital.

Por isso que é uma arte seu ajuste e descobrir como extrair o máximo de potencial de cada toca-discos.

O Thorens TD 1601 se encontra na fronteira entre os bons toca-discos e os de referência, e se o ajuste fino do braço e a escolha da cápsula for correta, ele poderá ser um toca-discos ainda mais próximo dos de referência. Ou seja, ele tem sim 'garrafas para vender', desde que tudo seja criteriosamente bem escolhido.

Por isso escolhi a ZYX de entrada, pois é uma cápsula que conheço bem e sei que poderia dar um equilíbrio interessante entre o conforto auditivo inerente aos novos TDs da Thorens e uma 'energia e vitalidade' tão inerente à ZYX Bloom 3. Esse casamento permitiu extrair de

TOCA-DISCOS

gravações mais complexas, todas nuances existentes, sem comprometer a inteligibilidade do todo. E em gravações tecnicamente mais pobres, ouvir esses LPs sem perder o interesse ou tornar as audições 'burocráticas'.

Essa é a 'arte na escolha' de cápsulas e braços: entender o que irá somar e o que irá subtrair. Mas não pensem que essa escolha se dá de forma tão racional ou objetiva, pois é preciso conhecer a assinatura sônica do que temos em mão para definir escolhas. O que estou tentando dizer é que valerá a pena, com todo toca-discos de melhor qualidade, que se pesquise antes de sair definindo a cápsula ideal para aquele analógico.

E o braço do TD 1610, com a ZYX Bloom 3 foi um casamento perfeito, para quem deseja uma sonoridade rica, precisa, natural e confortável! São produtos mais que compatíveis, pois se completam, e essa soma faz com que não fiquem arestas ou pontas (ao qual chamamos de elos fracos).

Com esse setup pudemos ouvir obras sinfônicas, big bands, rock, pop, blues, MPB, sem perda de interesse ou encanto. E se não é esse o maior objetivo de se ter um setup analógico, não sei qual seria.

Agora, não esperem deste toca-discos impetuosidade ou precisão cirúrgica, pois essa não é e nunca foi a proposta de nenhum Thorens. O que eles sempre reivindicaram para a marca, foi audições confortáveis e que o ouvinte possa degustar dessas audições relaxadamente, sem pressa e com aquela vontade de reviver esses momentos.

Para audições mais críticas, impetuosas, sugiro o leitor ouvir outros toca discos mais modernos, sem o uso de molas. Opções não faltam, acredite!

Mas não pensem que o TD 1610 com a cápsula ZYX soou letárgico ou displicente. Pelo contrário, soou sempre com vivacidade, mas aquela vivacidade de pessoas que estão passeando, descansando, e não a trabalho, com hora e agenda lotada. Entendem aonde estou querendo chegar? Óbvio que um Rega Planar terá maior marcação de tempo e andamento, como se estivéssemos assistindo a um desfile militar - mas o Rega não terá nenhuma condescendência que o TD 1610 tem, por exemplo, com uma gravação tecnicamente ruim.

Sempre as escolhas meu caro - elas determinarão o rumo da prosa!

CONCLUSÃO

A quem se destina o TD 1610? Fiz essa pergunta a cada novo LP que escutei, e me admirava com a sua sonoridade sedutora e descompromissada, com detalhes e mais detalhes.

Acho que é para todos com uma longa bagagem em analógico (independentemente da idade, por favor), e que estão cansados de

levantar e sentar na busca do LP que soe decentemente em seu toca-discos. Todos já passamos por isso, de ter um setup analógico que só dá prazer em tocar os discos muito bem gravados de 180 gramas e, de preferência, japoneses.

Se você quer reconquistar toda sua coleção de LPs, o TD 1610, é a ponte para esse recomeço. Ele irá restituir lembranças daquelas audições em grupo, que fazíamos quando éramos mais jovens e tudo que queríamos era reunir os amigos e ouvir nossos LPs em silêncio, sem ponto ideal de audição, ou o que quer que fosse deste ritual audiófilo que nos tirou do coletivo e nos submeteu ao isolamento.

No Thorens TD 1610 uma coisa é certa, a garantia de que a música soará convidativa sempre!

Se o seu desejo é trazer esses dias de volta a sua vida, não perca tempo e ouça o TD 1610 com a ZYX Bloom 3. ■

AVMAG #287

KW HiFi

fernando@kwhifi.com.br

(11) 95442.0855 / (48) 3236.3385

R\$ 27.400

NOTA: 90,0



ESTADO DA ARTE

Willsenton

Venha conhecer os aparelhos que viraram uma verdadeira “febre” em fóruns de áudio pelo mundo, com críticas entusiasmadas de todos articulista especializados que tiveram a oportunidade de ouvi-los.



Willsenton R8 KT88/EL34 : Um amplificador que poderá ser utilizado com válvulas EL34, KT88 ou 6550 conseguindo-se, assim , obter 3 tipos de sonoridade distinta sem a necessidade de troca de aparelho .

Fabricado de forma artesanal e com soldagem ponto a ponto, o Willsenton R8 é um amplificador integrado que pode igualmente ser utilizado como amplificador de potência, conectando-o a um pré de linha de boa qualidade .

Adicionalmente, a flexibilidade de utilização em modo triodo ou ultralinear fazem deste um produto único.

Potência de saída nominal:

25W+25W (RMS triode working state) (KT88, 6550EH or EI34)

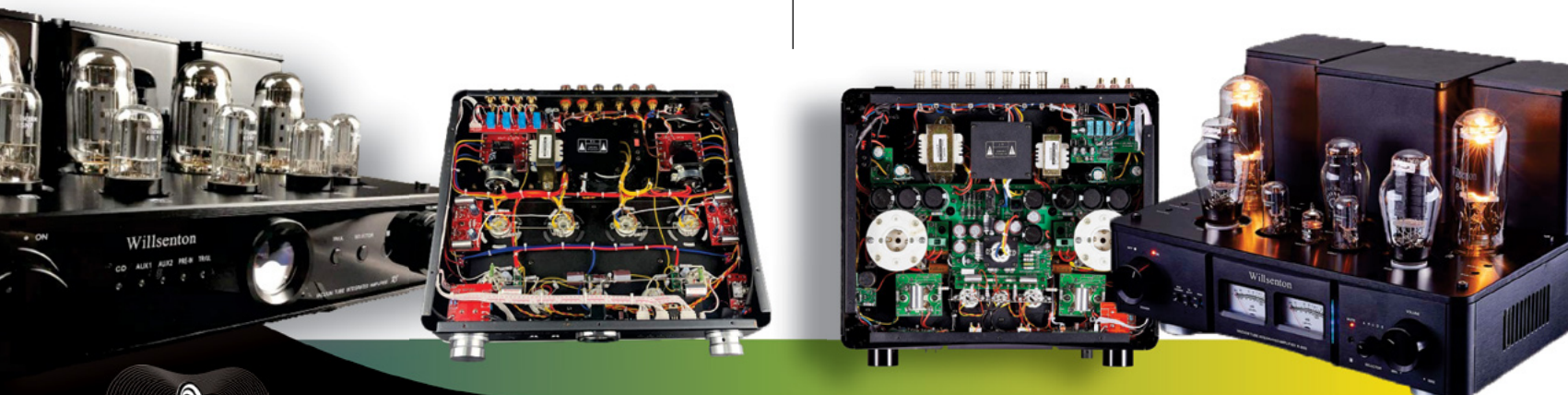
45W+45W (RMS ultra-linear working state) (KT88, 6550EH)

40W+40W (RMS ultra-linear working state) (EL34)

Willsenton R-800i 300B 845 : trata-se de amplificador integrado de altíssima performance, com topologia diferenciada, Classe A pura, single ended, alcançando um nível de refinamento inimaginável até então para aparelhos em sua faixa de mercado.

Conta com dois generosos transformadores de saída com extremidade única do tipo EI de alta frequência , com resposta de banda larga feita de núcleo de ferro Z11, para assim se obter um som doce e transparente que somente um verdadeiro single ended / Classe A pode entregar, contudo, alinhado a uma alta corrente de trabalho. Por fim, um acabamento sublime que irá de encontro aos audiófilos mais exigentes.

Potência de saída nominal: 23w 23w (rms)



+55 19 99713-5005
www.elitesound.com.br

@elitesoundhifi
@elitesoundhifi

Produtos adequados ao mercado brasileiro, com garantia de originalidade e garantia técnica integral no Brasil.

TOCA-DISCOS

TOCA-DISCOS SME SYNERGY

Fernando Andrette



Estamos acostumados a ver toca-discos de entrada ou intermediários, Plug & Play. Até para mim é uma novidade um toca-discos Estado da Arte utilizando esse conceito, e de maneira tão magistral!

Se me dissessem um ano antes do lançamento do Synergy pela SME (um dos mais tradicionais fabricantes de toca-discos) que seus engenheiros estavam imbuídos em 'presentear' o mercado com um toca-discos pronto para uso, eu duvidaria de que fosse verdade. Para o leitor não familiarizado com essa reputada marca Inglesa, basta dizer que seus produtos depois de lançados, permanecem por décadas em fabricação, sem sofrer nenhuma mudança drástica.

Seu braço SME V está no mercado desde meados dos anos 80, assim como seus renomados toca-discos SME 10 e SME 20.

O Synergy segue essa mesma filosofia, de ser feito para durar por uma eternidade, porém seu conceito além de 'moderno' visa atender ao audiófilo que deseja o toca-discos definitivo, em que ele não tenha mais que se preocupar com upgrades futuros, na cápsula, braço, ca-

bos e no pré de phono! Se você está nessa categoria de audiófilos, que deseja a solução definitiva analógica, se ajeite em sua cadeira, pois esse teste tem muito a lhe dizer.

A SME é justamente conhecida, e ganhou a fama merecida de ter uma qualidade de engenharia a ser copiada (ou pelo menos invejada), de precisão e durabilidade. A obsessão aos mínimos detalhes de construção e de soluções práticas, é elevada à enésima potência.

O Synergy por ser uma opção completa, teve que contar com a colaboração de parceiros experientes e com os mesmos objetivos da SME: oferecer a melhor resolução possível, tanto em termos de praticidade e compatibilidade como de performance.

Então a SME se juntou a Crystal Cable para solicitar o desenvolvimento do cabo de braço para o SME IV, solicitou várias opções de cápsulas a Ortofon até, depois de inúmeras audições, escolher o modelo MC Windfeld Ti. E, para o desenvolvimento de um pré de phono que fica internamente instalado na base do Synergy, o parceiro esco- ▶

lhido foi a Nagra, que também dispensa apresentações, sendo justamente conhecida pelo seu alto grau de confiabilidade, durabilidade e performance!

Se você nunca viu ou instalou um toca-discos Estado da Arte, irá se assustar com seus mais de 25 Kg, então o primeiro cuidado que indico é que peça ajuda para retirá-lo da embalagem. Segunda dica essencial: veja se seu rack sustenta um toca-discos 'peso pesado'.

Como a cápsula já vem instalada no braço, e os pés de ajuste de altura, contra peso e anti-skating ajustados, o trabalho será apenas ler o manual e ver se no transporte nada foi danificado. Para esse trabalho de revisão e ajuste final, mais uma vez nosso fiel escudeiro André Maltese realizou o trabalho pesado e prazeroso de, depois de tudo revisado, sentar e fazer a primeira impressão conosco.

Acho que os menos experientes podem ter um pouco de dificuldade apenas na hora de ligar as fontes, pois são duas: a do motor do SME e a do pré de phono Nagra, que está instalado na base do Synergy.

E pode-se ter alguma dúvida em relação aos dois parafusos de aterramento dourados existentes na base do toca-discos, mas tudo está bem explicado no manual.

Os cuidados essenciais são: destravar o toca-discos, retirando as tiras que travam o chassi, colocar o lubrificante que vem em uma seringa já na medida certa para ser utilizada no rolamento (o manual explica detalhadamente o procedimento a ser feito para colocar o lubrificante), aí é colocar o prato, a correia, fazer uma reavaliação de peso, altura e anti skating, ligar o cabo de braço a entrada do pré de phono, ligar o cabo da Crystal Cable RCA de 1m no seu pré de linha ou amplificador integrado, plugar o cabo da fonte no chassi do Synergy para alimentar o motor do SME, o plug da fonte do pré da Nagra também no chassi do toca-discos, ligar os fios de aterramento, sentar e ouvir seu primeiro disco.

Eu não tinha, à disposição no teste de um segundo cabo de braço, para desplugar o pré de phono da Nagra internos e ouvir o Synergy no nosso PH-1000 para comparar os prés de phono. Então toda a avaliação feita foi do pacote - e que pacote, meu amigo!

Gosto de observar atentamente os três primeiros discos que ouço no primeiro contato com o toca-discos em teste, pois raramente essa primeira impressão será drasticamente alterada após o amaciamento. E posso garantir que a primeira impressão foi das melhores.

Pois o 'pacote' se mostrou coerente, coeso e cativante (quando em minhas anotações pessoais coloco esses três C, sei que será um teste imensamente prazeroso).

A sensação mais relevante ao ouvir o Synergy - o tempo todo em nosso Sistema de Referência e com as caixas Harbeth SHL5plus XD

(leia Teste 2 na edição 291), JBL L100 Classic e Estelon X Diamond MkII, é que buscar limitações no Synergy é procurar 'pelo em ovo'.

Pois fica evidente que os engenheiros da SME fizeram esse trabalho 'sujo' de lapidar arestas e oferecer um sistema extremamente correto. Passando a evidente impressão que o todo foi maior que a soma das partes.

Pois ainda que eu entenda que o novo cabo de braço do SME IV tenha sido um consistente upgrade, o casamento dele com essa nova fiação e a cápsula Ortofon, e com o pré da Nagra, colocam esse Plug & Play em um patamar que complica para muitos setups analógicos em que o audiófilo se 'esmerou' para extrair o máximo. Às vezes custando muito mais que esse pacote completo.

O cuidado na construção desse setup fechado foi tão impressionante, que nem o Clamp consegui achar solução melhor que a da própria SME.

A maior mudança auditiva ocorreu após 50 horas de uso, com a apresentação de melhor corpo na região grave e uma extensão ainda mais correta nas altas frequências. Como eu não conheço essa cápsula da Ortofon, não sei dizer se foi ela que estabilizou ou foi todo o conjunto (cápsula, pré de phono e cabo Crystal).

O que percebi é que depois de 50 horas, não ocorreu mais nenhuma mudança.

Seu equilíbrio tonal é excelente, tanto em termos de precisão como de refinamento. Graves com enorme precisão, energia, deslocamento de ar e corpo. A região média possui o equilíbrio exato entre transparência e conforto auditivo, e os agudos soam abertos, com excelente extensão e decaimento.

O soundstage tem a maior qualidade que um setup de alto nível pode oferecer: uma imagem nos três planos soberba! Ouvir música clássica em um setup deste nível é simplesmente justificar cada centavo investido! Os planos, com seu foco e recorte, são impecáveis, possibilitando o acompanhamento de cada solista com aquele silêncio circundante sem borramento ou perda de informação.

As texturas são ricas, e o grau de intencionalidade perfeito para quem deseja 'compreender' a ideia por detrás do discurso musical.

A macrodinâmica é capaz em obras como a Sinfonia Fantástica de Berlioz, a Sagração da Primavera de Stravinsky, ou Quadros em Exposição de Mussorgsky, pregarem bom sustos e um largo sorriso no rosto! E a micro é impecável em termos de transparência não excessiva (quando esse acontecimento o distrai ou o faz perder o todo).

Os transientes nunca foram problema para um bom setup analógico, mas quando ouvimos em um sistema com esse grau de comprometimento e acerto, é que entendemos o nível de precisão no tempo e ritmo que podemos alcançar. Ouvi algumas gravações de caixa de

TOCA-DISCOS



bateria com a esteira fechada, que involuntariamente nos volumes corretos me fez piscar. O prazer em acompanhar transientes precisos é indescritível em sistemas desse nível!

O corpo harmônico, que é uma das mais belas qualidades do analógico desde os anos 50 com a evolução dos microfones e prês de microfones, e continua sendo a maior pedra no sapato do digital, o Synergy o coloca na fronteira entre os setups analógicos corretos e os perfeitos! É possível ver o tamanho exato captado em uma boa gravação de um contrabaixo acústico, uma harpa, ou um piano solo. Tão bem feito que nosso cérebro se rende instantaneamente!

E com todo esse arsenal de qualidades, como não enganar nosso cérebro com a materialização física dos músicos a nossa frente? Impossível não acreditar que fomos transportados para a sala de gravação!

CONCLUSÃO

Eu sempre sou muito reticente com o leitor que me escreve dizendo que irá se aventurar em um sistema hi-end analógico, começando do zero! Eu tento demovê-lo sempre falando das desvantagens o alto custo no setup, e na compra da mídia física, que está altamente inflacionada.

Mas para toda regra existem exceções, e depois de conhecer o SME Synergy, se algum leitor com melhores posses insistir na odisseia, não terei como demovê-lo.

Pois se ele tiver bala para um Synergy, e estiver disposto a comprar coleções vendidas por 'viúvas' desejando se desfazer dos LPs dos

ex-maridos, eis uma possibilidade muito tentadora e viável para se iniciar no universo analógico.

Esse último mês de novembro fui solicitado para avaliar duas coleções de analógicos excelentes, em que o comprador levaria quase 4000 LPs em excelente estado por apenas 25 reais os discos importados e 12 reais os nacionais! Mas era preciso comprar em ambos os casos toda coleção!

Nessas condições, meu amigo, e esse Plug & Play de alto nível, é entrar no analógico com o pé direito seguramente.

Seu grau de prazer auditivo é pleno, e você jamais sentirá a menor necessidade de realizar nenhum upgrade nesse pacote!

Altamente recomendado, e certamente será Produto do Ano, com méritos! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Z5VY5FHXPQO](https://www.youtube.com/watch?v=Z5VY5FHXPQO)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=1G3NJV5HOHW](https://www.youtube.com/watch?v=1G3NJV5HOHW)

AVMAG #291
 Ferrari Technologies
 info@ferraritechnologies.com.br
 (11) 98369-3001 / 99471-1477
 US\$ 28.850

NOTA: 103,0



ESTADO DA ARTE
 SUPERLATIVO

PRÉ DE PHONO GOLD NOTE PH-10 COM FONTE EXTERNA PSU-10

Fernando Andrette



Não me lembro, ao longo dos 25 anos da revista, de termos 'revisitado' um produto já testado. A não ser que este tenha sofrido uma mudança significativa ou tenha sido lançada uma nova versão mais aprimorada.

Como as empresas não são obrigadas a dar 'satisfações' quando elas fazem alterações pontuais, como troca de algum componente sem mudanças em sua topologia geral, não tenho a menor ideia se o PH-10 testado em 2019 tenha sofrido alguma mudança em seus componentes.

Ainda assim, antes de ligá-lo à sua fonte externa para realizarmos esse teste, fui no meu caderno de anotações pessoais e busquei ouvir os mesmos discos que usei para o amaciamento do pré de phono, na época (pois a German Audio me enviou tudo lacrado).

A grande questão a resolver, foi que de todo o setup do primeiro teste, o único componente à disposição foi o cabo de força Transparent Audio PowerLink MM2, pois todo o resto de cabos de interconexão, pré de phono e a própria eletrônica nada faz parte hoje do nosso Sistema de Referência. Então, ainda que sugira aos interessados no PH-10 que leiam o teste publicado na edição 249, resolvi refazer todo o teste antes de avaliar os benefícios do uso da fonte externa PSU-10.

O nosso setup atual analógico mudou muito para o setup de 2019, o que nos possibilitou saber se seria possível extrair algum sumo a mais do PH-10 com este novo sistema. E não só foi possível, como nos mostrou o quanto esse pré de phono é versátil e como seus recursos são inteiramente desejáveis à todos que buscam um pré definitivo em seus sistemas Estado da Arte.

O que mais impressiona no caráter sônico do PH-10 é sua vivacidade e transparência sem, no entanto, querer mostrar mais do que foi captado e mixado.

Seu silêncio de fundo é exemplar para um pré de phono em sua faixa de preço, e sua compatibilidade com as mais diversas cápsulas existentes no mercado é um diferencial significativo. Agora que possuo o PH-1000 (leia teste na edição 278), posso dizer que o PH-10 é sua versão compacta, tanto em recursos como em performance.

Para o teste utilizamos o toca-discos Origin Live Sovereign, braço Origin Live Enterprise de 12 polegadas, com cápsulas Hana Umami Red, e ZYX Ultimate Omega G. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Quintessence Aniversário (RCA e XLR) e Dynamique Audio Apex (XLR). Cabos de força: Kubala-Sosna Realization, Transparent PowerLink MM2 e Sunrise Lab Quintessence Aniversário. Pré de linha Nagra Classic, com powers Nagra modelos HD e Classic.

PRÉS DE PHONO

Minha conclusão no primeiro teste escrevi: “O que mais nos encantou foi sua quantidade de recursos, versatilidade e facilidade de uso, que são inconcebíveis para sua faixa de preço”.

Ouvindo agora novamente em um setup muito superior ao que tínhamos como referência na época, conseguimos tirar um ‘caldo’ a mais, ouvindo os mesmos discos que usamos para fechar a Metodologia. Acrescentando um ponto a mais no corpo harmônico (11,5), um ponto a mais na Organicidade (11) e um ponto a mais no Soundstage (11).

Elevando a nota final de 93 pontos para 96!

Veja que os três pontos a mais não mudam o caráter sônico do equipamento (equilíbrio tonal, textura, transientes e dinâmica) e sim no que chamamos de refinamento (soundstage, corpo harmônico e organicidade).

O QUE MUDA COM O USO DA FONTE EXTERNA?

Essa é a pergunta que me fiz ao testar o DAC da Gold Note, o DS-10 (leia teste na edição 277). E ao alimentar o DS-10 através de sua fonte dedicada PSU-10 EVO, o produto mudou significativamente de patamar em termos de performance!

O mesmo ocorre com o PH-10?

Pela minha experiência com prés de phono, toda ajuda para melhorar a filtragem de energia em um sinal tão baixo é sempre muito bem-vinda.

Para o teste utilizei os mesmos cabos de força que foram usados direto no PH-10, sem mudança nenhuma no restante dos componentes. O fabricante explica que o objetivo da fonte externa PSU-10 é melhorar o desempenho geral do PH-10. É uma fonte de duplo indutor que aciona os estágios de alta corrente negativo e positivo. A topologia Dual Choke patenteada, filtra a tensão de sinal para eliminar qualquer interferência e ruído elétrico do sistema de alimentação AC.

Com este isolamento adicional, se melhora a redução de ruído, possibilita melhor dinâmica, melhor resolução, e detalhes antes imperceptíveis se tornam audíveis, garantindo uma maior performance e realismo!

O PSU-10 possui 4 estágios de alimentação, com 4 reguladores de tensão de ruído ultra baixo. O dispositivo é alimentado por 4 transformadores (3 dedicados à fonte de alimentação e 1 para o filtro especial indutivo de dupla indutância). Sua variação máxima de tensão de saída é de 0,05%, rejeição de ruído de linha maior que 80 dB, rejeição de ruído de modo comum também maior que 80 dB, e tempo de resposta de potência completo menor que 2,5 us.

Deixei a fonte ligada por 50 horas antes de iniciar uma nova rodada de audição dos mesmos LPs, no mesmo volume, sempre usando como caixas de referência a Wilson Audio Sasha DAW e a Estelon YB (leia teste 1 na edição 281).

A melhora foi tão significativa como foi no DAC DS-10.

E arriscaria dizer que no PH-10 o que mais favoreceu o uso da fonte externa foi a resolução da dinâmica (tanto macro, como micro), neste quesito a melhora foi maior que no DAC DS-10.

O PH-10 deixa de ser um Estado da Arte e passa a ser um Estado da Arte Superlativo, para resumir o teste! Mas todos os outros quesitos da Metodologia também se beneficiam, como um foco e recorte muito mais cirúrgico, e os planos ganham mais camadas tanto em termos de abertura como de profundidade.

O equilíbrio tonal não muda, mas ganha em extensão e decaimento nas duas pontas (será a melhora substancial do silêncio de fundo?). E a região média, que já era muito boa em termos de transparência, se torna ainda mais evidente!

Some todas as partes, e o conjunto é uma materialização do acontecimento musical ainda mais presente!

Outra vantagem, com todos esses benefícios, é o alargamento da ‘folga’, permitindo que os discos tecnicamente ruins possam ser ouvidos desde que não se extrapole no volume.

CONCLUSÃO

O upgrade no PH-10 com o uso da fonte externa é quase que obrigatório, caso se deseje extrair o máximo deste pré de phono. Só não fará sentido se o sistema não estiver à altura do conjunto PH-10 com PSU-10. Caso esteja, garanto ser um upgrade seguro e barato!

Depois de ouvir o avanço que as fontes externas fizeram no DAC e no pré de phono, não me resta outra saída que ouvir a fonte externa do PH-1000! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=VBODV2JTLQE](https://www.youtube.com/watch?v=VBODV2JTLQE)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=_4Q-QA-OU3S](https://www.youtube.com/watch?v=_4Q-QA-OU3S)

AVMAG #281
 German Áudio
 contato@germanaudio.com.br
 PSU-10: R\$ 17.315
 PH-10: R\$ 9.900

NOTA: 101,0



ESTADO DA ARTE
 SUPERLATIVO

PRÉ DE PHONO REGA AURA

Fernando Andrette



Para o leitor que abandonou qualquer resquício de mídia física em seu sistema, em algum momento do século 21, deve ser estranho ler dezenas de resenhas e testes de lançamento de prés de phono, cápsulas, braços, etc.

No entanto, essa realidade paralela de mídia física analógica, continua a surpreender o mercado, e quando nos debruçamos nos números de vendas e a quantidade de lançamentos, é que constatamos o quanto esse mercado analógico continua firme e competitivo.

Nesses dois últimos anos, vimos e testamos uma quantidade considerável de prés de phono, e o mais interessante foi constatar o alto nível desses produtos enviados para teste. O que posso dizer é que o audiófilo e melômano que desejam um pré de phono definitivo, terão um leque de opções impressionante.

E se esse fenômeno ocorre em um mercado ainda tão restrito como o nosso, imagine nos centros audiófilos mais desenvolvidos, a dificuldade que será escolher a melhor opção?

E como é bom poder dizer a você, leitor, que testamos equipamentos de tão alto nível, capazes de satisfazer aos mais exigentes fãs do vinil! Levantando minhas anotações pessoais, percebo que os melhores prés de phono que avaliamos nos últimos três anos são, em sua maioria, muito versáteis - além, claro, de serem excelentes sonicamente.

Quando se trata de escolher um pré de phono final para um sistema Estado da Arte, acredito que inúmeros preceitos devem ser colocados em pauta. Sei que muitos de vocês, quando nos consultam, gostariam de receber uma 'fórmula' pronta, mas não é assim que funciona, meu amigo. Pois é preciso conhecer o sistema, gosto musical, se o audiófilo possui mais de um toca-discos, ou apenas um com mais de um braço. Se ele tem uma coleção de cápsulas e as usa frequentemente. Se existe a possibilidade de ouvir com cápsulas tanto MM como MC. Se o audiófilo mora em regiões com problema de interferência de rádio frequência.

Todo detalhe é crucial, acredite.

PRÉS DE PHONO

Vou citar dois casos recentes de consultorias que prestamos e que não deu certo: um leitor ficou fascinado com o teste do Luxman EQ-500, e se esqueceu de nos dizer que morava em uma região de São Paulo cercada por antenas de FM. Resultado: foi impossível contornar esse desagradável problema. E o segundo caso, o leitor escolheu depois de ler e reler o teste do PH-10 da Gold Note, o seu pré de phono definitivo - e também teve problema com a falta de aterramento no prédio em que mora, causando um ruído em 60Hz que foi impossível de eliminar.

Felizmente, com as opções existentes no mercado, ambos conseguiram corrigir o problema com outros prés, e estão satisfeitos com o resultado obtido.

Citei esses dois casos para mostrar o quanto o analógico necessita de cuidados extremos para funcionar a contento. Mas, quando conseguimos vencer todos esses obstáculos e ajustar minuciosamente o setup, meu amigo, o analógico continua sendo encantador e único em sua maneira de nos apresentar a música que amamos! Pois nada em um setup analógico pode ser menosprezado - brinco que só os que possuem a paciência e a determinação podem ter um sistema analógico.

Pois são como filhos ainda pequenos que necessitam de cuidados e mimos diários. Mas, se cuidados corretamente, nos proporcionam audições inesquecíveis sempre.

O Aura da Rega é o pré de phono mais sofisticado já produzido por esse fabricante Inglês. Pesando quase 15 kg, ele realmente impressiona pela sua robustez, acabamento e qualidade de construção. Seguindo a filosofia da Rega, seu design segue o padrão de sobriedade e facilidade de uso e ajuste. Gosto pessoalmente desse estilo, sem ro-cocó ou informações para as quais precisamos colocar o óculos para não acionar o comando errado, como de micro-chaves para ajustes de impedância e capacitância, de tantos prés de phono.

Posso parecer chato e arrogante, mas passei dessa fase de ter que ficar me enfiando atrás do rack em posições contorcidas para fazer ajustes, sentar e constatar que mudei a chave errada, rs! Então, ter tudo a mão em um painel frontal em letras legíveis e botões precisos, é tudo que desejo de um pré de phono Hi-End.

E isso o Aura tem! Então, no primeiro contato, só coisas boas ocorreram.

Porém, como nada é perfeito na vida, o Aura só aceita cápsulas MC, o que pela sua faixa de preço, tamanho do gabinete e construção, me deixou um pouco frustrado.

Sei que neste patamar, provavelmente 95% dos audiófilos usarão cápsulas MC, mas no meu caso de revisor em que testo tanto cápsulas MC e MM, ele jamais poderia ser meu phono de referência, ainda

que sua performance o gabarite a ser uma excelente opção! E para os 5% que possuem excelentes cápsulas MM (pois elas existem e soam maravilhosas quando bem ajustadas), o Aura não será viável!

Outra limitação é que o Aura não tem uma segunda opção para conectar um segundo braço ou outro TD. O que o restringe ainda mais o leque de consumidores que podem optar por ele.

Mas para os que possuem apenas um toca-discos, com apenas um braço e somente escuta e compra cápsulas MC, o Aura deve ser escutado com enorme interesse.

Na frente, temos à esquerda o botão de liga/desliga, colocado no meio do painel de maneira discreta, mas visível. Na sequência um pequeno botão de Mute, seguido pelo de mono, ganho (opção de 63.5dB ou 69.5dB) e os botões maiores de girar para impedância (de 50 a 400 ohms) e de capacitância (de 100 a 5700 pF). Porém, nenhum ajuste de curva além de RIAA, utilizando apenas o que se tornou padrão da indústria a partir de 1954 - o que permitirá ouvir qualquer gravação realizada após esse período, de maneira correta.

Alguns leitores me perguntam se realmente faço uso das inúmeras opções de curvas de equalização existentes no Gold Note PH-1000? No meu caso, faço sim, pois tenho inúmeras gravações feitas entre 1928 e 1953 de vários selos e, portanto, esse recurso me é imprescindível, mas antes de ter o PH-1000 vivi sem esse recurso sem nenhum problema (só passa a ser indispensável depois de ter ouvido nas curvas corretas principalmente gravações mono reeditadas de 1930 a 1950).

No painel traseiro, o Aura permite saída XLR e RCA, já que seu circuito é inteiramente balanceado. São conectores de alta qualidade e um acabamento exemplar até no parafuso de aterramento de braço. No coração do Aura, ainda que a Rega goste de esconder o jogo, é possível ver placas simétricas, limpas e com diversos componentes de bom nível. Seu circuito principal utiliza uma placa FET (Field Effect Transistor), com três estágios e uma fonte de alimentação bem robusta.

Mesmo para o leigo, é possível observar visualmente que o circuito, da entrada do sinal à saída, é muito bem organizado, limpo e fica evidente a filosofia do 'menos é mais'. O que pode frustrar os aficionados por inúmeras placas de circuito emparelhadas e que ficam empilhadas dentro do gabinete, dando a falsa impressão de ter por isso superioridade na performance sonora.

Para o teste utilizamos nosso toca-discos de referência, o Origin Live Sovereign Mk4, braço de 12 polegadas Enterprise Mk3, e cápsula ZYX Ultimate Astro G. Os cabos de interconexão foram: Sunrise Lab RCA Quintessence Aniversário, e XLR Dynamique Audio Apex. O Aura foi utilizado na maior parte do tempo ligado ao pré Classic da Nagra e aos

powers HD, também da Nagra. As caixas foram: JBL L100 Classic, Harbeth SHL5plus XD (leia Teste 2 na edição 291), Wharfedale EVO 4.4, e Estelon X Diamond Mk2.

O Aura vem com um excelente cabo de força da própria Rega, e um cabo RCA também deles. Usei a maior parte do teste o próprio cabo de força, porém, para o setup utilizado de cápsula, o cabo RCA da própria Rega se mostrou o elo fraco, por isso acabei usando para fechar a nota os dois citados acima.

O Aura veio lacrado. Então seguimos o ritual de teste, com um Primeiras Impressões apenas para termos o contato inicial e, para nossa surpresa, após o quarto LP, sua melhora foi tão significativa, que praticamente passamos as 100 horas de queima ouvindo música nele.

Queima de Cápsula, cabo de braço e pré de phono não tem jeito - é uma loteria, pois pode ser um sofrimento, ou um deleite logo de cara. Felizmente o Aura pertence ao segundo grupo.

Primeira observação: seu silêncio de fundo é excelente! Mesmo no ganho mais alto (o que não acabei usando, pois a Astro não necessita de tanto ganho), você não ouvirá nenhum ruído de baixa frequência ou um hiss nas altas acentuado. Isso é que é começar uma avaliação com o pé direito!

Só quem está familiarizado com cápsulas MC, sabe o quanto o silêncio de fundo irá determinar a performance do setup, pois o analógico necessita do maior silêncio possível de fundo.

Segunda observação: sua assinatura sônica possui uma vivacidade e relaxamento surpreendentes para sua faixa de preço (ainda que não seja barato, mas testamos prés de phono mais caros que não tinham essa qualidade tão evidente). A música flui com aquela 'aura' que parece brotar do silêncio, sem soar tenso, ou por espasmo. Essa característica é que difere os grandes prés de phonos dos corretos, pois consegue aliar características muitas vezes difíceis de conciliar, como ser profundamente impactante quando a música exige, sem jamais perder a compostura ou tornar o sinal frontalizado. Pois quando isso ocorre, do pré de phono não dar conta da complexidade do sinal, a distorção ainda que seja muito mais suave que no digital, também soa desagradável aos ouvidos.

"E analógico sem conforto auditivo é melhor não ter", diria meu pai. E com toda razão.

Esse risco você não terá com o Aura. No entanto, com seu excelente silêncio de fundo, a escolha da cápsula será crucial, pois pode muitas vezes ter como consequência um aumento de ruído de fundo do disco. Com a ZYX Ultimate Astro não tivemos esse problema, mas algumas MCs podem 'ampliar' esse silêncio de fundo, extraindo mais ruído de discos mal prensados e mal conservados.

Como escrevi no início desse teste, setups analógicos precisam ser cercados de 'mimos' para se extrair o melhor. Se você não tem paciência e muito menos a vivência de décadas de analógico, esqueça, pois, esse setup não será para você.

Já testei diversos produtos analógicos da Rega, e tive dois tocadiscos desse fabricante (RP3 e RP9) e o Aura difere em termos de assinatura sônica de todos que avalei ou tive. Pois ainda que ele tenha a tendência a soar mais 'quente', aqui ele primou por ser mais refinado do que quente. E com isso ficou muito mais correto em minha opinião, sem perder a importante capacidade de nos dar prazer ao ouvirmos aquelas gravações tecnicamente mais pobres.

Pois o que sentia ao ouvir os prés anteriores da Rega, era que tudo soava bem, mas em gravações mais primorosas, ou setups mais refinados, essas gravações careciam de maior detalhamento, extensão nas altas e decaimentos mais corretos. Ficava nítido para mim que a opção dos engenheiros da Rega era focar no mercado mais intermediário, buscando um maior volume de venda.

No caso do Aura, fica evidente desde o primeiro momento, que a Rega quis mostrar que não só desejou traçar um novo caminho, como soube bem como o trilhar para surpreender o mercado da melhor maneira possível! Isso ficou evidente nas sete semanas que tivemos o produto conosco.

Sua assinatura sônica possui resquício do DNA que conquistou uma legião de admiradores no mundo? Certamente que sim, e esse DNA está audível nessa sutil tendência a soar mais quente e convidativo, possibilitando manter a audição de toda uma coleção de vinis.

Mas agora, além de maior refinamento na apresentação de texturas, no seu equilíbrio tonal com maior respiro e correção nos dois extremos, transientes impecáveis, e uma apresentação dinâmica muito impactante, o Aura tem aquela 'magia' que só os melhores e mais corretos prés de phono possuem: integridade sonora.

E o que vem a ser essa integridade?

A capacidade de dar ao nosso cérebro o todo da música, sem nunca nos fazer dissecar o acontecimento musical em partes como: solos, mudanças de andamento, ou detalhes que nos tiram atenção devido a um alto grau de transparência.

Quando ouvimos esse grau de integridade sonora, nosso cérebro relaxa e apenas acompanha a música e ao final, a sensação é sempre de enorme prazer e conforto.

As pessoas pecam em avaliar características de equipamentos enquanto ouvem suas gravações preferidas ou de referência. E seu cérebro está o tempo todo se perguntando: "é para eu avaliar ou desfrutar do que estou ouvindo?". Pois bem, você quer saber se o produto ou

PRÉS DE PHONO



sistema que está ouvindo possui essa 'integridade sonora' ou não? Se você tentar destrinchar as características, e depois de alguns segundos estiver apenas seduzido pelo que está a tocar, esse produto possui essa integridade.

Agora, se o produto te chama a atenção para todo detalhe que 'cintila' sonoramente em seus ouvidos, esse produto não possui essa integridade. Sabe quando você está fazendo algo e a música está em segundo plano e, ao entrar determinada parte daquela música, você para instantaneamente o que estava fazendo para ouvir?

É assim que funciona.

Você não pode separar o ouvinte do que se está ouvindo, é tudo uma única unidade e seu cérebro pede por isso, passa às vezes uma existência toda se perguntando, que diabos esse cara quer de mim? Se quando eu lhe dou um toque de que aquela música que ele está escutando pela milésima nona vez, agora está soando totalmente diferente, e ele sequer me dá a oportunidade de lhe avisar!!

O Aura pode lhe dar perfeitamente esse toque. Entendeu? Dê-lhe as condições ideais e você (ou seu cérebro e seu sistema auditivo) facilmente perceberão que ali tem algo a ser reconhecido e admirado!

Ser mais explícito impossível, meu amigo. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CZ5AGK_9ZUK](https://www.youtube.com/watch?v=CZ5AGK_9ZUK)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=USOABT26NF4](https://www.youtube.com/watch?v=USOABT26NF4)

AVMAG #291
Alpha Áudio e Vídeo
 bianca@alphaav.com.br
 (11) 3255.9353
 R\$ 42.500

NOTA: 104,0



ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO



*Imagens ilustrativas.

MONSTER ADVENTURER FORCE



PREMIUM DE VERDADE

Conheça o speaker que leva 5 estrelas em todos as avaliações.
Duração. Qualidade. Som. Valor. Pure Monster Sound.

40W

Potência

5.0

Bluetooth

IPX7

À prova d'água

40h

Bateria

MONSTER®

Compre
agora no



ÁUDIO

SACD-PLAYER DAC & STREAMER MARK LEVINSON NO.5101

Fernando Andrette



Eu dei uma ‘fuçada’ na pesquisa que postamos na Edição de Aniversário - 284, e em um universo de quase 1500 respostas que já recebemos, há uma tendência que parece solidificada: 50% dos nossos leitores já optaram pelo streamer como sua principal fonte para reproduzir música.

E a outra metade se divide entre fonte analógica e digital, o que mostra como o leitor da revista está sendo mais cauteloso em abrir mão de suas mídias físicas, e embarcar de vez no armazenamento de seus discos nas nuvens!

Acho que essa tendência é irreversível (principalmente entre os leitores mais jovens), mas que sofre maior resistência à medida que o leitor com mais idade não quer cair no erro que cometeu, ao vender sua coleção de LPs por centavos de dólares nos anos noventa!

Então, produtos como o Mark Levinson N° 5101 são perfeitos para essa fase de transição, em que queremos experimentar o novo sem abrir mão de nossa mídia física (o que soará como música divina para metade dos nossos leitores que querem desfrutar de todas as mídias disponíveis no momento).

O que mais me impressionou no novo 5101, é ele custar menos da metade do 519, o CD-Player de Referência da Mark Levinson, e ainda assim ter o nível de construção, acabamento, versatilidade e performance tão próximo da linha acima! O que faz deste 5101 um ‘Melhor Compra’, em qualquer parâmetro racional que utilizemos para a escolha de um CD-Player com DAC e streamer de alto nível.

Claro que, para o tornar tão competitivo, algumas mudanças teriam que ser feitas, mas a ‘identidade’ que está presente na marca desde os anos oitenta, com um gabinete anodizado preto com um painel frontal arredondado, em destaques prateados e LEDs vermelhos que nos permitem ver os comandos a distância. Para baratear custos, a gaveta de carregamento por slot suporta formatos de discos como: SACD, CD-A, CD-R e CD-RW.

Ele é montado contra choque, em uma unidade de aço, com uma blindagem para redução de ruído elétrico e mecânico. Basta encostar o CD para ele ser ‘sugado’ de maneira segura e com baixo ruído operacional.

O DAC interno é o Precision Link II proprietário, baseado no chip ESS Sabre ES9026PRO de 32-bit, com circuito especial de eliminação de jitter. Ele pode processar arquivos: FLAC, WAV, AIFF, OGG, MP3, AAC e WMA - de até 24-bit/192kHz em PCM, ou DSD128. Existem ainda sete opções de filtros para PCM, e quatro para DSD.

O 5101 também possui uma saída analógica, semelhante à existente nos integrados 5802 e 5805. Segundo o fabricante, os ganhos não são os mesmos utilizados nos integrados.

Cada canal (segundo o fabricante), é construído em torno de estágio de ganho único discreto, acoplado direto e balanceado, fazendo uso de um buffer de tensão proprietário. Segundo os engenheiros, foi feito um longo estudo para manter o nível de ruído o mais baixo possível com o uso de cinco fontes de alimentação individuais apenas para o chip DAC, além de outras quatro (duas por canal), para o fornecimento de energia para o estágio de saída analógica. Uma fonte de alimentação chaveada fornece energia para o drive SACD e todos os circuitos digitais, enquanto outra fonte de alimentação linear, com um transformador toroidal e retificadores Schottky de baixo ruído, fornece energia para os circuitos analógicos.

As fotos mostrando o 5101 por dentro, não fazem justiça ao nível de qualidade de construção e limpeza de todas as etapas do circuito. Mostrando que, mesmo na linha de entrada, os produtos Mark Levinson seguem o mesmo alto padrão da série de Referência.

Seu arsenal de entradas digitais é enorme, como: coaxial, ótica, S/PDIF ou USB (senti falta apenas de uma entrada AES/EBU, para poder usar o melhor cabo digital que dispomos como Referência). Há duas saídas analógicas (RCA e XLR) e saídas digitais (S/PDIF, coaxial e ótica).

Para o uso do streamer, o usuário pode optar pela entrada de rede Ethernet e pelo Wi-Fi (para essa opção é fornecida uma antena para ser conectada ao painel traseiro). A Mark Levinson disponibiliza dois aplicativos: o MusicLife da Harman, que fornece navegação de conteúdo em serviços de streaming (Tidal, QoBuz, Spotify, etc), e o 5Kontrol para quem possui outros equipamentos Mark Levinson no sistema.

Eu penei um pouco para me adaptar ao MusicLife via Android, mas depois de algumas tentativas e erros, entendi a sua 'lógica' (estou tão acostumado a ter que usar plataformas tão distintas, que acho que já estou me familiarizando com cada uma delas).

Como todo produto deste fabricante, toda vez que é ligado, ele passa por um padrão de autoteste, antes de ser liberado para uso. E se não for acionado logo após ter sido ligado, ele entra em modo de espera e um LED vermelho ficará piscando como um 'vagalume'.

Para o teste, utilizamos os integrados Arcam SA30 (leia teste na edição 284), Krell 300i (teste na edição 286), Stereo 130 da Leak (teste em 288), e Sunrise Lab V8 Anniversary (teste em 287). Caixas acústicas: Wharfedale Elysium 4 (leia teste edição 281), JBL L82 Classic (leia teste edição 281), Wilson Audio Sasha DAW, Estelon YB Mk2 e JBL L100 Classic (leia Teste 2 na edição 285). Cabos de força: Virtual Reality série Trançado, Sunrise Lab 20th Anniversary (leia teste na edição 284), e Transparent PowerLink MM2. Cabos digitais: USB Anniversary da Sunrise Lab, Kubala Sosna Revelation. Coaxial: 20th Anniversary da Sunrise Lab, e Virtual Reality.

Para o teste, como sempre fazemos em produtos que na verdade possuem um pacote de opções, foi separar no final as notas avaliando-o como CD-Player, DAC e streamer. O que demanda mais tempo de teste, mas permite dar ao nosso leitor uma radiografia do potencial do produto em cada frente de atuação.

O 5101 veio lacrado, o que necessitou de quase 300 horas para amaciarmos (100 horas para o CD-Player, 100 horas para o DAC, e 80 horas para o streamer). A boa notícia é que, como CD-Player o usuário, já poderá ir amaciando, ouvindo com prazer o produto.

Sua assinatura sônica, além de correta, é encantadora, pois está muito mais para o lado da naturalidade e musicalidade, do que para o da transparência e analítico.

Fizemos a primeira audição, para as anotações iniciais, apenas com os discos da CAVI (SACD e CD), e muitas informações preliminares foram feitas, principalmente com o CD Timbres e os dois Genuinamente Brasileiro. Pois não é comum um CD-Player sair da embalagem apresentando esse grau de graciosidade na reprodução de texturas, ambiência e transientes. No CD Timbres, anotei: "excelente nível de diferença entre os três microfones, demonstrando o enorme potencial que aparenta ter esse produto".

Também não passou incólume a capacidade do 5101 de mostrar a ambiência das salas maior e menor do Teatro Alfa (algo difícil nos players sem amaciamento, por estarem um pouco engessados nas altas quando são colocados para as primeiras horas de audição).

Feito esse primeiro contato, deixei por 100 horas o CD-Player, junto com o integrado Krell 300i e a caixa JBL L100 Classic. Aliás, esse setup proporcionou audições memoráveis no teste em conjunto e na avaliação separada de cada um. O que fez com que, no maior tempo de teste, eu alternasse entre o Krell e o Arcam, para ver como a assinatura sônica do Mark Levinson se comportava com integrados distintos.

É muito bom quando dispomos de um arsenal de eletrônicos e caixas para a realização dos testes, pois isso deixa as avaliações muito mais consistentes e precisas. Gostaria muito que o mercado brasileiro voltasse à normalidade, e pudéssemos ter à disposição mais produtos para fechamento dos testes.

ÁUDIO



Todos ganhamos se isso ocorrer!

Com 100 horas, ficou claro que poderíamos começar a audição das 80 faixas da Metodologia, e aí me veio a ideia de revezar a avaliação de cada quesito, tocando a mesma faixa no nosso transporte de referência Nagra, e ver se haveria diferenças importantes entre o transporte interno do 5101 e um transporte de alto nível externo. Deu muito mais trabalho, mas pudemos constatar que o DAC do 5101 realmente faz um trabalho impressionante, e ele é a razão deste Mark Levinson soar tão bem. Sendo que, com o transporte da Nagra, permitiu observarmos o grau de silêncio e refinamento do DAC interno da Mark Levinson!

Sei que muitos de vocês podem pensar que um transporte interno fará um trabalho melhor e mais preciso que o uso de um transporte externo, que ainda por cima precisará de um cabo digital para ser acoplado ao DAC, e que, portanto, não deve haver melhorias que possam fazer sentido. Mas quando falamos de transportes de nível superlativo, e DACs de alto nível, garanto que essa experiência deve no mínimo ser levada em consideração.

No nosso caso, a maior diferença ocorreu na reprodução das faixas dos quesitos Soundstage e Corpo Harmônico. Aqui as diferenças foram muito mais que audíveis, foram 'palpáveis'. Mas, claro que ninguém em sã consciência investirá em um transporte externo custando quatro vezes mais que o CD-Player, e nem foi por isso que fizemos essa experiência auditiva. E sim para saber o nível do DAC interno do 5101. E posso garantir que ele realmente é excelente!

Com 200 horas, ouvimos novamente as 80 faixas, e algo havia melhorado ainda mais: quando não entendemos muito bem o grau de mudanças, costumamos compactar nossas impressões e nomeá-las, para que se tornem mais plausíveis a nós mesmos. Eu costumo aplicar termos como: 'maior organização nos planos', 'arejamento e silêncio bem mais recortado na apresentação dos solistas', 'refinamento' e 'inteligibilidade'.

Eu tenho minhas 'palavras-chave' pessoais, mas por temer que não sejam o suficiente para explicar minhas observações, procuro ser o mais didático que consigo (como ainda não recebi reclamações, acredito que estejam funcionando).

Pois bem, com 200 horas a grande alteração ocorreu exatamente na organização dos planos, com o silêncio de fundo elevando o grau de inteligibilidade tanto da micro como das passagens com fortes alterações dinâmicas, como também do silêncio em volta dos solistas, que permitem um maior refinamento na apresentação e claro: maior conforto auditivo!

Para os leigos ou os com pouca experiência com produtos Estado da Arte, geralmente a palavra chave para explicar essa 'agradabilidade sonora' cai no famoso pacote de Musicalidade. Ok, deixemos que assim seja por mais um ciclo, mas lembre-se que Musicalidade é a soma dos nossos sete quesitos, de forma homogênea e coerente.

E por mais que o 5101 se esforce por ser o mais integral e coeso, seu melhor grau de 'Musicalidade' ainda será com gravações de maior qualidade técnica. Ainda que ele tenha folga suficiente para nos brindar, em gravações tecnicamente limitadas, com audições sem constrangimento ou vontade de trocar de disco. Mas para que isso ocorra, seus pares deverão estar no mesmo grau de patamar técnico em que ele se encontra.

Seu equilíbrio tonal é excelente, pois ele permite que o ouvinte tenha extensão e decaimento precisos nas duas pontas, e uma região média rica e natural!

Como eu consigo ouvir essas qualidades (vários leitores me perguntam)? Ouvindo seus discos com um bom equilíbrio tonal em volumes moderados (se sua sala de audição permitir é claro).

Quer um ótimo exemplo para realizar o teste se o equilíbrio tonal de seu sistema está correto? Ouça (em 78 dB de pico) o Quarto Movimento da Quinta Sinfonia de Mahler - se o equilíbrio tonal e as extensões forem corretas, você não fará o menor esforço para escutar tudo! ►

Parece 'pêra doce', não é verdade? Eu sei pois já vi o sorriso no canto da boca de muitos de vocês! Mas não é - acredite - exigirá muito de seu sistema, e já vi centenas de audiófilos jogarem a culpa na gravação, para não conseguir o resultado exigido.

E também já vi inúmeras aberrações ao reproduzir este movimento, com os graves saltando sem definição à frente dos violinos e violas, como tiros.

Nos crescendos, em que os naipes de cordas se inflamam sutilmente, em sistemas com pouco arejamento, os violinos parecem ricochetear em paredes imaginárias claustrofóbicas!

Faça, amigo leitor, e tire essa dúvida a respeito do equilíbrio tonal de seu setup!

O soundstage do 5101 é de alto nível, com apresentação de focos e recortes precisos. Os planos também são retratados com excelente altura, largura e profundidade. Deixando o ouvinte extasiado com gravações que tenham captado perfeitamente a ambiência do local da gravação.

Suas texturas, graças ao excelente equilíbrio tonal, nos permitem apreciar toda paleta de cores de todos os instrumentos, e ainda entender o grau de intencionalidade de cada obra.

Seus transientes são muito precisos, e com ótimo senso de tempo e ritmo. A música jamais parecerá letárgica ou desinteressante.

Sua macrodinâmica possui expressividade e escala suficientes para nos fazer sorrir, quando esperamos sustos programados. Mas não será o suficiente aos que querem deslocamento de ar capaz de movimentar a bainha de suas calças!

Já a micro-dinâmica, graças ao seu ótimo silêncio de fundo, nos permite ouvir todos os mais sutis detalhes existentes na captação.

O corpo harmônico, pessoalmente eu gostaria que fosse um pouco mais coeso (mas ficou claro que a questão é o leitor e não o DAC, pois no nosso transporte externo, essa coesão veio sem limitações), mas não se pode ter tudo nessa faixa de preço, acredite.

Mas não pense que é ruim, pois não é! A questão é que 'o problema do bom é o excelente', e tivemos a chance de experimentar o excelente. Mas, sem essa referência, garanto que 90% de vocês se darão por satisfeito com este quesito, acreditem!

Mas nosso trabalho é esmiuçar, não é?

Quanto à materialização física do acontecimento musical, o 5101 o fará em todas as excelentes gravações, sem nenhum esforço adicional, para o seu deleite diário!

CONCLUSÃO

Eis um produto que pode atender a uma enorme legião de audiófilos que não estão dispostos a abrir mão de sua mídia física, mas sabem

que inúmeras gravações daqui para frente somente em streamer poderão ser apreciadas.

Então, o jeito é investir o mínimo possível e extrair de um único pacote o melhor resultado possível. E, na linha de frente, esse produto é o Mark Levinson Nº 5101 - tenha certeza disso!

Seu nível de qualidade é excepcional e irá satisfazer 90% dos nossos leitores, dos mais exigentes aos mais céticos. Pois, como CD-Player ele além de tocar SACD e CD divinamente, possui um excelente DAC e streamer que se encontram no mesmo patamar dos existentes e de ponta oferecidos ao mercado.

Se a Mark Levinson melhorar sua plataforma streamer para deixar mais fácil e compatível com Android, tenho certeza que será uma opção ainda mais relevante.

Só posso indicar de maneira consistente, a todos que querem manter sua coleção de CDs e SACDs, para ouvirem atentamente o Nº 5101.

Pois ele vai lhe surpreender, como nos surpreendeu! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=AZZD9DY_MJM](https://www.youtube.com/watch?v=AZZD9DY_MJM)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OGAXDDGJEQO](https://www.youtube.com/watch?v=OGAXDDGJEQO)

**SACD-PLAYER DAC &
STREAMER MARK LEVINSON
NO.5101 (COMO STREAMER)**

NOTA: 81,0



DIAMANTE REFERÊNCIA

**SACD-PLAYER DAC &
STREAMER MARK LEVINSON
NO.5101 (COMO CD-PLAYER)**

NOTA: 93,0



ESTADO DA ARTE

**SACD-PLAYER DAC &
STREAMER MARK LEVINSON
NO.5101 (COMO DAC)**

NOTA: 95,0



ESTADO DA ARTE

AVMAG #285

Mediagear

contato@mediagear.com.br

(16) 3621.7699

R\$ 79.930

ÁUDIO

DCS BARTÓK DAC

Fernando Andrette



As empresas que se encontram no topo por muito tempo, como a empresa inglesa dCS, precisam estar sempre atentas às tendências de mercado e, lógico, aos avanços de seus principais concorrentes, para poderem se manter atualizadas e dando as cartas.

Tive por muitos anos produtos da dCS, e usamos seus conversores em nossos discos lançados pela CAVI Records, então me sinto à vontade, e com aquele olhar de curiosidade e expectativa, cada vez que essa empresa lança uma nova geração de produtos.

E dessa vez a dCS inovou ao apresentar de maneira sequenciada evoluções 'consistentes' em toda sua linha, começando pelo Bartók, passando pelo Rossini e até o Vivaldi.

E como conhecemos e testamos a geração anterior do Rossini e do Vivaldi, nosso interesse ao receber o novo Bartók, foi grande. Pois ainda que seja o DAC de entrada da dCS, o Bartók, já se encontra em um patamar de performance muito elevado!

Gosto sempre de lembrar de, e acredito que já tenha compartilhado com vocês, um YouTuber que se vangloriava de só testar DACs de até 5 mil dólares e sempre afirmava que gastar mais com um DAC,

era como jogar dinheiro fora. Todo mês ele vinha com o DAC mais 'impressionante' que já tinha escutado e fechava seus vídeos lembrando que nada poderia tocar melhor que aquilo! Até que o distribuidor, na América do Norte, lhe emprestou a versão anterior do Bartók e ele simplesmente caiu em si e viu o tamanho da 'arapuca' que tinha criado ao ser o porta voz de que DACs caros não poderiam soar melhores.

Vi esse equívoco tantas vezes por tantos anos, que já nem me espanto, quando finalmente o sujeito entende que não é todo produto caro que realmente terá uma performance superior, mas que existem sim produtos caros que podem soar de maneira superlativa! Essa é uma velha discussão, e não pense você audiófilo que tem menos de quarenta anos, que ela começou neste século. Pois nos anos 70/80, essas questões já alimentavam as rodas de discussões de audiófilos, e também haviam os objetivistas (tarados pelas especificações técnicas dos equipamentos japoneses e pelo surgimento do CD-Player), os subjetivistas, e os audiófilos abonados e os não tão abonados.

Eu sempre digo (e essa frase não é minha), que o desgosto do bom é o ótimo, e a desgraça do ótimo é o excelente! ▶

E por mais que os objetivistas xiitas berrem que é tudo 'óleo de cobra', e 'placebo', milhares de audiófilos e melômanos diariamente escutam melhoras significativas em cada upgrade feito de maneira inteligente e consistente. Então, a caravana passa, e os cães ladram - sempre foi assim e sempre será!

O colega do YouTube ao menos teve a dignidade de postar um vídeo assumindo seus equívocos e ficando com o Bartók como sua nova Referência (que agora certamente deve estar trocando por essa nova versão).

O que me impressionou neste novo Bartók foi que a dCS compreendeu que existe uma fatia enorme do mercado que busca uma solução final para o seu setup digital, que tenha um alto grau de performance, mas ao mesmo tempo torne seu sistema mais minimalista e objetivo.

Por isso que a dCS, ao lançar o novo Bartók o considerou como um componente múltiplo, ao oferecer no mesmo produto um DAC upscaling, um pré-amplificador, um streamer de música e amplificador de fone de ouvido. Em um gabinete padrão dCS, que inclui o Ring DAC da própria empresa (plataforma de processamento digital e arquitetura clock), pesando quase 18 kg, o Bartók possui uma interface de streaming que suporta todos os principais codecs lossless, com DSD nos formatos nativos e via DoP, e a interface de rede pode realizar decodificação e renderização MQA completa. A reprodução pode ser gerenciada pelo aplicativo Mosaic tanto para iOS como para Android, ou pela opção Roon.

Seu gabinete é em alumínio usinado, nas opções prata ou preto, e possui painéis de amortecimento acústico internos, tanto para reduzir vibrações externas quanto interferências eletromagnéticas.

Sua construção, como de todos os produtos da dCS, é impressionante - como por exemplo a regulação de fonte em vários estágios, que empregam transformadores de rede duplos para isolar o circuito DAC dos outros circuitos internos do streaming, do pré de linha e do amplificador de fones.

Seu painel frontal é sóbrio, mas extremamente funcional, com uma aparência muito organizada. À direita temos a tela de alta resolução, com pequenos botões na sequência da tela, com os comandos de menu, filtro, entrada, saída e mute. Duas saídas de fone de ouvido e um botão de volume à esquerda do painel.

No painel traseiro temos as conexões para saída de áudio RCA e XLR, e as entradas digitais S/PDIF (coaxial e TosLink), AES-EBU e USB para quem quiser utilizar computador ou alguma unidade NAS. Além de uma entrada de rede (Ethernet), bem como uma entrada para um Clock Externo.

A entrada AES é dupla, para poder aceitar dados SACD criptografados de um transporte também da dCS, com DSD comutável e upscaling.

Outro importante diferencial de todo produto dCS, é sua capacidade de atualização via CD, USB ou download, aumentando em muito sua vida útil à medida que o fabricante lance atualizações.

O cuidado no desenvolvimento do amplificador de fone de ouvido do Bartók, mostra o grau de preciosismo do fabricante, ao possibilitar um estágio de saída analógico em classe A através de suas saídas balanceadas e não balanceadas, para fones de ouvido de baixa e alta impedância, buscando atender a enorme oferta de modelos existente neste universo de fones de ouvido, independente do grau de eficiência e impedância de cada modelo.

O uso do amplificador de fone é bastante simples e eficiente, pois o usuário só precisa escolher a saída de linha e ajustar os níveis de volume ou o controle de volume pelo celular através do app Mosaic (sem a necessidade de um amplificador separado). E ainda escolher quatro configurações de ganho ajustável para maior comodidade e máximo desempenho do seu fone de ouvido. O estágio de saída classe A usa um design transistor totalmente discreto, junto com sua própria fonte de alimentação dedicada.

A dCS dá ao consumidor a possibilidade de comprar o Bartók com ou sem esse amplificador de fone (lá fora com o ele o Bartok fica aproximadamente 3 mil dólares mais caro). Eu recomendo vir com essa opção, para os que desejam um excelente amplificador de fone e querem 'simplificar o seu sistema'.

O novo Bartók vem com a atualização do aplicativo Mosaic, um software proprietário da dCS que permite navegar e reproduzir música de qualquer dispositivo. Segundo o fabricante, o Mosaic reproduz várias fontes em uma única interface, acessando qualquer plataforma de música existente, e pode usá-lo para ajustar as configurações do equipamento.

Nós usamos o aplicativo tanto para ouvir Tidal como QoBuz, via um celular Android.

E por fim, vou abordar o maior diferencial deste fabricante em relação à concorrência, e que colocou a dCS como referência em DACs superlativos por mais de três décadas ininterruptas: o Ring DAC, que foi desenvolvido pelos engenheiros da empresa e que não utiliza nenhum chip de DAC pronto para uso (como a maioria dos fabricantes usa).

O Ring DAC utiliza em seu processamento de 1 e 0, uma rede de FPGAs (Field Programmable Gate Arrays), que executa software dCS proprietário que cuida tanto da conversão digital para o analógico, bem como da filtragem digital. E por isso a possibilidade de atualização dele por meio de firmware.

Quanto à performance sonora e os benefícios do Ring DAC, em comparação com as topologias de DACs de ladder ou R-2R, a única

ÁUDIO

maneira de você decidir qual lhe agrada mais será ouvindo todas as três opções. O que posso lhe garantir é que existem diferenças audíveis e que podem sim ser observadas por todos.

E outro 'pulo do gato' deste fabricante, é o fato de utilizar clock osciladores de cristal de quartzo com base em descobertas feitas no aprimoramento do Ring DAC. O novo Bartók utiliza a arquitetura de master clock do dCS Vivaldi.

Ao longo dos anos, a dCS defende que seus clocks ajudam a garantir a perfeita sincronia para reduzir drasticamente a ocorrência de Jitter e, assim corrigir distorções de tempo na reprodução de um sinal de áudio no domínio digital e que podem degradar a qualidade final do que ouvimos no domínio analógico. E ainda que o master clock interno do Bartók tenha sido aprimorado, o fabricante afirma que um clock externo dCS pode ainda elevar o nível final de performance do produto.

Para o teste, a Ferrari nos emprestou o novo transporte Vivaldi, dois cabos AES/EBU geração 6 da Transparent Audio, e dois cabos Opus G6 de força.

Ou seja: o Bartók teve todas as regalias possíveis para mostrar todo seu enorme potencial.

O resto do sistema foi o de Referência com o pré Classic Nagra, powers HD também da Nagra e, por alguns dias, também usamos o transporte da Nagra para ver como o Bartók se comporta com um transporte diferente.

A caixa utilizada para o fechamento da nota foi a Estelon X Diamond Mk2. Os cabos de interconexão foram XLR Apex da Dynamique Audio, e também usamos o cabo digital AES/EBU Absolute Dream da Crystal Cable.

O Bartok nos foi enviado com pouco mais de 12 horas de amaciamento, levando-nos a fazer uma rápida audição para registrar as primeiras impressões e, depois, o colocamos diretamente em queima por 80 horas, tocando streaming ligado à caixa Wharfedale Evo 4.4 com o integrado Sunrise Lab V8 edição de aniversário (leia teste na edição 287).

Vale a pena lembrar que todo primeiro contato, para as observações iniciais, é feito com nossos discos e com o transporte Vivaldi e os dois cabos AES/EBU da Transparent. Pudemos ouvir os nossos dois discos SACD da CAVI Records: André Geraissati - *Canto das Águas*, e o *Lacrimae* do André Mehmani. E ficou claro nessa primeira impressão o quanto esse novo Bartók evoluiu e avançou sobre o antigo Rossini.

Impressionante o grau de refinamento, e algo que sentia falta na geração anterior: maior folga e relaxamento. Essa é uma questão na qual eu bato faz pelo menos três anos, sobre o avanço dos novos digitais, que conseguiram deixar o som mais relaxado sem perder autoridade quando necessário.

Uso a analogia da faca 'o tempo todo entre os dentes', ou do cão de guarda que nunca descansa. A mim este grau excessivo de tensão colocado sobre a música foi cada vez mais me incomodando, a ponto de rever todo nosso setup de Referência e mudar de rumo totalmente. Pois não quero que a música que escuto em meus raros momentos de lazer, tenha esse grau de tensionamento, e por isso que sempre optei nessas horas por ouvir analógico e nunca digital, ainda que levantar a cada 20 minutos para virar o disco muitas vezes se mostrou impraticável, pois nos momentos de lazer os familiares a todo instante nos requisitam, e muitas vezes ao voltar a sala o disco já havia acabado, rs...

Então, ao primeiro contato com o novo Bartók, observar de cara essa 'mudança' de rumo, foi uma bela surpresa. Mas tinha uma outra ainda maior a ser ouvida: seu streamer!

UAU! Que susto que tive ao ver que o Bartók carrega embaixo de seu capô um impressionante streamer, que me fez pela segunda vez (o outro que realizou essa façanha foi o Innuos Statement), ouvir streaming com prazer e não apenas por obrigação para escrever o Playlist ou conhecer novas gravações. Diria que, pelo pacote que o Bartók oferece, é a opção mais inteligente para quem deseja um DAC definitivo com um streamer no mesmo padrão de performance!

Agora, imagine esse pacote podendo ser ampliado com o amplificador de fone opcional, mais um pré de linha! Torna-se um matador de gigantes, sem dúvida alguma!

Difícil, puxando pela memória, imaginar um pacote tão coeso e eficiente como este.

Acho que a dCS acertou em cheio ao disponibilizar em seu portfólio, um produto com tantas qualidades e um pouco mais acessível em termos monetários.

Com 92 horas de queima, o Bartok se mostrou apto a iniciarmos a avaliação auditiva. E o que mais ficou evidente foi a característica inicial, do relaxamento sem perda de autoridade. Para me certificar que esta era realmente sua maior diferença aos modelos anteriores deste fabricante, ouvi de uma só levada: o Concerto para Percussão & Orquestra do compositor húngaro Béla Bartók, seguido pelo seu Concerto para Piano & Orquestra, pela Sagração da Primavera de Stravinsky, e a Sinfonia Fantástica de Berlioz - todos na íntegra.

E realmente o Bartók se mostrou seguro e capaz de uma macrodinâmica precisa e pontual nos fortísimos, voltando ao relaxamento nos pianíssimos. Meu amigo, só ouvindo para entender o quanto esse 'equilíbrio' dinâmico é essencial, pois a música ao vivo soa exatamente assim, e não ao contrário (com músicos tensos como se estivessem a ter sobressaltos a qualquer momento).

E com isso seu cérebro também relaxa e imerge no acontecimento musical, sem sobressaltos não existentes na partitura.

Quando mostro essa qualidade aos que nunca tiveram o prazer de ouvir seus sistemas soarem assim, muitos estranham os primeiros acordes (mesmo em discos que eles trouxeram para escutar), mas que à medida que o conforto acústico da sala se torna aconchegante, eles entendem a proposta e passam a observar nuances que não eram comuns em suas audições. Por isso que muitos se assustam com o volume com que mostro cada disco. Não é um volume pré-determinado por mim, e sim o volume em que o disco foi mixado. E esse ajuste só é possível quando o sistema possui tanto autoridade para suportar os fortíssimos, quanto os pianíssimos como foram captados, mixados e masterizados.

Quer o melhor exemplo do mundo? Tenho dois: *Bolero* de Ravel e *Os Planetas - Marte* de Holst! Defina o volume correto em seu sistema para ouvir do pianíssimo ao fortíssimo sem blefar (diminuindo o volume quando a obra chegar no seu ápice), se seu sistema suportar sem mudança de volume, sem o sinal endurecer e os fortíssimos virarem uma massa sonora, parabéns pois seu sistema possui qualidade com autoridade.

Mas não se engane e nem se iluda meu amigo, pois um sistema sem essa qualidade de autoridade e relaxamento, jamais atingirá esse grau de performance.

E aí voltamos sempre ao velho e batido álbi usado no mercado audiófilo: 'a gravação que não é boa, por isso tudo complicou no fortíssimo!'. Eu tenho uma dúzia de excelentes gravações dessas duas obras, para provar que isso não procede.

E o Bartók saiu-se divinamente nos dois exemplos acima citados para avaliar a micro e macrodinâmica.

E aqui temos outra questão relevante que é avaliar o quanto transientes, soundstage (foco, recorte e planos) e equilíbrio tonal são corretos, para que não prejudique a macrodinâmica. Esse que é o 'nó' da questão - inúmeros audiófilos buscam soluções para o seu sistema de forma pontual, buscando aquilo que os satisfaz sonoramente, esquecendo que a música é a soma de suas características, nuances e qualidades.

Não dá para desejar a melhor macrodinâmica, se o soundstage for pobre, pois a macro dinâmica para ser reproduzida de maneira satisfatória, o foco, recorte, ambiência e planos precisa ser impecável! Assim como os transientes e, claro: o equilíbrio tonal!

Sem método, meu amigo não existe resultado consistente. Pode passar uma vida batendo na mesma tecla, e não irá chegar ao resultado tão desejado. E a indústria de áudio hi-end sabe disso, e usa a falta de método para vender o novo sempre, para milhares de audiófilos sempre insatisfeitos com a performance de seus sistemas.

Eu, nos meus 64 anos de vida, vi inúmeros audiófilos que estavam com seus sistemas quase que totalmente coerentes, coesos, corretos e com um potencial de sinergia excelente, faltando apenas o último ajuste fino para se chegar lá!

E o que fizeram?

Por desejarem uma qualidade específica acima das outras, botaram tudo a perder.

Essas pessoas, se tivessem compreendido em sua busca que método é a bússola que necessitam para avançar consistentemente para a etapa final, teríamos centenas de sistemas bem ajustados para ouvir, apreciar e aprender com o acerto dos outros, para o ajuste de nossos sistemas.

Isso traria uma nova potencialidade de negócios ao mercado, pois não conheço quem ama a música e não se emocione ao ouvir seus discos de referência em um sistema correto.

E não estou falando que para se atingir esse estágio de reprodução sonora, seja imprescindível equipamentos superlativos, e sim que esses produtos são como faróis que podem nos guiar por águas turvas e mostrar o nível no qual produtos hi-end de ponta podem chegar!

O novo dCS Bartók é um desses novos faróis, que nos indicam que com ele em um sistema no mesmo nível, o grau de performance será pleno. Tanto para os que ainda utilizam mídia física, quanto para os que aderiram plenamente ao streamer.

Se me perguntarem o que mais me surpreendeu no Bartók? Sem dúvida alguma, foi seu streamer. Como já disse, tenho muitas questões ainda sem respostas em relação a essa plataforma. Em comparação direta com a mídia CD, nenhum streamer soou ainda superior, falta mostrar ao meu cérebro que não se trata mais de reprodução eletrônica (o mesmo que ocorria com os CD-Players até o fim do século 20) - o corpo, as ambiências, planos, ainda não chegaram lá.

Mas, no entanto, o streamer do Bartók, nas melhores gravações, conseguiu me fazer relaxar e apreciar a música sem fazer eu me perder nos detalhes. Esse é o primeiro passo para reconhecer que o caminho está assertivo.

Como eu escrevo há anos: nosso cérebro não se engana nunca, ele está apto a reconhecer a diferença de uma dezena de sons tocados, mas, no entanto, sem se perder. Quando o nosso interesse se fixa no todo e não nas partes, quando você consegue essa 'façonha' em um sistema em que você escuta aquela música que conhece detalhadamente, e a música se forma em seu cérebro em sua totalidade, pare e se atenha, pois esse sistema vale a pena ser avaliado com profundidade.

ÁUDIO



E o streamer em geral, a mim ainda apresenta muito mais os detalhes, como a qualidade final da gravação, ou a falta de quesitos importantes como os que disse acima, que não me deixam ouvir apenas a música.

E nas excelentes gravações (tanto reproduzido no Tidal como no QoBuz) no Bartók, consegui esse grau de atenção. O que mostra que o streamer como fonte irá chegar lá (só não me pergunte em quanto tempo, pois não tenho bola de cristal, rs).

CONCLUSÃO

Sei que com o dólar acima de 5 reais, tudo se torna imensamente caro e quase que proibitivo aos audiófilos brasileiros.

Mas imagine que você tenha um sistema Estado da Arte, e que seja do período de vários módulos separados, com seus cabos de força, interconexão, digitais, etc. E deseja simplificar e atualizar esse sistema. O Bartók deve ser levado em conta, pois ele o permitirá vender todas as peças sobressalentes e ter um DAC com streamer, e um pré de linha, e amplificador de fone, se desejar, por um valor bastante razoável.

Em termos de performance, não há o que dizer - não vi nenhum ponto negativo, pois nem mesmo com um transporte diferente seu nível sonoro caiu. Mostrando que seu grau de compatibilidade com outros transportes é bom.

Se você está propenso a se desfazer de suas mídias físicas (se já não fez), mas deseja uma performance de alto nível para streaming, essa escolha fica ainda mais interessante.

E se você não possui uma sala tratada acusticamente, e partiu para um fone hi-end, aí meu amigo o Bartók se torna uma opção de 'primeiro na fila'!

Acho que esse produto será, nos próximos anos, o carro chefe de vendas da dCS, tanto para atender a audiófilos rodados, como aqueles que possuem um método coerente de avaliação para suas escolhas.

Altamente recomendado! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DSM_XSSPPKS](https://www.youtube.com/watch?v=DSM_XSSPPKS)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=5HTN951SURI](https://www.youtube.com/watch?v=5HTN951SURI)

DCS BARTÓK DAC (COMO STREAMER) NOTA: 101,0

DCS BARTÓK DAC (COMO DAC) NOTA: 103,0

AVMAG #288
Ferrari Technologies
 info@ferraritechnologies.com.br
 (11) 98369-3001 / 99471-1477
 US\$ 26.950



**ESTADO DA ARTE
 SUPERLATIVO**



UMA OBRA-PRIMA DA ENGENHARIA E DESIGN

O RECEIVER RX-A4A FORNECE SOM E VÍDEO REALISTAS QUE O TRANSPORTAM PARA FORA DE SUA CASA E PARA DENTRO DE SEU FILME FAVORITO. QUER VOCÊ ESTEJA ASSISTINDO, OUVINDO OU JOGANDO, VOCÊ SE SENTIRÁ COMPLETAMENTE IMERSO.



YAMAHA

Make Waves

ÁUDIO

DAC / TRANSPORTE / CLOCK DCS ROSSINI APEX

Fernando Andrette



Não é frequente recebermos, na sequência, as novidades dos fabricantes, ainda mais de produtos de ponta que custam milhares de dólares. Tivemos essa oportunidade com os produtos da Nagra, e agora com os novos dCS.

Claro que, com produtos desse naipe, o tempo de avaliação tem que ser reduzido, pois são equipamentos já vendidos e seus donos devem contar os segundos para recebê-los. Então tivemos exatamente três semanas para amaciar e escutar o setup completo Rossini Apex constituído do Transporte, DAC e Clock.

Inspirado na série Vivaldi Apex, o novo Rossini possui a mesma estética e beleza da série top, e sua performance é infinitamente superior

ao modelo anterior por nós testado. Como todo produto dCS, os detalhes de construção e acabamento são impecáveis. O gabinete utiliza alumínio aeroespacial com propriedades acústicas comprovadas, e todo o painel interno possui amortecimento acústico para reduzir a vibração mecânica e os interferências magnéticas.

O novo hardware do projeto Apex Ring DAC é, na verdade, uma nova placa de circuito reconfigurada. A arquitetura Ring DAC consiste em uma matriz de resistores, com um barramento de regulação de tensão e buffer de estágio de ganho.

Para muitos estudiosos dos meandros digitais, pode até parecer que visualmente o Ring DAC seja semelhante a um Ladder DAC. Mas, se- ►

gundo a dCS, o principal diferencial do Ring DAC está em suas fontes de corrente de igual valor, que passou a ser denominado de arquitetura DAC de ponderação unitária.

Outro grande diferencial é o uso de 48 fontes de corrente dentro da placa, sendo que todas essas fontes produzem uma quantidade igual de corrente. O programa desenvolvido e patenteado pelo fabricante do Ring DAC, permite que as fontes sejam ligadas e desligadas de tal maneira que qualquer erro de valor dos componentes seja calculado ao longo do tempo sem perdas. Consequentemente, o mesmo bit no Ring DAC pode dar uma saída alta, baixa e um meio termo entre essas duas possibilidades, ao contrário de uma topologia Ladder DAC onde só existem duas opções sempre (alta ou baixa).

Segundo o fabricante, esse grau de refinamento no processamento traz enormes benefícios, pois remove quase que na totalidade a distorção linear de sinal que é muito perceptível aos nossos ouvidos.

Feita a lição de casa de reavaliar todo o Ring DAC, e os pontos que poderiam ser aprimorados, os engenheiros da dCS modificaram a fonte de referência que alimenta a placa de circuito. O segundo passo foi refazer os filtros, o terceiro passo o estágio de saída Ring DAC responsável pelo armazenamento em buffer dos sinais analógicos gerados no Ring DAC foi totalmente redesenhado. O quarto passo foi a substituição de transistores individuais na placa de circuito, refazendo a simetria e linearidade de componentes. Depois de todas essas profundas modificações, o novo Ring DAC Apex passou por uma bancada de avaliação para se ter certeza que as mudanças haviam sido realmente consistentes.

Para o teste, utilizamos o setup Rossini de duas maneiras: primeiro utilizando o DAC Rossini com sua saída analógica ligada diretamente nos powers Nagra HD e, posteriormente, passando pelo nosso pré de linha Nagra Classic.

Também utilizamos, apenas para avaliar o comportamento do DAC Rossini Apex sem seu par 'familiar', ligado ao nosso Transporte Nagra, com o cabo AES/EBU Dynamique Apex (leia Teste 4 na edição 290).

O sistema para fechamento de nota foi o de Referência, com cabos de interconexão, caixa e força Dynamique Audio Apex e Transparent Audio digital entre o Clock e o Rossini Transporte e DAC.

E também o setup Rossini Apex nos ajudou no fechamento da nota da caixa Monitor Audio (veja Teste 3 na edição 290).

Acho que, desde o dCS Elgar nos anos 90, testamos todos os produtos desse fabricante Inglês, e tivemos por mais de uma década CD-Player Puccini com Clock externo, depois o Paganini e, por último, o setup Scarlatti (sem o upsampler externo). Acredito estar bastante familiarizado com os produtos dCS, tanto em termos de confiabilidade - se bem cuidados, feitos para durar uma vida - como pelo seu nível de performance.

E quando a dCS realiza algum novo upgrade, esse será para colocar a empresa ainda mais em evidência no mercado de referência hi-end.

Para o teste, recorri mais uma vez aos meus cadernos de anotação, para saber o que de mais importante observei no teste do DAC Rossini, e os detalhes que observei em determinadas faixas utilizadas naquele teste. Alguns leitores mais atentos já me questionaram se existe alguma valia nessas anotações, sendo que a probabilidade de upgrades no nosso Sistema de Referência é constante. E não existe memória de longo prazo tão precisa.

O que uso nesses casos, em que todo o setup é diferente, são os nossos fones de ouvido - e somente as gravações da Cavi Records, na tentativa de simplificar o entendimento das alterações mais significativas. No entanto, quando as mudanças são muito significativas (como nesse caso), o trabalho de identificação das melhorias fica muito mais fácil.

Arrisco dizer que o novo Rossini Apex está muito mais próximo de um Vivaldi como jamais esteve! E no caso específico de seu streamer, está no mesmo patamar, já que esse é o mesmo em ambos os modelos.

Afirmo que os engenheiros da dCS foram inteiramente assertivos na reavaliação do Ring DAC, pois as melhorias são todas audíveis. E o que mais me chamou a atenção foi o grau de realismo que agora existe nas apresentações. Nenhum DAC Estado da Arte que testamos nesses últimos três anos tem esse grau de realismo. E só existe uma maneira de se avançar nesse quesito: refinando todos os outros quesitos de forma homogênea! E foi exatamente isso que os engenheiros da dCS conseguiram.

Seu 'novo' equilíbrio tonal é impressionante, pois se deu de forma harmoniosa, ampliando a extensão em ambas as pontas sem, no entanto, comprometer a naturalidade.

Seus graves parecem ser mais precisos nas fundamentais e mais ricos em todo o invólucro harmônico. Levando o ouvinte a perceber com muito mais riqueza os detalhes de digitação, a qualidade do instrumento e dos músicos. Os contrabaixos, bumbo de bateria, percussão, órgão de tubo, piano, contrafagote, sax barítono ganham uma riqueza harmônica desconcertante e, consequentemente, mais 'realista'.

A região média, pelo seu impressionante silêncio de fundo, brota com maior intensidade sem, no entanto, se tornarem mais evidentes do que o resto, elevando o grau de materialização dos solistas, com uma 'aura' de silêncio de fundo à sua volta, que nos faz sentir sua presença física de forma mais 'realista'.

E os agudos, possuem um decaimento tão correto, que na famosa faixa 13 do CD da Shirley Horn - aqui comentada centenas de vezes em verso e prosa - são ainda mais inteligíveis, tornando a resposta ainda mais 'realista'.

ÁUDIO

Acho que o leitor já entendeu o maior diferencial da nova linha Apex da dCS, certo? Só que as melhorias vão muito além do excepcional equilíbrio tonal, pois seu soundstage também foi imensamente favorecido com as melhorias implantadas. E com isso os audiófilos ‘tarados’ por palco sonoro, foco, recorte e reprodução de ambiência, se sentiram extasiados ao ouvirem o que o DAC Rossini e seus parceiros são capazes de fazer.

Ouvir obras sinfônicas neste setup é, finalmente, dar a mão à palmatória e entender que neste quesito o digital emparelhou definitivamente ao analógico de alto nível. Os planos são apresentados com total precisão, se o engenheiro de som foi feliz na distribuição dos microfones em relação a acústica da sala e a posição dos naipes da orquestra. Você ouvirá tudo organizado em seus devidos planos, sem aquele inconveniente dos metais em suas passagens macro pularem para cima dos contrabaixos, ou o coral ocupar o lugar do naipe de sopro de madeiras e violas. Os solistas ocupam literalmente seu espaço físico sem nenhuma sensação de borramento ou do acompanhamento encobrir o solo.

Escutar a *História de Um Soldado* de Igor Stravinski no Rossini Apex é memorável.

As texturas podem ser descritas como precisas, refinadas e ao mesmo tempo desconcertantes. Se, para análise desse quesito, o amigo for fã como eu de quartetos de cordas, prepare-se, pois a paleta de cores terá uma riqueza inebriante e as intencionalidades ganham um ar de requinte que não é comum de se observar no digital.

As texturas são literalmente ‘palpáveis’ e ao alcance do nosso olhar, tanto quanto da audição. Acho que esse efeito se dá em grande parte pela exuberância de seu foco e recorte, mas para eu ter certeza disso, precisaria ter ficado muito mais tempo com esse setup para entender como o Rossini Apex faz esse ‘truque’ ser tão ‘real’.

Os transientes poderiam também, nesse caso, ser chamados de ter ‘realismo intenso’. Pois em nenhuma gravação haverá a sensação de algo letárgico ou fora do compasso. Ouvi uma dúzia de bateristas de diversas escolas e períodos, apenas para apreciar a técnica e a maneira como o Rossini Apex nos envolve e nos mantém atentos a todos os detalhes.

Costumo sempre lembrar, em nossos Cursos de Percepção Auditiva, que nosso cérebro, quando os transientes não são corretos e precisos, perde o interesse no que ouvimos muito rápido. No Rossini Apex, não haverá essa oportunidade nunca, pois andamento, ritmo e tempo são ‘realistas’ demais para perdermos algum detalhe.

E aí chegamos na macrodinâmica, o Calcanhar de Aquiles de todos os sistemas. Algo que falo há muitos anos é que eu percebo claramente uma mudança de rumo do mercado de áudio hi-end, que passou o

final do século 20 buscando a melhor macrodinâmica na reprodução eletrônica hi-end, que muitas vezes foi confundida com o pró-áudio na potência de seus amplificadores e no desenho das caixas acústicas, e que nesse século, parece ter recobrado a ‘razão’ e estar buscando o aprimoramento do refinamento e musicalidade.

Eu cheguei a escrever que alguns amplificadores e setups digitais me passavam a impressão de estar sempre com a faca nos dentes, mesmo quando a música não exigia essa postura. E ter um sistema de alto nível que nunca ‘relaxa’, traz como consequência uma fadiga auditiva permanente. E que, felizmente, alguns projetistas já entenderam que esse caminho da ‘faca nos dentes’ não teria saída, e passaram a investir no refinamento com folga.

E posso afirmar, ao ouvir os novos dCS Bartok e Rossini Apex, que eles também estão surfando nessa nova onda. No entanto, não pense que isso significa abandonar a busca pela melhor reprodução de macrodinâmica possível dentro das limitações (principalmente das caixas acústicas), mas sim só fazer uso dessa energia quando a partitura assim determinar.

Essa nova ‘cultura’ tem levado muitos audiófilos acostumados com sistemas hi-end mais ‘nervosos’, ao ouvir suas referências em macrodinâmica nesses sistemas recentes e achar que está faltando algo. Eles não conseguem perceber que a folga conseguida deixou essas passagens com muito maior inteligibilidade e conforto auditivo, pois na sua mente eles esperam aquele impacto assustador que nos faz perder os detalhes. E só vão entender as vantagens quando começam a observar que a macrodinâmica não precisa endurecer o sinal, borrar a informação e nos fazer perder o ‘todo’ para apenas ouvir o ‘susto’.

O ideal para se perceber essa mudança de conceito em reproduzir a macrodinâmica, certamente será ouvindo obras complexas clássicas. Mas você também pode observar em outros estilos como rock, pop e blues, porém sem a mesma riqueza de detalhes, ao ouvir um rufar de tímpanos acompanhado dos metais nos fortíssimos.

Mas, quando o audiófilo percebe que agora não predomina apenas uma massa sonora, e que dentro desse fortíssimo ele consegue escutar os naipes de metais, a afinação dos tímpanos, e que é possível ouvir com precisão a escala de crescimento da dinâmica, ele não vai querer voltar atrás, acredite.

Tenho feito essa experiência com nossas visitas, e todos sempre nos fazem a mesma pergunta: “Andrette, é esse volume que você escuta sempre”? E eu sempre respondo: “Escuto sempre no volume da gravação, nunca acima”. E observo a reação de cada um deles, nos crescendos dinâmicos, e como eles reagem à folga com que essas passagens são feitas e como, ainda assim, no fortíssimo não é preciso gritar para se comunicar na sala. ▶

E depois de duas horas, pergunto a eles se ouvi fadiga auditiva. A resposta é sempre um 'não' bastante consistente.

O Rossini Apex, ainda mais que o novo Bartok, pertence a essa nova linhagem de digitais em que a folga predomina sobre a tensão e, com isso, as audições ficam ainda mais prazerosas e 'realistas'.

E sua microdinâmica é de se tirar o chapéu! Ouvi detalhes em todas as gravações que jamais escutei em nenhum outro digital Estado da Arte até o momento!

O corpo harmônico do novo Rossini é o mais próximo que escutei de um analógico. Chegou lá? Quase. Falta realmente muito pouco para a reprodução do corpo harmônico ser similar ao analógico. Mas se você já abandonou há muito tempo o analógico, posso te dizer que ao conviver com o Rossini Apex por um tempo, você vai estranhar o corpo de outros digitais e irá achá-los esqueléticos.

E chegamos ao quesito Organicidade, que nada mais é que a materialização física do acontecimento musical em nossa sala de audição. E muitos de vocês podem estar se perguntando: "Realismo não é o mesmo que Organicidade?".

Sim e não. Pois a Organicidade em nossa Metodologia apenas descreve o grau de materialização de boas gravações conseguem. Ou seja, é muito mais mérito do engenheiro de gravação do que dos sistemas. Quem participou dos nossos Cursos, irá lembrar que a partir de sistemas diamante, a materialização do acontecimento musical em gravações bem feitas já ocorre, levando nosso cérebro a relaxar e quase acreditar ter sido transportado para o evento.

É claro que essa sensação vai se ampliando à medida que evoluímos rumo ao Estado da Arte. Mas o realismo aqui enfaticamente descrito do novo Rossini Apex, vai além do quesito Organicidade, pois ele consegue esse 'efeito' também em gravações medianas tecnicamente. E o faz, acredito eu, pela sua capacidade de refinar o sinal a um grau que os concorrentes terão que correr atrás se não quiserem ficar comendo poeira. Pois, independentemente do nível técnico da gravação, tudo nele soa mais real, consistente, envolvente e coerente. Fazendo com que a música reproduzida digitalmente pule de patamar.

Interessante ressaltar que, ao usar o pré existente nele, esse grau de realismo não foi tão evidente, então eu aconselho aos futuros pretendentes deste impressionante DAC, que não abram mão de um excelente pré de linha. Pois se tivesse apenas testado o setup Rossini Apex, minhas conclusões não seriam tão contundentes, e sua nota final seria pelo menos 4 pontos a menos.

E não posso fechar esse teste sem falar da outra grande surpresa: a qualidade do seu streamer interno. Se já havia ficado impressionado com a qualidade do streamer do Bartok 2.0, faltam adjetivos para descrever o quanto me impressionou o desse Rossini. Resumirei dizendo

que foi a primeira vez que o streamer se aproximou de maneira 'perigosa' do CD, como nunca antes escutei!

CONCLUSÃO

Claro que um setup como esse é absolutamente proibitivo para 99% dos mortais.

Mas para o 1% com uma sólida situação financeira resolvida, que esteja buscando seu setup digital definitivo (afinal toda linha Rossini e Vivaldi é passível de upgrades para a nova geração Apex e, claro, para futuros upgrades pós Apex), não ouvir esse setup estará cometendo um grave erro.

E se você é daqueles audiófilos que precisa de argumentos puramente racionais para definir seus upgrades, o que posso lhe dizer é que se trata de um pacote sem contra indicação nenhuma - se estiver financeiramente ao seu alcance, é claro.

Integralmente recomendado! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=TZEKEYNILTO](https://www.youtube.com/watch?v=TZEKEYNILTO)

**DCS ROSSINI APEX
(COMO STREAMER)**

NOTA: 102,0

**DCS ROSSINI APEX (DAC,
TRANSPORTE & CLOCK)**

NOTA: 110,0

RTT (Transporte CD/SACD)

US\$ 42,400

RDC Apex (Streamer/DAC)

US\$ 52,400

RCK (Dual Clock)

US\$ 16,400

Desconto pela compra
do conjunto: 5%

AVMAG #290

Ferrari Technologies

info@ferraritechnologies.com.br

(11) 98369-3001 / 99471-1477



**ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO**

ÁUDIO

DAC REFERENCE DA MSB TECHNOLOGY

Fernando Andrette



Ouvir um DAC de referência e descrevê-lo para os leitores, é sempre uma tarefa que exige muita paciência e um certo didatismo, para não se cair na ‘vala’ comum de uma série de adjetivos ou jargões tão utilizados no meio audiófilo.

Sem contar que muitos que estão iniciando sua trajetória neste hobby, costumam ter inúmeras dúvidas e receio de estarem colocando os pés pelas mãos. É natural que assim seja, e todos passamos por momentos de muitas dúvidas e aquela sensação que querem nos fazer gastar mais do que realmente precisamos.

Tenho a impressão que caixas acústicas, DACs e amplificadores de fones de ouvido, são os produtos com mais testes, tanto nas mídias físicas como virtuais, e se formos levar em consideração tudo o que é falado ou escrito, provavelmente desistiremos desse hobby.

Eu acompanhava até recentemente dois youtubers especialistas em DACs, jovens ainda (acho que ambos nem chegaram ainda aos 30 anos), e que naquele entusiasmo ‘testosterônico’, afirmavam em seus vídeos que gastar mais que 2 mil dólares em DACs, era uma tremenda ‘roubada’. Sendo que um deles afirmava ser impossível ouvir diferenças entre DACs considerados de entrada e DACs de até 5 mil dólares!

O outro era um pouco mais comedido, mas de vez enquanto tinha seus arroubos em anunciar ser o DAC por ele escolhido o melhor que o dinheiro poderia comprar para qualquer setup!

Aquele que não escuta diferenças, continua fazendo seus vídeos feliz da vida e mantendo uma plateia fiel aos seus princípios. Já o segundo, viveu feliz com sua última descoberta (se não me engano um DAC de quase 3 mil dólares), até ouvir um DAC de nível superlativo, e fazer seu ‘mea culpa’ em um vídeo longo, em que ele descreve as diferenças ‘enormes e audíveis’ (palavras dele), entre sua referência e o DAC da dCS Bartok.

Eu já vi essa cena tantas vezes ao longo dos últimos 50 anos, que o máximo que faço nessas situações é sorrir e ficar feliz pelo fato do cara descobrir que não só as diferenças existem, como são audíveis, quando colocadas em um setup do mesmo nível de performance.

Como diria meu pai: “o problema do bom é o excelente”, sempre foi assim e sempre será!

Mas cada um pode achar o que bem quiser, e ninguém tem nada a ver com isso, porém quando me torno uma pessoa pública e compartilho minhas convicções, tudo muda de figura. Pois a desinformação, o

equivoco e a falta de critério, pode fazer um estrago e tanto na cabeça dos que estão iniciando essa trajetória. E aí, meu amigo, desculpe, mas não existe perdão! Você é sim responsável por tudo que diz e escreve.

Todos (menos os objetivistas ortodoxos, claro), sabemos que o CD-Player foi lançado com uma série de limitações, que deveriam ter sido corrigidas antes dele ser apresentado ao mercado. E os audiófilos e melômanos foram justamente os que alertaram o mundo que existia algo de muito 'torto' com o CD. Seu equilíbrio tonal era inferior a um bom tape-deck hi-end, e ficava a léguas de distância do LP.

Lembro dos engenheiros tentando explicar a genialidade da relação sinal/ruído, ou sua praticidade e durabilidade, e que se calavam quando conseguiam ouvir como os discos platinados soavam duros nas altas, magro na região média-grave, e com um corpo harmônico ridículo!

Felizmente os fabricantes de equipamentos hi-end arregaçaram as mangas, e foram atrás dos problemas. E que baita problema meu amigo, pois era impossível resolver em uma só cartada as limitações mais audíveis. Passou-se a primeira década após o lançamento, tentando 'amaciar' aqueles agudos vitrificados e dar um pouco mais de naturalidade aos timbres.

Eu já estava na Audio News neste período, e pude observar que as melhores soluções vieram degrau a degrau, nada de saltos que pudesse dar um ânimo e afirmar que se poderia 'consertar' tamanho erro.

Aí o leitor, que comprou a ideia desde o primeiro instante, deve estar achando que estou, além de exagerando os defeitos, dramatizando algo para ele e para milhões que acharam fantástico ter mais de 60 minutos de música, sem ter que levantar da cadeira para ficar virando disco.

A indústria de consumo é muito inteligente ao desviar dos problemas, e mirar e bater na praticidade de suas novas conquistas tecnológicas (é só olhar o streamer, que vai além, ao oferecer milhões de gravações, com uma performance inferior ao CD, que é armazenado nas nuvens, sem lembrar o consumidor que em uma tempestade solar, tudo pode estar perdido). E daí? Quem se interessa por riscos, se tudo está indo de vento em popa?

Voltando ao disco platinado, as melhorias mais consistentes começaram a ocorrer finalmente na virada do século. Aí se deu um salto significativo e, hoje, posso afirmar sem correr nenhum risco, de que estamos no ápice dessa nova etapa do CD. E esse 'grande salto' ocorreu graças a empresas de ponta que não se curvaram aos enormes desafios iniciais de uma tecnologia semi acabada, lançada ao consumidor com pompas de ser 'o grande salto na indústria fonográfica'.

E a MSB Technology está neste seleto grupo de empresas que mostrou ser possível aprimorar e corrigir as limitações iniciais. Sugiro que os leitores releiam o teste do MSB Select (edição 252), pois lá existem informações que ajudam a entender o quanto o modelo Reference 'herdou' do top de linha, e o quanto ele se aproxima em termos de performance, com a vantagem de custar bem menos.

A MSB possui uma política de fidelidade muito importante, permitindo atualizações constantes à medida que elas sejam colocadas à disposição do mercado. Seus produtos são primorosamente construídos e passam a impressão que foram feitos para durar um século!

E a MSB, ao lançar o Reference DAC, o tornou totalmente compatível com todos os módulos Select DAC, permitindo oferecer ao usuário módulos universais, assim como a atualização do software. Pois empresas de ponta sabem que o áudio digital continua avançando e topologias podem ficar rapidamente obsoletas.

O Reference está equipado com a mais recente tecnologia Hybrid DAC da MSB, e a grande diferença (inclusive para se baratear custos) entre o Select e o Reference é que, ao contrário do design de oito módulos, o Reference utiliza quatro módulos. Essa topologia híbrida permite reconfigurar o módulo para acomodar tanto PCM como DSD nativo.

O que mais gostei, além do design de ambos MSB, foi o display de fácil leitura, mesmo a distâncias superiores a 4m (meu caso), o display é montado no próprio gabinete CNC e separado do DAC, para total isolamento elétrico e evitar qualquer tipo de interferência (parece um detalhe extremo, mas que certamente foi pensado para aprimorar ainda mais sua performance final).

Outro detalhe importante está na fonte de alimentação limpa. Com um design estudado, o Reference tem uma fonte para o DAC e outra totalmente isolada para toda a parte analógica. E a MSB permite que se faça um importante upgrade em termos de performance, utilizando uma segunda fonte para o modo Mono Power base, para um ruído elétrico ainda mais baixo.

Todos os módulos MSB foram projetados para sofrerem upgrades caso o usuário deseje, e com isso os módulos de entrada e saída são todos substituíveis pelo consumidor.

Talvez o módulo de que mais a MSB se orgulha, seja o módulo de saída que oferece um pré amplificador com controle de volume passivo, de impedância constante, de ponta.

A MSB possui em sua linha DACs, transporte, dois powers (um estéreo e um monobloco), e não possui em seu portfólio nenhum pré de linha, pois ela recomenda justamente se usar esse módulo base diretamente ligado a seus powers (assim que foram apresentados tanto na feira Axpona como na de Munique).

ÁUDIO

Esse módulo que substitui o pré de linha é ajustado individualmente para maior equilíbrio tonal. Mas, além desse pré de linha, é possível através de novos módulos colocar entradas analógicas adicionais, saídas secundárias isoladas e saídas analógicas extras.

O gabinete, assim como o do Select, é uma placa de alumínio 'Kaiser Select Precision Plate' usinada na própria oficina da MSB em máquina CNC. Todo o processo leva mais de quatro horas de usinagem, com 60% do alumínio removido. O belo acabamento é anodizado em prata ou preto fosco. E os pés também são usinados na própria MSB.

O modelo enviado para teste veio com o módulo Base, o que permitiu ouvir o Reference como pré de linha, ligado tanto aos monoblocos Nagra HD, como aos Classics. O transporte utilizado foi o da Nagra, e o streamer o Innuos ZENmini Mk3. O cabo de força foi o PowerLink MM2 da Transparent e o Kubala Sosna Realization. Cabo digital coaxial Absolute Dream da Crystal Cables, e USB Kubala Sosna Realization e Sunrise Labs Anniversary. A caixa utilizada para o fechamento da nota foi a Estelon X Diamond MkII.

Como o teste do Select foi feito com um sistema totalmente diferente, eu apenas busquei minhas anotações mais pessoais - quando ainda não estou fechando a nota de nem um quesito e sim apenas apreciando o produto antes das considerações finais.

Posso garantir que o 'DNA' é o mesmo do Select, com aquela enorme sensação de conforto auditivo, que o digital sempre 'clamou' e que agora finalmente existe!

Os leitores curiosos sempre me pedem para explicar o que exatamente ouviremos em um setup superlativo ou em um componente desse naipe. Muitos têm uma mente 'fértil' (rs), e imaginam um verdadeiro show de pirotecnia em sua sala de audição. Para esses, sinto dizer que nada do que não esteja na gravação irá aparecer. E muito menos haverão 'colorações' que deixem o som mais quente ou 'ao gosto' do freguês. O caminho é outro, a viagem é muito mais insinuada e o resultado é integralmente de qualidade, e não de quantidade.

Sem entender essa diferença entre qualitativo e quantitativo, que muitos não compreendem a beleza que existe entre um bom sistema totalmente ajustado e um excelente, e julga ser apenas marketing para se vender o mais caro.

O que digo a todos os leitores é para não perderem essa oportunidade, e se assegurem que o setup esteja realmente à altura do prometido, e ouçam seus discos (por mais que os apresentados sejam artística e tecnicamente de bom nível). Pois para podermos perceber diferenças, temos que ouvir gravações que conhecemos bem e apreciamos muito!

O primeiro impacto será percebido como uma primeira onda, que eu chamo da organização do palco entre as caixas. Tanto em termos

de recorte, foco, planos e silêncio em volta de cada solista. Em DACs como o Reference da MSB, o grau de organização e apresentação é tão minuciosamente detalhado, que paramos de buscar o que está no fundo do palco ou que está dobrado em uníssono com algum outro instrumento. Tudo se apresenta com tamanha materialização à nossa frente, que paramos de ouvir partes para desfrutar somente do todo.

Essa primeira onda é inebriante, pois permite que seu cérebro relaxe e se prepare para a segunda onda, que é justamente esquecer de se ater à reprodução das frequências (como está o agudo? Como se comporta o médio? Os graves estão corretos?), simplesmente o que se ouve é o que o engenheiro captou, gravou, mixou e masterizou.

Aí ocorre o fenômeno que falo tanto nos nossos cursos, das memórias de longo prazo armazenadas em nosso hipocampo, que voltam à nossa mente, nos mostrando como aquele instrumento que estamos ouvindo reproduzido eletronicamente soa ao vivo, sem amplificação. E no Reference, o equilíbrio tonal nas gravações que se teve o cuidado de não equalizar ou comprimir, soam com esse grau de naturalidade e 'espontaneidade'.

Sim, meu amigo, o som brota do silêncio com uma precisão não-mecânica. Sabe quando estamos em uma sala de concerto, ouvimos as primeiras notas e buscamos saber de onde estão vindo ou que instrumento está tocando? O MSB soa assim, com esse grau de leveza sem perder a autoridade, com precisão sem deixar de ser confortável.

Todos que tiverem a oportunidade de ouvir em um setup superlativo essas duas primeiras ondas, estarão em condições de experimentar a terceira onda - a da intencionalidade - que só sistemas ultra afinados conseguem reproduzir.

Texturas que nos fazem reconhecer a qualidade do instrumento e a técnica do instrumentista. E, claro, a escolha do engenheiro no microfone utilizado.

Tente, em um bom sistema bem ajustado, observar essas informações e perceberá que se torna muito mais difícil (leia o exemplo que dei no playlist de junho, ao ouvir os 12 violinos Stradivarius no streamer e no CD). É preciso um DAC superlativo para se escutar esses detalhes.

Agora, só você pode dizer se este é o nível de qualidade que busca, ou se suas expectativas são menores. Mas, não julgue quem busca esse nível de refinamento, nem tão pouco faça chacota ou duvide que existe esse grau de reprodução sonora. Muitas vezes buscamos respostas para nossas sensações nos lugares errados.

Cansei de ouvir, nos corredores do Hi-End Show, leitores me pegando pelo braço e contando de sua experiência em determinada sala em que ao ouvir determinada música, a vontade era de sair dançando e outras, ao ouvir a mesma faixa, não havia essa vontade. Bem-vindo à resposta de transientes corretos!

O MSB Reference é deste time, em que os transientes o farão bater os pés (se for um sujeito mais tímido como eu) ou sair dançando, como se estivesse em um show ao vivo, expondo toda a adrenalina contida. Nada soará letárgico ou desinteressante no MSB Reference.

Eu fiquei impressionado com a dinâmica do Select, e o mesmo voltou a ocorrer com o Reference. Ligado ao Nagra HD (ligado direto neles ou passando pelo Pré Nagra Classic), os crescendos são de nos tirar o fôlego. E a micro é tão presente, que nada que estiver no disco deixará de ser ouvido! Mas, como digo, trata-se da transparência na medida certa, e nunca caindo para o analítico.

Quanto ao corpo harmônico, gostaria de ter em mãos um player EAD dos anos 90, ou um Wadia ou mesmo um Mark Levinson, e ouvir nossas referências para este quesito, para mostrar a todos o quanto os DACs evoluíram nesses 30 anos! Felizmente, chegamos lá! Se isso ainda está algo aquém do analógico, essa diferença agora é totalmente aceitável.

E chegamos a um dos quesitos mais 'adorados' pelos leitores, junto com o soundstage: organicidade. Um amigo, ouvindo o disco *Pure Ella*, entre a primeira faixa e a segunda, exclamou: "Consigo ver até a técnica vocal da Ella para, nos crescendos, não clipar a tomada". Essa é a sétima onda, meu amigo, de um sistema ou componente superlativo: já não é mais materializar o acontecimento musical à nossa frente, é 'ver' o que ouvimos com todas as suas nuances, desde o distanciamento do microfone, ou até pendular em frente a ele. Aqui o MSB Reference não ficou devendo em nada ao Select.

CONCLUSÃO

Não me culpem por existir equipamentos superlativos, meu papel é apenas avaliar e compartilhar com aqueles que se interessam em saber em que estágio evolutivo os DACs do século 21 se encontram.

E se o leitor achar que não vale a pena ler aquilo que não pode ter, entendo perfeitamente.

Mas, independente de lermos ou não, ouvirmos ou não, eles existem e são um marco na indústria de ponta, e para se alcançar este desempenho foram anos e anos de desenvolvimento e aprimoramento.

Eu também não posso ter 90% do que testo, mas minha vontade de conhecer, independente disso, sempre foi muito maior. Sinto prazer, e não raiva. Pois essas 'preciosidades' me forçam a buscar extrair o melhor possível dentro de minhas limitações financeiras. E isso faço desde que abracei essa profissão de editor/revisor. E tento explicar (dentro de minhas limitações, claro), tudo que observei de cada produto testado.

O MSB, ainda que seja para poucos, pode - aos que desejarem esse grau de performance - prover um produto que não irá se tornar

obsoleto, e com suas atualizações certamente poderá ser o DAC definitivo de qualquer audiófilo que consiga galgar esse último degrau.

Se é o seu caso, peça uma audição - a chance de você ser banhado pelas suas ondas é enorme! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=H-FLROSAM2U](https://www.youtube.com/watch?v=H-FLROSAM2U)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=KVMWN1DYBCU](https://www.youtube.com/watch?v=KVMWN1DYBCU)

AVMAG #286
German Audio
comercial@germanaudio.com.br
(+1) 619 2436615
US\$ 86.900

NOTA: 105,0



**ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO**

ÁUDIO

SERVIDOR DE MÚSICA INNUOS ZENMINI MK3

Fernando Andrette



Fazia tempo que desejava fechar essa trilogia de testes dos produtos da Innuos, que começamos com o teste do ZEN (leia na edição 270), fomos para o Statement (leia na edição 274), e faltava o teste do ZENmini Mk3.

Por um bom tempo, desde antes do início da pandemia em 2020, que eu já tinha decidido investir em um servidor de música que pudesse me atender nas escolhas de nossa seção Playlist, ajudando na avaliação das gravações (técnica e artística), sem custar uma exorbitância, já que manter nosso Sistema de Referência atualizado custa muito dinheiro!

Ouvi e testei os produtos da Cambridge, com a ajuda de leitores e amigos, e tive por semanas modelos da NAD, Auralic e Aurender. E depois de todo esse processo, quando o Innuos ZENmini Mk3 chegou, comecei a olhar com bons olhos para ele por vários motivos: tamanho (já que tenho problema de espaço nos meus dois racks), mobilidade (já que necessito mudar os equipamentos de lugar a todo tempo) e, claro, sua performance como servidor de música e seus recursos de streaming - já que além de aceitar Roon Core ou Roon Endpoint, e mais recentemente sua própria plataforma InnuOS, ele armazena música em sua unidade interna, além de transmitir Tidal, Qobuz e Spotify e estações de rádio na Internet.

O modelo enviado para teste veio com 2TB de armazenamento interno. Mais que suficiente, penso eu, para quem deseje armazenar mais de 1000 CDs de sua coleção.

Não ouvi a versão Mk2, mas pelo que pude ler a nova versão tem melhorias significativas como a mudança da placa-mãe, otimização da entrada Ethernet e, agora, uma saída Ethernet que serve de ponte para outro dispositivo de rede, melhorando a integração do sistema. E tem saídas digitais USB e Coaxial, além de manter a saída analógica RCA (caso o usuário não possua um DAC externo). Ou seja, um verdadeiro Servidor de Música, moderno e versátil.

As informações que obtive eram que a CPU do Mk2 era um Intel J1900, e que a nova versão utiliza um Intel N4200, mais rápido e eficiente. Com melhorias também na memória RAM, que dobrou de 2GB para 4GB, algo que antes vinha apenas no modelo ZEN.

Para o teste utilizamos o Mk3 sem a fonte externa, ouvimos também seu DAC interno e, para fechar a nota final, o fizemos com sua fonte externa dedicada - que foi sem dúvida o grande pulo do gato em termos de performance.

Para facilitar a vida do nosso leitor, no final publicamos as notas nas três opções, para que você possa avaliar qual modo de operação lhe atende.

Desde o teste do ZEN que observamos e comentamos o quanto a plataforma de software do Innuos é amigável e fácil de utilizar, até mesmo para os marinheiros de primeira viagem ou os nossos leitores com mais de 60 anos (como eu).

Basta ligar o cabo Ethernet na sua rede, entrar no site da Innuos, digitar “my.innuos” e ele encontrará automaticamente qualquer dispositivo ZEN que esteja na rede. Feito isso, o usuário pode começar a usar o Mk3 e fazer tudo que desejar, como: reparar CDs, fazer backup, definir o modo de operação: Roon Ready, Roon Core, UPnP ou Squeezebox Server, e gerenciar sua biblioteca em sua plataforma escolhida.

Fiz minha avaliação utilizando primeiro o Roon e, a partir do final de 2021, usando a plataforma InnuOS da própria empresa, que achei muito boa - e com a vantagem de economizar 120 dólares por ano deixando de usar o Roon.

Copiar os CDs foi tão fácil como nos modelos já testados - são apenas alguns segundos e tudo está pronto. Conheço leitores que abriram mão de seus velhos CD-Players ou Transportes, e usam o ZENmini como única fonte para leitura de suas mídias físicas ripadas.

Por curiosidade, também fiz essa experiência, mas o comparativo foi totalmente injusto, já que nosso transporte Nagra custa um caminhão de dinheiro a mais que o Innuos. Mas para quem não tem outra opção, é muito válido sim. O que as pessoas precisam lembrar é que a qualidade do transporte a ser usado é essencial para que o DAC possa fazer o seu melhor.

E o que gostei no Mk3 é que ele tem um cuidado no fornecimento do sinal ao DAC, e isso ficou claro e ‘audível’ através dos meses, e de sua utilização de todas as maneiras possíveis (streamer e discos ripados).

Para o teste utilizamos os seguintes DACs: TUBE DAC da Nagra e MSB Reference, além do DAC interno do integrado da Mark Levinson No.5802 (leia teste na edição 282), e do Arcam SA30 (teste na edição 284). Cabos USB: Kubala Sosna Revelation, Sunrise Lab Quintessence Aniversário, e Oyaide Continental 5S V2 (leia teste edição 276). Cabos de força: Oyaide Tunami GPX-R V2 (leia teste edição 279), Sunrise Lab Quintessence Aniversário, e Transparent PowerLink MM2.

Esse foi um teste que foi sendo escrito por etapas, pois tivemos a oportunidade de realizá-lo sem pressa nenhuma, por um ano! Quisera que pudéssemos desfrutar de um período tão alargado com todos os produtos enviados para teste, sem atropelos, cronogramas apertados, preocupação em devolver o produto que já está vendido, ou necessitar para alguma apresentação em uma revenda ou demonstração na casa de um cliente.

O leitor que imagina que nosso dia a dia é um céu de brigadeiro, não tem ideia do que é correr contra o tempo, torcendo para o amaciamento ser o mais rápido possível, pois cada dia a mais de queima, é um dia a menos de audição.

Então, o ZENmini Mk3 entra para o hall dos poucos produtos que tivemos à disposição por doze meses!

Como ele veio lacrado (e também sua fonte externa), fizemos uma primeira audição sem a fonte externa, com gravações de minha playlist pessoal, e colocamos ambos para amaciar por 100 horas. Quando voltaram para a sala de teste, iniciamos as audições sem a fonte externa e alternando o uso do DAC interno e as opções de DACs externos que tínhamos à disposição.

Com o DAC interno, o Mk3 (permita-me abreviar) me lembrou muito os DACs de entrada existentes no mercado, de até 500 dólares. Tão em moda e cultuados por diversos fóruns que só levam em consideração medições e a audição parece ser um mero detalhe.

Pelo DAC interno, tanto nos discos ripados como no streamer, o soundstage é quase que bidimensional, com pouca profundidade e largura, o corpo dos instrumentos menores e mais pobres, o equilíbrio tonal ainda que correto, sofre com pouca extensão nas duas pontas e a macrodinâmica também é limitada. Aqui, com a fonte externa, ocorreram significativas melhorias em todos os quesitos, menos na profundidade e largura da imagem sonora. Ou seja: usar o DAC interno do Innuos é uma situação de emergência, pois se o usuário o fizer por definitivo, estará subutilizando o enorme potencial do produto!

E, ainda sem a fonte externa, com um DAC de alta qualidade via USB, a mudança é gigantesca! Planos são apresentados com enorme foco e recorte, largura do palco e um maior respiro entre os instrumentos e os solistas, extensão nas duas pontas, corpo mais correto, e os degraus do pianíssimo para o fortíssimo nas variações dinâmicas são muito mais detalhados. Agora é possível uma audição e avaliação das gravações mais segura e precisa, tanto tecnicamente como artisticamente, pois as interpretações, afinações e execuções já fazem parte do acontecimento musical. Deixamos de ter música ambiente, para presenciarmos música ‘presente’ à nossa frente!

Fico sempre me perguntando a razão das pessoas não conseguirem ser objetivas em suas descrições de sistemas e componentes de áudio. Se, nos ‘finalmentes’, o que importa é o que seu cérebro percebe e o quanto o ouvinte se envolve com o que escuta. Até minha filha, quando tinha sete anos de idade e ficava no chão da sala desenhando ou fazendo piquenique com suas bonecas, percebia quando a música para ela estava mais presente ou menos. Nas suas observações infantis, ela apenas dizia com um belo sorriso no rosto: “Papai, essa cantora veio nos visitar”, ou “Que lindo esse piano”. Me fazendo retroceder à sua idade, quando meu pai me pedia para ouvir suas alterações nos aparelhos em concerto.

ÁUDIO

Minhas observações eram semelhantes às delas, pois o que eu conseguia ouvir era se parecia mais com o que escutava no sistema que tínhamos em casa, ou menos. Se as vozes soavam como eu as ouvia nas conversas entre os adultos, ou na casa de um primo meu que aos sábados tinha um Sarau de Chorinho - e que eu implorava para o meu pai não ter compromisso naquele dia. Essas foram minhas referências iniciais, que marcaram minha percepção auditiva de maneira tão intensa como a impressão digital.

Então, quando começo a escutar um equipamento antes mesmo de iniciar os testes, quero conhecer esse produto, descobrir seu DNA sonoro, conviver com ele sem elucubrar ou julgar seu desempenho. E para isso deixo que meu cérebro interprete se a música soa como algo que está ali sem me chamar muito a atenção ou, ao contrário, me faz querer parar tudo que estou fazendo e prestar atenção.

Não pense, ouça!

Esse é o mais genuíno desejo que tenho que ocorra com você, amigo leitor!

E quando começamos a ouvir o Mk3 acoplado via cabo USB ao TUBE DAC, a música se fez presente. Estava na hora de iniciarmos a parte final do teste, e acoplar a fonte externa definitivamente, e vermos o tamanho do 'sumo' que poderíamos extrair dali.

A primeira boa notícia: o cabo de força não precisa ser excepcional e muito menos caro. Extraímos um belo resultado com o cabo de força Oyaide, muito compatível com o preço do Innuos. E se existiram diferenças entre os cabos, essas diferenças foram muito mais sutis do que poderíamos imaginar.

Segunda grande notícia: os três cabos USB utilizados tiveram excelente resultado, mostrando o grau de compatibilidade do Mk3 com cabos tão distintos de preço e assinatura sônica.

Mas as boas notícias não terminam aqui. Pois nos oito quesitos da Metodologia, seu grau de coerência foi muito alto.

O que significa isso exatamente? Que o ZENmini é um produto de alto nível e que pode ser perfeitamente o servidor de música de sistemas que estão no início da categoria Estado da Arte. O que o torna um verdadeiro Melhor Compra em termos de custo/performance.

Seu equilíbrio tonal, com a fonte externa e um DAC de alto nível externo, muda de patamar. Com graves corretos, presentes, encorpados, com energia, corpo e velocidade. A região média se torna muito detalhada, natural, correta e com excelente corpo. E os agudos surpreendem pela extensão, limpeza, decaimento suave, corpo e precisão.

O soundstage, como em todo streamer (continuo achando que o problema não seja do servidor ou streamer e sim das plataformas), ainda não tem a profundidade que necessita para nosso cérebro dizer

"isso sim é uma imagem 3D!", mas em termos de servidor de música em gravações de alto nível, ele realmente nos convence da materialização da música à nossa frente! Logo, a dedução que faço é que a questão do soundstage no streamer é um problema das plataformas. Alguns estão dizendo que o resultado não tem perdas, mas não é bem assim. Apesar de, teoricamente, o conteúdo passado pelos artistas às plataformas de streaming permanecer inalterado pelas mesmas (e isso é assunto para uma discussão mais longa), o Codec, o software utilizado por cada plataforma para transmitir e reproduzir os arquivos armazenados nela, varia bastante em qualidade - e é daí que saem a maioria das diferenças sonora entre as várias plataformas de streaming mais utilizadas no mercado.

Já em termos de foco, recorte, ambiência, altura e largura, o Mk3 se mostrou surpreendente, sendo de longe, nesse quesito, o melhor em sua faixa de preço e concorrendo com servidores mais caros!

As texturas, quando ligado a um DAC externo de alto nível, são excelentes, fazendo-nos apreciar as intencionalidades e as paletas de cores e formas, em gravações de bom nível técnico e artístico. Todo leitor que acompanha meus testes, sabe o quanto esse quesito me é essencial, para uma apresentação correta do que julgo ser alta fidelidade. Esse era um quesito que me fazia não querer investir quase nada em um servidor de música.

Pois os que conseguiram me convencer da 'fidelidade' na apresentação deste quesito são caros! O ZENmini Mk3, quebrou essa resistência, mostrando ser possível ter prazer em escutar streaming e apreciar este quesito.

Os transientes são precisos, e nos fazem acompanhar com interesse e encanto tempo e ritmo.

Assim como a dinâmica - tanto a micro como a macro - que possuem degraus suficientes para nos deixar impressionados com suas variações e complexidade em temas com enorme variação neste quesito.

Outro ponto que sempre questioneei foi em relação ao corpo dos instrumentos, sempre menores que nas mesmas gravações em mídia física. Ainda que continuem menores, felizmente as proporções estão mais corretas (um contrabaixo não soa mais como um cello, por exemplo). Isso não é o suficiente para enganar seu cérebro (não o meu), mas já deixa a música mais coerente.

A materialização física do acontecimento musical, sem a profundidade necessária e sem o corpo correto, não fará seu cérebro acreditar que os músicos vieram nos fazer uma visita em corpo e alma, mas fica próximo de uma 'apresentação virtual', rs! O que já é o suficiente para quem não tem como referência absoluta a música não-amplificada, ao vivo!



CONCLUSÃO

Tenho a impressão que quando as plataformas de música conseguem oferecer realmente a música como foi gravada, descobriremos que muitos servidores e streamers já estavam aptos a reproduzir com qualidade hi-end, e passaram como vilões erroneamente. Isso já ocorreu com o disco platinado (CD) que, por três décadas, foi considerado o 'vilão', e que na verdade não era. Todos os dias recebo relatos de leitores embasbacados com o que conseguem extrair de seus CDs em um sistema de melhor resolução, correção e folga!

Eu mesmo me pego revisitando gravações digitais e me surpreendendo o quanto de informação e beleza estava armazenado naquele disquinho, e nunca havia sido escutado corretamente. Então, com tudo que se aprendeu com clock, jitter, fontes mais bem dimensionadas, relação sinal/ruído, cabos, elétrica, etc, tenho certeza que os fabricantes de bons servidores de música já implantaram. Falta as plataformas de música fazerem sua parte e entregarem o que prometem.

E o ZENmini Mk3 está preparado, neste momento, como poucos servidores que ouvi e testei na sua faixa de preço.

Se você, como eu, estava à procura de um servidor de música de alto nível com preço acessível, você precisa ouvir o ZENmini Mk3. Pois ele é uma opção consistente em todos os sentidos, e com enorme capacidade de atender até mesmo o audiófilo exigente que abriu mão de mídias físicas para se concentrar apenas em streaming.

Eu fui convencido plenamente - e o que veio para teste passou a ser meu servidor de música escolhido para me ajudar mensalmente a escrever os Playlists do Mês! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GZKK6CU5ZZM](https://www.youtube.com/watch?v=GZKK6CU5ZZM)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=3UINCJJ2JMA](https://www.youtube.com/watch?v=3UINCJJ2JMA)

**SERVIDOR DE MÚSICA INNUOS
ZENMINI MK3 (STREAMER /
DAC INTERNO / SEM FONTE)**

NOTA: 72,0



DIAMANTE REFERÊNCIA

**SERVIDOR DE MÚSICA INNUOS
ZENMINI MK3 (STREAMER /
DAC EXTERNO / FONTE EXTERNA)**

NOTA: 84,0



ESTADO DA ARTE

**SERVIDOR DE MÚSICA INNUOS
ZENMINI MK3 (REPROD. CONTEÚDO
RIPADO / DAC E FONTE EXTERNOS)**

NOTA: 92,0



ESTADO DA ARTE

**AVMAG #283
German Audio**
comercial@germanaudio.com.br
(+1) 619 2436615
ZENmini: R\$ 16.476
Fonte: R\$ 9.408

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO CAMBRIDGE EVO 75

Fernando Andrette



De um certo tempo pra cá, a média de idade do audiófilo vem caindo - estamos observando uma renovação silenciosa no áudio hi-fi e hi-end, muito graças ao streaming de música que, de uma forma ou de outra, possibilitou o descobrimento de bandas e conjuntos de rock, blues e jazz que estão fazendo uma releitura destes estilos musicais com muita qualidade, atraindo pessoas de todas as idades para redescobrirem o gosto por gêneros musicais que antes eram mais apreciados pelos mais experientes.

Bandas como Greta Van Fleet que transitam entre o hard rock, blues e folk, e o grupo de jazz liderado por Kamasi Washington, veem fazendo a cabeça dos mais novos, promovendo uma renovação muito bem-vinda na cena musical, 'forçando' - no bom sentido - a garotada que antes ouvia em boombox e headphones a procurar toca-discos, e amplificadores integrados com mais qualidade de som, mas que atendam suas necessidade de hoje, que gira em torno de muita tecnologia, visual com um pé no vintage, e gabinete extremamente compacto.

Para acompanhar essa tendência, a fabricante inglesa Cambridge Audio lançou no ano passado dois amplificadores integrados, que atendem muito bem a este novo nicho do mercado audiófilo. São eles o EVO 75, objeto desta avaliação, com seus 75 Watts por canal, e EVO 150, com 150 Watts por canal.

O EVO 75 tem tudo o que os novos audiófilos procuram para curtir suas músicas, ver os encartes de álbuns na tela de LCD de 6.8 polegadas, e se conectar com o visual vintage da década de 60 e 70 com o aplique lateral que imita madeira. Caso cansem desse visual, a Cambridge disponibiliza vários apliques para trocar a lateral do seu Evo, um mais bonito que o outro. Além disso, ele possui entradas RCA, USB, coaxial digital, USB, HDMI ARC (retorno do som pelo HDMI), Ethernet RJ45 e saídas 3,5 mm para fone de ouvido. Serve como pré-amplificador de linha e possui saída para subwoofer. Tudo isso em um gabinete de alumínio anodizado de 32 por 35 cm e 9 de altura. No painel frontal, temos pequenos botões em formato de filete com as principais funções do aparelho, como avançar e retroceder, liga/desliga, e o grande knob giratório de volume e seleção de funções.

Os botões não parecem muito intuitivos e, às vezes, é fácil se perder na navegação, mas para isso temos o controle remoto, que espelha as mesmas funções do painel e com algumas teclas a mais que vão direto ao ponto que queremos.

Além da fartura de entradas e saídas, o EVO 75 vem municiado com Spotify Connect, Tidal Connect com suporte para álbuns na versão Master e QoBuz, Google Chromecast, Deezer, YouTube Music, Apple

Music, Tuneln Radio, AirPlay 2, Bluetooth aptX HD e suporte total ao Roon Ready.

A sacada da linha EVO é que ela foi pensada para aquela pessoa que se encantou com a qualidade de construção e design da linha Edge, não precisa de toda aquela usina de força, mas quer as facilidades de conexão e interação com os mais novos aplicativos do momento - que o CXN tem - juntamente com uma amplificação que entregasse um resultado sonoro entre o Azur e o CXN, em um gabinete menor. Ou seja, nada do que a Cambridge tinha atenderia perfeitamente estas exigências. Complexo, não? Pois bem, este é o perfil de uma parcela crescente de apreciadores de música, que não tem a menor vontade de transformar a música em um hobby custoso, que cresceram ouvindo os microsystems Aiwa dos anos 2000, e não querem abrir mão da qualidade que uma caixa acústica cabeada entrega.

De quebra, a Cambridge ainda pega aquele audiófilo que cansou de lutar com vários equipamentos, ou que quer montar um bom sistema de som compacto, bonito, para ficar na sala ou escritório, com qualidade suficiente para não sentir tanta falta do set principal.

Se olharmos bem para o mercado hi-fi, faz tempo que este tipo de equipamento premium supercompacto adentrou os lares mundo afora, e não apenas no áudio, mas no audiovisual também. Os projetores de ultracurta distância viraram uma febre, e todos eles com conexão de internet, aplicativos e streaming de vídeo integrados, muitos até com alto falantes, eliminando soundbar e fontes digitais como Apple TV, Chromecast, e pequenos sistemas 5.1!

O Cambridge EVO 75 entrega tudo isso com um som divertido, rápido e com uma pitada de ousadia. Isso graças à sua topologia de amplificação Hypex NCore classe D - que eu torço para que a Cambridge utilize em mais projetos no futuro, pois o resultado sonoro é realmente muito bom. Essa amplificação não é proprietária da Cambridge, mas com certeza eles fizeram uma excelente escolha e a ajustaram muito bem a este produto.

COMO TOCA

Iniciamos o teste com os seguintes equipamentos: streamer interno do EVO 75 com Tidal, DAC streamer Gold Note DS-10 com fonte externa com Tidal, Ethernet Switch Sunrise Lab. Caixas acústicas: Q Acoustics 3050i, B&W 805 D4, e Dynaudio Evoke 50. Cabos de força: Transparent MM2, Sunrise Lab The Illusion 20th Magic Scope. Cabos de interligação: Sunrise Lab The Illusion 20th RCA. Cabos de caixa: Sunrise Lab The Illusion 20th. Cabos de rede: Nordost Blue Heaven, Sunrise Lab Quintessence 20th, e Purist Audio. Cabo HDMI: Sunrise Lab 8k 20th, Chord C-view, e cabo padrão comum.

O EVO 75 veio lacrado, e sua embalagem segue a mesma linha do Edge: embalagem dupla com proteção em espuma e tecido para não arranhar nada!

Assim que ligamos ele na tomada, e acionamos o botão de alimentação na parte frontal, e vemos aquela tela enorme e brilhante se acender... é impactante e muito divertido também. Os bornes de caixa possuem boas estrias, o que oferece ótima pegada na hora de apertar cabos com terminação spade. A tomada IEC possui o terceiro pino (terra), algo que nesta categoria de equipamentos é difícil de achar, mas que faz uma enorme diferença na qualidade de som.

As primeiras audições foram com a B&W 805, e devo dizer que me surpreendi com a desenvoltura do EVO 75 em empurrar essa bookshelf enorme com uma certa facilidade. Deixei o amplificador amaciado com ela por 250 horas, e foi quando não houve mais mudanças na qualidade do som que então comecei a perceber seu limite em termos de potência. A B&W exige mais amplificação - não que o EVO 75 não empurre a contento, mas falta aquele tico de fôlego para controlar melhor os movimentos do falante. Talvez o EVO 150 seja mais apropriado. Fora esse detalhe, daria para conviver com essa dupla sem problemas, pois não é tanto falta refinamento, o que falta é potência. Já com a Q Acoustics, a história foi outra - como é uma caixa mais amigável e, de certo modo, mais compatível com a amplificação, o encaixe foi perfeito! A amplificação do EVO 75 casou muito bem com a caixa, tirando tudo o que ela tinha a oferecer. Os graves soaram muito bonitos e toda a região média é recuada, tanto quanto as outras faixas de frequências. O palco se mantém atrás das caixas, esboçando passar para além das laterais das caixas, o que é algo muito bom, por sinal. O EVO não soa seco nem tem tendência a abrir demais, graças à amplificação Hypex NCore classe D, que não soa tão 'classe D' assim. O relaxamento está garantido e, com isso, boas horas de audição com muito conforto auditivo.

Com a Evoke ele deu um grande salto de qualidade, mas de novo os 75 Watts não dão conta de uma caixa tão grande. Se tivesse a mão uma Evoke 10 ou uma 30, com certeza seria a perfeição, pois ele controlaria bem a caixa e tiraria aquele timbre mais encorpado das Evoke sem dificuldade, mesmo em passagens complexas em que há muitos instrumentos graves tocando ao mesmo tempo - ele não deixaria a peteca cair e seguraria a onda com bastante confiança.

A integração com Spotify é melhor que com Tidal. Mas não é um caso de arrancar os cabelos, é que o Tidal anda estranho mesmo, parando a execução do nada. A questão com o Tidal é no momento de fazer o login, que às vezes engasga. Testei três contas diferentes e aconteceu de entrar o Tidal Connect e só tocar pelo celular/tablet, e não sair som pelo EVO. Daí quando se escolhe o Tidal normal (sem ser o Tidal Connect - tem as duas opções) no cel/ tablet, aí sim toca ▶

ÁUDIO



pelo EVO. Já com o Spotify Connect não ocorreu isso, rodando liso sem nenhum problema. Reproduzir conteúdo do YouTube também é super fácil: espelhei meu Chromecast Ultra e a Apple TV 4K via HDMI ARC, sem problema algum, e o retorno do áudio é muito bom. Claro que, nesse quesito, o cabo HDMI fará toda a diferença, mas mesmo mudando os cabos, percebe-se que as qualidades do EVO estão lá em maior ou menor grau.

CONCLUSÃO

O Cambridge EVO 75 veio para ficar. Este nicho do áudio não é mais uma modinha, e seus concorrentes são diversos, mas poucos se comparam em beleza, versatilidade de estilos e de conexões como o EVO faz. A decisão de mudar a amplificação foi uma grande ideia, e um ato de coragem que rendeu bons frutos, pois o EVO poderia assumir o lugar do Azur sem a menor cerimônia, e aposto que os fãs da marca iriam adorar!

Para quem busca um segundo sistema minimalista, ou um set principal sem muitas firulas 'direto ao ponto' e de baixo custo, a linha EVO atende com muita competência. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GQXKTO3AVQE](https://www.youtube.com/watch?v=GQXKTO3AVQE)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=C-PORORH7VA](https://www.youtube.com/watch?v=C-PORORH7VA)

AVMAG #285
Mediagear
 contato@mediagear.com.br
 (16) 3621.7699
 R\$ 29.800

NOTA: 83,0



ESTADO DA ARTE

CASA INTELIGENTE



SOLUÇÕES INOVADORAS DESDE O PROJETO DE INFRAESTRUTURA, AOS EQUIPAMENTOS DE ALTA PERFORMANCE E DESIGN.



ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO WILSENTON R8 KT88/EL34 X4

Fernando Andrette



Enquanto os mais 'tradicionalistas' dão de ombros para equipamentos fora do mapa do áudio estabelecido nos anos 70, eu, ao contrário, vivo fuçando e torcendo para que mais e mais marcas surjam dos mais diferentes pontos do planeta, e conquistem seu lugar ao sol.

E parece que tenho dado sorte, pois nunca houve na história do áudio hi-fi o surgimento de tantas marcas vindas da Ásia, do Leste Europeu, da Oceania e, agora, novamente do nosso Brasil.

Isso não só enriquece o mercado, como o deixa muito mais diversificado e interessante. Afinal, por trás de cada produto hi end bem feito, existe uma ideia, um conceito, uma filosofia e uma assinatura sônica que determina o grau de conhecimento e ousadia do projetista.

E eu tenho o maior interesse em conhecer um projetista pelo seu produto, pois quando bem executado, é possível perceber

características pessoais e culturais do engenheiro e compreender como ele 'enxerga' e define o que seja hi-end para ele.

E tem produtos que imprimem uma assinatura tão incisiva, que fica difícil, avaliá-los apenas pela razão, pois ao escutá-los o que irá prevalecer será sempre a emoção.

Tive por diversas vezes frente a frente com produtos dessa vertente mais emotiva do que racional, e nunca criei nenhuma resistência em avaliar o produto dessa maneira (principalmente se fica evidente desde o primeiro instante que foi essa a intenção central do projetista).

Toda essa introdução foi para apresentar o Willsenton R8 (vou abreviar para ficar mais fácil), um amplificador integrado valvulado feito na China e que tem causado enorme furor em feiras, fóruns e testes pelos continentes.

Tudo nele chama nossa atenção: construção ponto a ponto manualmente, acabamento de excelente nível, design, versatilidade e, claro: performance!

Trata-se de um amplificador que pode ser usado com válvulas EL34, KT88 ou 6550, para que o consumidor tenha a assinatura das válvulas que mais lhe agradem (nosso modelo veio com KT88). Também pode ser usado como um amplificador de potência, além de ter um ótimo amplificador de fone de ouvido.

O consumidor ainda pode escolher se deseja que ele trabalhe em ultralinear ou tríodo (no LED vermelho ele funciona em modo ultralinear, e em verde em tríodo). E você pode alterar os modos sentado em seu ponto de audição, através do seu controle remoto.

Em modo tríodo ele possui 25 Watts e, em modo ultralinear 45 Watts (com válvulas KT88 e 6550) e 40 Watts com válvula EL34. O fabricante recomenda no mínimo 100 horas de queima, com estabilização total em 300 horas.

O ajuste de bias é o comum a todo amplificador valvulado, e depois de ajustado com 100 horas de amaciamento, durante todo o período de teste nunca mais precisamos reajustar o mesmo. Eu quase que usei as EL34 que estou vendendo, da Air Tight, mas como são casadas e sei que o futuro comprador irá desejar que sejam absolutamente zeradas, não fiz essa avaliação.

E também não fiz pelo fato de que, com as KT88, o Willsenton R8 soou lindamente!

Para o teste, utilizamos as seguintes caixas: Elipson Heritage XLS 15, JBL L100 Classic, Monitor Audio Gold 300 série 7 (teste na edição 290), Wharfedale Evo 4.4 (leia Teste 2 na edição 289). Fontes analógicas: prés de phono Rega Aura (leia teste na edição 291) e Gold Note PH-1000. Toca-discos Origin Live Sovereign, com braço Enterprise de 12 polegadas e cápsula ZXY Ultimate Astro G. Fontes digitais: Streamer Innuos ZENmini Mk3, dCS Bartok 2.0, e Transporte Nagra com TUBE DAC Nagra. Cabos de interconexão: Sunrise Labs Quintessence RCA, e Kimber Kable Carbon RCA. Cabos digitais: USB Kubala-Sosna Realization, e Sunrise Lab Quintessence Edição de Aniversário. AES/EBU: Crystal Cable Absolute Dream, e Dynamique Audio Apex (leia teste edição 290). Cabos de caixa: Virtual Reality Trançado e Dynamique Audio Apex.

Com 4 entradas RCA, eu deixei os dois prés de phono ligados e usei a terceira entrada para alternar entre o Bartok e o Nagra. Em nenhum momento do teste eu ouvi o R8 como power, pois foram apenas 4 semanas, já que o integrado foi gentilmente cedido pelo seu feliz comprador.

E decidi então explorar os dois modos de funcionamento (tríodo e ultralinear) não só com as oitenta faixas da Metodologia, mas também

com muitos discos de 'cabeceira' que são minhas gravações preferidas, dos poucos e raros momentos de lazer.

Eu não me lembro exatamente quanto o importador me disse que ele já tinha sido amaciado, então fiz as anotações do primeiro contato com nossas gravações, e o deixei amaciando por 100 horas. E assim que ele voltou para a sala de testes, a primeira caixa que liguei foi a Elipson, pois além dela já estar totalmente amaciada, estava no término do teste, já pronta para a passagem de notas de cada quesito. E também pelo fato de estarem na mesma faixa de preço (20 mil reais).

Foi sinergia à primeira música!

Estava ouvindo Água de Beber do nosso disco *Genuinamente Brasileiro Vol2*, e me encantei como o R8 (vou abreviar ainda mais, rs) postou as seis vozes. Usei o verbo 'postar', pois não foi apenas reproduzir a faixa à minha frente, mas sim convidar-me a reviver aquele momento mágico com os cantores e os dois instrumentistas.

Lembro bem que fizemos três takes dessa gravação, e depois de muitas dúvidas eu, o Duda e o maestro optamos pelo primeiro take, com as vozes quentes e relaxadas. Eu fui voto vencido, pois a minha preferida era o segundo take, que na minha opinião foi mais relaxado, sem perder a concentração.

Mas realmente, a primeira tinha um grau de intencionalidade nas entradas e crescendos mais precisa tecnicamente, e quando escuto essa faixa em aparelhos ou setups que me 'revivem' esse momento, sei perfeitamente o que virá na sequência (traduzindo para os leigos: será difícil prestar atenção no que preciso para fechar as notas, me fazendo 'recobrar' o objetivo algumas vezes, rs). Trabalho em dobro, mas satisfação também em dobro faz parte da vida de todo revisor.

Voltando às observações de Água de Beber, ficou evidente que o caminho que o R8 iria me impor seria o do puramente ouvir e não avaliar. Nesses casos, eu mudo a forma de avaliar os quesitos, fazendo intervalos entre as faixas que usamos para cada quesito, com discos ou faixas apenas para curtir a assinatura sônica do produto. É uma estratégia interessante, no entanto leva-se o dobro do tempo no fechamento de nota.

Seu equilíbrio tonal segue a regra dos valvulados modernos (felizmente), com agudos com ótima extensão, decaimento correto, possibilidade de se observar as ambiências de cada gravação, e o melhor: nunca os agudos se tornam brilhantes ou excessivos.

Para ouvir um piano com a última oitava da mão direita com som de vidro, a gravação tem que ser muito torta para isso ocorrer. Eu não passei por esse azar - pelo contrário, independente dos pianos, dos pianistas, da qualidade de gravação, o que ouvi foi sempre um piano com feltro, e não vitrificado.

ÁUDIO

A região média possui aquela naturalidade inebriante que nos faz esquecer do mundo instantaneamente, nos colocando em sintonia direta com cada nota e acorde. E os graves, ao contrário de tantos valvulados vintage, possuem extensão, peso, deslocamento de ar e principalmente velocidade.

Tem a impetuosidade de um grave de um power de estado sólido? Evidente que não, mas é tão correto e preciso que você dificilmente depois de escutá-lo por algum tempo, irá sentir falta dessa maior 'impetuosidade' que os graves nos powers de estado sólido tem.

O seu soundstage possui muito bom foco, recorte e planos. Seja ouvindo um quarteto de cordas em sua formação habitual em arco, ou uma orquestra sinfônica com seus diversos naipes em planos.

Em uma sala como a nossa, que podemos deixar as caixas distantes o suficiente das paredes, a apresentação do palco sonoro do R8 foi muito convincente, com destaque para a EVO 4.4 e a L100 Classic, que possuem uma facilidade muito grande de reproduzir o ar em volta dos instrumentos solistas e os naipes da orquestra.

E aí chegamos ao ápice da beleza do R8: sua apresentação de texturas. Aqui meu amigo, o buraco é muito mais embaixo do que se imagina. Para superar essa apresentação, prepare-se, pois você terá que pôr a mão no bolso e de maneira pesada para conseguir.

Enquanto os audiófilos discutem as diferenças e vantagens de cada uma das topologias, eu se sou chamado a opinar, sempre pergunto: qual topologia traduz melhor e com maior sedução as texturas? Se alguém ousar levantar a mão e dizer que são os classe D, eu me retiro do recinto, rs!

Meu amigo, ouça um quarteto de cordas em um excelente valvulado em um setup todo acertado e não tem volta - acredite. É de ouvir prendendo a respiração e, se bobear, com lágrimas nos olhos.

Ou, se tem dificuldade para acompanhar cada voz de um quarteto de cordas, ouça as obras do Paganini para violino e piano. Não tem segundo round!

O R8 tem esse DNA dos Shindos, dos Air Tight, aparelhos que ouvi ou tive, e que guardo as melhores memórias de longo prazo deste quesito.

Ele soa com o refinamento necessário para nos mostrar detalhadamente a paleta de cores e as intencionalidades no equilíbrio certo, em que nossa mente não fica pulando de um lado para o outro, hora observando as intencionalidades, hora as paletas. É tudo uníssono, presente, congelando aquele momento e silenciando o que não faz parte do acontecimento musical.

É soberbo, é precioso e tão difícil de ser admirado por aqueles que nunca estiveram a 4 metros de distância de um excelente quarteto de

cordas com músicos virtuosos, e em salas de espetáculo acusticamente decentes. Ou então frente a um violinista em uma apresentação solo. Para isso existem sistemas hi-end, para nos permitir repetir essas audições quando bem desejarmos.

O R8 para reprodução de texturas faz parte desse seleto grupo de valvulados capazes de nos apresentar as texturas como ela deveriam ser tratadas por todos integrados ditos hi-end.

Na dinâmica, a apresentação de micro é excelente, e na macro tudo dependerá muito mais das caixas do que dele. Pois em modo ultralinear, tanto com a L100 como com a EVO 4.4, o R8 se comportou com autoridade. Não espere sustos ou pirotecnias na macrodinâmica, pois falamos de 45 Watts - mas não haverá frustração eu garanto!

O corpo harmônico é muito bom, até mais do que eu poderia esperar. Ouvindo as três faixas do contrabaixo do disco *Timbres* que gravamos, o tamanho do instrumento está muito correto, mostrando inclusive as diferenças de tamanho dos três microfones utilizados (sim meu amigo objetivista, microfones diferentes tem corpo harmônico, equilíbrio tonal, texturas, transientes, tudo diferente).

Eu deixei por último a observação dos transientes, pois passei mais tempo curtindo inúmeras gravações do que avaliando faixa por faixa das oitenta, para escrever o teste. E muitas vezes ouço de audiófilos experientes, que o problema maior da válvula está na apresentação precisa de tempo e ritmo. Eu prefiro nesses casos balançar a cabeça a responder, pois quem foi no último Hi-End Show de 2015 (quanto tempo, não?), e foi em nossa sala, viu que mostrei inúmeros exemplos de transientes justamente para responder a essa questão, que é recorrente desde os anos 80.

No evento usei as caixas Kharma com os monoblocos ATM-3 da Air Tight, de apenas 100 Watts, em uma sala de 220 metros quadrados! E o que mais ouvi após as apresentações, foi: "Nossa, nunca tinha escutado valvulados com essa pegada, precisão e autoridade!".

Talvez os valvulados dos anos 60, 70 e 80 tivessem essa limitação na apresentação de transientes. Isso há muito foi superado, acredite.

E no modo ultralinear, o R8 não teve dificuldade em nenhum dos exemplos utilizados para fechar a nota deste quesito.

CONCLUSÃO

Raramente deixo para a conclusão final os quesitos organicidade e musicalidade, mas aqui seria injusto separar esses dois quesitos, pois eles estiveram nas quatro semanas sempre andando juntos, pois quando eu ouvia determinada música em que os músicos estavam materializados na minha frente, meu cérebro, não conseguia pensar na qualidade da materialização e sim o quanto aquele exemplo era musicalmente agradável e real!

Esse é o efeito que eu chamo de colocar nosso cérebro no modo stop da racionalização e dar o play no modo emocional de ouvirmos.

Tudo será sempre uma escolha. Um sistema que seja perfeito e cubra integralmente todas as nossas expectativas, não existe e nem sei se um dia existirá. Então, meu amigo, antes de sair gastando seu suado dinheiro, escolha metas e estabeleça dentro de seu orçamento o que você realmente deseja de um sistema hi-end.

Se o que você mais deseja é um sistema que o emocione, levando-o a deixar o mundo em suspense enquanto você restabelece sua saúde mental e emocional, ouça o Willsenton R8.

Ele é tão versátil e com tantas possibilidades camaleônicas em termos de upgrades de válvulas, que podem tranquilamente elevar seu grau de performance (leia meu artigo Opinião deste mês) e em modo tríodo e ultralinear, que você pode escolher qual modo soa melhor com determinadas músicas.

Pode existir algo mais legal para fazer em nosso sistema?

Um produto altamente recomendado e que estará certamente entre os Melhores de 2022, com Recomendação do Editor!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=8OSOIO17WSI](https://www.youtube.com/watch?v=8OSOIO17WSI)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=U0BDFT4F55W](https://www.youtube.com/watch?v=U0BDFT4F55W)

AVMAG #289
Elite Sound
contato@elitesound.com.br
(19) 99713.5005
R\$ 20.000 (Valor promocional)

NOTA: 93,0



ESTADO DA ARTE

Calibração de TVs e Projetores

Quer ver aquela imagem de Cinema em sua casa?

Comprou a TV dos seus sonhos e está decepcionado com a imagem de fábrica? Foi ao cinema e está se perguntando por que a qualidade da imagem é muito melhor?

Faça uma calibração profissional de vídeo e deixe sua TV ou projetor nos mesmos padrões dos estúdios de cinema! Assista seus filmes preferidos com cores mais vibrantes e naturais, menor fadiga visual, muito mais contraste e percepção de detalhes. Afinal, sua imagem também merece ser hi-end.

NAO CALIBRADO



CALIBRADO



Mais informações (11) 98311.8811
e agendamentos: jlrot2020@gmail.com

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO MARK LEVINSON NO.5802

Fernando Andrette



Agora que a Mark Levinson está com um novo distribuidor no Brasil, começam a chegar para testes os novos produtos da marca, lançados no final de 2019 e começo de 2020.

A pandemia realmente mudou toda a estratégia de mercado, pois sem eventos, seminários e com problemas de estoque de peças, muitas entregas tiveram que ser adiadas e revistas. Cito isso, pois no nosso cronograma de testes esse integrado deveria ter sido avaliado no último trimestre do ano passado, e não agora.

Mas, felizmente, o produto chegou e podemos compartilhar nossas impressões com vocês e dizer de cara o quanto ele é bom.

Da série 5000, considerados os produtos de entrada deste fabricante, existem dois integrados, o No.5802 e o No.5805 (que esperamos poder em breve testar). Lá fora a diferença de preço é de 2000 dólares, entre os dois.

E se você for um amante de analógico, precisará optar pelo No.5805, pois ele tem um pré de phono MM e MC embutido, e um outro importante diferencial em relação ao No.5802: entradas analógicas!

Sim, meu amigo, esse é o primeiro integrado nos 25 anos da revista que testamos que não possui nenhuma entrada analógica. Algo que, no meu modo de ver e vivenciar o mercado de áudio, seria inadmissível até dois anos atrás. Mas a velocidade com que o mundo, costumes, valores e tendências mudaram, faz todo o sentido imaginar consumidores que desejem apenas entradas digitais de todos os tipos (e isso o No.5802 tem aos montes).

Os amantes do design, acabamento e durabilidade da marca, não terão do que reclamar, pois este modelo de entrada continua sendo um Mark Levinson, desenvolvido e construído nos Estados Unidos e com o mesmo apelo que a marca oferece há mais de quatro décadas.

O painel frontal continua sendo de alumínio sólido, de uma polegada de espessura, jateado e anodizado em preto, com os botões duplos em prata e o display colorido em LED vermelho. Além dos dois botões e do display ao centro, esse integrado possui um amplificador de fone com saída de pino de 6,35 mm. O integrado vem com um controle remoto de alumínio, comum a toda a série 5000.

Estranho descrever a traseira sem nenhuma entrada analógica, e apenas uma saída RCA - caso o usuário deseje ligá-lo a um power externo. Além da tomada IEC e dos terminais de caixa, existem: uma entrada AES/EBU, uma USB 2.0, duas S/PDIF coaxial e duas S/PDIF óticas com capacidade PCM de 32-bit/192kHz e DSD 5.6, e decodificação MQA (Master Quality Authenticated) suportada em todas as entradas digitais - incluindo a USB assíncrona. A entrada de áudio Bluetooth é integrada com suporte para codec aptX HD. Ainda no painel traseiro, encontra-se uma entrada Ethernet (RJ45) utilizada para atualizações de firmware, uma conexão RS-232 (DB9) para controle de automação, e um trigger de 12V, além de uma entrada IR via conector de 3,5 mm.

Os engenheiros da Mark Levinson apostaram todas as fichas no DAC Mark Levinson Precision-Link II, todo baseado no chip DAC ESS ►

Sabre de 32-bit, com um sistema desenvolvido pelo fabricante para a eliminação de jitter. Trata-se de uma topologia de distorção e ruído ultra baixos, com uma relação sinal/ruído de 120 dB (segundo o fabricante).

A amplificação é uma topologia classe AB de acoplamento direto e alimentado por um transformador toroidal de 500 KVA com enrolamentos secundários individuais, trabalhando em conjunto com quatro capacitores de 10.000 microfarads por canal, e com uma potência nominal de 125 Watts em 8 ohms, e 250 Watts em 4 ohms. O fabricante afirma que o No.5802 é estável até 2 ohms, o que o torna compatível com uma enorme quantidade de caixas existentes no mercado.

O peso final do No.5802 é de 27,6 kg, e aconselho aos futuros donos deste integrado que peçam ajuda ao desembalar e colocá-lo no rack.

Para o teste, utilizamos o streamer da Innuos Mini Zen MK 3 com fonte externa, e cabos USB Kubala Realization e Sunrise Lab Aniversário. E com o nosso transporte Nagra ligado ao No.5802 com o cabo AES/EBU Absolute Dream da Crystal Cable e com o coaxial Quintessence Aniversário da Sunrise Lab.

Gostei da possibilidade do No.5802, depois de um tempo sem sinal, entrar automaticamente em stand-by - nos dias de hoje, com o preço da energia elétrica, é uma opção importante. Pois minhas contas mensais já passaram de 500 reais por mês, faz mais de dois anos! O dia que eu receber produtos para teste já integralmente amaciados, criei um prêmio especial para esse distribuidor, rs... Pois brinquei outro dia com o Chris Pruks que estou ficando velho para esperar o amaciamento de todos os produtos por nós testados - e manter todos ligados simultaneamente em vários cômodos da casa se tornou um problema, agora que os filhos cresceram e reivindicam mais espaços.

Às vezes tem produto em amaciamento até no sótão da casa, e quando arma os temporais de verão, é um corre-corre para tirar tudo da tomada. Fazer isso constantemente quando se tem 40 ou 50 anos é uma coisa, mas com 64, e ainda cardíaco, é outro panorama.

E é óbvio: o No.5802 veio lacrado para teste! À princípio ele ficou em repeat com um velho DVD da Yamaha e as caixas Elac Uni-fi, e posteriormente com a Wharfedale Elysian 4 (leia Teste 1 na edição 282). Mas, antes de ir para amaciamento, fizemos a primeira impressão com as caixas JBL L82 Classic (leia teste edição de 281) e com as recém chegadas JBL L100 Classic (em fase final de amaciamento), e a Estelon X Diamond Mk2 (em fase inicial de amaciamento).

Como ele não possui entrada analógica nenhuma, foi impossível neste primeiro contato ouvir nossa lista de LPs, que sempre escuto nessa Primeira Impressão (algo que confesso que não gostei).

Minhas anotações iniciais foram: silêncio de fundo impressionante, em que os sons brotam à nossa frente com ótimo foco e recorte. Achei o equilíbrio tonal muito correto para um produto totalmente frio. Voltamos a ouvi-lo novamente com 50 horas, e as mudanças não foram grandes, com exceção de uma melhora nos planos em relação a largura e profundidade, o que tirou aquela frontalidade inicial, tão comum em produtos sem queima alguma.

Deixamos mais 100 horas em amaciamento, já que estávamos terminando o teste da JBL L82 Classic. E com 150 horas decidimos por iniciar o teste, escutando-o com as Wharfedale, tanto streamer como CD.

Acho que a maioria dos nossos leitores que abriram mão de mídias físicas, irá gostar muito do No.5802, pois seu DAC interno é excepcional e sua potência e assinatura sônica o faz compatível com inúmeras caixas. O Mark Levinson No.5802 não teve nenhum problema em conduzir as Elac Uni-Fi, as duas JBL Classic (L82 e L100), as Wharfedale, as Wilson Sasha DAW e as Estelon X Diamond Mk2.

Sua assinatura sônica é muito equilibrada, na medida correta entre transparência e naturalidade. E nas três entradas utilizadas (USB, Coaxial e AES/EBU) o resultado foi excelente!

Os agudos têm muito boa extensão, decaimento suave e velocidade correta. Em comparação com o nosso DAC de referência, se mostrou com um pouco menos de corpo nas altas, mas nossa referência custa dez vezes o preço do DAC interno do ML). A região média é muito correta, precisa, com uma apresentação sempre muito coerente e agradável.

Mesmo gravações com muita complexidade e variação dinâmica e de transientes, a inteligibilidade é muito boa.

E os graves surpreenderam tanto na qualidade como na precisão, energia e deslocamento de ar.

Tanto que minha sugestão, para os futuros compradores da linha Classic da JBL, se quiserem também realizar um upgrade no integrado, que escutem tanto o No.5802 quanto o No.5805 (caso necessitem de entradas analógicas, como eu).

A autoridade do ML sobre todas as caixas utilizadas no teste, mostrou a qualidade deste amplificador em conduzir com eficácia caixas tão distintas.

O soundstage, se tivesse a oportunidade de usar um DAC externo, acredito que tiraria ainda um 'caldo' a mais deste quesito (como o No.5805 virá para teste, poderei sanar essa dúvida). Achei que o DAC interno é muito melhor em largura e profundidade do que em altura. Claro que isso pode ser, para muitos de vocês, algo secundário, mas sempre lembro aos que desejam um setup que engane seus

ÁUDIO

cérebros, que corpo 'pizza brotinho' e músicos todos tocando sentados, não conseguirá jamais enganar sequer o cérebro de uma criança. O No.5802 não chega a tanto em fazer todos virarem tabladistas, mas a altura não é a que estamos acostumados em ouvir.

A apresentação das texturas foi excelente, fazendo-nos observar com facilidade a qualidade dos instrumentos, as escolhas dos microfones e a técnica dos músicos. Gostei muito e fiz grandes elogios à qualidade das texturas!

Os transientes foram 'pêra doce' para o No.5802. Os amantes de música com muito ritmo, irão amar este integrado. Gosto muito do CD do Joe Satriani de capa laranja, que na minha opinião é o melhor disco dele, tanto tecnicamente como artisticamente, e quando os transientes estão corretos é uma delícia de ouvir, pois existe uma precisão de tempo e andamento absurda, que nos faz colocar um enorme sorriso na boca e acompanhar batendo os pés.

A dinâmica também me surpreendeu tanto na micro, como na macro. Ainda que falte aquela folga final, que separa os meninos dos homens, ele se mostrou um 'adolescente' de muito potencial. E sua apresentação de microdinâmica é exemplar em sua faixa de preço.

O corpo harmônico foi a segunda dúvida que fiquei (será que é o DAC ou o amplificador?). Espero ter essa resposta em breve, quando testar o No.5805. Pois arrisco dizer que seja o DAC que reproduz os corpos um pouco menores que em outros integrados top de linha (mas que custam o dobro do seu preço) mas que foram testados com nosso setup digital de referência - então terei que deixar em aberto esse quesito em termos de conclusão definitiva. Aguardem o teste do No.5805, que teremos a resposta, ok?

A materialização física é muito boa, nos dando a sensação do acontecimento musical em nossa sala, e só não é mais fidedigna, pela questão da altura e do corpo, algo que insisto, pode ser do DAC ou de ambos. Sem tirar essa dúvida, me abstenho de dar opinião.

Mas, aí vem à mente as perguntas: a quem se destina esse integrado? Esses 'detalhes' realmente importam? Acho que não, pois se a referência for exclusivamente streamer, as limitações sonoras são muito maiores que esses dois detalhes. Essa questão só se torna pertinente caso o consumidor tenha ainda mídia física ou escute downloads em alta definição.

Então, as duas questões levantadas quero que sejam encaradas de maneira bem restrita, certo?

CONCLUSÃO

Gostei muito do No.5802, ainda que não seja um produto para mim pela falta de entradas analógicas, mas que certamente atenderá uma legião de consumidores jovens que desejam um integrado de excelên-

te performance, prático, construído de forma impecável e pelas mãos de um fabricante que é uma verdadeira referência no mercado hi-end.

Na sua faixa de preço existem dezenas de opções, mas poucos certamente terão uma assinatura sônica tão natural, e um grau de compatibilidade tão alto com inúmeras caixas acústicas.

E seu DAC interno possui qualidades de produtos Estado da Arte.

Se é um integrado com essas características que você está buscando, ouça tanto o No.5802 quanto o No.5805, no mínimo você irá se surpreender tanto com sua construção, como sua performance. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=_WAGCGSZOWW](https://www.youtube.com/watch?v=_WAGCGSZOWW)

AVMAG #282
Mediagear
 contato@mediagear.com.br
 (16) 3621.7699
 R\$ 83.635

NOTA: 94,0



ESTADO DA ARTE

AMPLIFICADOR INTEGRADO LINE MAGNETIC 219IA

Fernando Andrette



Eis uma marca que o leitor da revista irá daqui para frente ouvir falar muito. Pois em todos os mercados que já se firmou, tornou-se o centro das atenções e de calorosas discussões nos fóruns especializados em aparelhos valvulados.

Produzidos na China, seu fundador é um audiófilo apaixonado por restauração de amplificadores e caixas acústicas da Western Electric - e ganhou fama na Ásia pelo seu grau de conhecimento e perfeccionismo na restauração de inúmeros amplificadores, drivers e caixas dos anos 20, 30 e 40, dessa lendária marca americana.

Com sua notória habilidade, o próximo passo foi abrir uma empresa atuando no mercado como fabricante OEM para outras marcas, como Cayin, Jungson e Shengya. E o último passo foi criar sua própria marca, a Line Magnetic, focando no relançamento de grandes produtos 'clássicos', porém atualizados para a nova realidade de mercado.

Como escrevi no primeiro parágrafo desse teste, a cada novo mercado que a Line Magnetic aporta, rapidamente o 'boca a boca' se insinua

e muitos amantes de válvulas 300B e 845, se sentirão seduzidos pela sua relação custo/performance.

O que mais li nos fóruns internacionais, que consultei para entender de onde vinha essa 'febre' pela marca, foi justamente o fato dos seus produtos serem muito bem construídos e ainda assim custarem muito menos que a concorrência, e manterem um grau de performance tão alto.

Quando o Hernani da Elite Áudio, distribuidor oficial da marca no Brasil, me ofereceu o produto para teste, não imaginava o tamanho do produto e muito menos seu peso de 55 Kg!

E muito menos os detalhes de seu design lembrando os anos 30, que só vemos naqueles filmes em preto e branco de ficção científica.

Para o trabalho sujo de tirar ele do carro e instalá-lo em nossa sala, foi preciso 4 braços, muito suor e gemidos - que só quem já está fora de forma sabe grunhir. E a única plataforma em que ele

ÁUDIO

coube, devido à sua altura descomunal, tamanho e peso, foi a base da Audio Concept, felizmente colocada à frente do nosso setup de Referência.

O 2191A utiliza 8 válvulas em configuração dual-mono. O estágio de pré amplificação usa duas 12AX7 seguidas por um estágio de driver duplo que utiliza duas 310A, e duas válvulas 300B para acionar o estágio final de amplificação de duas válvulas 845. Para proteger as válvulas, o Line Magnetic tem uma gaiola de ferro bastante segura e pesada - como tudo nesse integrado, rs.

Seu controle remoto é de excelente nível e acabamento, pesado (rs), com volume para cima e para baixo, e mute.

Na base em que estão as oito válvulas, existem os ajustes de polarização e os ajustes para se tirar o 'hum' que, dependendo das instalações elétricas e da qualidade do aterramento, podem existir.

No painel frontal temos o grande VU ao centro, para apresentação da potência debitada, além do botão seletor de entradas (3 no total), e no lado esquerdo dois VUs menores para o ajuste de polarização das válvulas. Acima desses dois pequenos VUs, tem o ajuste de polarização para selecionar as válvulas a serem ajustadas. E no canto direito temos o botão maior de volume e, abaixo dele, o botão de liga e desliga.

No painel traseiro, temos as três entradas de linha e os terminais de caixas para 4, 8 e 16 ohms, bem como a entrada IEC.

Depois de ligado, o amplificador leva 30 segundos para entrar em funcionamento.

Como o produto estava apenas com 30 horas de uso, fiz o primeiro contato com ele ligado a caixa Monitor Audio (leia Teste 3 na edição 290), ouvindo nossos discos da Cavi Records, e deixei o integrado amaciando com as caixas Harbeth (leia teste na edição 290), que também estavam amaciando.

Por mais que as pessoas tentem simplificar, dizendo que amplificadores valvulados possuem uma sonoridade muito fácil de identificar, eu costumo ser bem mais cauteloso, pois dependendo da topologia (push-pull ou single-ended), quando bem projetados terão uma sonoridade bem distinta.

Como estava com a memória ainda fresca do Willsenton R8 testado em nossa edição 289, para mim ficou claro que colocar no mesmo pacote esses dois modelos seria injusto com ambos. Pois cada um prima por qualidades distintas.

Um primeiro exemplo: em volumes baixos - falo de audições com o volume no máximo a 60dB - o Line Magnetic soa muito mais coeso e equilibrado que o R8. Com muito melhor apresentação de microdinâmica.

Já o outro lado da dinâmica, na macro, o R8 por ter muito mais potência, tem maior folga para responder ligado em caixas com menos de 90 dB de eficiência.

Sempre haverá escolhas a serem feitas, meu amigo, não existe como contornar as escolhas. Sejam elas conscientes ou impulsivas.

Com 100 horas, a primeira caixa em que instalamos o Line Magnetic foi a JBL Classic 100 - e que casamento, meu amigo! Os 90 dB em 8 ohms da caixa foram 'mamão com açúcar' para os 24 Watts do Line Magnetic. Com excelente equilíbrio tonal, texturas refinadas, uma imagem tridimensional impecável, e resposta de transientes surpreendente.

A macrodinâmica, com a caixa certa, estará presente na medida e necessidade correta.

Estou vendo que no nosso Vendas & Trocas tem um par de JBL L100 Classic para vender por 25 mil reais, e ainda não foi vendido. Meu amigo, por esse preço, será muito difícil achar uma caixa de três vias superior a ela. Se você está pensando em um upgrade de caixas e possui uma sala entre 16 a 32 metros quadrados, coloque essa caixa no seu radar, pois além de tudo, com todos os integrados que testamos nos últimos seis meses, ela se destacou de maneira encantadora.

Voltando ao Line Magnetic, confesso que por mim usaria somente a L100 Classic para a realização do teste, mas como tínhamos à mão outras caixas com 90 dB de sensibilidade ou mais, acabamos por ouvi-lo também com a Elipson Heritage XLS 15 (leia Teste na edição 288), Monitor Audio Gold 300 (leia teste na edição 290) e Wharfedale EVO 4.4.

E com todas essas quatro caixas, pudemos ver o quanto este integrado é versátil e refinado.

O que mais me impressionou é que, ainda que ele tenha uma sonoridade bem quente e cativante, essas qualidades não encobrem uma transparência e naturalidade na medida certa.

O que mais admirei e me encantei com o Line Magnetic foi com instrumentos acústicos e vozes. Pois podemos nos ater aos detalhes, sem jamais nos perdermos do todo, mesmo em volumes reduzidos - o que só comprova seu impressionante silêncio de fundo e sua capacidade de organizar o acontecimento musical, entre as caixas, de maneira muito correta e coerente.

Para entender o que quero dizer com 'organização' entre as caixas, é preciso entender que isso só é possível se a eletrônica e a gravação, claro, tiverem uma correta apresentação de largura, altura e profundidade. Sem essa base, a organização do acontecimento musical será pobre e fatigante.

Junto a essa característica, é necessário que além de planos bem definidos, o foco, recorte e ambiência também sejam de alto nível. ►

Pois do contrário, os solos e vozes no meio de uma orquestra soarão borrados.

O Line Magnetic, possui todas essas qualidades em alto nível!

E, por fim, a 'cereja do bolo' da organização musical entre as caixas: a materialização do acontecimento musical à nossa frente.

Em excelentes gravações, quando você escuta uma eletrônica com esse grau de assertividade, seu cérebro realmente se rende ao encanto. Foi aí que entendi porque a esmagadora maioria dos elogios nos fóruns internacionais, fala da capacidade sedutora de se ouvir música nesse amplificador. Sim ele é bastante sedutor, mas não cai na armadilha de soar doce demais ou letárgico.

Ao contrário, seu grau de sedução não perde o senso de responsabilidade de reproduzir a música da maneira mais correta possível dentro de seus 24 Watts.

Veja que não inicie a avaliação falando do alicerce de nossa Metodologia - o equilíbrio tonal. E o fiz por um único propósito: saber que, como toda topologia de vácuo, o upgrade nas válvulas pode mudar o produto significativamente de patamar. Infelizmente não pude fazer essa experiência, ainda que se deseje muito ouvir o Line Magnetic com válvulas 300B e 845 de qualidade premium. Pois sei que seu equilíbrio tonal, certamente mudaria de patamar.

Com as válvulas que vieram de fábrica, não há nada de errado com este quesito. Mas em termos de decaimento nas altas, com válvulas superiores certamente teríamos a reprodução de ambiências ainda mais impressionantes, assim como na fundação da primeira oitava dos graves. Pois potência para isso, com as caixas certas, não será nenhum problema.

Outra característica que me chamou muito a atenção, foi a qualidade na reprodução do corpo dos instrumentos, uma questão que sempre vejo ser levantada nos fóruns quando discutem sobre amplificação de baixa potência, da dependência de caixas de altíssima sensibilidade (acima de 98 dB) para equilibrar a macrodinâmica e o corpo harmônico dos instrumentos. Desse problema o Line Magnetic não sofre, pois em todas as caixas utilizadas no teste, entre 88 dB e 92 dB, a apresentação do corpo harmônico foi impecável!

À medida que fomos fazendo as audições com as quatro caixas, ficou patente o quanto é preciso experimentar as opções de ouvir as caixas ligando-as nas saídas de 4, 8 ou 16 ohms, ainda que o fabricante da caixa especifique sua impedância. Na JBL (que é 4 ohms) e na Wharfedale (que é 8 ohms) o melhor resultado foi com 8 ohms. A Elipson (que é 6 ohms) teve o melhor casamento com a saída 4 ohms, assim como também a Monitor Audio Gold 300 (que é 8 ohms).

Quanto à cabos, o Line Magnetic se mostrou altamente compatível tanto com todos os cabos de força, como de interconexão e caixa. E não se mostraram nem um pouco exigentes, mostrando suas inúmeras qualidades com todos. Mas eu gostei muito do Sunrise Lab Quintessence Aniversário de força e de interconexão (RCA), com os Virtual Reality Trançado nas quatro caixas. Compatibilidade não é loteria, meu amigo, compatibilidade é acerto de projeto.

Quando um produto é muito bem desenvolvido, sem pontas soltas, a possibilidade de uso de inúmeras opções de cabos é sempre muito maior.

CONCLUSÃO

O integrado Line Magnetic 2191A merece todos os elogios de crítica e de consumidores que vem recebendo desde o seu lançamento.

Acredito que possa ser o 'porto seguro' para todos que desejam a sonoridade de topologias 300B e 845, de baixa potência, mas que nunca se aventuraram por esses mares, por receio ou por achar que as opções até então existentes estavam além de seu bolso.

Extremamente bem construído e com uma performance tão cativante, que certamente irá conquistar uma legião de audiófilos que desejam imprimir a suas gravações favoritas esse alto grau de sedução.

Se você é daqueles que adora, na calada da noite, ouvir seus discos enquanto o mundo adormece, sem incomodar ninguém, mas se sentia decepcionado que em baixos volumes muito se perdia da música, você vai amar o 2191A, acredite!

Com caixas com no mínimo 90 dB de eficiência, bons cabos e fontes de bom nível, você pode ser levado ao paraíso sem ter que vender a alma ao diabo, meu amigo! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=IK8P16E5MA0](https://www.youtube.com/watch?v=IK8P16E5MA0)

AVMAG #290
Elite Sound
contato@elitesound.com.br
(19) 99713.5005
R\$ 50.000 (preço promocional)

NOTA: 96,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO BOULDER 866

Fernando Andrette


**PRODUTO DO ANO
EDITOR**

Começar o teste lembrando do quanto os amplificadores integrados evoluíram nessa última década, é como chover no molhado! Ainda assim, é preciso.

Pois muitos leitores são céticos, e muitos outros que estão apenas iniciando sua jornada, são bombardeados com tantas informações desencontradas, que vale a pena lembrá-los (ou seria alertá-los?), que um bom integrado pode fazer sua felicidade vir muito antes do que ele esperava.

Eu, assim como das caixas bookshelf, sou fã de integrados. Afinal aprendi, na prática, que em muitas situações o menos pode ser realmente mais. E em todas as oportunidades que tenho em minhas consultorias, de indicar integrados, eu não hesito um segundo!

E não pensem que minha tentativa de convencimento seja o velho e surrado tema de 'menos um cabo de força e um cabo de interconexão' (ainda que tanto para o bolso, quanto para a instalação, seja um consistente argumento), e sim pelo fato de que muitos integrados de ponta irão atender perfeitamente, seja o iniciante, como o audiófilo rodado.

Basta uma consulta ao nosso top five para observar o nível de pontuação dos mais recentes integrados, e fazer uma conta rápida 'de padaria', para perceber o quanto se torna imbatível a relação custo/performance de um integrado, versus um pré e power.

Eu não gosto de profetizar, mas tenho a convicção de que a barreira dos 100 pontos para os integrados esteja bem perto de ser quebrada. E quando isso ocorrer, ficará ainda mais difícil defender os prés e powers até 100 pontos de que sejam uma melhor solução.

O integrado Boulder 866 é um excelente integrado, e antes de descrevê-lo, gostaria de lembrar a todos os nossos leitores, que assim como todos os prés e powers Estado da Arte possuem sua assinatura sônica, o mesmo obviamente ocorre também com os integrados Estado da Arte. E descobrir se essa 'assinatura' lhe agrada e é o que você procura, é essencial ouvir antes de sair gastando seu suado dinheiro.

Aqui tentamos, de forma exaustiva e minuciosa, mostrar o que observamos ao colocar o produto em teste com o maior número de equipamentos disponível naquele momento, e fechar a pontuação apenas quando ele é confrontado com o nosso Sistema de Referência.

O que percebi ao longo destes últimos três anos, é que os fabricantes de integrados de ponta estão optando por entregar ao consumidor pacotes completos com DAC, Streamer e alguns até com pré de phono. Vejo nessa estratégia dois lados: o bom é de facilitar a vida do consumidor, e o ruim é os recursos não estarem no mesmo nível de performance. Então é preciso avaliar criteriosamente as notas separadas (como amplificador, DAC, Streamer, etc.), para ver se atendem a suas expectativas.

Ou simplesmente (se for possível), comprar apenas o integrado pelo seu nível de performance.

Deste fabricante, testamos apenas o primeiro integrado, já fora de linha há um bom tempo, e o pré de phono 508 que tive como minha referência por três anos. E, claro, ouvi em alguns eventos e na casa de leitores, alguns prés e powers.

A Boulder é conhecida e reconhecida por ser uma empresa 'verticalizada', que procura ter domínio integral em todas as etapas de produção, e que não abre mão de pesquisar 'fora da caixinha' para desenvolver soluções que fogem à regra (um exemplo: seus DACs).

O 866 é um classe AB, com streaming, DAC (opcional), com três entradas analógicas XLR, entradas digitais Ethernet, USB (4), AES/EBU, Toslink e Wi-Fi. Seu DAC aceita PCM até 32/384, e DSD até 128. Todos os arquivos são submetidos a upsampling e oversampling à 192 kHz. A potência máxima contínua de saída é de 200Watts em 8 ohms, e 400Watts em 4 ohms. com potência de pico de 700 Watts em 2 ohms. Com peso de 24.5kg, é todo feito em alumínio anodizado prateado.

Seu design é totalmente diferenciado, com sua frente chanfrada que permite uma visão de sua grande tela até 10 metros de distância. Seu painel, tirando a tela à direita, é bastante minimalista, com apenas quatro botões grandes (que possuem a função de: aumentar e diminuir o volume, mute e standby/ligado).

No painel traseiro, temos as três entradas analógicas, todas XLR - o que pode ser um problema para os que tem um pré de phono RCA, que neste caso terão que usar um adaptador RCA para XLR, e a própria Boulder tem esses adaptadores (o meu 508 veio inclusive com um par) - os terminais de caixa tipo borboleta e o arsenal de entradas digitais na versão com DAC ao centro do painel.

Segundo o fabricante, o 866 tem a mesma técnica de aterramento que existe no seu power top de linha, o 3050, e que essa implementação faz toda a diferença na performance final.

Quanto ao chip utilizado no DAC, a Boulder fala muito pouco e sem nenhuma pista de como seja produzido. A única informação disponível que tivemos é que: "Em vez de deixar o DAC fazer a computação, fazemos nossa própria matemática DSP e, em seguida, alimentamos esses dados para o chip DAC. Sempre enviamos o mesmo tipo de dados para o DAC, independentemente do tipo de arquivo que esteja sendo usado. Se existisse um chip DAC superior à nossa solução, usaríamos ele - mas ainda não encontramos um que suporte a reprodução de DSD 64 e 128".

Para instalar o Roon, e o próprio programa da Boulder para Streamer, contei com a ajuda do Heber da Ferrari. E depois de tudo devidamente ligado, foi só colocá-lo para amaciamento.

O arsenal de caixas que pudemos colocar com o Boulder foi realmente grande: JBL Classic 82, Elipson Legacy 3210, Elac Reference Debut 52, Estelon YB, e Wilson Sasha DAW. Para avaliar o DAC, utilizei o transporte da Nagra CD, através do cabo AES/EBU Absolute Dream da Crystal Cable. Os cabos de caixa foram: o Virtual Reality Trançado, o Oyaide Across 3000 B, e o Apex da Dynamique Audio. Cabos de

força: Quintessence Aniversário da Sunrise Lab, e Transparent Power-Link MM2. Pré de phono: Gold Note PH-1000. Cabos de interconexão: Dynamique Apex, e Sunrise Lab Quintessence XLR.

Como todos os integrados que disponibilizam 'pacotes' as notas serão, na conclusão, separadas, na tentativa de ajudar o nosso leitor a entender o nível de cada proposta.

O Boulder necessita de pelo menos 200 horas de queima, para o amplificador, o DAC e o Streamer. Sua sonoridade irá mudar sutilmente do instante que é acionado, até a queima final. O que muda de forma audível é a qualidade do soundstage (largura, altura e profundidade) e o corpo harmônico. Em termos de equilíbrio tonal, transientes, textura, micro e macro, ele já sai tocando em excelente nível. O que é bom para o usuário já ir de cara aproveitando suas virtudes!

Antes de descrever suas qualidades, em todos os quesitos da Metodologia, o que mais chama a atenção é sua 'autoridade' em dirigir qualquer uma das caixas que tínhamos à disposição. Ele realmente possui folga suficiente, permitindo mesmo em passagens complexas com grande variação dinâmica que o ouvinte não perca o fio da meada. O que o coloca naquele grupo de integrados que não teme grandes desafios e nem tampouco escolhe gêneros musicais em que se sairá melhor.

Seu equilíbrio tonal é muito correto, com excelente extensão nas duas pontas, com arejamento nas altas suficiente para nos mostrar detalhes de ambiências e decaimentos corretos. Os graves possuem fundação precisa nas fundamentais, com bom corpo e deslocamento de ar. A região média é bastante transparente sem, no entanto, jogar mais luz que o que foi captado e mixado.

Ou seja, nada de pirotecnia onde não foi colocado.

Ele me lembrou muito a assinatura sônica do pré de phono, pelo seu grau de acerto no equilíbrio, entre neutralidade e transparência.

Seu soundstage, em termos de largura, altura e profundidade, é muito bom, principalmente em gravações de música clássica, em que os planos são retratados de maneira correta com bom foco e recorte. O silêncio de fundo certamente ajuda na composição desta 'imagem' sonora.

As texturas serão muito dependentes do sistema ligado à ele e, principalmente, das caixas e dos cabos. Gostei mais das texturas quando o 866 estava ligado às Elac e às JBL (das caixas mais de entrada) do que com a Elipson. E com o cabo Trançado de caixa da Virtual Reality.

Já com a Estelon YB e a Sasha DAW, as texturas estavam muito mais próximas do que escuto em nosso Sistema de Referência - se bem que é totalmente injusta essa comparação em termos de preço e performance, e faço apenas para que o leitor tenha a ideia do que o

ÁUDIO

Boulder deverá ter como um par de caixas, em que o equilíbrio tonal seja mais para o neutro quente.

A resposta de transientes é espetacular! Todos os exemplos que utilizamos para fechar as notas deste quesito, o 866 passou com total mérito. O amante de ritmo/tempo irá se esbaldar com a performance deste integrado!

A dinâmica também foi de alto nível. Tanto a microdinâmica (aqui novamente mérito do silêncio de fundo), como a macro, graças a sua excelente folga e autoridade sobre as caixas utilizadas.

No quesito corpo harmônico, o comprador deste integrado terá que ter paciência e aguardar a queima total, pois nas primeiras 200 horas ele irá soar um pouco magro. Mas, depois de queimado, ele ganha corpo e as diferenças entre os instrumentos em termos de tamanho se revelam muito boas. Os melhores exemplos para saber que o corpo harmônico chegou lá, são gravações de piano solo e duos de contrabaixo e celo. Esses exemplos, quando bem captados, são matadores para se tirar a prova dos nove deste quesito. Claro que o ideal para avaliação de corpo harmônico será o uso de colunas e não de caixas bookshelf. Ainda que em boas bookshelves, este quesito tenha nos últimos anos melhorado significativamente.

A materialização física do acontecimento musical (organicidade), quando utilizamos o analógico e o digital de referência, foi uma 'pêra doce'! Mostrando que o integrado realmente é um excelente Estado da Arte.

E, por fim, a musicalidade dependerá mais dos seus pares (fontes analógica e digital), cabos e caixas. Minha dica: parceiros que primam pelo melhor equilíbrio possível entre neutralidade e naturalidade.

Como DAC, foi uma grande surpresa ver que se encontra no mesmo nível do amplificador. Gostei muito da forma com que o DAC interno codifica o sinal, de maneira limpa, equilibrada, sem pirotecnia, ainda que todo o sinal passe por upsampling. Comparando com o nosso DAC de referência, o que falta ao DAC interno do 866 é uma maior folga e realismo. É ainda audível aquela 'digitalização' inerente nos DACs mais modestos, mas sem comprometer o prazer em ouvir a música. E vale a pena lembrar que falamos novamente de um comparativo desproporcional em termos de preço e performance. E que só fazemos para poder pontuar o produto em teste de maneira correta e justa!

Quanto ao Streamer, ele se encontra em um degrau abaixo do DAC, mas ainda assim - quando ligado à rede e não wi-fi - é muito bom. Minhas restrições, como todo Streamer, são em relação ao sound-stage, que sempre é menos profundo do que deveria. E o corpo harmônico é sempre menor. Mas não pensem que os outros integrados tenham descoberto a solução para o problema.

CONCLUSÃO

O Boulder 866 é uma das melhores soluções de integrados atuais. Feito por um fabricante com grande experiência em produtos de ponta, e que disponibiliza uma solução integrada para quem necessita de 'tudo em um'. Se você se enquadra nesse perfil, minha sugestão é que você o ouça em seu sistema. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CZXTBQPXMPC](https://www.youtube.com/watch?v=CZXTBQPXMPC)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=5G0O6P2QM04](https://www.youtube.com/watch?v=5G0O6P2QM04)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=FUEO0E-RFGG](https://www.youtube.com/watch?v=FUEO0E-RFGG)

**AMPLIFICADOR INTEGRADO
 BOULDER 866
 (COMO STREAMER)**

NOTA: 84,0



ESTADO DA ARTE

**AMPLIFICADOR INTEGRADO
 BOULDER 866 (COMO DAC)**

NOTA: 96,0



ESTADO DA ARTE

**AMPLIFICADOR INTEGRADO
 BOULDER 866
 (COMO INTEGRADO)**

NOTA: 97,0



ESTADO DA ARTE

**Boulder 866 sem
 Streaming DAC
 US\$ 20.400**

**Boulder 866 com
 Streaming DAC
 US\$ 23.000**

**AVMAG #280
 Ferrari Technologies
www.ferraritechnologies.com.br
 (11) 99471.1477**

Se o seu sonho é ter um sistema hi-end personalizado e único, fale conosco.



@WCJRDESIGN



Somos a única empresa de audio hi-end totalmente verticalizada. E agora também, com oficina técnica para produtos hi-end.



Atendemos a todo o território nacional.



**Alstech Valvulados
e Transformadores**
CANAL DO YOUTUBE

Eng. André Luiz de Lima Parreira Rodrigues
Rua Rio Branco 273, Sala 93 Centro Lins SP
16400-085
andrelimarodrigues@gmail.com
(14) 99134-0330
<https://alstechvalvulados.blogspot.com/>



ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO ARCAM SA30

Fernando Andrette



Não testava um produto da Arcam desde o início do século XXI. Escrevendo dessa forma, até parece muito mais tempo do que realmente é. Assim como falar de algum fato importante ocorrido no 'século passado', toma um contorno de algo que ocorreu com nossos pais e não conosco, e que apenas ouvimos falar.

Para a minha filha, eu ter nascido em 1958 é algo que parece muito mais antigo do que na verdade é (palavras dela) - o que eu entendo perfeitamente, pois tinha esse mesmo 'estranhamento' ao ouvir minha bisavó narrar o pânico que foi a passagem do cometa Halley em 1910!

Puxando pela memória e anotações pessoais, lembro do quanto gostei dos produtos da série FMJ da Arcam (integrados, CD-Players e Receivers).

A Arcam foi fundada em 1976, com o nome de A&R Cambridge Ltd, e por três décadas foi reconhecida por desenvolver produtos robustos e com uma relação custo/performance muito alta. Em 2017 ela foi comprada pela Harman International Industries e que, na sequência, foi adquirida pela Samsung.

Confesso que tinha algumas reservas quando o grupo Harman foi comprado pela Samsung, mas que foram totalmente dissipados ao testar todos os novos lançamentos como os Mark Levinson, caixas JBL e agora o integrado Arcam SA30. Mostrando que a Harman continua tendo total liberdade para manter sua posição de destaque no mercado hi-end sem nenhum tipo de interferência do novo acionista.

O novo integrado SA30 recebeu o prêmio EISA 2020-2021 como melhor amplificador integrado/DAC. E depois de conhecer e testar o produto, concordo plenamente com a escolha. Pois para mim o Arcam SA30 é a melhor surpresa deste início de 2022, tanto pela sua incrível qualidade de construção, como pela performance e versatilidade.

Voltando à minha experiência com os antigos Arcam por nós testados, sempre gostei de sua sonoridade quente, equilibrada e sem nenhum tipo de arroubos ou tendências de modismos sonoros.

E muito dessa 'sonoridade' não tenho dúvida que seja pela topologia Classe G proprietária, que emprega duas fontes de alimentação para abastecer os transistores de saída, com o primeiro conjunto de barramentos de alimentação funcionando em Classe A até uma determinada potência e, quando necessária uma energia adicional, o amplificador passa a funcionar em Classe AB. A topologia Classe G proprietária consiste em que essa passagem do Classe A para o AB seja feita em menos de um microssegundo, e apenas pelo tempo necessário, voltando a operar em Classe A imediatamente.

O SA30 possui 120 Watts em 8 ohms e 200 Watts em 4 ohms, com uma distorção harmônica total menor que 0,002% e uma relação sinal/ruído de 112 dB no modo Analogue Direct.

Mas o Arcam SA30 não impressiona apenas em ser um excelente integrado, repetindo a façanha ao apresentar um DAC de alto nível que utiliza o chip DAC ESS Technology Sabre ESS9038Q2M que

suporta MQA, duas entradas digitais S/PDIF óticas, e duas coaxiais RCA, além de Wi-Fi e porta Ethernet para conexão de rede. Além disso, traz correção de sala Dirac Live, streaming com suporte para AirPlay2 e UPnP, compatibilidade com Roon Ready e (ufa!) um surpreendente estágio de phono Moving Magnet (MM) e Moving Coil (MC). E, para os amantes de fones de ouvido (sim!) ele também tem um bom amplificador de fone. E para os usuários de Home-Theater, o SA30 possui uma entrada HDMI para conexão de uma TV compatível.

Ou seja, o Arcam SA30 é uma central de entretenimento completa e, o mais importante: verdadeiramente hi-end! E todo esse pacote impressionante por menos de 30 mil reais!

A única entrada que o SA30 não disponibiliza é uma USB tipo B para conexão direta a um computador para reprodução digital. Mas em vez dessa opção, o SA30 oferece uma entrada USB Tipo A para reprodução de arquivos de música através de um dispositivo de armazenamento USB conectado.

O que gostaria de frisar é que neste pacote todo, o nível de qualidade é muito homogêneo e o consumidor terá uma performance consistente em todas as opções (DAC, amplificador de fone, e pré de phono).

As entradas digitais óticas podem aceitar dados PCM com resoluções de até 32-bit/96kHz, e as coaxiais suportam até 32-bit/192kHz.

O seu DAC interno possui sete filtros digitais à escolha do 'freguês'. Se o usuário quiser fazer uso do recurso da correção de sala, o Arcam disponibiliza um microfone, mas aí os sinais analógicos serão convertidos em digitais com uma resolução de 32/192.

Felizmente o SA30 possui um modo Analogue Direct que mantém os sinais de entrada no domínio analógico, sendo travado o uso do Dirac Live (que bom! Eu explico mais adiante o que é o uso de correção de sala, quando não se necessita desse 'recurso').

No painel traseiro, o SA30 oferece três conjuntos de entrada RCA, e entradas phono MM e MC, conector HDMI eARC, conector RS232, dois conectores para antenas Wi-Fi (que estão incluídas no pacote), uma entrada IEC de 15 amperes com uma chave de seleção de 115v ou 230v, e um terceiro bloco com todas as entradas digitais já mencionadas.

No painel frontal temos um grande visor, um conjunto de nove botões: menu de tela, escolha de entradas, Dirac para ativar ou desativar as curvas de correção de sala, mute, info (para mudar as informações do visor), Direct (para ativar ou desativar o modo Analogue Direct), Display para ajuste do brilho do visor e Balance (para ajuste do canal direito e esquerdo). À direita temos o botão de ligar e desligar o SA30, e à esquerda o botão de volume.

Para o uso do streaming interno, a Arcam oferece seu aplicativo Music Life, que suporta Tidal, Qobuz, Deezer, Spotify, Napster, Internet Radio e podcasts.

Para o teste utilizamos todo o nosso arsenal de caixas disponíveis no período: JBL L82 e L100 Classic, Elac Reference Debut 52 e 62, Estelon YB e X Diamond MkII (leia Teste 1 na edição 284), Wharfedale Elysian 4, e Wharfedale Denton.

Não é todo amplificador que tem a possibilidade de conviver com 8 caixas no período de amaciamento e teste.

Como sempre, fizemos as anotações de primeiras impressões e o colocamos para 100 horas de queima inicial. Nas minhas anotações pessoais, escrevi: "Extremamente coeso e musical assim que foi ligado, ainda que frio".

Com 100 horas, antes de iniciar a primeira rodada de pré avaliação, resolvi testar sua correção de sala. Fiz todos os procedimentos de ajuste (que não leva mais que alguns minutos) e esperei ver que curva de resposta ele me ofereceria. Na ocasião, estava com as caixas Elysian 4 em teste e a curva de resposta cortou em 3 dB os graves até 120 hz e acentuou os agudos acima de 2 khz.

Resultado: o som ficou indecente!

Morrerei batendo na tecla de que é muito mais inteligente corrigir a acústica da sala do que utilizar esses dispositivos de correção. Eles criam um padrão que simplesmente destrói o equilíbrio tonal! Quando fizerem algo realmente inteligente e que contorne os problemas de alterar o equilíbrio tonal, me convidem para ouvir. Em salas tratadas e que não precisam de correção como a nossa, as escolhas são absurdamente incoerentes!

O próximo passo, então, foi se certificar que o sistema Analogue Direct estivesse sempre ligado.

Com 100 horas, ganhamos maior extensão nas duas pontas, e um calor e naturalidade na região média ainda mais cativantes.

Mas achei que seria interessante deixar por mais 100 horas o SA30 amaciando, antes de iniciar todos os testes para avaliação de sua assinatura sônica como integrado, DAC, Phono, Streaming e amplificador de fone.

O que descreverei daqui para a frente, foi feito com três caixas: JBL L100 Classic, Estelon YB MkII, e Wharfedale Elysian 4. Caixas de preços e performances distintas, mas todas de alto nível dentro de sua faixa de preço. E com as três o SA30 se comportou magistralmente.

Sua assinatura sônica, graças ao seu excelente equilíbrio tonal, é muito segura e cativante. O melômano, assim como o audiófilo, poderão desfrutar de horas e mais horas de audição sem nenhum resquício de fadiga ou desinteresse.

ÁUDIO



O que o coloca no patamar de elite dos integrados é conseguir aliar transparência, naturalidade e musicalidade em uma faixa de preço em que, no momento, não temos nada no mercado. Por isso ele foi de longe a grande surpresa do primeiro trimestre, pois conseguir aliar em um único pacote tantas qualidades, é um feito e tanto.

Seu soundstage é de alto nível, tanto em termos de foco, recorte e recriação de ambiência, como na apresentação dos planos. Com todas as 8 caixas utilizadas, ficou evidente que os apaixonados pela recriação de um palco sonoro consistente irão se deliciar com o SA30.

Com seu equilíbrio tonal tão correto, as texturas são muito favorecidas, tanto em termos de paleta de cores dos instrumentos, como na apresentação de intencionalidade e qualidade da gravação e dos instrumentos. E essas qualidades ficam ainda mais evidentes quando tocamos as faixas deste quesito da Metodologia nas caixas Elysian 4 e Estelon YB MkII (que também primam pela mesma qualidade).

Mas não pense, amigo leitor, que essa apresentação calorosa e refinada não se 'transforme' em impetuosidade e velocidade quando a música exige. Os transientes são excelentes, com marcação precisa de tempo e ritmo, permitindo sentirmos a música pulsar e nos envolver, levando-nos a marcar o tempo com os pés.

Na macrodinâmica, dê o par perfeito de caixas e não haverá dúvida que os crescendo e fortíssimos terão o dinamismo escrito na partitura.

Seus 120 Watts se mostraram mais que suficientes para a reprodução de obras bem complexas. E cada uma das três caixas utilizadas para o fechamento das notas, deram conta com total folga e precisão.

E na microdinâmica, qualquer um dos exemplos foi uma verdadeira 'pêra doce'. Interessante que existem integrados mais transparentes na faixa de 94 a 98 pontos em nossa Metodologia, mas todos os que aqui foram testados com essa pontuação, não tiveram uma melhor apresentação neste quesito. O que ocorre é que alguns, devido a sua maior transparência que o SA30, 'ênfatisam' determinados detalhes na microdinâmica de forma mais intensa. Enquanto que o Arcam SA30 encara essa mesma passagem de maneira mais concisa apenas.

O corpo harmônico é excelente, como de todos os excelentes integrados na faixa acima dos 94 pontos.

E a materialização física nas excelentes gravações é feita de forma harmoniosa e convincente para o nosso cérebro e nossos ouvidos.

COMO DAC

Seu DAC interno está muito mais próximo do DAC interno do integrado da Gold Note que testamos, do que dos DACs internos dos integrados da Hegel H590 e H390. Achei, como o da Gold Note, mais refinado e com melhor equilíbrio tonal, e isso é uma excelente notícia para quem deseja um integrado definitivo em que não precise investir em um DAC externo de melhor qualidade.

Muito musical, excelente corpo, transientes precisos, boa micro e macrodinâmica, e um equilíbrio tonal correto e com excelente extensão nas duas pontas. ▶

Onde ele não é perfeito? Na recriação dos planos em termos de profundidade e largura. Mas, compensando isso com um foco, recorte e reconstrução das ambiências como em DACs de alto nível (e, claro, muito mais caros).

COMO PRÉ DE PHONO

Aqui foi uma grata surpresa. Infelizmente só consegui testar a entrada MC, mas ela se mostrou de alto nível. Com baixo ruído de fundo, excelente equilíbrio tonal (tão bom quanto do amplificador), dinâmica de alto nível, corpo e soundstage de prés de phono sérios e acima de 2000 dólares no mercado, e com ajustes de impedância restritos, mas muito bem planejados.

Usamos as cápsulas Hana Umami Red e ZYX Ultimate Omega G - duas cápsulas muito acima do valor do integrado e, ainda assim, a performance de ambas as cápsulas foi surpreendente!

COMO STREAMER

Utilizamos apenas Tidal para ouvirmos no Arcam, e comparamos com o Innuos ZENmini MK3 sem uso de sua fonte externa, para sermos mais justos com o SA30.

Vou continuar insistindo na mesma tecla: será que as limitações que deixam quase tudo bidimensional são da topologia ou das plataformas? Enquanto não tiver essa resposta, fica difícil jogar a culpa nos Streamers.

O Arcam nesse quesito está no mesmo patamar dos Cambridges por nós testados. É possível ouvir sua coleção de música, mas não espere um envolvimento profundo com o que está escutando, pois para existir essa 'conexão' necessitamos um pouco mais de naturalidade e realismo!

COMO AMPLIFICADOR DE FONE DE OUVIDO

Outra bela surpresa, assim como são o pré de phono e o DAC.

Gostei muito da qualidade do áudio e do silêncio de fundo. Os amantes de fones se sentirão satisfeitos em ter investido no SA30 e levar de 'brinde' um amplificador de fone de tão bom nível!

CONCLUSÃO

Sei que muitos nos criticam, por testarmos produtos tão caros e fora da nossa realidade. Mas esses mesmos críticos, deveriam reconhecer o quanto nos esforçamos em mostrar produtos que podem ser a solução final para a sua busca de anos.

O Arcam SA30, a menos de 30 mil reais, ainda está naquela faixa de preço que para muitos é ainda muito caro. Mas, raciocine comigo: quantos amplificadores integrados oferecem um pacote tão amplo, e de qualidade, como o SA30? Quantos poderão abrir mão de seus módulos de phono, DAC externo, streamer externo e amplificador de fone externo, por um único e definitivo upgrade?

Aqui começa a ficar interessante o custo desse SA30.

E coloque na ponta do lápis o quanto sairia ter esses mesmos benefícios em módulos com esse grau de performance, e fica muito coerente e sensato se pensar no Arcam SA30 como seu futuro upgrade.

Adorei o SA30, se isso for de alguma ajuda aos leitores que estão pensando em ir para essa solução.

E amei sua compatibilidade com as oito caixas que pudemos ouvir com ele.

Se você está naquele grupo de leitores da revista que está querendo definitivamente simplificar seu sistema de áudio, tornando-o mais minimalista sem perder a performance de um Estado da Arte, não ouvir o Arcam SA30 é um erro e tanto!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RJZURKMB4DU](https://www.youtube.com/watch?v=RJZURKMB4DU)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=6PHPHDKACSY](https://www.youtube.com/watch?v=6PHPHDKACSY)

**AMPLIFICADOR INTEGRADO
ARCAM SA30
(COMO STREAMER)**

NOTA: 70,0



OURO REFERÊNCIA

**AMPLIFICADOR INTEGRADO
ARCAM SA30
(COMO PRÉ DE PHONO MC)**

NOTA: 88,0



ESTADO DA ARTE

**AMPLIFICADOR INTEGRADO
ARCAM SA30
(COMO DAC)**

NOTA: 94,0



ESTADO DA ARTE

**AMPLIFICADOR INTEGRADO
ARCAM SA30 (COMO
AMPLIFICADOR INTEGRADO)**

NOTA: 97,0



ESTADO DA ARTE

AVMAG #284

Mediagear

contato@mediagear.com.br

(16) 3621.7699

R\$ 28.579

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO KRELL K-300i

Fernando Andrette



O último Krell que ouvi foi o power One, quando avalei a Dynaudio Platinum. E isso, se bobear, já faz uma década!

O tempo é implacável em nos dar rasteiras, principalmente para pessoas como eu que tem a maior dificuldade de guardar datas de aniversário ou de feriados. Para fazer as provas de história, eu sempre recorri a inúmeros artifícios como memorizar as datas recorrendo a fatos científicos ou grandes catástrofes que ocorreram no mesmo ano. E, ainda assim, muitas vezes eu confundia as bolas e tinha problemas em conseguir a média mensal.

Lançado em 2019, sempre tive curiosidade em ouvir esse novo integrado, já que testamos todos os modelos anteriores do 300i, e por muitos anos ele foi uma de nossas referências e esteve na lista dos Melhores do Ano (inclusive o usei no Hi-End Show de 2011, em nossa sala).

E a curiosidade só aumentou quando soube que era um projeto pessoal do Dave Goodman, atual diretor de desenvolvimento da Krell, e que está na empresa há 32 anos! E que ele implementou e registrou a nova tecnologia iBias (mais abaixo falo dessa tecnologia), e o DAC opcional do novo K-300i. Sempre achei Dave Goodman muito competente, e por isso mesmo seria peça chave no novo momento da Krell no mercado.

Segundo o fabricante, os principais destaques deste novo K-300i inclui baixo feedback negativo, circuito totalmente diferencial, transformador de potência de 771VA com 80.000uF de capacitância, e controle de volume Cirrus Logic CS3318 que funciona balanceado, para garantir os sinais de entrada permaneçam balanceados (inclusive do DAC opcional) até atingirem o estágio de ganho principal do amplificador.

Outro importante diferencial (segundo o fabricante), é que os circuitos até o estágio de driver operam em classe A pura. A tecnologia iBias permite que o amplificador forneça até os primeiros 90 Watts em classe A, sem gerar calor excessivo, e o consumo típico dos tradicionais classe A.

E que essa nova tecnologia também está sendo utilizada nos novos powers de maior potência que estão sendo lançados (na Axpona e em Munique neste ano, já foi apresentado o modelo estéreo de 400 Watts em 8 ohms).

O K 300i produz 150 Watts em 8 ohms, e 300 Watts em 4 ohms. O módulo DAC opcional usa o chip ES9028PRO Sabre, possui uma entrada USB-B que aceita sinal de dispositivos externos como HDs, drives NAS e computadores, e um receptor Bluetooth com aptX, entradas HDMI 2.0 e HDCP 2.2, e uma saída HDMI.

Para uso deste DAC opcional, o K-300i disponibiliza uma entrada ótica TosLink e Coaxial S/PDIF, uma entrada Ethernet. No painel frontal temos o botão de energia, seleção de fonte, navegação, menu e volume, e uma entrada USB-A para reprodução de pendrives e, à direita deste painel um visor iluminado.

Minha única crítica a esse novo visual do K-300i é referente ao volume no painel que é muito reduzido. O ideal seria que, quando acionado, ele ocupasse a tela toda por alguns segundos, e depois voltasse a mostrar a entrada que está sendo utilizada.

Você pode definir fontes de saídas variáveis, e até utilizar uma opção 'fixo', para permitir que o K-300i seja utilizado em um sistema de home theater.

No painel traseiro, temos dois pares de entradas de áudio analógicas balanceadas, e três pares de entrada RCA. Além de todas as opções de entradas digitais, caso o usuário tenha optado pela versão com o módulo DAC.

Voltando ao DAC, ele processa totalmente MQA com Roon, decodifica PCM até 24/192 por meio das entradas coaxial, HDMI e USB-B, e a entrada ótica está limitada a 24/96.

Pela entrada USB-B é possível reproduzir DSD até 128. Já o áudio de entrada USB-A do painel frontal, funciona em conjunto com um aplicativo Conversdigital MConnect Control, em download para iOS e Android, para decodificar PCM 24/192 e, nessa entrada, reproduz apenas DSD 64.

Esse aplicativo MConnect Control também lida com streaming de áudio de rede do Tidal, QoBuz, Spotify, Deezer e rádio da internet.

Gostei muito do controle remoto que, além de eficiente, coloca todos os principais controles em suas mãos e não é de plástico e sim de alumínio.

O único inconveniente é na hora da troca das pilhas, pois você precisa de uma chave de fenda Torx para remover quatro parafusos (mas nada que qualquer audiófilo já não tenha feito na vida, se teve um produto deste nível).

Para o teste utilizamos os seguintes cabos de força: Transparent PowerLink MM2, Virtual Reality Trançado, Sunrise Lab Anniversary, e Kubala Sosna Realization. As caixas, na maior parte do teste, foram: JBL L100 Classic, Wharfedale Denton, Elipson Heritage XLS 15, e Estelon X Diamond MkII. Cabos de caixa: Sunrise Lab Anniversary, Dynamique Audio Apex, e Virtual Reality Trançado. As fontes digitais foram: DAC MSB Reference (leia Teste 1 na edição 286), Innuos ZENmini Mk 3, e TUBE DAC Nagra. Quando ouvimos o DAC interno, utilizamos o cabo coaxial Sunrise Lab Anniversary, e um Crystal Cable Absolute Dream.

Felizmente o K-300i veio totalmente amaciado, o que nos ajudou a colocá-lo por apenas duas horas para estabilizar sua temperatura, e já passamos a apreciar suas enormes qualidades.

Fiquei, de cara, surpreso em ver que da assinatura sônica que conhecia de todo Krell que avalei ou tive, muito pouca coisa restou. Ou seja, a nova direção soube acompanhar as mudanças de mercado, e se adaptar aos 'novos tempos', em que força aliada à folga elevam o grau de satisfação do ouvinte, e atendem a muito mais audiófilos e melômanos! E o K-300i possui, na minha opinião, essas duas qualidades na medida exata.

Por isso está recebendo tantos elogios e testes tão entusiasmados de revisores que, como eu, se surpreenderam com a guinada que a marca deu. Escrevo há anos que não é preciso que um produto hi-end esteja sempre com a faca nos dentes, mesmo em passagens sutis. Pois a música não é feita apenas de 'tensionamento', e que um bom produto mostre sua capacidade de resolução dinâmica apenas quando a música assim exigir. Pois a energia em excesso não permite que o ouvinte relaxe e aprecie a música em sua totalidade.

É uma marca que, por décadas, foi vista e admirada pela busca incessante de grandes arroubos dinâmicos - e dar essa 'guinada' em aliar à essa qualidade uma apresentação mais natural, isso representa um grande mérito, e que certamente está sendo o motivo central de tanta surpresa para muitos que, como eu, fazia tempo que não ouvia um produto Krell. Meu último Krell foram os powers Evo 400, que substituíram o estéreo Accuphase A60, que foi insuficiente para a nossa nova Sala de Referência. E ainda que eles tenham 'domado' minhas Dynaudio Temptations, sempre achei que em muitos momentos a música ganhava uma 'tensão' que em muitos outros powers não existia. Ainda que fosse admirável aquela energia 'avassaladora' na macrodinâmica, de obras complexas como grandes sinfonias. ▶

ÁUDIO



Gosto de usar como exemplo se um power está ou não passando do ponto na aplicação de energia, a gravação da Referência Recordings do História de um Soldado de Stravinsky, pois essa obra foi escrita para um grupo de câmara, e que tanto a percussão quanto o contrabaixo é que determinam o limite da macrodinâmica (principalmente o tímpano). E se o grau de energia for excessivo, é notório como parece que o tímpano excedeu na energia utilizada, assim como o contrabaixo quando tocado com arco, pois ambos encobrem os instrumentos de sopro e o violino solo. Lembro que muitos audiófilos adoram esse momento, pois acham que o sistema está sendo fiel ao que foi gravado. E sempre pergunto aos participantes dos nossos cursos: será que esse arroubo está na partitura? Não precisa ser músico para perceber que não está. Pois seria estranho em uma obra para orquestra de câmara, o tímpano soar com um ffff de uma passagem em uma obra sinfônica, como a Sagração da Primavera, por exemplo, do mesmo compositor.

São detalhes meu amigo, mas que fazem toda a diferença e nos mostram de forma precisa essa questão de estar com a 'faca nos dentes' o tempo todo. E isso não ocorre apenas com powers e integrados, também é comum em muitos DACs e CD-Players. Essa é uma 'cultura' do final do século passado, de buscar a qualquer custo a melhor macrodinâmica possível, e aí 'descobriu-se' o outro lado, tão importante quanto, que é a folga!

Veja que para observar esses 'fenômenos' auditivos não precisamos ser nenhum especialista ou possuir 'ouvido de ouro' (como abomino esse termo). Basta se cercar de exemplos musicais decentes e, claro, ter tido a oportunidade de ouvir essas obras ao vivo em algum período de nossas vidas.

É óbvio que o primeiro disco que ouvi para saber o quanto o K-300i evoluiu neste comportamento, foi essa obra. E fiquei surpreso e feliz como ela foi reproduzida, na íntegra, por esse integrado! Pois existe precisão, mas também existe a sutileza. Existe a riqueza harmônica, e o contraste tão importante nas texturas dos instrumentos de sopro e cordas. O silêncio (tão importante nessa obra), está fidedigno, assim

como o silêncio em volta de cada instrumento solo. Com um foco e recorte primorosos, e uma tridimensionalidade nos planos só existentes nos mais refinados integrados que testamos até o momento. E existe calor, naturalidade, pulsação, ritmo tudo na medida certa. Respeitando a escrita e execução. Sem contar com a captação primorosa do Professor Johnson da Referência Recordings!

Pode parecer pretensão da minha parte, meu amigo, mas eu - depois da audição deste disco - poderia dar por encerrado esse teste, pois o que ouvi me convenceu plenamente (em todos os 8 quesitos) do alto grau de refinamento do K-300i. Mas temos um protocolo a seguir, faça chuva ou faça sol, e lá fomos nós passar todas as 80 faixas da Metodologia.

Seu equilíbrio tonal nos faz entender rapidamente o quanto nosso cérebro jamais se preocupa em saber se o que estamos ouvindo é fruto de uma topologia valvular ou de estado sólido. Nosso cérebro (quando treinado e com referências seguras), quer saber se o equilíbrio é correto ou não. E nesse quesito o Krell é persistentemente correto. Persistente, pois com sua folga, poderia se dar ao luxo de querer estender um pouco mais no extremo agudo, ou a primeira oitava embaixo, e não o faz. A região média é transparente e natural, os agudos são livres de brilho ou dureza, e os graves são imponentes sem se tornarem protagonistas nunca. O que se traduz em longas audições com zero de fadiga auditiva - zero!

Seu soundstage, como descrevi na História de um Soldado, é 3D, como só apreciado em sistemas Estado da Arte top, com um mérito: a profundidade da imagem que, na maioria dos outros integrados, é menor que a largura e altura, e no K-300i é terminantemente igual!

Isso nos leva a apreciar obras sinfônicas com um interesse suplementar. Ouvi o LP *Insight* da pianista Toshiko Akiyoshi e seu marido Leo Tabackin, grudado na cadeira. Quem conhece essa obra ou tem esse disco, sabe da dificuldade nos crescendos mais intensos de manter os metais no fundo do palco, bem separados dos solistas na frente, e muitos solando nas laterais e não ao centro do palco. ►

Poucas eletrônicas conseguem fazer os solistas soarem para além das caixas (principalmente o primeiro saxofone, que sola no canal direito, e que nos bons sistemas soa para mais de um metro fora da caixa). No K-300i quase consegui esse mérito de soar a um metro fora da caixa, quase!

Mas em relação a manter o resto dos metais em seus planos, foi primoroso!

As texturas, junto com o equilíbrio tonal, na minha opinião, descrevem a beleza inata deste integrado. Pois esses dois quesitos, quando no mesmo nível, refletem a beleza que o sistema pode reproduzir. O K-300i estará certamente por muitos anos entre os meus preferidos nestes dois quesitos. Mas não se trata apenas de beleza e sim de fidelidade, permitindo a reprodução de intencionalidade dos arranjos, da qualidade dos músicos, de seus instrumentos e da captação, como muitos poucos integrados conseguem.

E chegamos à dinâmica, o 'cartão de visita' de todo Krell, desde sempre. E essa virtude não se perdeu. Diria apenas que se tornou mais 'polida' e requintada. Só se apresentando quando exigida e nunca, como antes, sempre presente além do necessário. E a micro, graças ao seu grau de transparência e silêncio de fundo integralmente correto.

Em termos de corpo harmônico, não me lembro de nenhum modelo da Krell ter qualquer dificuldade em reproduzir o que foi captado, e não foi diferente no K-300i.

E a organicidade foi um exemplo a ser seguido por todos os integrados que desejam galgar esse grau de performance. A materialização será realizada em todas as gravações que assim permitam, sem esforço adicional nenhum.

OUVINDO SEU DAC INTERNO E STREAMER

Depois de passar as 80 faixas da Metodologia, escolhi uma de cada quesito para ouvir no DAC interno do K-300i.

Gostei muito do DAC, ele não é superior ao do SA30 da Arcam, ou do IS-1000 da Gold Note, soando bastante similar a ambos.

Mas aquela beleza do 3D se perde um pouco, assim como o equilíbrio tonal não tem a mesma extensão e decaimento como nos DACs de Referência que usamos para avaliar o integrado. Mas sem essas referências externas muito mais caras, garanto que vocês irão se surpreender com sua qualidade. Pois tudo soa com suficiente folga, refinamento, calor e naturalidade, sem tirar as maiores qualidades do amplificador dos trilhos!

Seu streamer, como dos seus concorrentes aqui citados, é também muito semelhante. Não estando no mesmo nível do DAC (mas isso é uma deficiência da plataforma e não do aparelho). E ainda que seja inferior à nossa referência (o Innuos ZENmini Mk3), cumpre perfeitamente com o papel ao ter um equilíbrio tonal bom e nos permitir conhecer

um universo de obras à nossa disposição. Mas, se for usado apenas o streamer, o K-300i estará sendo sub utilizado, não tenha dúvida disso.

CONCLUSÃO

Se você já possui um DAC Estado da Arte, e deseja apenas realizar um upgrade em sua amplificação, o K-300i deve estar na lista principal de escuta (principalmente se tiver uma sala com mais de 20 metros quadrados, caixa com sensibilidade média e estilo musical mais complexo), e a economia com o módulo DAC opcional você pode até usar para um cabo de força de maior qualidade.

E se você também necessita de um upgrade no DAC, a opção que a Krell oferece, além de atualizada, não compromete em nada a performance do K-300i como amplificador!

Ou seja, é um aparelho que está na linha de frente dos integrados atuais, e pode perfeitamente resolver seu problema de simplificar seu sistema sem perda de qualidade alguma (se este for seu caso, de trocar um pré e power por um integrado de altíssimo nível).

Outro grande trunfo deste novo integrado é que essa nova topologia iBias realmente funciona, pois por seis semanas ele funcionou em regime de quase 13 horas diárias sem jamais superaquecer. E dificilmente, em condições normais, se precisará mais do que os 90 Watts em Classe A para apreciar qualquer gênero musical.

Se ele estiver dentro do seu orçamento, não deixe de ouvi-lo! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=PWVR8TGFWA8](https://www.youtube.com/watch?v=PWVR8TGFWA8)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=KQVYUATO_XG](https://www.youtube.com/watch?v=KQVYUATO_XG)

**AMPLIFICADOR INTEGRADO
KRELL K-300I (COMO DAC)**

NOTA: 93,0

**AMPLIFICADOR INTEGRADO
KRELL K-300I (COMO
AMPLIFICADOR INTEGRADO)**

NOTA: 99,0

AVMAG #286

Ferrari Technologies

info@ferraritechnologies.com.br

(11) 98369.3001 / 99471.1477

Versão sem DAC: R\$ 59.900

Versão com DAC: R\$ 75.900



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO SUNRISE LAB V8
ANNIVERSARY EDITION

Fernando Andrette



Conheço o engenheiro Ulisses Faggi desde antes dele fundar a Sunrise Lab, quando seu pai ainda era vivo e ele me chamou para ouvir uma caixa book que havia feito, e a ouvimos ao ar livre, ligada ao primeiro integrado da Krell que havia sido apresentado no Hi-End Show de 1996!

Ou seja, lá se vão 26 anos que acompanho a carreira deste brilhante projetista, e sempre vi em sua maneira de buscar soluções para problemas complexos, uma enorme humildade e aquela gana de jamais desistir enquanto não houvesse solução para aquela questão.

Como ele havia largado um seguro emprego em uma multinacional para realizar seu sonho de uma carreira solo, por mais de uma década o Ulisses foi técnico do segmento hi-end mais solicitado que conheci.

E esse período foi uma pós graduação de alto nível, pois ele conser-tou todos os equipamentos hi-end que você possa imaginar, e cada um desses equipamentos foram de enorme valia para ele ir construindo em sua mente circuitos, topologias e maneiras de ampliar e exercitar a 'en-genharia reversa', para entender no âmago como determinados produ-tos soavam tão melhores que outros, muitas vezes muito mais caros e complexos.

Mas o Ulisses técnico sempre dedicou um tempo para que o Ulisses projetista existisse paralelamente, ainda que de maneira esporádica, mantendo viva sua grande paixão de criar produtos que tivessem sua identidade e pudesse mostrar ao mercado seus conceitos e virtudes.

Acompanhei como espectador ativo todo esse processo em ebulição, pois sempre fui solicitado a ouvir todos os protótipos feitos pela Sunrise Lab nos seus 20 anos.

E sempre dei muitos 'pitacos', propondo desafios cada vez maiores, pois percebi que o potencial a ser lapidado era gigantesco.

Quando ele me comunicou que pararia com a área de manutenção de equipamentos, incentivei ele a ir buscar a realização do seu sonho, pois a vida é tão rápida e não podemos frustrar nossas maiores ambições e desejos.

A partir dessa virada de página, o volume de novos produtos foi cada vez mais consistente, começando com o primeiro integrado, o Music Box, um CD-Player (lembra?), cabos, pré de phono, e o mercado aos poucos assimilou que a Sunrise Lab era um fabricante disposto a galgar um lugar no seletor nicho de produtos top.

Mas produzir algo nesse país é uma coisa tão 'hercúlea', que a maior parte da energia é gasta buscando alternativas e soluções, e não usados na evolução dos produtos. Porém, quando temos talento, determinação e conhecimento, não há como impedir que as coisas aconteçam.

E os últimos cinco anos têm sido auspiciosos para a Sunrise Lab, com novos produtos muito mais sofisticados e uma aceitação impressionante, o que propiciou planejamentos ainda mais desafiadores e uma meta a ser alcançada o mais rápido possível: desenvolver no Brasil um amplifica- ▶

dor integrado capaz de ombrear com os melhores integrados existentes atualmente no mercado, tanto em termos de robustez como de performance.

Eu acompanhei como uma testemunha ocular e auditiva desde o nascimento desse projeto e, a cada etapa vencida, e cada protótipo ouvido em nossa Sala de Referência, antes de devolver o produto com as minhas observações, me perguntava: qual o 'teto' desse lindo projeto?

Para o leitor ter uma ideia do preciosismo e o tempo gasto com esse projeto, só eu ouvi cinco versões e, na última versão, fui enfático em achar que estava perfeito! Mas todos os meus argumentos não convenceram, e o Ulisses continuou buscando um refinamento na performance do produto que já era de altíssimo nível!

Os meses passaram, a pandemia dificultava as visitas, e para compilar tive o problema que me levou a dez dias na UTI no final do ano.

Em março, o Ulisses me ligou dizendo que agora ele achava que finalmente havia chegado à topologia tão desejada, e me trouxe o produto acabado para escutar. Fiquei emocionado ao ouvir algumas faixas da Metodologia e perceber o grau de refinamento e folga que a Edição 284 de Aniversário havia alcançado.

E ainda que ele tivesse características do penúltimo protótipo que havia tanto apreciado, eu tive que dar a mão à palmatória, pois o resultado geral excedeu em muito ao modelo anterior.

Os leitores que possuem as versões anteriores do V8, tomarão um susto ao ouvir que essa edição especial, muito pouco possui do DNA das gerações anteriores, e por muito tempo o Ulisses e o Juan discutiram internamente se este novo produto deveria ser considerado um V8, ou se deveria romper com a série tão consagrada que vendeu mais de 120 unidades (um fato inédito para qualquer fabricante de áudio hi-end pós 1996, vender mais de 100 unidades).

Completar 20 anos ajudou a acabar com essa dúvida, e acho que esse novo integrado irá consagrar os 20 anos de esforço e dedicação que culminaram com esse produto de nível tão superlativo!

Desculpe minha longa introdução, caro leitor, mas vamos compartilhar com vocês um fato inédito e que também diz respeito a essa revista, afinal o V8 Edição de Aniversário, foi o primeiro integrado testado a bater os 100 pontos!

Ou seja, estamos falando de um integrado genuinamente Estado da Arte de nível Superlativo, e para nossa surpresa ele é feito aqui e custa menos de 6 mil dólares! O que certamente fará uma dança das cadeiras enorme no mercado, principalmente para todos audiófilos e melômanos que sempre acharam que ter uma eletrônica Estado da Arte Superlativa era apenas para os abonados ou herdeiros de grandes fortunas!

Utilizando a frase da campanha de Barack Obama: "Sim você pode".

Mas como um produto 'Made in Brazil' conseguiu essa façanha? Vamos lá, tentarei explicar de forma sucinta e objetiva as sacadas geniais do Ulisses para atingir esse patamar de performance tão refinada e sedutora.

Por fora, o novo V8 Edição de Aniversário possui um novo painel frontal moderno, e com linhas mais suaves e elegantes, sem deixar sua robustez comprovada em 4 gerações anteriores. Agora os novos pés são de alumínio maciço, além de um novo controle remoto em alumínio usinado.

Outra mudança é que a tampa superior agora é em espesso alumínio escovado, cobrindo os dissipadores laterais, além de toda a reestilização no painel traseiro, que ficou com uma melhor disposição das entradas, além de uma segunda entrada XLR.

A entrada IEC é mais robusta e os terminais de caixa são em cobre maciço banhados a ouro. Mas não pense que foram essas mudanças 'cosméticas' que elevaram o patamar de performance, pois isso não faria milagre algum.

É 'debaixo do capô' que estão as substanciais modificações. Um novo sistema de amplificação que utiliza uma nova tecnologia desenvolvida pela Sunrise Lab, e batizada de APS, que confere maior transparência, naturalidade e musicalidade com extrema compatibilidade com as enormes variações de rede elétrica e de caixas - até então difíceis de serem solucionadas.

Também foi desenvolvido um novo sistema de correção térmica, conferindo um tempo de pré-aquecimento menor, e uma nova etapa de pré-amplificação com fonte de alimentação SSPS, capaz de reduzir em 300 dBs por linha positiva/negativa. E, por último, um novo transformador que possibilita a seleção manual interna da rede elétrica para praticamente qualquer país com 100, 110, 117, 127, 220,230 volts, e 50/60 Hz.

Mas afinal, Andrette, o que é APS?

Um dia a neurociência vai descobrir como os engenheiros denominam suas descobertas, e como as batizam com letras e números, rs.

APS: ADAPTATIVE POWER SYSTEM

O Ulisses, desde a versão Mk3, se debruça com um problema recorrente que prejudica todos os powers, que é a variação de voltagem na rede elétrica. Esse fator é tão determinante na performance de qualquer amplificador, que todos já vivemos com uma reprodução sem energia em redes abaixo do especificado pelo fabricante, e uma reprodução nervosa e com timbres estranhos em redes acima do nominal. O mesmo ocorre nas frequências de rede de 50 Hz, que tendem a tocar com um timbre pior quando ligadas em 60 Hz, e o inverso (aparelhos de 60Hz tocarem sem vida em 50Hz).

Em sua pesquisa, o Ulisses percebeu que é possível medir variações de até 15 volts em uma instalação em questão de poucas horas, culminando em performances dos amplificadores muito abaixo de seu potencial.

Por dois anos a Sunrise analisou a situação e descartou de imediato a opção de regulagem ou regeneração (por criar outros problemas, também audíveis). E então ele desenvolveu o sistema APS.

Com esse sistema, o V8 Edição de Aniversário corrige os problemas de rede elétrica em tempo real, funcionando como um 'computador' ►

ÁUDIO

analógico', monitorando dados de temperatura, voltagem e corrente em vários pontos do circuito, e adapta o circuito a cada situação específica de cada casa e cada instalação.

Pois ele percebeu que, quando um amplificador reproduz um sinal cujo som consome muita energia de suas fontes de alimentação, estas instantaneamente reagem baixando a tensão consideravelmente, que se traduz em uma reprodução mais dura, menos relaxada e natural.

E você pode em questão de segundos, ao colocar suas referências auditivas, constatar o quanto essa música soará mais natural, com maior silêncio de fundo e relaxada.

Eu fiz uma busca por cinco meses para tentar descobrir se algum outro fabricante teve essa brilhante sacada, e pelo que consegui descobrir, jamais nenhum projetista seguiu essa linha de raciocínio até o momento!

E o que é SSPS?

SUPER SILENT POWER SUPPLY

Para ser usada junto com a topologia APS, a Sunrise desenvolveu uma nova topologia para a pré-amplificação. É uma nova fonte de alimentação que conta com seis fontes de corrente de extrema linearidade, e um sistema ativo de auto-cancelamento de ruído.

Cada etapa de filtragem possui o exato amortecimento para os circuitos subsequentes, para que possam funcionar totalmente equilibradas tanto no equilíbrio tonal como na energia. As seis fontes de alimentação conseguem atenuar o ruído da rede em até 300 dB!

Obviamente esse silêncio de fundo vai melhorar audivelmente a resposta de microdinâmica, transparência e detalhes, como a ambiência e planos, principalmente em gravações com inúmeros instrumentos.

O Ulisses foi talvez o único projetista que 'abraçou' nossa Metodologia desde que ela foi lançada em 1999. E passou a utilizá-la sistematicamente em suas buscas e estudos. Ele compreendeu de maneira enfática a importância do equilíbrio tonal, e não poupou esforços a cada novo projeto em ir ampliando a qualidade em seus produtos deste quesito.

Mas o patamar alcançado pelo novo V8 é impressionante e, ao mesmo tempo, assustador, pois mesmo os integrados com 98/99 neste quesito, ficam audivelmente comendo poeira! E estamos falando de alguns integrados custando de duas a quatro vezes mais que o V8!

Então, meu amigo, se sua busca em primeiro lugar é pelo melhor equilíbrio tonal possível, sua busca acabou!

Os agudos tem a maior extensão já ouvida em todos os integrados que testamos nos 26 anos da revista, com um decaimento maravilhoso e natural. O corpo dos agudos, assim como a velocidade, são exemplos a serem alcançados! A região média possui a beleza de soar sempre natural e fidedigna ao que foi captado, jamais tendendo a nenhum lado (mais frio ou mais quente). E os graves possuem energia, deslocamento de ar, peso, mas não soam tensos ou nervosos, se comportando unicamente como a gravação foi realizada.

O soundstage tem finesse, com planos consistentes, sem a péssima sensação de frontalização nos crescendos dinâmicos, assim como foco e recorte, cirúrgicos.

Como escrevi acima, a ambiência é digna de nota, possibilitando o ouvinte ter uma ideia exata do ambiente em que a gravação foi realizada.

As texturas são tão ricas que você pode se perder avaliando as intencionalidades e detalhes dos instrumentos e dos músicos.

E os transientes te farão acompanhar cada compasso com os pés, automaticamente, graças à precisão e ao tempo.

Já falei que graças aos 300 dB na eliminação de ruído de rede, a microdinâmica causará sonoros sustos. E a macrodinâmica, idem!

Soberba a apresentação da Sagração da Primavera de Stravinsky, e o Concerto para Dois Planos e Orquestra de Bartók. Audições com tanto prazer que realmente nos leva a questionar se ainda existe a necessidade de pré e power.

E o corpo harmônico senhores? Esplêndida! A reprodução deste quesito com tamanha precisão só havia escutado em prés e powers Estado da Arte!

E chegamos à materialização do acontecimento musical, a grande 'mágica' do hi-end, que nem o sexo feminino fica indiferente!

O V8 edição de aniversário está no mesmo patamar dos melhores prés e powers, e deveria servir como Referência à concorrência, neste quesito.

Ouvi em silêncio absoluto, Ella e Armstrong se materializarem na minha frente por 38 minutos!

Me responda qual o grau de musicalidade deste integrado? Depende exclusivamente de você, amigo leitor, e como são suas referências de música real. Pois se tem algo que o V8 Edição de Aniversário não nos lembra é que estamos ouvindo reprodução eletrônica - pelo contrário, no segundo compasso, seu cérebro já irá lhe agradecer por vocês terem finalmente saído de casa para escutar música ao vivo, não amplificada.

Você viu que não descrevi o sistema utilizado? Não o fiz por um único motivo: eu apenas desliguei nosso pré e power de referência e liguei o V8, por um mês, na nossa caixa de Referência, e nossas fontes de Referência. E posso garantir que viveria feliz pelo resto de minha existência com o setup dessa maneira!

Aliás, eu fiquei com o V8 Edição de Aniversário - e ele será o amplificador utilizado para fechar as notas de todos os produtos até 100 pontos!

Preciso escrever algo a mais? ■

AVMAG #287
Sunrise Lab
 ulisses@sunriselab.com.br
 (11) 5594.8172
 R\$ 29.900

NOTA: 101,0



ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO

QUANDO O ÁUDIO DOMÉSTICO SURTIU, NÓS FOMOS PROTAGONISTAS

 WHARFEDALE

Estamos completando 90 anos. E escrevemos com letras 'maiúsculas' a evolução dos falantes neste quase um século de existência. Graças a Gilbert Briggs e sua paixão pela tecnologia e pela música (já que era um pianista talentoso), seus dois primeiros projetos de alto falantes ganharam o prêmio de inovação tecnológica no Radio Society, o maior prêmio para jovens talentos da Inglaterra na década de 30. Na década de 40 a Wharfedale deu mais um passo significativo ao desenvolver as primeiras caixas de som bidirecional o que chamou a atenção do projetista Peter Walker fundador da Quad e nasceu daí uma grande parceria entre as duas empresas.

E nas décadas seguintes a Wharfedale passou a ser reconhecida no mercado como a indústria que liderava o desenvolvimento e aprimoramento de técnicas industriais como o uso de plásticos modernos para o aprimoramento da matéria prima utilizada no vinil, e técnicas de análise de laboratório para o aprimoramento de alto falantes como: Sonda Scanner Laser (SCALP) e Frequency Slice PLOT (FRESP).

No início dos anos 80 a Wharfedale lançou sua linha Diamond que ainda hoje em produção, se tornou a caixa bookshelf mais vendida da história do áudio. E por anos seguintes foi escolhida pelas mídias especializadas como as caixas compactas de melhor som até 200 libras! Podemos afirmar que estamos prontos para completar um século de vida, conhecendo como poucos o que o consumidor espera e deseja para apreciar com a maior qualidade possível sua música. Foi assim que criamos nossa reputação: oferecer ao consumidor a melhor relação custo e performance do mercado!

Se é isso que você procura, em seus futuros upgrades de caixas acústicas, ouça qualquer uma de nossas séries e veja a que mais se adequa às suas necessidades.



@WCJRDESIGN



LINTON HERITAGE



EVO 4.1

PRODUTO DO ANO
EDITOR



DIAMOND 12.2

ELYSIAN 4

PRODUTO DO ANO
EDITOR

FERNANDO@KWHIFI.COM.BR - (48) 3236.3385

(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

KW
Hi-Fi



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

WWW.KWHIFI.COM.BR

ÁUDIO

AMPLIFICADORES MONOBLOCO NAGRA HD AMP

Fernando Andrette



Foi mais difícil escolher a chamada de capa para o teste deste produto, do que escrever o teste propriamente dito - acredite!

E com a chegada da caixa Estelon X Diamond Mk2 na sequência, e a enorme sinergia alcançada com ambos no sistema, resolvi utilizar a chamada de capa também para o teste da Estelon (que será publicado em maio) como parte 2, pois me pareceu que um é a extensão primorosa do outro.

Então meu amigo leitor, Verdade Sonora 1 é uma tentativa de descrever o que os powers Nagra HD AMP são capazes de nos proporcionar em termos de prazer auditivo/emocional.

Mas, antes, quero que você veja com enorme atenção a construção desses monoblocos, enquanto descrevo suas características, e mesmo que você seja completamente leigo em termos de topologias, perceba o grau de limpeza e ao mesmo tempo como tudo possui espaço e nada está amontoado ou necessita de horas de desmonte de placas para ter acesso à alguma placa do circuito. Isso é algo raro mesmo em produtos superlativos e, acredite, nada disso foi escolhido por acaso.

Pois os engenheiros da Nagra se debruçaram neste projeto por três anos, e nos últimos meses desse processo, os principais componentes foram todos exaustivamente comparados, para ver o que ainda era possível se extrair em termos de performance.

Como já mencionei em outros testes de produtos da Nagra já publicados, os protótipos são ouvidos por todos os engenheiros envolvidos no desenvolvimento, em seus sistemas, em suas salas. E entre os engenheiros, a Nagra tem em seu quadro: músicos, engenheiros de gravação e produtores musicais.

O diretor da divisão de áudio - Matthieu Latour - em diversas oportunidades enfatizou seu orgulho da linha HD, lembrando que para se atingir o resultado esperado, não houve nenhuma restrição orçamentária ou definição do preço final de cada produto dessa série.

O único objetivo era desenvolver uma linha que contasse a história dos 70 anos da empresa, apresentando todo o conhecimento e expertise adquiridos nessas sete décadas! E Matthieu Latour sempre ressalta que a Nagra tem como objetivo: "Atingir a melhor solução técnica ►

para o melhor resultado, seja com que topologia for, pois 'não somos religiosos' sobre qual tecnologia é melhor, queremos apenas atingir o máximo com o que nos propomos a desenvolver".

Quando perguntaram a ele a razão do HD ser de estado sólido e não valvulado, sua resposta foi objetiva e direta: "É indiscutivelmente mais prático projetar um amplificador transistorizado de 250 watts em termos de confiabilidade, dissipação de calor, tamanho, etc."

Ao contrário da série Classic, com gabinetes muito menores, o power HD seguindo toda série tem dimensões grandes que necessitarão de espaço à sua volta. Medindo 238 mm de largura, 644 mm de altura e 542 mm de profundidade, não tem como não se notar esses monoblocos imponentes à nossa frente.

E pesando mais de 50 kg, foi necessário a ajuda do Robério (sempre ele), para conseguir instalá-lo em nossa sala, nas plataformas em que utilizo todos os powers em teste. Ele vem embalado em cases individuais, muito seguros, o que facilita seu transporte, mas não arrisque fazer isso sozinho pois será impossível.

Seu acabamento é deslumbrante e, ao mesmo tempo, limpo, pois na sua frente apenas o enorme modulômetro, marca registrada da Nagra, mas muito maior que o da linha Classic. E com os comandos de Desligado, Mute e Ligado, e um LED discreto amarelo quando está sendo acionado, que se apaga quando estiver estabilizado, ou vermelho se estiver em proteção. E uma micro-chave para o ajuste de brilho do modulômetro.

Nas costas temos, em cima, uma saída de ar, depois abaixo as entradas RCA ou XLR, uma chave de sensibilidade de entrada para ser compatível com diversos prés de linha que se queira utilizar, que pode ser ajustada em 1v ou 2v, e abaixo dois terminais de caixas padrão Cardas e, bem embaixo (quase rente a base), entrada IEC para cabo de 20 Amperes.

Dentro na base encontra-se o transformador toroidal de 1.600 VA, a placa à frente do transformador que hospeda a regulagem de dispositivos Mosfet, e todos os circuitos de entrada e saída do sinal. E, no topo, próximo a saída de ar, os oito enormes capacitores Mundorf personalizados e feitos sob medida para esse projeto específico.

A especificações dos HD AMP trazem potência de saída (<1% THD, 8/4 ohm) de 290 W / 475 W, e potência dinâmica (<1% THD, 8/4/2/1 ohm) de 330 W / 621 W / 1,11 kW / 1,65 kW (de acordo com medições de laboratório feitas em teste objetivo pela revista Hi-Fi News). A impedância (em 20 Hz - 20 kHz/100 kHz) é de 0,019 - 0,022 ohm / 0,142 ohm, e resposta de frequência é de 20 Hz - 20 kHz/100 kHz (em +0,0 a -0,6 dB / -1,38 dB). A sensibilidade de entrada (para 0 dBW/250 W) é de 65 mV / 1030 mV, e a relação sinal/ruído (em 0 dBW/250 W) é de 84,6 dB / 108,6 dB. A distorção (em 20 Hz-20 kHz,

10 W/8 ohm) é de 0,0015-0,044%. Com consumo de 161W (inativo) e 430 W (em uso), o Nagra HD AMP tem dimensões de 238 x 644 x 542 mm e peso de 56 kg cada.

A Nagra diz que todos os seus produtos antes de serem enviados passam por uma queima inicial de 72 horas - que em todos os testes de produtos que fizemos, não se mostrou suficiente (e olha que só não testamos o toca-discos Nagra HD. Então assim que os colocamos na sala, fizemos a primeira audição e o pusemos imediatamente em queima por 100 horas.

As conclusões preliminares deste primeiro contato foram feitas com ele ligado na Wharfedale Elysium 4, e nos surpreendeu o quanto a caixa subiu em termos de detalhamento em micro-dinâmica e como ganhou corpo na região médio-grave em relação ao Nagra Classic, nossa Referência!

O que me fez escrever em minhas anotações pessoais: quantos rounds o power Classic aguenta? Estou nessa estrada há tempo suficiente para não fazer projeções ou conjecturas de nada sem ouvir. Pois aprendi que muitas vezes o que parece óbvio não é tão óbvio assim, e que o 'imponderável' - assim como norteia nossas vidas - também o faz nesse segmento de áudio de nível superlativo.

Então deixei o rio seguir seu fluxo, e só voltei a ouvir com real interesse o power HD quando este completou 200 horas. E aí a 'realidade' se mostrou muito mais complexa e clara do que minha mais criativa imaginação poderia me propor.

Primeiro: achar que o power HD é uma 'melhoria' do power Classic, é um erro descomunal! Pois trata-se de um produto de uma superioridade tão acachapante, que não dá sequer para dizer que o HD é apenas mais refinado que o Classic. São de universos distintos. E com a chegada da Estelon, com duzentas horas de queima do HD, tudo se tornou ainda mais evidente e explícito em relação às diferenças. Pois a Estelon X Diamond Mk2, também é de outra magnitude em relação a nossa caixa de referência e à Wharfedale que estava em teste.

Mas deixemos essa questão para o teste da Estelon, em maio, e voltemos ao Power Nagra HD.

Eu gosto muito de testar produtos que tenham uma assinatura 'autoral', e não sejam apenas o correto ou o feito em escala com o que é a nova 'tendência' sonora. Pois um produto autoral conta uma história, e quando bem feito é digno de ser apreciado por todos que entendam a diferença entre um produto que possua características que fogem do lugar comum e escrevem sua própria trajetória.

Poucos produtos nesses 25 anos da revista tiveram a capacidade de realizar tamanho feito, e na magnitude realizada por esse power HD da Nagra - nenhum outro chegou a ser acolhido pela sua sombra! ►

ÁUDIO

VERDADE SONORA PARTE 1

Tentarei expor o que consegui extrair em termos de sonoridade desse power, nos 45 dias em que estive em nossa sala. E, claro, comparando-o o tempo todo com o Nagra Classic, afinal alguma semelhança em sua assinatura teria que ter - feitos do mesmo DNA.

E é aí que tudo fica mais chocante, pois a beleza que o power Classic tem (leia o teste na edição 260), com todos seus inúmeros atributos de musicalidade, folga auditiva, inteligibilidade, conforto, são eclipsados quando ouvimos os mesmos discos no power HD.

Então descrever o HD como melhor lapidado, ou refinado, é uma sonora injustiça com esse amplificador.

Perguntado como descreveria então esse power, demorei alguns segundos para formular minha resposta, pois faltou-me uma descrição honesta e convincente, até que me veio o que para mim traduz de forma sucinta o que representou ouvi-lo.

É a única apresentação que tive a oportunidade de constatar não ser reprodução eletrônica! Seu cérebro não o fica questionando o que estamos a ouvir, tamanho realismo, precisão e naturalidade! Chegando, em muitos momentos, a me ver pensando que preferia o conforto de minha sala a estar ao vivo escutando aquela obra.

E isso jamais ocorreu, amigo leitor.

Nunca!

Sempre preferi a apresentação ao vivo a qualquer setup, por mais bem ajustado que fosse, pois essa comparação era impossível de ser viável, tamanha diferença entre uma eletrônica e a música ao vivo.

Escutando minhas dezenas de gravações de quartetos de cordas, duos, trios e solistas, me pegava relaxadamente, me falando: que bom estar aqui sem o ruído de vozes, celulares, tosse, embalagens de celofane, e o burburinho incessante humano.

Claro que esses momentos só ocorreram em gravações primorosas, sem compressão ou equalização, mas foram o suficiente para eu entender o grau de performance dos powers Nagra HD AMP quando ligados às Estelon X Diamond Mk2.

A música flui com total liberdade e não como reprodução eletrônica, nos permitindo estar presente e ser brindado com informações que parecem enevoadas em outros excelentes amplificadores. Estou falando de powers também de nível superlativo, obviamente, e alguns tão ou mais caros que o HD AMP.

Nada se perde e, no entanto, não precisamos fazer esforço adicional algum para sermos envolvidos plenamente pelo acontecimento musical. Esteja a ouvir obras complexas sinfônicas, ou um solo à capella. Então, não se preocupe em ter que selecionar determinados

gêneros para explorar toda sua magnitude, pois o HD AMP não tem preferência alguma.

Leio muito em fóruns e testes, que determinado power é excelente para reproduzir vozes, ou determinados instrumentos ou gêneros musicais.

O Nagra HD desconhece essas escolhas.

Tudo soará integralmente (veja que não estou falando de neutralidade e sim de integralidade), coeso, uniforme, dos tamanhos que foram captados, que quando comparada essa mesma gravação em termos de corpo harmônico, com o Classic, fica evidente a razão se ser tão mais realistas as gravações no HD AMP do que no Classic.

Pois como sempre enfatizo, nosso cérebro, quando treinado pela referência do instrumento real, reconhece o que se aproxima ou não em tamanho na reprodução eletrônica.

Outro 'gargalo' tão difícil de se resolver, que é a macro-dinâmica, no HD com o par certo de caixa acústica irá surpreender até o mais fanático por essa busca tão insana. Pois a macro-dinâmica é tão bem reproduzida que fará a alegria de muitos que adoram pregar sustos em seus amigos.

Não é um cofre de uma tonelada caindo a sua frente, pois pirotecnia não é o forte da eletrônica Nagra, mas um instrumento de percussão oriental, tímpanos, bumbos, contrabaixos tocados em arco ou órgão de tubo, são magistralmente apresentados e com um detalhe: uma folga suprema!

Pois os graves deste Nagra possuem algo raro em qualquer amplificador de alto nível: autoridade, energia e deslocamento de ar, na medida correta.

Ouvindo os discos do baixista Jaco Pastorius (CD e LP), a princípio achei que a fundamental no power Classic era até mais bem definida, até me tocar que o invólucro harmônico que o HD reproduz é tão mais correto e preciso, que as notas são muito mais precisas e integrais!

O mesmo ocorre com vozes masculinas e femininas, pois a muito mais informação da técnica vocal, traquejos, barulho de boca, que nossa atenção é transportada para aquele 'umbral' em que 'vemos o que ouvimos' como nunca antes ocorreu com nenhum amplificador que já testamos ou ouvimos!

Estenda essas observações para qualquer solista, em que a técnica e intencionalidades se tornam tão evidentes que conseguimos 'observar' o grau de dificuldade exigido para aquele resultado.

Porém, antes que você pense que tudo isso é consequência de uma transparência absoluta, esqueça isso meu amigo, pois o Nagra não enfatiza absolutamente nada que não esteja no processo final da gravação.

O que ele faz é apresentar exatamente o que, 'intencionalmente', era para ser apresentado, e que por inúmeros motivos as eletrônicas têm dificuldade em fazê-lo.

Isso nos leva ao alto grau de seu equilíbrio tonal, que coloca em xeque outras propostas de alto nível - afinal se ele consegue realizar essa tão sonhada e desejada 'integridade' do acontecimento musical, os outros também podem (ou deveriam, se este é o seu conceito de alta fidelidade).

E aí está a razão da chamada de capa deste produto, pois o que o Nagra HD AMP nos propicia é verdadeiramente ouvir o que foi gravado. Sem adicionar ou retirar nada, e que em conjunto com a Estelon se potencializou ainda mais, pois ambos possuem esse mesmo propósito.

Os leitores me questionam se essa é uma tendência de mercado (buscar a maior neutralidade com o maior conforto auditivo). Não poderia dizer que seja uma tendência solidificada, mas percebo cada vez mais fabricantes galgando esse chão. O que para mim é um avanço monumental, pois dará a oportunidade de muitos audiófilos resgatarem todos os seus discos, algo inimaginável em termos de setups de até cinco a seis anos atrás. Pois o que sempre se pregou foi: o sistema hi-end irá mostrar as limitações das gravações, então o que é ruim, soará péssimo em um sistema de alta fidelidade.

E, editorialmente, sempre fomos contrários a essa visão, pois o sistema não pode ser mais importante que a música: é uma inversão de valores estúpida. E que só levou milhares de audiófilos no mundo a desistirem desse hobby. Pois parecia algo como correr atrás do pote de ouro no fim do arco íris.

Felizmente muitos fabricantes perceberam o erro, e estão fazendo uma correção de rota.

Mas sem usar 'bandaids', como aliviar sistemas brilhantes com cabos, ou passar a sensação de mais graves com sistemas 'retumbantes' em baixas frequências.

Como eu escrevo faz tempo, o mercado mudou, e com os avanços tecnológicos foi possível corrigir essas distorções de conceito e voltar à razão de existir a alta fidelidade: possibilitar o consumidor escutar seus discos com prazer e a menor fadiga auditiva, independente da qualidade técnica da gravação.

Agora imagine esse 'conceito' ser levado ao extremo das possibilidades atuais?

Esse é o power Nagra HD AMP, meu amigo.

O que ele faz é exatamente provar de forma inquestionável que qualquer gravação, se escutada em seu volume de masterização (e não acima), será plenamente satisfatória! Agora, imaginem em boas

gravações técnicas e com grandes músicos, o nível de prazer emocional que pode ser alcançado?

Por isso a chamada de capa ser a Verdade Sonora, pois o que os engenheiros da Nagra alcançaram põe por terra a falácia que o hi end não foi feito para reproduzir gravações tecnicamente ruins.

Fiz questão, nos 45 dias em que tive o privilégio de ter esse produto em teste, ouvir minhas gravações que adoro, mais cavernosas, e o prazer auditivo foi pleno, pois muitas dessas gravações me são muito caras emocionalmente, pois contam grande parte de minha trajetória de vida e de minha família. Antes que me perguntem, claro que as ouço nos meus powers Classic sem esse deleite auditivo.

CONCLUSÃO

'Integridade' é uma palavra que terá que ser incorporada ao uso em nossos testes, quando outros produtos também estiverem nesse nível de performance.

E espero ter sido feliz na minha descrição do que é o power Nagra HD AMP, pois o que este produto atingiu em termos de performance extrapola em tudo que já observamos em qualquer produto por nós testado.

Claro que sei tratar-se de um produto fora da realidade de 99,99% dos leitores, mas não posso deixar de testar um produto apenas por ser inviável à esmagadora maioria dos humanos.

E poder compartilhar com vocês o nível que a reprodução eletrônica atingiu, já justifica o teste, pois não é pelo fato de não podermos ter algo que iremos negar sua existência.

E para o 0,1% de leitores que possam chegar a esse nível de performance, não perca seu tempo e escute-o, pois, nas condições ideais não existe a possibilidade de não se render às suas inúmeras virtudes. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=BFZK7XYD0LE](https://www.youtube.com/watch?v=BFZK7XYD0LE)

AVMAG #283
German Audio
comercial@germanaudio.com.br
(+1) 619 2436615
US\$ 154.900

NOTA: 115,0



ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS WHARFEDALE DIAMOND 12.2

Juan Lourenço



A fabricante inglesa de caixas acústicas Wharfedale, deu mais um passo importante na evolução da linha Diamond - que é um de seus grandes sucessos e um dos produtos mais antigos em produção pela marca, também. Essa é a décima segunda atualização deste modelo que, não parece, mas é de entrada. E como era de se esperar, a Wharfedale conseguiu um ótimo compromisso entre tecnologia embarcada, design e preço.

Nesta nova versão das bookshelf Diamond, a 12.2 aqui analisada, as mudanças não foram apenas estéticas. O gabinete, por exemplo, ficou ligeiramente maior e graças à modelagem 3D, utilizando a tecnologia Intelligent Spot Bracing, que conecta as paredes opostas do gabinete com uma forma específica de suporte de madeira, conseguiu-se uma redução ideal da ressonância, melhorando a inteligibilidade geral da caixa acústica, mas sem transformá-la em um modelo de transição para torre, mantendo seu tamanho condizente com os drivers, sem turbinar o gabinete com frequências que não se encaixam direito - que algo que nunca dá certo. No teste de batidas na madeira com nó dos dedos, percebe-se o gabinete mais rígido em toda a extensão física, e não somente nos cantos o que é mais comum. Este novo travamento ajuda muito para um equilíbrio tonal superior.

O alto-falante mudou por completo, desde sua forma e tamanho até os materiais empregados. Na 11.2 o cone era de Kevlar de

5 polegadas, um cone muito robusto e de excelente rigidez, mas com pouca musicalidade, na minha opinião. Neste novo projeto, a Wharfedale utilizou um falante de 6,5 polegadas feito de um material bastante conhecido pela empresa inglesa: o polipropileno, que já foi utilizado em outros projetos. Mas as semelhanças com os cones anteriores param por aqui, pois nesta nova roupagem há um elemento novo misturado ao polipropileno, este material é a mica, que faz toda a diferença na dispersão do cone que, para aumentar a rigidez, recebeu nervuras que estabilizam o movimento do conjunto sem adicionar peso extra. Eles deram o nome de Klarity - e devo dizer que clareza é o que melhor define a sonoridade deste novo cone. E como não poderia ser diferente, essa clareza vem acompanhada de precisão rítmica, suavidade e delicadeza - como nos modelos anteriores. Outra coisa herdada dos modelos anteriores é o tweeter, que não sofreu mudanças significativas, sendo o mesmo domo de tecido de uma polegada encontrado em toda a linha Diamond.

O novo crossover, com a topologia acústica LKR 24dB, utiliza indutores de núcleo de ar comumente encontrados em alto-falantes mais sofisticados. Seu maior benefício é a menor distorção, se comparados a outros tipos de indutores. Como a resistência da bobina é maior do que um indutor padrão de aço laminado ou núcleo de ferrite, a estrutura magnética do driver de médios/graves foi modificada para ►

compensar, resultando em graves rápidos e limpos sem distorções provocadas pelo indutor. Com essas melhorias, e o gabinete com litragem maior (11,8L), novo alto-falante e tweeter, a caixa agora responde com mais precisão de 50Hz a 20kHz, com sensibilidade de 88dB. Seu peso agora é de 8.2 kg, cada.

A embalagem é de ótima qualidade, robusta - aguenta tranco e protege muito bem, além de acomodar as duas caixas em uma embalagem só.

COMO TOCA

Para o teste, utilizamos os seguintes equipamentos. Amplificador: integrado Sunrise Lab V8 SS. Fontes: toca-discos de vinil Timeless Audio modelo Ceres, com braço SME Series V e cápsula Hana HE. Cabos de força: Transparent MM 2, Sunrise Lab Premium Magic Scope. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Premium Magic Scope RCA, Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA, e Sax Soul Cables Zafira III XLR. Cabos de caixa: Sunrise Lab Reference e Quintessence Magic Scope. Pedestais: Timeless Audio, e Airon HE-470.

Uma coisa bacana das Wharfedale, é a facilidade de posicionamento - e com a Diamond 112.2 não é diferente, ela toca bem nas posições menos desfavoráveis com o pé nas costas. Mas, quando encontra o ponto certo, ela cresce e fica muito gostosa de ouvir, tornando o processo de amaciamento não muito penoso.

Inicialmente deixei a caixa no pedestal Airon com uma distância de 1,5 metro de distância da parede de fundo, 2,3 metros entre elas e 60 cm das paredes laterais. Nesta configuração a caixa tocou tímida, pois os graves estavam um pouco dispersos e com pouco foco. Eu achava que era do amaciamento, mas não. Era do distanciamento. O amaciamento melhorou estas questões, mas na nossa sala a Diamond 12.2 precisava encostar um pouco mais na parede de fundo, e afastar 10 cm nas laterais, com mais ou menos 5 graus de toe-in.

O amaciamento dura por volta de 320 horas e, no caso da Diamond 12.2, ela começa com uma extensão interessante, mas depois do amaciamento diminui um pouco dessa extensão, principalmente no tweeter, mas encaixa melhor a transição entre os drivers, não fica velada, as frequências ficam menos exageradas, e os agudos ganham decaimentos mais condizentes com seu porte do que quando tiradas da embalagem.

A sensação de amplitude de palco é muito boa. Quando encaixa bem o posicionamento do toe-in, a velocidade nos transientes e o foco vincado elevam e muito o nível da audição, melhorando a sensação de realismo. A energia e o deslocamento de ar são bons - se alguém espera uma caixa escandalosa, essa não é a caixa ideal para isso. Ela dá um toque ousado, mas sem ser impetuosa ou exibida, deixando o sistema por trás dela se mostrar. Ela lida bem com muitos estilos

musicais, sem preocupações com esse ou aquele estilo soarem exagerados. Ela não tenta roubar a cena te lembrando a todo momento que o som é dela - as coisas acontecem com maior descrição e, conseqüentemente, mais ajustados à realidade dela.

A Diamond 12.2 gosta muito de ficar no triângulo equilátero, se você precisa de mais espaço entre elas e o ponto de audição, vai encontrar um pouco mais de dificuldade no ajuste. Talvez precise fechar um pouco mais o ângulo de toe-in, para não perder extensão no tweeter. Por outro lado, ela responde bem à troca de equipamentos eletrônicos e cabos, e talvez este seja o ponto a mexer para conseguir mais extensão, caso precise ficar mais longe da caixa.

Quando coloquei no pedestal Timeless, a Diamond 12.2 ganhou mais arejamento e texturas melhores, um palco mais amplo lateralmente e um pouco mais de silêncio de fundo. A ideia aqui é mostrar que, embora seja uma caixa de entrada, ela gosta de bons pares, e se precisar 'temperar' o resultado final, ela responde aos estímulos prontamente.

CONCLUSÃO

A Wharfedale foi além do básico e deu à Diamond 12.2 mais do que se espera de um projeto de entrada, adicionando tecnologia e materiais sofisticados com preço honesto e muita qualidade em cada detalhe.

A Diamond 12.2 apresenta ao ouvinte uma sonoridade mais sofisticada sem os típicos excessos que nos fazem cansar da música em dez minutos de audição, colocando em evidência apenas o prazer em ouvir. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OKIZOUMGJDO](https://www.youtube.com/watch?v=OKIZOUMGJDO)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OYHGITUTN1Y](https://www.youtube.com/watch?v=OYHGITUTN1Y)

AVMAG #283
KW Hi-Fi
fernando@kwwifi.com.br
11 95442.0855 / 483236.3385
R\$ 4.600

NOTA: 72,5



DIAMANTE RECOMENDADO

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS WHARFEDALE DENTON 85TH ANNIVERSARY

Fernando Andrette



Para mim não é nenhuma novidade receber caixas acústicas com design vintage e encontrar componentes atualizados. Foi assim com as duas caixas da série Classic da JBL (L100 e L82), agora a Denton em comemoração aos 85 anos da Wharfedale, e a Elipson Heritage XLS 15 (teste na edição 288).

Essa é uma tendência que veio para ficar, e eu não tenho absolutamente nada contra, desde que o 'pacote' não soe como uma vintage original dos anos 70/80, é óbvio!

Um leitor me perguntou se eu ouvi a L100 original ao lado da nova? Ainda não consegui, mas o querido amigo Henrique Bozzo (colaborador da revista) tem um par da L100 original e marcamos um dia de fazer essa audição. Acho que vai ser muito interessante, pois conheço inúmeros leitores que aguardam essa comparação. Assim que fizermos, publicarei nossas impressões.

Antes de publicar esse teste da Denton 85, vasculhei o mercado em busca da versão 80 anos, para ter uma ideia das modificações feitas no novo modelo, mas não consegui.

Então terei que confiar nos revisores que tiveram essa possibilidade, e nos fóruns que têm dezenas de relatos de usuários que compraram ambas, ou conviveram com as duas por um bom período.

Pelo que li, as diferenças entre as duas edições comemorativas vão muito além de mudanças pontuais. Pois o gabinete da 85 Anos é

maior, para abrigar o novo falante de kevlar de 6,5 polegadas (contra o de 5" da 80 Anos) o que melhorou, segundo o fabricante, a sensibilidade da caixa. Já o tweeter de 25 mm ainda é de tecido e com um ímã de ferrite, mas com uma grade frontal protetora, inexistente na 80 Anos.

Com uma melhor sensibilidade, a nova Denton precisa de apenas 40 Watts para se sentir à vontade em salas de até 16 metros quadrados. Mas o que mais admirei na nova versão foram os detalhes e a qualidade do gabinete, algo surpreendente para sua faixa de preço!

Trata-se de um gabinete de 9 kg, feito de folheado real de madeira, com 34 cm de altura, 24 cm de largura e 27 cm de profundidade. Não sendo uma caixa para ficar em uma estante de livros, ou em qualquer prateleira grudada na parede. Ela necessita, e merece, um bom pedestal para mostrar todos os seus encantos sonoros!

Outra diferença na nova versão é que o tweeter agora está deslocado para o lado (espelhado), para deixar claro se o ouvinte prefere ambos virados 'para dentro', ou 'para fora' (em todas as condições e salas que ouvimos, a caixa sempre soou melhor com os tweeter 'para fora').

Com eles abertos, o foco, recorte e planos, foram audivelmente superiores.

A tela, por ser um design vintage, é difícil de tirar, e o fabricante e inúmeros usuários preferem ouvir a caixa com a tela. Diria que essa

escolha depende muito mais do setup do que das caixas, pois se o sistema tiver uma tendência a soar com brilho nas altas, a tela será um alento.

Mas se o sistema tiver um equilíbrio tonal correto, com extensão sem brilho nas altas, pode-se perfeitamente ouvir as Denton 85 Anos, sem as telas).

Sempre me pergunto a razão das pessoas 'definirem' algo como verdade, sem nunca questionar se a conclusão atingida não é apenas para uma determinada situação específica. Aí o consumidor lê duas ou três opiniões definindo que a Denton 85 é para ser tocada com a tela, e nem escuta como a caixa soaria sem ela.

O importante é que mesmo com a tela, em uma eletrônica de alto nível, os agudos possuem excelente extensão e decaimento. Então, se depois de ler este teste, decidir comprar essa beleza, fique à vontade para decidir se a ouvirá com ou sem a tela.

O essencial é: cuidado ao retirar a tela, pois só com a ajuda de uma espátula (sem ser de metal) que você conseguirá retirar a mesma sem marcar o canto da caixa. OK?

Recado dado, sigamos em frente. A beleza da Denton 85 Anos também está nos terminais banhados a ouro com jumpers de qualidade para o uso de biamplificação. E, em volta dos terminais, encontra-se uma placa comemorativa - em dourado - da caixa, e os dois pequenos dutos acima da placa.

A sensibilidade é de 88 dB, impedância nominal de 4 ohms (mínima de 3,8 ohms), resposta de frequência de 40 Hz a 20 kHz (+/- 3dB), e corte de transição para o tweeter em 3,1 kHz.

Utilizamos dois integrados para o teste da Denton 85: o Krell K-300i (leia teste na edição 286), e o Sunrise Lab 20th Anniversary (leia Teste 1 na edição 287). O streamer utilizado foi o Innuos ZENmini Mk3, e o DAC dCS Bartok 2.0 (leia teste na edição de setembro). Cabos de caixa: Virtual Reality Trançado (leia teste na edição 289), e Oyaide Across 300B (leia teste na edição 286). Sistema analógico: toca-discos Thorens TD 1601 (leia Teste 2 na edição 287) e pré de phono Sunrise Lab M2.

A caixa veio lacrada, o que demandou uma audição preliminar 'básica', apenas com os discos da Cavi Records, e imediatamente a enviamos para a 'sala de tortura' por 100 horas iniciais. Ela vai precisar de tempo meu amigo, caso contrário você acabará achando que ela possui excelentes graves para o seu tamanho e excesso de agudos. Li em um teste, em que o revisor amou a caixa, mas achou que o agudo tende a 'brilhar' sem o uso da tela - discordo totalmente, pois o tweeter desta caixa precisa no mínimo de 150 horas para soar equilibrado, e também depende do amaciamento do falante de médio-grave, que responde de 40 Hz a 3,1 kHz, amaciar plenamente para haver o 'encaixe' do equilíbrio tonal.

Além é claro de uma eletrônica com a mesma assinatura sônica ou pelo menos com um grau de refinamento e neutralidade, para não impor 'responsabilidades' que não são da caixa.

Aliás, isso daria um bom tema para a seção Opinião: 'De quem é a responsabilidade na cadeia sonora?' - quem sabe um dia arrumo tempo para tratar dessa questão. Pois o que vejo de caixa levando a 'fama' do que não fez, é grande!

A Denton 85 estabilizou mesmo com 180 horas. Aí, para a 'prova dos nove', arranquei finalmente sua tela para ver se havia algum resquício de brilho no tweeter, e com ambos os integrados e cabos de caixa, os agudos se comportaram corretamente nas 80 faixas utilizadas na Metodologia.

E quando ouvimos as mesmas faixas com a tela, obviamente perdemos a precisão de ambiência e decaimento, nada mais.

A Denton, em nossa sala de home com 12 metros quadrados, gostou de ficar a pelo menos 1m da parede às costas dela, e o mais distante possível entre elas (as deixamos a 2,40m de tweeter à tweeter) e com um ângulo para o centro na audição de 20 graus. Nessa posição, obtivemos excelente foco, recorte e planos, dignos das melhores books que já avaliamos, sendo muitas delas o dobro ou o triplo de seu preço.

Sua assinatura sônica está bem mais para o quente do que para o neutro, e se isso é bom ou mau, só você pode dizer, meu amigo. Da minha parte, prefiro mil vezes essa característica do que a 'neutra', nessa faixa de preço.

E, antes que seja apedrejado em praça pública, deixe-me me defender. Provavelmente a eletrônica ligada a ela será mais modesta em termos de valor e performance. Portanto, gravações ruins terão uma tendência a soarem piores do que são. Então, optar por uma book para uma sala pequena, em que iremos sentar a no máximo 2,5 m das caixas, será um bálsamo para os nossos ouvidos.

E o fato de ser uma caixa com maior 'condescendência' com gravações tecnicamente ruins, é uma ótima medida! Agora, se você puder ligar essas caixas com algum dos integrados que usamos, meu amigo, ela te levará ao céu, acredite! Pois elas têm qualidades que as colocam em pé de igualdade com books custando até o dobro do seu preço.

São equilibradas tonalmente, possuem uma finesse na apresentação das texturas, um soundstage digno das melhores books, independente do preço. Têm tempo e ritmo contagiante, corpo harmônico surpreendente para o seu tamanho, uma microdinâmica detalhada e uma macro desafiadora para o seu tamanho.

O equilíbrio tonal, como já escrevi, possui agudos com excelente extensão, decaimento suave, velocidade e corpo, para a reprodução de pratos, metais, etc, corretamente.

A região média soa íntegra, com naturalidade nos seduzindo instantaneamente. E os graves, se não tem a imponência da JBL L82 Classic, são suficientemente corretos para dar peso e corpo aos graves e médios-graves.

ÁUDIO

Em um bom pedestal, que a mantenha com o tweeter uns centímetros acima dos ouvidos, e corretamente posicionada, apresentará foco, recorte e planos com precisão cirúrgica! E se o ouvinte achar que os agudos passam do ponto, ele ainda tem o recurso de não tirar a tela, e ainda assim o foco e recorte serão satisfatórios.

As texturas são, como disse, sedutoras, pois expressam com fidelidade as intencionalidades e qualidades dos instrumentos, da gravação e dos músicos.

Os transientes, nos exemplos utilizados na Metodologia como o Uakti e o André Geraissati, foram reproduzidos de forma precisa, conservando o tempo, andamento e ritmo de maneira precisa!

Certamente a micro dinâmica será melhor apresentada sem a tela, mas se o ouvinte preferir manter a mesma, perderá apenas as passagens mais sutis.

E a macro, surpreende por não tentar fazer o impossível, se limitando a mostrar com clareza os crescendos - o que é um exemplo a ser seguido por muitos fabricantes de caixas bookshelf.

Se você deseja, nas passagens macro, maior deslocamento de ar e peso, mas seu espaço é reduzido para uma coluna, a única book recente que testamos que traz essa façanha é a JBL L82 Classic. Porém, a Classic não tem as virtudes de textura ou condescendência com gravações tecnicamente limitadas que a Denton 85! Sempre é uma questão de escolhas, meu amigo, principalmente nessa faixa de preço.

O corpo harmônico, ainda que não seja próximo do tamanho real dos instrumentos, é muito coerente ao manter as proporções dentro de sua limitação de tamanho. Em algumas excelentes gravações deste quesito, surpreende, pois consegue nos deixar claro as distinções entre o corpo de um sax barítono de um contralto, ou de contrabaixo e um cello.

E quanto à materialização física, a Denton foi surpreendentemente bem com vozes. Algumas, como do tenor José Cura, no CD Anhele, e a divina Ella Fitzgerald, quase enganaram meu cérebro!

CONCLUSÃO

Em todas as consultorias diárias que presto a vocês leitores, sempre me deparo com muitos audiófilos que possuem uma enorme resistência a caixas bookshelf, sempre as tratando como produtos de 'menor qualidade'. A esses, costumo dar meu testemunho de que essa 'visão' está profundamente equivocada, nos dias de hoje.

Pois em salas adequadas, elas podem ser a cereja do bolo. Evitando gastos com tratamento acústico, com amplificadores de maior potência, e trazendo muitos benefícios, como um soundstage muito mais correto, com ajustes de posicionamento simples e, o mais importante: um grau de imersão na música muito mais difícil de conseguir com colunas em salas sem tratamento acústico.

E se formos observar a realidade das grandes cidades, com espaços cada vez mais reduzidos, ou o audiófilo parte para uma book ou acabará tendo que abrir mão e usar apenas fones de ouvido. Eu com meu alto grau de fadiga com fones, teria que procurar outro hobby se só me restasse essa opção!

As books evoluíram muito caro leitor, e se sua referência ainda são as books da virada de século, precisa urgentemente escutar os novos modelos de vários fabricantes!

Se você deseja uma book com design dos anos 60/70, mas que deixem os convidados com o queixo caído ao escutarem, ouça com muito critério a Denton 85th Anniversary. Existem dezenas de testemunhos nos fóruns internacionais do impacto que essa caixa causou em suas vidas e em seus 'preconceitos'.

Ela possui uma sonoridade rica, quente e atualizada com qualquer estilo musical.

Só tem um 'entrave', precisa de um integrado refinado e com excelente equilíbrio tonal, para mostrar todos seus atributos. Claro que não precisa ser nenhum dos dois integrados que usamos no teste, mas um integrado de entrada que também tenha uma assinatura sônica semelhante - o Leak Stereo 130, que está em teste é uma opção (teste na edição 289).

Mas claro que existem mais opções no mercado - é uma questão de garimpar e ouvir sem pressa.

Se você deseja uma book com essas qualidades que eu descrevi pormenorizadamente no teste acima, a Denton 85 precisa estar em sua lista de escuta! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=HL6PSHNQKSW](https://www.youtube.com/watch?v=HL6PSHNQKSW)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZBLTZ3_U8QO](https://www.youtube.com/watch?v=ZBLTZ3_U8QO)

AVMAG #287
KW HiFi
 fernando@kwhifi.com.br
 (11) 95442.0855 / (48) 3236.3385
 R\$ 7.615

NOTA: 82,0



ESTADO DA ARTE

CAIXAS ACÚSTICAS ELAC DEBUT 2.0 F5.2

Christian Pruks



A marca alemã Elac me é familiar já faz vários anos. Mesmo quando elas ainda eram projetadas e produzidas pela empresa na Alemanha, com cones mais sofisticados de sanduíche de metal com papel, tweeters tipo AMT (Air Motion Transformer, também conhecido como 'folded ribbon'), gabinetes impecáveis com pintura preto-piano, e etiquetas de preço igualmente sofisticadas - como era a Elac FS249, uma das minhas torres preferidas por anos, por sua musicalidade e naturalidade.

SOBRE A ELAC

A Elac não é muito conhecida nem disseminada em nosso território sul-americano, a não ser nos últimos 10 a 15 anos. Mas antes disso já tinham uma longa história, com mais 95 anos de existência, primeiro com desenvolvimento de tecnologias para sonar, e depois da Segunda Guerra com a fabricação de toca-discos de vinil, que continuou até a década de 1980. Em 1984 começaram a fazer caixas acústicas, as quais são bastante consideradas até hoje no mercado vintage europeu.

Então foi muito legal saber que elas passariam a ser projetadas pelo guru Andrew Jones, assim como esse trabalho passaria a ser feito nos Estados Unidos - o que eu considerarei um golpe de mestre da empresa, provendo à marca uma, hoje, altíssima consideração por parte dos americanos, competindo lindamente no seletivo mercado interno deles.

Além disso, a escolha da Elac em começar, com Jones, com uma linha barata, de entrada, foi um 'golpe de misericórdia' em muitos concorrentes, e a minha felicidade - pois acabei mais perto de poder adquirir um par delas como referência em meu sistema!

O projetista de caixas acústicas inglês Andrew Jones, teve seu período mais relevante e reconhecido no mercado audiófilo, por passar um longo tempo na empresa japonesa Pioneer (com ênfase em sua marca hi-end TAD), e nos anos que duraram até o final de 2021, na alemã Elac. Jones, radicado nos EUA, estabeleceu seu laboratório de desenvolvimento na Califórnia, com a chamada Elac America. Ao mesmo tempo que ele ficou célebre por fazer caixas acústicas fenomenais - quase um pop star no meio audiófilo - todas as mais famosas delas foram de entrada e com bons preços. E com custo/benefício incrível, como a book BS22 e a torre FS52, ambas da Pioneer - até onde eu sei, as únicas caixas dessa marca que são audiófilas - e as linhas Debut, Debut 2.0, Debut Reference, Uni-Fi e Uni-Fi 2.0, da Elac - que estão entre seus mais recentes trabalhos.

ÁUDIO

SOBRE AS F5.2 & SETUP

A atual linha Debut 2.0 possui duas torres: a F6.2, com três woofers de 6 polegadas, e a 'menorzinha' F5.2 que tem três woofers de 5.25 polegadas de fibra de aramida (fibra sintética leve e rígida também conhecida como Kevlar), um tweeter de domo de tecido de 1 polegada com um guia de ondas de alta dispersão que o leva até 35kHz, três vias, três dutos, apenas um par de bornes de metal (não pode ser bi-cablada), mais de um metro de altura, e spikes parafusáveis para você desacoplá-las do piso e regular seu nivelamento.

As F5.2, como carga, são fáceis para os amplificadores, com seus 6 ohms, mas precisam de boa potência e qualidade para obter equilíbrio e autoridade. Usei-as com dois integrados que dão 50W em 8 ohms (sobre nenhum deles tenho o dado de potência para 6 ohms, mas é um pouco mais do os 50W) sendo que um deles dobra a potência em 4 ohms e o outro não. Em ambos o resultado foi excelente em matéria de uso do volume e quanto ao controle das caixas, mesmo em baixos volumes, mas não recomendo ir abaixo disso em matéria de potência - não que você não obterá volume de som com menos potência, mas sim que não exercerá o mesmo nível de controle das caixas, principalmente dos graves, e não terá a mesma qualidade de equilíbrio tonal, entre outras coisas.

O posicionamento das F5.2 é surpreendentemente fácil. Ajustes mínimos de distância do fundo e de paredes laterais são necessários - mas para esses não existe receita: tem que ir ouvindo e ir ajustando, para desespero dos que morrem de medo de usar seus ouvidos. A mesma coisa se aplica ao pequeno toe-in, cortesia do guia de ondas do tweeter que faz o palco ser enorme. É muito fácil adquirir uma imagem central com bom foco com as Elac F5.2.

O nível de compatibilidade dessa caixa - uma das mais equilibradas que eu já ouvi - é altíssimo. Se respeitada uma mínima boa potência para controlá-la, acho que por ser tão natural e musical, ela conseguiria ir bem tanto com valvulados como com transistorizados, e até com classe D! Quanto a todos os cabos envolvidos, fontes digitais e analógicas, e seus devidos acessórios, eu sempre procuraria características e contribuições sonoras com bom equilíbrio tonal, em todos esses. E, claro, ao começar um sistema com essa caixa, você pode usar equipamentos e periféricos categoria Ouro ou Estado da Arte inicial, mas saiba que ela irá responder muito bem a fontes e ampliações Estado da Arte intermediárias, equilibradas e com boa autoridade sonora. Ela tem para onde crescer.

Feitas de MDF e cobertas com vinil preto com uma textura que imita madeira, elas são bastante sóbrias e com design e acabamento bem feito, mas convencional. Isso, na minha opinião, foi o 'preço' a se pagar para ter o dinheiro do desenvolvimento gasto no projeto dos falantes proprietários e do divisor bem bolado - ou seja, na qualidade

sonora, não em um visual luxuoso. A construção das F5.2 é excelente, de alta qualidade física, e o gabinete é bem sólido e bem travado internamente, lidando muito bem com vibrações e afins. E, os falantes terem seus cones pintados de cinza e o legal guia de ondas do tweeter, ambos fazem a caixa ter um visual muito legal.

SISTEMA

Para o teste das Elac F5.2, usei os seguintes equipamentos. Caixas acústicas: Energy C-50, e Emotiva B1. Amplificadores: Emotiva TA-100, e Aiyima A06. Fontes digitais: DAC interno do integrado Emotiva, Bluetooth uGreen, Google Chromecast Audio - todos com streaming de arquivos digitais armazenados em disco rígido, e com serviços de streaming pela Internet. Cabos: Sunrise Lab. Acessórios: um sortimento deles.

AMACIAMENTO

Com as F5.2 chegando lacradas para mim, começou o longo e exigente processo de amaciamento delas: 200 horas! E isso significa 200 horas de incômodo para todo mundo à minha volta, e ainda assim não dá pra deixar caixas amaciando durante a noite, infelizmente. Mas, caro leitor, devo dizer: vale a pena a espera e o trabalho! E muito!

Antes de começar o amaciamento, as minhas primeiras impressões foram: o palco desde o zero impressiona, e os graves descem bem e têm bom corpo (isso muda durante o amaciamento, quando os médios-graves dão uma sumida, mas não se preocupem, pois eles voltam depois, com vontade). Nesse primeiro momento, os agudos não tem extensão, mas isso aparece depois com beleza e precisão. Há, claro, como em toda caixa, um 'desencaixe' entre o grave e o médio-grave, e entre o médio-agudo e o agudo. O desencaixe do grave é muito bem resolvido lá pelas 120 horas de amaciamento, e o do agudo só lá pelas 180 a 200 horas, quando o médio-agudo recua e fica natural e equilibrado. Amaciamento é isso aí! E para as Elac F5.2: 200 horas!

COMO TOCAM

As Elac F5.2 tem um som mais para o quente, com muita profundidade e descongestionamento, e na maior parte do tempo não conseguem causar agressão ou serem analíticas. Quem quer uma caixa frontalizadora que ponha a cantora um metro na sua frente - uma situação completamente artificial - não vai querer as F5.2. Quem quer ter um som analítico e hiper detalhista, 'hiper realista', que mostre o bafo de alho do trombonista, as F5.2 não são para ele.

O equilíbrio tonal é excelente, trazendo uma característica que o Fernando Andrette adora: inteligibilidade em baixos volumes. Agudos com clareza sem serem ofensivos, médios bonitos e com belas texturas e bem integrados com os agudos. Os graves descem bem mais do que diz a especificação, então as F5.2 tem um bom porão. Já vi muita caixa descer bem, mas não ter peso no médio-grave, e esse não é o caso ►

das F5.2: há porão, há tamanho e há peso, e há recorte, pois não é um grave borrachudo, não! O médio-agudo e o agudo poderiam se beneficiar de mais tamanho, recorte e presença - mas isso se espera de caixas bem mais caras.

Quanto ao palco, o som é separado e muito profundo, limpo, muito des congestionado - coisas que poucos anos atrás só se encontravam em caixas muito mais caras. Faixas que antes eram frontais e uma só massa sonora, que em outras caixas de bom preço eram muito comprimidas, agora ficaram 'soltas'. O palco tem excelente largura e altura - em uma faixa 'à capella' do disco *Strange Angels*, da Laurie Anderson, em um momento há uma segunda voz, essa masculina, em uníssonos com ela, e nas F5.2 você percebe que o homem é mais alto que ela! O palco delas é uma experiência 'fora da caixa' em muitas gravações - ou com integração natural entre o que acontece na caixa e o que acontece fora delas em outras gravações, fazendo uma imagem natural em toda sua largura.

O equilíbrio e os timbres providos pelas F5.2 - casadas em um bom e bem acertado sistema - sempre te mostrarão texturas bonitas e realistas, onde ficarão bem claras as diferenças entre bons ou maus instrumentos, e se esses foram bem captados ou não nas gravações.

Quanto à transientes, dá para perceber facilmente as diferentes intencionalidades e velocidades dentre uma massa de vários instrumentos - como o uso de várias percussões diferentes tocando ao mesmo tempo na trilha sonora da versão moderna da série Battlestar Galactica, concebida pelo jovem e prolífico compositor Bear McCreary. Neste caso, é um disco gravado ao vivo, um concerto com os melhores momentos da trilha da série, chamado *So Say We All - Battlestar Galactica Live*.

Com tremenda microdinâmica, não são caixas viscerais, e sua macrodinâmica tende mais à naturalidade do que aos 'arroubos de paixão'. Isso quer dizer que crescendo de música mais complexa como a orquestral, por exemplo, são sutis e naturais - não chamam a atenção ao acontecer, simplesmente acontecem.

Como dito sobre o equilíbrio tonal (os quesitos são todos bastante interligados), o que eu acho que falta nas F5.2, para serem no mesmo nível de 'supercaixas' ultra hi-end (além de visceralidade) é o corpo harmônico trazer aquele brilho e tamanho e recorte extras ao médio e ao agudo, que faz as caixas topo parecerem 'realidade virtual'. Entenda aqui que, se as F5.2 tivessem esse corpo a mais, elas competiriam com caixas que têm até dois zeros a mais na sua etiqueta de preço. Porque, amigo, pelo preço atual delas, eu teria dificuldade de dizer alguma outra caixa melhor!

A capacidade dessas caixas de serem orgânicas - de mostrarem de maneira mais orgânica e realista o acontecimento musical real - só

não recebem nota mais alta, exatamente pelo que eu falo acima sobre o corpo harmônico.

Como nosso moderno e salutar editor chefe costuma dizer: os produtos mais Musicais - que melhor têm a capacidade de reproduzir música como ela é em todas suas características - são aqueles cujas notas todas são as mais próximas possível. E as torres Elac Debut 2.0 F5.2 são esse tipo de equipamento!

CONCLUSÃO

Natural, musical, orgânica, equilibrada, a Elac Debut 2.0 F5.2 é o ponto de partida, o alicerce ideal para um sistema de entrada bem equilibrado. E se a amplificação escolhida for no mesmo nível financeiro da caixa, saiba que em um ou dois próximos upgrades, ela é que permanecerá - como um farol em um porto seguro - pois ela ainda terá um bocado de 'garrafa pra vender', como diz nosso arrojado editor Fernando 'Amigo Leitor' Andrette. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=PPYQAAE_X14](https://www.youtube.com/watch?v=PPYQAAE_X14)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=FX0-DKPPB8C](https://www.youtube.com/watch?v=FX0-DKPPB8C)

AVMAG #282
Mediagear
contato@mediagear.com.br
(16) 3621.7699
R\$ 8.682

NOTA: 85,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS JBL L82 CLASSIC

Fernando Andrette



Felizmente essa volta do visual vintage no áudio hi-fi não me parece ser apenas uma jogada de marketing ou um saudosismo exacerbado.

De tudo que ouvi até o momento, todos possuem essa 'roupagem' anos 70, porém repletos de atualizações e soluções bastante surpreendentes em termos de performance e versatilidade.

E começarei minhas apresentações 'vintage' em 2022 pela série Classic da JBL, testando o modelo L82 neste mês e, em breve, a L100 Classic 75, edição especial de aniversário de 75 anos da empresa.

E teremos mais surpresas 'vintage', vindas da Inglaterra em breve!

Eu ouvi rapidamente a L100 Classic no começo de 2020, e fiquei muito encantado com sua assinatura sônica, já que cresci ouvindo o modelo original nos anos 70, em diversas configurações e salas de clientes do meu pai e na casa de amigos. E por mais que gostasse naquela época da caixa, tinha para mim que ambas as pontas eram por demais coloridas e desequilibradas.

E como é fácil sermos 'preconceituosos' ao extremo, ao ter a oportunidade de ouvir novamente a caixa, antes de iniciar a audição, me passou o filme de várias configurações que tive de ouvir com a caixa e achei que iria ouvir mais do mesmo, só que em um sistema atualizado, sala com tratamento acústico, elétrica tratada, etc.

E foi uma sonora surpresa ouvir uma caixa sem pontas 'não amarradas', um belo corpo harmônico, texturas refinadas, e um equilíbrio tonal digno de caixas hi-end. E achei que, quando um novo distribuidor fosse definido, seria importante poder testar e compartilhar com vocês os avanços conquistados na linha Classic.

E esse dia chegou e resolvi iniciar pela L82 Classic, por ser a metade do preço da L100 Classic e, no meu modo de ver, no atual momento do mercado e no tamanho das salas da esmagadora maioria dos nossos leitores, muito mais condizente com a nossa realidade.

Muitos leitores reclamam que, por mais que saibam que para seus espaços books sejam o ideal, relutam em aceitar essa verdade, por sentirem que as books que possuem melhor corpo e peso nos graves e médios-graves, são geralmente fora de seus orçamentos.

E tenho que concordar que, dependendo do gênero musical apreciado, books 'magras' são uma decepção. E ao ouvir a L82 Classic pela primeira vez em um ambiente de 12 metros quadrados, a Sinfonia Fantástica de Berlioz, me dei conta do quanto essa book fugia do estereótipo de magreza, e do prazer e encanto que foi ouvir a orquestra soando na sala, com corpo, peso e energia.

E antes de descrever tecnicamente a L82 Classic, deixo aqui para a posteridade que discordo integralmente dos testes que afirmam ser essa JBL para apenas determinados estilos musicais (como li em alguns testes), pois ainda que a linha Classic não seja a última palavra em transparência ou o último fio de cabelo em extensão nos agudos, o que ela se propõe é que o ouvinte desfrute da música sem ficar se preocupando em analisar o conteúdo e sim aprecie a música!

Dito isso, vamos aos detalhes técnicos dessa pequena joia musical!

Com seus 13 kg, é uma book de tamanho e peso imponentes. Seu clássico woofer de 20 cm ainda é o feito com celulose branco, e seu tweeter de domo de titânio de 2.5 cm vem com um guia acústico semelhante ao da L100. Sua sensibilidade é de 88 dB, crossover com corte em 1,7 KHz, resposta de frequência de 44 Hz a 40 kHz. Altura 44 cm, largura 28 cm e profundidade 31,5 cm.

Para facilitar o posicionamento em salas menores, o pórtico bass reflex fica ao lado do tweeter, o que se mostrou excelente quando a colocamos em nossa sala de home theater com apenas 12 metros ►

quadrados. Pois foi possível deixá-las a apenas 70 cm da parede às costas da caixa, sem acentuação do grave ou perda nas fundamentais.

Seu design, como teria que ser, é tipicamente anos 70, muito bem acabado, porém sem o brilho e detalhes de caixas hi-end atuais. O folheado é de nogueira sem aplicação de nenhum verniz. Eu gosto, mas eu sou um cara que conviveu com todas as caixas dos anos 60, 70 e 80, e todas eram assim em termos de gabinete. Os mais jovens eu não sei o que acham (minha filha de 13 anos, achou um caixote sem 'apelo visual' algum, mas quando ouviu a caixa, se encantou pela sonoridade).

O importador não trouxe seu pedestal dedicado oferecido pela JBL, então ficarei devendo dizer como elas se comportam em seus pedestais, mais baixos, com uma angulação que joga seu som para cima. Então testamos as L82 Classic nos nossos dois pedestais disponíveis: o da Magis Audio e o da Timeless.

Pela altura do tweeter, ela ficou melhor instalada no da Magis, que é alguns centímetros mais baixo que o da Timeless, e assim conseguimos um foco e recorte mais refinado. Outra questão a ser considerada é deixar os tweeters voltados para dentro ou para fora. Você terá que testar as duas posições, pois cada uma tem vantagens e desvantagens, dependendo do tamanho da sala, distância possível entre as caixas, e se você prioriza a largura do palco ou a consistência da imagem entre as caixas.

Na sala de home-theater, priorizamos a imagem entre as caixas deixando o tweeter para dentro, e na nossa Sala de Referência - muito maior - deixamos os tweeters para fora.

Dica importante, para uma maior profundidade, será preciso dar a elas a maior distância de tweeter à tweeter. Menos de 2 metros entre elas, mesmo mudando radicalmente o ângulo de escuta, a profundidade será limitada. O ideal é, no mínimo 2.80 m, aí pode-se administrar o ângulo voltado para o ponto ideal de audição. Em nossa Sala de Referência, elas ficaram a 1.80m da parede às costas, a três metros entre tweeters, e viradas 15 graus para o ponto de audição. Com a altura no pedestal da Magis, e com o tweeter ligeiramente acima das orelhas. Nessa posição, tanto largura como altura foram excelentes. A profundidade dependeu mais da qualidade da gravação do que das caixas.

Para o teste, utilizamos: powers Nagra Classic, integrado Mark Levinson 5802 e integrado Shuguang Audio SG-845-7. Pré de linha Nagra Classic, DAC TUBE Nagra, pré de phono Gold Note PH-1000, toca-discos Origin Live Sovereign com braço Origin Live de 12 polegadas, e cápsula ZYX Ultimate Omega G. Cabos de caixa: Dynamique Audio Apex, Virtual Reality Trançado e Oyaide Across 3000 B. Cabos

de força: Sunrise Lab Quintessence, Transparent PowerLink MM2 e Kubala-Sosna Realization. Interconexão: Sunrise Lab Quintessence Aniversário (RCA e XLR), Dynamique Apex (XLR), Kubala-Sosna USB Realization, e Sunrise Lab Quintessence Aniversário e AES/EBU Crystal Cable Absolute Dream.

As caixas vieram lacradas 'zero bala'. Se o amigo leitor, ao ler este teste, gostar da caixa e quiser adquiri-la, torça para ir a que testei, pois é uma caixa que precisa de um longo amaciamento - principalmente o tweeter, e para ele tenho um truque: quando puder deixe o ajuste do tweeter no máximo, mas só no tempo de amaciamento, e depois para as audições volte a 0 dB. Estou falando de um amaciamento de 180 horas, no mínimo. E outra dica para o woofer, se o amigo tiver analógico ouça muito LP e deixe as baixas frequências chacoalharem o woofer sem dó! As primeiras 50 horas serão sofríveis, mas não se preocupe, pois a partir daí começam a aparecer as virtudes da caixa.

Os graves têm uma autoridade e uma presença que fará você coçar a cabeça, de como uma book consegue esse corpo e deslocamento de ar. E o mais legal é que, mesmo em volumes na 'calada da noite', o grave se faz presente de maneira incrivelmente precisa.

A região média é muito correta, com excelente corpo tanto no médio-grave como até os 1.7kHz, quando o sinal é entregue ao tweeter.

Os engenheiros da JBL foram muito felizes na transição do médio-alto para o tweeter, pois não se sente sobreposição, mesmo quando ouvimos a menos de 1 metro da caixa. Mas, lembre-se, para se ter esse equilíbrio tonal, o ajuste do tweeter tem que ser zero dB! Nada de deixar no máximo, pois o brilho a mais não se traduz em extensão a mais, e compromete o equilíbrio tonal da caixa.

O tweeter é muito bom, ainda que não reproduza decaimentos super longos, como tweeters mais sofisticados (berílio ou diamante), então não espere a mais alta fidelidade em termos de ambiência e sim uma ideia aproximada dos ambientes em que as gravações foram feitas.

Por outro lado, o ouvinte terá excelente corpo nas altas e a correta velocidade.

Como escrevi no início do teste, discordo dos revisores que disseram que a L82 Classic não reproduz bem todos os gêneros musicais - eu achei exatamente o contrário. O que ela não faz com primor de caixas mais caras e sofisticadas, é mostrar o sumo do sumo da transparência ou do detalhamento. Vou dar alguns exemplos: ouvindo quartetos de cordas, não tenho a micro variação de tensão dos arcos, ou a precisão quase que visual das cordas dedilhadas. Em compensação as texturas, transientes, corpo e timbre são excelentes. Permitindo que o ouvinte não se desconcentre nunca da música.

Outro exemplo: desmembrar o naipe de metais e identificar cada instrumento, o todo sempre irá prevalecer nas L82 Classic, e não as

ÁUDIO

partes ou detalhes. Por sorte, no momento do teste, também chegou a Elac Uni-Fi 2.0 UB5.2 - outra excelente book - com um falante dual-concentric (o tweeter no meio dos médios), que em termos de extensão nas altas e transparência é superior à L82 Classic. Porém é muito mais dependente do tamanho da sala, da eletrônica, do cabeamento e, pelas dimensões, jamais conseguirá reproduzir o corpo harmônico da L82 Classic, e nem esse grau de coerência e uniformidade do todo.

Como sempre escrevo, tudo é uma questão de compromisso. Seja em sistemas mais modestos, intermediários ou top. Não há perfeição total! Quem acredita nessa possibilidade, irá gastar muito e sempre se sentir frustrado.

Peguemos o meu caso: eu não pensaria duas vezes entre a L82 Classic e books que não me possibilitam melhor corpo harmônico, pois ouço muito música clássica e obras complexas, e com enorme variação dinâmica. E aí entramos na maior das virtudes da linha Classic da JBL: gostam de serem testadas em volumes das gravações. O tranco que elas suportam sem distorcer é impressionante! Estou falando em volumes realistas das gravações, não em volumes excessivos e acima dos mixados nas gravações. Nesse aspecto, a L82 Classic tem comportamento de coluna e não book.

Seu soundstage, como disse, irá ser muito dependente da abertura e do ângulo das caixas em relação ao ouvinte, mas seu foco e recorte são muito precisos.

As texturas possuem uma bela paleta de cores, e em uma eletrônica de alto nível todas as intencionalidades serão apresentadas.

Os transientes são excelentes, assim como a macrodinâmica, que é muito acima do tamanho físico da caixa. Já a microdinâmica, dependerá muito da qualidade de captação, pois esse quesito está intrinsecamente relacionado ao grau de transparência. Então, se você é um audiófilo que quer que aquele sininho tenha que soar translúcido e transpassar todo o acontecimento musical, esqueça a L82 Classic. Mas se você não quer perder a concentração pelo sininho que insiste em se sobressair, desviando sua audição do todo, a L82 Classic pode perfeitamente ser sua caixa!

Outra virtude que já disse em vários pontos do teste, é o corpo harmônico, algo inacreditável para uma book com essas dimensões. Tímpanos, trompas, pianos, contrabaixos soam muito próximos de caixas tipo coluna de média para grande proporção. Este quesito da Metodologia foi o que mais me agradou na L82 Classic. Os amantes de rock ficarão impressionados como soam os bumbos nessa book!

Materialização física: aqui novamente essa 'mágica' depende muito do grau de transparência, porém sempre lembro a todos: do que adianta uma materialização física de um piano de cauda do tamanho de uma pizza brotinho? Seu cérebro não vai cair nessa, vai?

Então o que a L82 Classic faz é: em gravações impecáveis tecnicamente, ela lhe dá a noção (graças ao seu corpo harmônico) de um piano ali a sua frente. E em gravações medianas, o prazer fica pelo tamanho dos instrumentos (percebe, amigo leitor, como tudo é puro compromisso?).

Musicalmente, a L82 Classic me agradou muito, pois sua assinatura sônica está mais para o lado do quente, do sedutor e de que o ouvinte esqueça de avaliar limitações tanto da caixa, como do sistema ou da gravação. E possui folga suficiente para deixar o ouvinte colocar o volume realista da gravação sem se arrepende e correr para baixar.

CONCLUSÃO

Se você se convenceu que seu upgrade de caixas tem que ser uma book, ainda que você tenha restrições ao tamanho do corpo harmônico, peso dos graves, energia e deslocamento de ar, ouça a LS 82, uma caixa extremamente fácil de tocar, amigável com amplificadores de apenas 20 Watts como o integrado chinês utilizado no teste, como com os integrados com mais de 100 Watts como o Nagra e o Mark Levinson.

Com uma fonte (seja analógica ou digital de bom nível) cabos com bom equilíbrio tonal e um amplificador com a mesma assinatura sônica da caixa, não tem como errar!

O resultado será sempre a música e não os detalhes! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=BDXH2-C75S4](https://www.youtube.com/watch?v=BDXH2-C75S4)

AVMAG #281
 Mediagear
 (16) 3621.7699
 R\$ 21.274

NOTA: 86,5



ESTADO DA ARTE

Line Magnetic

LINE MAGNETIC AUDIO

TRANSCENDA O SURPREENDENTE



A Line Magnetic foi fundada em 2005 por dois irmãos, ambos audiófilos apaixonados por eletrônica valvulada e notavelmente pelas lendárias aparelhos norte-americanas da década de 1950.

Há muitos anos, a empresa se destaca em todo o mundo como especialista na reparação e produção de réplicas de alto-falantes e eletrônicos da Western Electric, Altec, Jensen etc.

Hoje, todos os esquemas e desenvolvimento são o resultado de uma equipe de engenheiros audiófilos experientes e competentes.

A empresa possui atualmente duas fábricas onde seus produtos são fabricados de forma artesanal e com os melhores componentes disponíveis no mercado internacional.


Além dessas produções, a Line Magnetic também oferece toda uma gama de componentes, alto-falantes, fontes valvuladas, etc... que são já considerados por muitos audiófilos os melhores equipamentos valvulados do mundo.



Produtos adequados ao mercado brasileiro, com garantia de originalidade e garantia técnica integral no Brasil.


ELITE
S O U N D

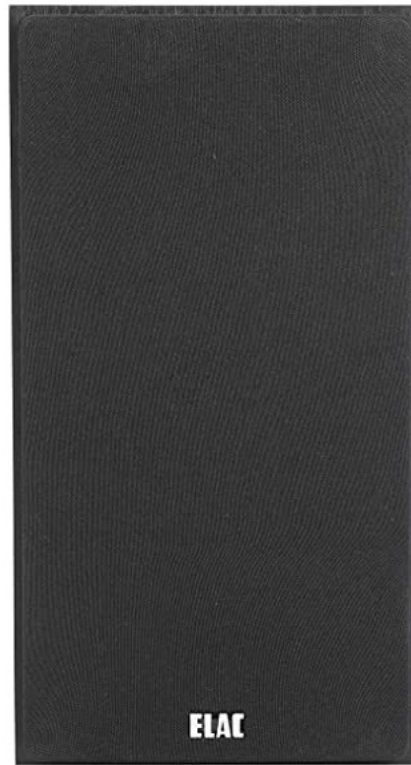
 @elitesoundhifi
 @elitesoundhifi

 +55 19 99775 2447
www.elitesound.com.br

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS ELAC UNI-FI 2.0 UB52

Fernando Andrette



Depois de testarmos toda a linha Reference e Debut Reference, com a participação de todos os nossos colaboradores (Juan Lourenço e Christian Pruks), achei que não iria me surpreender com nenhuma outra Elac de preço acessível ainda a ser avaliada.

E aí fomos convidados a conhecer a série Uni-Fi, e sua book 2.0 UB52, uma caixa com dimensões ainda menores que a Debut Reference, mas com um grande diferencial: trata-se de uma book de três vias com o uso de um falante concêntrico, com um tweeter embutido no médio de cone de alumínio de 4 polegadas, com um conjunto de imã de neodímio aprimorado da versão anterior UB5.

E o falante de grave de 5,25 polegadas também utiliza um cone de alumínio.

Em relação à UB5 que não conheci, as dimensões são um pouco diferentes, sendo a nova versão um pouco mais alta, porém mais estreita e mais profunda. O duto agora foi colocado na parte frontal do gabinete, justamente para permitir que as caixas possam ficar mais próximas da parede às costas delas. O gabinete também sofreu alterações com o uso de MDF mais espesso, cantoneiras internas de maior rigidez para se reduzir vibrações e colorações.

O novo crossover possui, segundo o fabricante, maior linearidade e melhor integração entre os drivers (os pontos de crossover são

200 Hz e 2 kHz, e no modelo anterior o corte em cima era em 2,7 kHz). Sua sensibilidade é de 85 dB (o que irá exigir um amplificador mais 'parrudo'), e a impedância nominal é de 6 ohms, e mínima de 4 ohms.

Para baratear custos, a única opção de acabamento é o vinil black ash. Lá fora ela custa U\$599, uma faixa com inúmeros concorrentes de peso.

Recebemos a Uni-Fi 2.0 (permita-me abreviar), totalmente zerada. O que nos levou a uma breve primeira audição e direto para a tortura de amaciamento junto com o integrado da Leak Stereo 130, que também chegou na mesma semana.

Para o teste, utilizamos os seguintes equipamentos: pedestais da Magis, Audio Concept e Timeless. Cabos de caixa: Virtual Reality Trançado, e Oyaide Across 3000B. Integrados: Krell K-300i (leia Teste 2 na edição 286), Leak Stereo 130 (teste na edição 288), e Sunrise Lab V8 Anniversary 20 anos (leia teste edição 287). Fontes digitais: streamer Innuos ZENmini Mk3, CD-Player Mark Levinson No.5101 (leia teste na edição 285), DAC MSB Reference (leia Teste 1 na edição 286), Transporte e TUBE DAC. Toca-discos: Thorens TD 1601 (leia teste na edição 287), com cápsula ZYX Bloom 3 (leia teste na edição 274). Pré de phono do integrado V8 Anniversary, e Gold Note PH-1000. ▶

Ainda que a Uni-Fi 2.0 seja uma das menores books já testadas, sua impetuosidade e capacidade de preencher com autoridade uma sala de até 20 metros, me lembrou a Boenicke W5SE, também de tamanho reduzido, que nos deixa perplexo como consegue driblar suas dimensões tão reduzidas.

Eu gosto muito de books de três vias, pois quando bem projetadas permitem uma uniformidade na apresentação do acontecimento musical, muito mais coerente e agradável em termos de inteligibilidade.

Isso fica evidente em passagens complexas, em que nas books de duas vias o falante de médio-grave tem que cobrir duas extensas pontas sem se esquecer da região média, e isso muitas vezes se traduz em menor corpo harmônico nos médios-graves, ou uma menor inteligibilidade em passagens com muita informação em uma mesma frequência. É o famoso 'cobertor de pobre' - afinal são escolhas que o projetista precisa fazer.

Isso ficou muito claro quando, recentemente, testei as JBL L82 e L100 Classic, que possuem os mesmos drivers, e o quanto a L82 Classic se esforça para cobrir uma região que se estende de 52 Hz a 1700 kHz. Tocando as mesmas faixas no mesmo volume, em ambas as caixas, o grau de conforto auditivo e de inteligibilidade, na L100, são muito maiores!

Para o leitor que possui um gosto musical em que as variações dinâmicas são frequentes, e escuta obras com muitos instrumentos, ter a possibilidade de escolha de uma book de três vias sempre terá vantagens, acredite.

Esse é o maior mérito da Uni-Fi 2.0, o 'descongestionamento' e a organização de tudo que esteja dentro do espectro de 60 Hz até 2 kHz, pois sua desenvoltura nessa ampla faixa é realmente impressionante.

Claro que se paga um preço por se colocar três vias em um gabinete tão reduzido. O uso de um falante concêntrico, se por um lado nos dá um foco e recorte cirúrgico, por outro lado o corpo harmônico dos instrumentos nessa frequência serão um pouco menores. Mas se tratando de books (sempre haverá uma perda neste quesito, não tem escapatória).

O importante é que na Elac Uni-Fi 2.0 o corpo harmônico é bem coerente, sem riscos de ouvirmos um violino com corpo maior que um contrabaixo, por exemplo.

É uma caixa que precisa de pelo menos 150 horas de amaciamento para podermos ter certeza de que seu equilíbrio tonal se apurou. Antes do amaciamento total, a região média hora aparece frontalizada, hora recuada demais em relação aos agudos. A dica de que o martírio do amaciamento chegou ao fim, é colocar um quarteto de cordas ou um piano solo (boas gravações, claro) - e observar como a região

média-alta se comporta. Se ficar oscilando, com certas frequências mais frontalizada e outras mais recuadas, ainda não amaciou completamente. Pois quando estiver 100%, há um encaixe e cessa qualquer tipo de oscilação.

Eu costumo também usar, em falantes concêntricos, saxofone alto e violino, pois ambos cobrem bem essa região em suas três oitavas (seja com as notas fundamentais ou com primeiro, segundo e terceiro harmônico).

Com 150 horas, toda oscilação finalmente cessou, possibilitando iniciarmos o teste e avaliação de todos os quesitos da Metodologia.

Como estava descrevendo, o equilíbrio tonal da Elac é muito bom, ainda que se o projeto não fosse de um concêntrico, os agudos poderiam ter um pouco mais de extensão e decaimento suave nas altas - o que é necessário para se ter uma maior fidelidade da ambiência em que as gravações foram feitas (algo que nos meus 50 anos de audiófilia, vi poucos darem a devida importância a esse detalhe).

E a vantagem deste tweeter ter menor extensão, é que gravações tecnicamente com excesso de brilho nas altas ficarão mais palatáveis aos ouvidos.

Escolhas meu amigo, sempre elas que irão nos fazer declinar ou abraçar qualquer produto.

A região média é surpreendentemente bem definida, e com um grau de transparência muito bom para a sua faixa de preço. Permitindo um grau de inteligibilidade de modelos muito mais caros. Como é muito coerente e plano dos 200 Hz aos 2000 kHz, toda a informação nessa faixa do espectro audível será notada sem nenhum esforço adicional. Essa foi uma das qualidades que mais chamaram a atenção de quem ouviu essas Elacs, sendo que todos os amigos músicos que o fizeram, ressaltaram que nessa região ela se comporta como um monitor de estúdio, porém sem ser frio ou analítico.

Os graves conseguem ser articulados, precisos, com boa energia, sem, no entanto, terem aquele peso e fundação tão presente e encantador na L82 Classic. Então, para os amantes de graves, a Uni-Fi 2.0 não será a melhor pedida (a menos que exista a possibilidade do uso de um subwoofer para trabalhar até os 70 Hz). Acima de 60 Hz, o grave da Elac já tem boa definição e nos surpreende pela autoridade com que se apresenta. Você fica olhando para aquele pequeno gabinete se perguntando como um falante tão pequeno consegue dar conta.

Como nunca fui um grave dependente, eu jamais me incomodo. Para mim, mais que graves que desloquem a bainha da calça, o que importa é o corpo harmônico, definição, sustentação e velocidade. E nesses quesitos dentro de sua limitação de tamanho, a Elac se mostrou excelente.

ÁUDIO

Existe uma coerência no equilíbrio tonal desta caixa, de cima embaixo, encantadora, que se traduz em uma apresentação sempre detalhada, solta, bem articulada e refinada. O que significa muito para uma caixa nessa faixa de preço (não nos esqueçamos disso).

Seu soundstage está acima de outras books concorrentes, graças ao falante concêntrico, à suas dimensões, e à facilidade de poder aproximá-las da parede por seu duto estar na frente da caixa e não atrás.

Os cuidados serão com a altura do pedestal em relação ao ouvinte. O Timeless permitiu que o falante concêntrico ficasse na altura do meu ouvido, quando sentado na posição ideal de escuta, e com um leve toe-in para o centro (10 graus apenas, será o suficiente), com isso a materialização do foco, recorte e planos foi excepcional! A Elac possui boa largura e altura, e um pouco menos de profundidade.

As texturas são de alto nível, principalmente na apresentação da paleta de cores dos instrumentos, e no reconhecimento da qualidade dos instrumentos e dos músicos. Chegamos a ouvir a gravação da Janine Jansen, dos 12 Stradivarius, nela - e nos surpreendemos como foi fácil observar as diferenças dos instrumentos. Esse foi o exemplo que utilizei para apresentar as qualidades da Elac para três amigos músicos.

Os transientes são excelentes, nos permitindo acompanhar com total interesse o andamento e ritmo com precisão, jamais soou letárgico em nenhuma situação.

A macrodinâmica obviamente será limitada, mas em volumes decentes, preservando suas limitações, é possível sim ouvir o quarto movimento da Sinfonia Fantástica de Berlioz, ou a Sagração da Primavera de Stravinsky, em uma sala de até 12 metros sem perda de interesse na audição. Falta aquele peso nos tímpanos? Claro que falta! Mas a obra não é apenas essas passagens de macrodinâmica, certo? E a micro, graças à sua transparência na região média, é muito fácil de ser escutada.

O corpo harmônico, como escrevi no início do teste, ainda que seja menor que de uma coluna (por motivos óbvios), é bastante coerente, e o ouvinte não correrá o risco de ouvir um flautim com mais corpo que um sax barítono.

A organicidade sempre costuma ser mais fácil de materializar em projetos com falantes concêntricos (quando bem executados, claro). Aqui, nas gravações técnicas de alto nível, os músicos se fizeram presentes.

CONCLUSÃO

Eu me encantei tanto com a JBL L82 Classic (por outras qualidades) quanto pela Elac, e ter as duas no mesmo período para fazer esses aXb foi muito elucidativo.

Se a L82 é sedutora por dar a uma book um corpo e um peso tão mais próximo das colunas, a Elac me ganhou pela sua capacidade de reproduzir qualquer gênero musical com enorme liberdade e graça. Se eu tivesse algum conhecimento técnico e jeito, buscaria uma maneira de juntar as qualidades dessas duas books em uma só. Pois, dependendo da música que ouvia, ficava em minha mente fazendo conjecturas de como seria essa simbiose de juntar as qualidades de ambas. A diferença, além do preço (a L82 é muito mais cara), é que a book da JBL é para ambientes maiores (até 20 metros) e a Elac, para salas no máximo de 14 metros (sendo o ideal para salas de 9 a 12 metros).

Então, se o seu espaço é reduzido, mas você chegou à conclusão que sua eletrônica merece uma caixa mais refinada e correta, a Elac Uni-Fi 2.0 UB52 precisa ser avaliada. Pois ela é uma book preparada para qualquer desafio, e não escolhe gênero musical para mostrar a que veio.

Esse foi o último projeto do projetista Andrew Jones antes de sair da Elac, e li em várias entrevistas que ele tinha enorme orgulho do resultado alcançado.

Eu agora entendo perfeitamente o motivo! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=VJYHZITZUK8](https://www.youtube.com/watch?v=VJYHZITZUK8)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GFSPYH4WZWQ](https://www.youtube.com/watch?v=GFSPYH4WZWQ)

AVMAG #286
 Mediagear
 contato@mediagear.com.br
 (16) 3621.7699
 R\$ 7.300

NOTA: 87,0



ESTADO DA ARTE

CAIXAS ACÚSTICAS ELIPSON HERITAGE XLS 15

Fernando Andrette



Se você não esteve desconectado do mundo nesses últimos dois anos e meio de pandemia, certamente sabe que o glamour do vintage voltou com tudo, da moda aos utensílios domésticos (está faltando ressurgir apenas no setor automotivo). E no segmento de caixas acústicas, cada dia surge um novo modelo, nos transportando diretamente para as décadas de 60/70, nos anos dourados, em que toda família de classe média tinha um sistema de áudio em sua sala de estar (nem que fosse um móvel enorme com tudo acoplado).

Eu vivi essa fase intensamente, e posso garantir que ter uma caixa de enormes dimensões no meio da sala era sinal de status, e um belo porta-copos e cinzeiros em dias de festas.

Claro que os grandes fabricantes de caixas acústicas, desses anos dourados, que sobreviveram à décadas de mudanças na maneira de ouvirmos nossa música, estão surfando nessa onda vintage 'de braçada' e ditando as regras, já que para eles 'relançar' seus maiores ícones se tornou quase que obrigatório.

Então era uma questão de tempo para o fabricante francês Elipson pedir aos seus engenheiros para mostrar como soariam hoje suas caixas daquele período, assim como fizeram (e com enorme sucesso) JBL, Mission e Wharfedale.

No entanto, como esse mercado vintage começa a ficar mais competitivo, entrar nessa onda necessita de que as empresas encontrem algum diferencial significativo para colher frutos.

E a Elipson optou por buscar esse diferencial no preço final ao consumidor!

Ao receber a Heritage XLS 15, me assustei com seu peso e com o volume da embalagem, pois estávamos ainda com a JBL L100 Classic em teste, e pudemos mesmo antes de abrir a caixa, observar que era ainda maior em tamanho que a JBL.

Ao desembalar as caixas, com ajuda de meu filho, é que notamos que as semelhanças com a JBL não acabam aí. O woofer de 12 polegadas também possui um cone branco e ainda que a ►

ÁUDIO

Elipson seja mais alta e mais larga, o gabinete é muito semelhante, me lembrando que todas as caixas dos anos sessenta e setenta eram assim.

Outra semelhança é o pedestal baixo inclinado, idêntico ao da JBL, e que também necessita de quatro braços, para colocar a Elipson sobre eles.

Os bornes da caixa, arriscaria dizer que são os mesmos que da JBL, com o mesmo problema para rosquear, já que são muito próximos e de difícil acesso. Nesse caso a Wharfedale deu uma aula com suas caixas 'vintage', pois renovou onde era fundamental - e bornes de caixas também são fundamentais, tanto quanto falantes, crossover e gabinete.

As semelhanças com a JBL acabam aí, já que seu falante de médio de 44 mm é um domo de cúpula de seda, assim como seu tweeter de 25 mm.

Os cortes de frequências da Elipson também são bem distintos e interessantes, com o woofer trabalhando dos 40Hz até 700Hz, passando para o falante de médio que vai de 700Hz a 5000Hz, entregando ao tweeter nos 5000Hz, que vai até os 25kHz. Esse corte se mostrou bastante interessante, e foi possível perceber as vantagens dessa escolha nas nossas audições.

O fabricante fala em uma sensibilidade de 92dB para uma impedância de 6 ohms (valor mais próximo para uma medição em câmara anecoica). Diria que para salas normais de audição, a sensibilidade real da Elipson seja de 89dB, que já é suficiente para poder trabalhar com amplificadores em salas pequenas a partir de 20 Watts.

Como a maioria das caixas 'vintage' da atualidade, o consumidor pode ajustar em 1dB para mais ou para menos os médios e agudos, para se adaptar a acústica da sala de audição. E eu diria: esqueça esse ajuste e deixe a caixa, depois de amaciada, em flat - se você deseja o melhor equilíbrio tonal delas!

Por experiência, sabia só ao olhar aquele enorme woofer de cone de papel, que a queima seria longa (bota longa nisso), assim como foi das duas JBL (L100 Classic e L82 Classic).

Feita a primeira audição para minhas anotações pessoais, deixei-as nas mãos do belo amplificador integrado Willsenton R8 (leia teste na edição de 289), que também estava em fase de amaciamento - e só voltei a ouvi-las após 100 horas de queima.

Os médios e agudos com 100 horas, com ajuste em flat, já se mostraram bem encaixados e já foi possível perceber que a escolha dos engenheiros em estender os médios até os 5kHz foi extremamente acertada, e o encaixe para a passagem para os agudos se mostrou suave e sem nenhum vale ou pico.

Em compensação, os graves ainda eram o 'grave de uma nota só', e os médios-graves completamente recuados. Tanto que se o revendedor mostrar a Heritage XLS 15 nesse período de amaciamento, não irá vender nenhuma! Pois realmente o que se escuta, é assustador!

Voltando para a 'sala de tortura', deixamos a Elipson por mais 200 horas, só amaciando com gravações de órgão de tubo (Fuga de Bach, noite e dia).

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Amplificadores integrados: Sunrise Lab V8 edição de aniversário (leia teste na edição 287), Krell K-300i (leia teste edição 286), e Willsenton R8 (leia teste edição de 289). Powers: Nagra HD. Pré de linha: Nagra Classic. Digital: Nagra TUBE DAC, Transporte Nagra. Analógico: Pré de phono Gold Note e toca-discos Thorens TD 1610 (leia teste edição 287). Cabo de caixa: Virtual Reality Trançado. Cabo de interconexão: Kimber Kable Carbon RCA (leia teste 4 na edição 288).

Depois de 300 horas, finalmente os graves apareceram com peso, corpo e autoridade. Faltava ainda velocidade, mas pelo menos já foi possível deixá-las na sala de teste com o sistema e ir ouvindo inúmeros gêneros musicais à medida que fechávamos os testes da edições 286 e 287.

O que nos surpreendeu nessa fase, foi que mesmo fora da posição ideal, com caixas entre elas, sua imagem, foco e recorte no centro do palco eram bastante fidedignas. Mostrando que aquele enorme gabinete tinha muito a oferecer em termos de imagem sonora, quando estivesse no ponto ideal de audição.

A velocidade nos graves levou mais 80 horas - então, meu amigo, se você for um futuro comprador dessa caixa, é bom se munir de enorme paciência e colocar na cabeça que, antes de sair mostrando sua nova caixa, serão necessárias 400 horas de queima.

Ao buscar seu melhor posicionamento, descobri outra enorme semelhança com a L100 Classic: seu posicionamento é exigente e minucioso. Caso contrário, a altura do acontecimento musical sempre será mais baixa que o ideal. Para se corrigir esse obstáculo, sugiro que se comece por estabelecer a distância entre as paredes laterais e as costas das caixas. O primeiro passo é que a reprodução nas baixas frequências seja limpa, e para que isso ocorra, elas terão que ficar entre elas a pelo menos 2 m de distância. Se atente à quantidade de toe-in possível, pois elas não gostam de um ângulo muito voltado para o centro de audição, pois perdem uma de suas maiores virtudes: uma imagem ampla em termos de largura e profundidade.

O segundo passo, enquanto os graves nos guiam à escolha da posição ideal, é a distância das paredes. Elas, pelo seu tamanho, precisam de ar. Lembre-se que elas foram projetadas para salas entre 16 a 32 metros quadrados - usá-las em espaços menores será jogar seu dinheiro fora.

No mínimo elas precisam de 70 cm das paredes laterais e 80 cm da parede às costas delas. Mas se você quer deixá-las respirar de verdade, 1 metro no mínimo de todas as paredes, dará um excelente resultado, pois irá descongestionar os planos, foco e recorte.

Sem esse minucioso posicionamento na sala, o equilíbrio tonal será prejudicado. No entanto, se feito, a Heritage SLS 15 lhe recompensará com excelentes audições.

Outra dica importante: ainda que possua um gabinete imponente, é uma caixa para se ouvir em volume 'correto', pois se você se exceder no volume, ela tende a deixar o som mais frontalizado, perdendo a magia dos planos que ela apresenta. Mas não pense que nos volumes corretos, soará fria ou sem emoção. Pelo contrário, ela possui a capacidade de reproduzir em volumes corretos a música de maneira integral e muito cativante.

Seus graves possuem autoridade, peso e deslocamento de ar suficiente mesmo em baixa pressão sonora (entre 60 e 80dB), o que possibilita longos períodos de audição sem fadiga auditiva. Mas sua magia está na região média, com um grau de transparência incrível para sua faixa de preço (50% a menos que a L100 Classic), com uma apresentação natural e riquíssima em micro detalhes. Essa característica possibilita uma apresentação pormenorizada das texturas e intencionalidades.

Os agudos são corretos, sem nunca soarem brilhantes ou fatigantes. Essa escolha tem um preço: menor sensação de ambiência. Mas antes disso do que termos que 'aposentar' parte de nossa coleção por não conseguirmos ouvir os agudos.

Os transientes são corretos, porém sem aquela precisão cirúrgica que ouvimos em caixas com woofers menores - mas nada que tire o prazer de escutarmos música com forte marcação rítmica e variação de andamento.

A dinâmica é excelente, tanto a macro como a micro, mas com o adendo de jamais extrapolar o volume da gravação, pois ainda que os fortíssimos sejam reproduzidos, o endurecimento com o aumento de volume excessivo irá estragar essa passagem.

Os amantes de corpo harmônico (como o nosso colaborador Chris Pruks), iria ter orgasmos auditivos ao ouvir essa Elipson. Pois ela realmente sabe como reproduzir o tamanho real dos instrumentos (desde que fielmente captados). Ouvindo obras sinfônicas com os naipes soando uníssonos, é um verdadeiro deleite 'ver' aquela imensa imagem sonora à nossa frente. Um excelente exemplo de corpo harmônico correto? Início do Quarto Movimento da Nona de Beethoven, com os contrabaixos tocando com arco. Nesse quesito, a Heritage XLS 15 é uma referência para qualquer caixa, independente do preço.

A materialização física do acontecimento musical dependerá sempre das melhores gravações existentes - nesses exemplos a sensação de estar acontecendo à nossa frente, será quase real!

CONCLUSÃO

Sempre, ao fechar um teste, a primeira pergunta que me vêm à mente é: A quem esse produto seria interessante? A resposta imediata é: a todo melômano que passou a vida buscando uma caixa dentro de seu orçamento e que possua sinergia com sua eletrônica (geralmente vintage ou mais de entrada). A este segmento arrisco dizer que essa caixa será o paraíso sonoro, pois ela não será exigente com seus pares, nem tão pouco seletiva ao extremo para se negar a tocar com eletrônicos mais antigos.

Mas, à medida que fui escrevendo o teste, tive que ampliar esse leque de consumidores aos que também amam válvulas - pois o casamento dela com o integrado Willsenton R8 foi magistral - como se tivessem sido feitos sob medida! Até no preço são semelhantes.

E, por fim, aos consumidores audiófilos que aprenderam a preservar sua audição e desejam uma caixa que possa lhes dar prazer em ouvir seus discos em volumes seguros, e não perder as nuances e detalhes de cada gravação.

Se você tem uma sala maior que 16 metros quadrados (o ideal seria de 20 a 25 m), e procura uma caixa com essas características descritas no teste, recomendo uma audição.

Ela pode lhe surpreender, só tenha a certeza de ouvir uma com 400 horas de amaciamento, por favor! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RQJBWZ3YXIY](https://www.youtube.com/watch?v=RQJBWZ3YXIY)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=IHE82MAVBIC](https://www.youtube.com/watch?v=IHE82MAVBIC)

AVMAG #288

Impel

marketing@impel.com.br

11 3582-3994

R\$ 16.930

NOTA: 89,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS WHARFEDALE EVO 4.4

Fernando Andrette

A cada caixa Wharfedale que recebemos para teste, temos uma sonora surpresa!

E quando pensamos na relação custo/performance de todas as séries que avaliamos até o momento (Diamond, Heritage e Elysium), fica muito nítido que esse fabricante com 90 anos de mercado quer continuar a ser reconhecido pelo seu grau de expertise e capacidade de produzir caixas acústicas altamente competitivas, e com uma relação custo/performance de alto nível.

A série EVO herdou muita tecnologia da série Elysium, como por exemplo o tweeter AMT, os dois falantes de grave de tecido duplo, o duto bass-reflex com saída controlada para baixo, para um maior controle de graves, e um gabinete baseado também na série top de linha.

O modelo EVO 4.4 é o top dessa série, e ainda que seja uma caixa com 23 kg, mais de 1 metro de altura, 25 cm de largura e 35 cm de profundidade, é uma caixa que não se torna imponente, ainda que esteja em salas de 15 metros quadrados.

O que chama a atenção é seu acabamento e a qualidade final dos quatro falantes. O fato do gabinete ser curvado, o deixa muito mais slim do que na verdade é. O gabinete da série EVO tem muito da série Elysium, como as camadas que misturam aglomerado macio e camadas mais rígidas de MDF. Esse composto tem como objetivo cancelar ressonâncias, e melhorar o efeito da transferência de ressonância de uma parede para a outra, internamente. Para isso se usa o recurso de colocar nas paredes suportes estrategicamente estudados para eliminação disso, sem secar demais o gabinete.

Para drenar a energia de baixa frequência, o duto fica na base do gabinete e, para isso, foi criado um suporte especial que separa o gabinete dessa base apenas por alguns centímetros, mas o suficiente, segundo o fabricante, para permitir que as baixas frequências respirem sem o efeito sopro existente em muitos projetos que utilizam dutos na frente ou nas costas das caixas.

A unidade de agudos AMT de 30 x 60 mm, utiliza uma maneira radicalmente distinta de mover o ar, quando comparada com um tweeter de domo. Um diafragma grande e leve plissado é acionado em sua superfície por fileiras de ímãs estrategicamente posicionados. Com isso o diafragma está sempre alinhado e, como resultado, permite uma ampla largura de banda e de fase, com muito baixa distorção.

Para trabalhar em conjunto com o tweeter AMT, os engenheiros desenvolveram um driver de médio de domo macio de 2 polegadas, muito leve, rápido e também com ampla largura de banda, graças a uma câmara traseira amortecida. Esse arranjo criativo permite que



esse falante de médios trabalhe de 800 Hz a 5 kHz. Essa solução foi usada para permitir que o conjunto médio de domo macio e tweeter AMT sejam eficientes para uma maior precisão, rapidez na resposta de transientes e ampla dispersão, sem perda de detalhes, mesmo se você estiver muito fora do sweetspot (ponto ideal de audição).

Os dois falantes de graves da EVO 4.4, de 6.5 polegadas, são equipados com cones duplos de kevlar com uma borda de borracha de baixa perda, proporcionando uma resposta de ampla largura de banda com uma resposta de graves precisos e poderosos, e uma resposta de médios-graves ultra linear.

O crossover utiliza capacitores de polipropileno de alta qualidade, e indutores laminados de silício-ferro e núcleo-ar, utilizados para evitar interferência eletromagnética em uma placa de circuito modelada por computador para ajustar e garantir a resposta mais linear possível, sem vales ou picos entre os falantes.

Segundo o fabricante, todo esse cuidado e esforço no desenvolvimento do projeto resultou em uma sensibilidade de 89 dB, 8 ohms de impedância e resposta de 44 Hz a 22 kHz, com cortes no crossover em 1.4 kHz e 4.7 kHz.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Amplificadores integrados Krell K-300i, Sunrise Lab V8 Edição de Aniversário, e o valvulado Willsenton R8 (leia Teste 1 na edição 289). Os cabos de caixa foram Virtual Reality Trançado, e o Dynamique Audio Apex. Fontes digitais: Streamer Innuos ZENmini Mk3, dCS Bartok, e transporte Nagra com TUBE DAC Nagra. Fonte analógica: toca-discos Thorens TD 1610 e Origin Live Sovereign com braço Enterprise C, e cápsula ZYX Ultimate Astro G. Cabos digitais: Crystal Cable AES/EBU Absolute Dream, e Dynamique Audio Apex (leia teste na edição 290). Cabos de interconexão: Sunrise Lab Quintessence Edição de Aniversário (RCA e XLR), Dynamique Apex (XLR) e Kimber Kable Carbon.

A caixa veio com apenas 40 horas de amaciamento, então fizemos apenas aquela rápida primeira impressão, com os discos da CAVI, e a colocamos para amaciar junto com o R8, que também chegou praticamente zerado.

O que ficou desse primeiro contato foi o mesmo DNA sonoro de todas as caixas atuais da Wharfedale: um grau de conforto auditivo maravilhoso, em que você pode tranquilamente ir apreciando cada melhora no amaciamento sem sair da sala ou deixar de ir descobrindo como seus discos de referência irão soar nela, à medida em que as pontas ganhem extensão e a região média e encaixe entre os médios altos e os agudos.

Com 100 horas voltamos a escutar primeiro com o integrado da Krell, que estava se despedindo e indo para o seu feliz dono, e

podemos perceber o quanto a EVO 4.4 se adapta a diferentes topologias e assinaturas sônicas tão distintas, como do Krell, do V8 e do R8.

E isso é altamente positivo, pois compatibilidade é algo que preocupa muito os nossos leitores que não conseguem ouvir antes de definir a compra.

Pois por mais que a lei do consumidor permita a desistência, todos que já passaram por esse 'perrengue' de ouvir uma caixa que não casou com sua eletrônica, sabem o que significa reembalar uma caixa acústica e despachar novamente o produto. Ninguém deseja passar por isso, então um dos itens essenciais hoje é o nível de compatibilidade de uma caixa com diversas topologias. E nesse quesito a EVO 4.4 é matadora!

Ainda que com 100 horas os agudos tenham se estendido o suficiente até para observarmos a ambiência das gravações, os graves pareciam ainda estar com o freio de mão puxado.

Sabe como sabemos que falta amaciamento nos graves? Quando ouvimos dois instrumentos tocando em frequências próximas, como por exemplo 60 Hz e 80 Hz, e ainda assim temos dificuldade de entender quem é quem. Existem várias gravações para nos ajudar a saber, mas eu indico gravações de dois contrabaixos da Telarc, do baixista Ray Brown, que são ótimas, pois se os harmônicos dos dois instrumentos parecerem ser um instrumento só, e não se trata de uma deficiência da caixa, o amaciamento dos graves ainda não chegou lá.

E foi exatamente o que ocorreu nesse caso, e o que nos fez colocá-la por mais 100 horas para os woofers se soltarem por completo. Dito e feito, com duzentas horas os dois baixos puderam mostrar seus solos sem tudo soar como um baixo só e com baixa inteligibilidade. Pudemos então ouvir a EVO 4.4 e todas as 80 faixas de nossa Metodologia.

Seu equilíbrio tonal é muito correto, e o mais interessante é que não chama a atenção para a caixa, jogando luz onde não existe, ou adicionando 'testosterona sonora' nos graves.

Então o que teremos é o que a fonte entrega, assim como a eletrônica.

E isso é bom? Na minha opinião é excelente, por esse preço.

A região média é absolutamente transparente na medida certa e seu casamento tanto com o médio/grave como com o tweeter é muito bem feito. Realmente os engenheiros entregaram o que prometeram!

O soundstage, em termos de 3D é excelente, mas para esse resultado será preciso, paciência no ajuste fino do posicionamento, sendo criterioso em manter o mínimo de 2 m entre as caixas para um palco coerente e coeso sem lacunas, e respiro de pelo menos 60 cm das paredes laterais, e da parede às costas ao menos os mesmos 60 cm. ►

ÁUDIO

Mas não pense que pelo duto ser para baixo, você vai poder encostar as caixas na parede, pois se você o fizer, os graves vão embolar.

A largura e altura de palco são maiores que a profundidade, mas com jeito e pouco toe-in (na nossa sala gostamos mais delas com apenas 15 graus), música clássica teve foco e recorte suficientes para uma orquestra sinfônica soar com um respiro decente entre os naipes da orquestra.

Com um equilíbrio tonal tão correto, obviamente as texturas serão muito favorecidas. E com um médio com tanta transparência e detalhamento, as intencionalidades foram de caixas custando o dobro da EVO 4.4.

Se você é um fã incondicional como eu de texturas, mas o orçamento é justo, meu amigo ouça essa caixa, - ela pode te surpreender com o grau de refinamento com que as texturas são apresentadas.

Outro ponto alto delas é sua resposta de transientes. A pulsação de tempo e ritmo, além de correta, possui uma precisão de caixas muito mais caras. Nosso maior exemplo desse quesito é a faixa 5 do disco *Canto das Águas* do André Geraissati - é osso duro de reproduzir, pois muitas vezes um vacilo na precisão dos transientes e o resultado é uma apresentação confusa do tempo e andamento. A EVO 4.4 não vacilou uma só nota em mostrar a progressão e variação de tempo e a precisão na digitação das notas. Perfeito!

Não tenho dúvida que grande parte desse mérito é do falante de 2 polegadas de domo de seda de médio dessa caixa.

A micro dinâmica é do mesmo nível dos transientes, e a macro surpreende pela capacidade de nos dar deslocamento de ar e peso sem a caixa perder o fôlego ou clipar. Falo de volumes corretos, é claro. Mas a EVO 4.4 não se omite em mostrar com a cabeça erguida as variações em detalhes do pianíssimo ao fortíssimo. Os melhores exemplos para mim ainda continuam sendo: *Concerto para Piano & Orquestra* de Bartok, *Sagração da Primavera* de Stravinsky, e *Sinfonia Fantástica* de Berlioz. Certamente cada leitor tem suas gravações preferidas para esse quesito, mas eu utilizo essas três para o fechamento de nota, pelas peculiaridades de cada uma dessas obras, pois elas mostram formas diferentes de se atingir o 'clímax musical' de maneiras muito distintas, e todas com um grau de criatividade e técnica musical exuberante.

O corpo harmônico na EVO 4.4 se não é o ideal, está muito próximo dele. O que falta então? Na minha opinião é muito mais uma limitação física da caixa pelo seu tamanho, do que outra coisa. Pois na Elysium 4, este quesito foi retratado com um grau de realismo impressionante. E como a EVO 4.4 tem muitas semelhanças com a série acima, acho que se um dia a Wharfedale lançar uma 4.6, talvez tenhamos a resposta.

O importante é que, em termos proporcionais, a apresentação do corpo harmônico é bastante coerente, então o ouvinte não correrá o risco de ouvir uma viola e ficar na dúvida se não pode ser um cello.

Organicidade: aqui com os três integrados usados e as fontes digitais e analógicas, nas gravações primorosas a EVO 4.4 não teve a menor dificuldade de materializar o acontecimento musical. Se você é um fã de ouvir o acontecimento musical à sua frente, ela novamente entrega o que promete.

CONCLUSÃO

Vou parecer repetitivo, mas a conclusão é a mesma das outras caixas deste fabricante que testei recentemente: como eles conseguiriam tamanho resultado custando o que custam?

Ser feito na China só responde parte da pergunta, pois o principal será sempre o grau de performance, e nesse quesito todas que testamos são referência absoluta em suas classes.

Para quem busca uma caixa de porte médio para uma sala de até 25 metros quadrados, possui um bom integrado e uma fonte de alto nível (seja CD, Streamer ou analógico), tem um gosto eclético e exige refinamento e conforto auditivo gastando o menos possível na compra de uma caixa acústica, meu amigo, não ouvir a Wharfedale EVO 4.4 pode ser um grande erro. Tanto para o seu bolso, quanto para suas expectativas auditivas.

Pois sua musicalidade e compatibilidade com distintas eletrônicas, a colocam no topo das opções! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DSGEB61WXDA](https://www.youtube.com/watch?v=DSGEB61WXDA)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=-TFPRDU8944](https://www.youtube.com/watch?v=-TFPRDU8944)

AVMAG #289

KW HiFi

fernando@kwhifi.com.br

(11) 95442.0855 / (48) 3236.3385

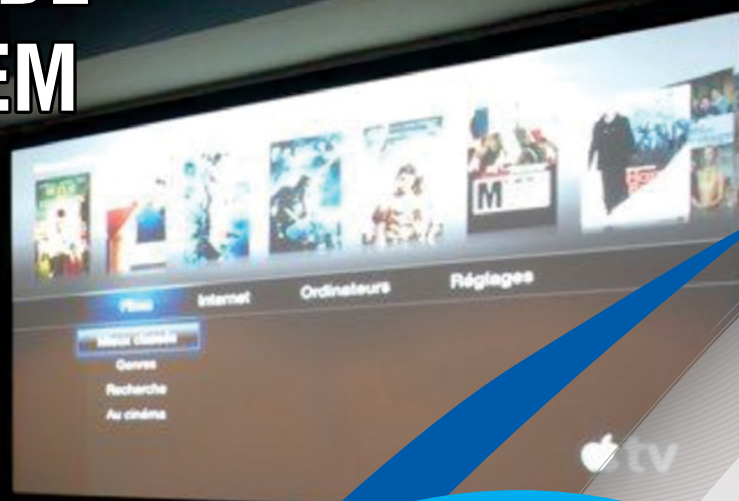
R\$ 16.920

NOTA: 90,5



ESTADO DA ARTE

A SEGURANÇA DE SEU SISTEMA EM SUAS MÃOS.



ACF 1800

Dedicado a automação residencial

Através da sua porta de comunicação RS 232 é possível fazer remotamente leituras de parâmetros da rede elétrica, ligar ou desligar equipamentos, ativar função antitravamento de rede com temporização para reinício seguro, configuração individual de funções, controle luminosidade, brilho, entre outras.

Com potência de 1800 W, possui tomada USB e seus circuitos de proteção e filtragem controlados por processadores de última geração garantem energia controlada e ganhos no áudio e no vídeo.

UPS AI
sistemas de Energia

📱 @upsai.oficial

www.upsai.com.br

vendas@upsai.com.br | 11 2606.4100

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS JBL L100 CLASSIC

Fernando Andrette



Eu tinha certeza que, no momento em que avaliasse a JBL L100 Classic, seria tomado por um misto de curiosidade e saudosismo, pois eu sou justamente da geração que teve ou conheceu amigos que tiveram em suas salas, nos anos setenta, um par de JBL L100 Century em seus sistemas.

E posso garantir que, entre os mais jovens, era a caixa preferida para ouvirmos os discos que amávamos e nossos pais odiavam.

No entanto, entre os clientes de meu pai (todos com mais de quarenta anos), era a caixa a ser contestada ou, para os mais 'ortodoxos', odiada - pois representavam uma ruptura com as caixas hi-end da época, que dominavam o cenário audiófilo: as caixas Klipsch. Os gigantes armários de canto, o terror das esposas que viviam se incomodando com a poeira acumulada em volta das caixas, e a dificuldade de movimentá-las para se tirar tufo de sujeira e teias de aranha.

Lembro-me de alguns clientes, na tentativa de acalmar suas esposas, deixavam até que um vaso de samambaia ou adereços de louça

fossem colocados para quebrar um pouco com aquele enorme 'móvel' de canto vazio.

E presenciei algumas cenas cômicas, como quando uma porcelana chinesa despencou do alto da caixa do canal direito, ao anfitrião se empolgar com a abertura de Carmina Burana, de Carl Orff.

E, cada vez que eu ia na casa de um amigo cujo pai amava os Beatles, eu voltava para casa sonhando em convencer meu pai a investir em um par de JBL L100 Century. Tentei até o apoio do meu irmão mais velho para ajudar-me, mas foi em vão! Meu pai tinha sólidas convicções, e nunca foi fã de nenhuma caixa da JBL.

Quando eu lhe perguntava o motivo, ele sempre me fitava profundamente, e calmamente me dizia: "não irei investir em uma caixa que não toque bem os gêneros musicais que aprecio". E eu sempre respondia, mentalmente: "Invista para fazer seus filhos que amam rock felizes".

Interessante que, nos anos oitenta, por duas vezes tive a possibilidade de comprar essa caixa e, ao ouvir em meu sistema, tive que con- ▶

ÁUDIO

cordar com meu pai que ela não havia sido feita para todos os gêneros musicais, e aí desisti da ideia e nunca mais pensei na possibilidade.

E, 50 anos depois, cá estou eu sentado em nossa Sala de Refeição olhando para a versão 'século 21' desta caixa - cujo modelo original foi o mais vendido de toda a história da JBL!

Se meu pai estivesse vivo, certamente eu o traria para ouvir o que os engenheiros fizeram para tornar este modelo 'clássico' uma caixa surpreendentemente atualizada.

Então, eu não irei bater na tecla do 'vintage revisitado', pois ao ouvir e testar a L82 Classic (leia teste na edição 281), eu percebi que o que restou dos modelos originais foi apenas o estilo e o design (para servir de atração a um público admirador de um estilo 'retrô'), mas que em termos de performance nada lembra os modelos originais.

E isso é o mais interessante, pois temos uma versão digna de competir com modelos e marcas atuais e perceber que os engenheiros da JBL fizeram a leitura correta de como precisa soar uma caixa hoje, hi-end. Se a L82 Classic já havia nos surpreendido com sua performance e uma qualidade impressionante para uma book na reprodução do corpo harmônico e dos graves, tinha uma ideia do que esperar da nova L100 Classic.

Mas ela extrapolou todas as minhas expectativas, e se tornou uma das caixas que mais prazer temos em colocar com inúmeros amplificadores, para ver como ela responde a assinaturas sônicas tão diferentes. Imagine que, desde que ela chegou (final de fevereiro), já a ouvimos com todos os powers e integrados que aqui estiveram. E seu grau de compatibilidade foi simplesmente estonteante.

Adorei mostrar sua performance para amigos músicos, audiófilos novos e mais velhos, e ver estampado em seus rostos como soam equilibradas e capazes de uma performance dinâmica de colunas muito maiores e mais caras!

O maior desafio das novas L100 Classic é agradar com seu design anos setenta pessoas que estão acostumados a colunas esbeltas, com acabamento laca de piano, ou gabinete de madeira com camadas e mais camadas de verniz - e olhar para a JBL com seu acabamento despojado e um tamanho desajeitado, que nem podemos chamar de coluna e menos ainda como de book, e esperar que sejam bonitas aos olhos.

Então, o primeiro desafio da L100 Classic é conquistar aqueles em que a primeira impressão será de puro estranhamento.

O segundo desafio é ter em mente que será imprescindível o uso do pedestal diferenciado para que o soundstage tenha a altura correta, pois se a deixar direto no chão, como muitos a usavam nos anos setenta, toda a imagem sonora será baixa, como se os músicos

estivessem tocando sentados no chão (mas que jovem se preocupava com a altura da imagem sonora nos anos setenta?).

E, o terceiro desafio para ela conquistar os resistentes, será ter uma sala que permita que elas respirem e os graves não fiquem embotados.

Mesmo o gabinete sendo semelhante ao modelo original, ele não é idêntico. Para se atingir a performance desejada, os engenheiros recorreram a algumas mudanças na litragem da caixa, reforços internos para matar ressonâncias indesejadas, um novo folheado de Nogueira para as laterais e o fundo, e o painel frontal pintado em preto fosco.

Na nova versão, o tweeter de 1 polegada é de domo de titânio e está acoplado a um guia de ondas rasa, com uma lente acústica à sua volta. O imã de ferrite do tweeter é bastante robusto, com pouco mais de 3 polegadas de diâmetro, para que sua capacidade de absorver e transferir calor seja mais eficiente que os de neodímio. O falante de médio possui cone de celulose revestido de polímero para maior rigidez, de 5,25 polegadas. E o falante de grave de 12 polegadas tem um cone de polpa pura, que é mantido no lugar por uma grande estrutura de alumínio fundido e uma bobina de 3 polegadas. O falante de graves pesa quase 10 quilos!

O crossover utiliza 15 componentes com alguns capacitores eletrolíticos muito grandes, resistores e indutores de núcleo de ar, e um único indutor de núcleo de ferro. Os cortes são em 450Hz e 3,5kHz, em um filtro de segunda ordem, exceto para o tweeter que utiliza um filtro de terceira ordem.

O duto enorme bass reflex está na frente da caixa, ao lado do falante de médio. E acima do duto temos o atenuador de médio e agudo, que vão de -1 a +1 dB (deixamos todo o tempo de teste os atenuadores em 0 dB, sendo que apenas para acelerar o amaciamento usamos os atenuadores em +1 dB).

O gabinete usa um defletor frontal de 1 polegada e os laterais e de fundo de 3/4 de espessura, com um reforço no meio do gabinete em forma de V, para maior rigidez e travamento do gabinete. Todo o gabinete internamente está revestido com amortecimento tipo Dacron.

Lembrando o modelo original, a JBL em vez de telas de tecido usa o famoso Quadrex: uma espuma como tela de proteção, que tem as opções de cores preta, laranja e azul. Sequer tiramos, na montagem, essa espuma da embalagem, pois fizemos o teste na L82 Classic e vimos que não é possível ouvir seriamente com essa tela.

Na parte de trás, no meio do gabinete, temos os terminais de caixa que, na minha opinião, poderiam ser de melhor qualidade, pois quando usamos cabos tipo forquilha, apertar com as mãos é praticamente impossível e estava totalmente fora de cogitação usar um alicate para fazer o devido aperto, pois o alicate iria marcar os bornes. Se eu fosse dono de uma L100 Classic atual, certamente trocaria esses bornes imediatamente.

Esse foi o único 'pênalti' em minha opinião!

Para o teste, a Mediagear nos mandou os pedestais adequados, que inclinam a caixa para um melhor ajuste do ponto ideal de audição. Aprovamos integralmente o uso desse pedestal, e acho que será a melhor solução para quem adquirir a JBL.

O par do pedestal sai menos de 4 mil reais! Mas se você tiver habilidades manuais, pode também fazer seu próprio pedestal, lembrando-se apenas que as caixas pesam quase 27 kg e os graves são poderosos, então o material do pedestal deverá ser muito bem pensado e planejado.

As especificações das caixas, segundo o fabricante, são: resposta de frequência de 40Hz a 40kHz (-6 dB), sensibilidade de 90 dB, potência máxima admissível de 200 Watts, impedância de 4 ohms. Altura de 67 cm, largura de 39 cm e profundidade de 37 cm.

Para o teste utilizamos os seguintes integrados: Gold Note PS-1000, Arcam SA30, Krell 300i, Stereo 130 Leak, e Sunrise Lab V8 Anniversary. Powers: Goldmund Telos 2500, Nagra HD AMP e Classic. Cabos de caixa: Dynamique Halo 2 e Apex, Sunrise Lab Quintessence Anniversary, e Virtual Reality Trançado. Fontes digitais: Mark Levinson No.5101 (leia Teste 1 na edição 285), Nagra Transport CDP, Nagra TUBE DAC, e MSB Reference. Fonte analógica: pré de phono PH-1000 Gold Note, toca-discos Origin Live Sovereign com braço de 12 polegadas Entreprise Mk4, e cápsulas Hana Umami Red e ZYX Ultimate Omega G. Pré de linha: Nagra Classic. Streamer: Innuos ZENmini Mk3.

Como já havíamos passado pelo desespero que foram as primeiras 100 horas de amaciamento das L82 Classic (beiram o inaudível os agudos, caro leitor), fizemos uma primeira impressão de apenas quatro faixas, verificamos o mesmo que na L82, e colocamos a L100 para 100 horas direto sem intervalo no amaciamento. Depois ligamos no Gold Note já em fase final de teste, e verificamos que não era apenas o tweeter que necessitava demais tempo, os médios (que a L82, não tem), também careciam de pelo menos mais 100 horas.

Então, amigo leitor, esteja munido de paciência, que aquele brilho e dureza irão depois de integralmente amaciados dar lugar a uma timbragem extremamente natural e tudo irá se encaixar. Mas, antes de pelo menos as duzentas horas, não haverá como sentar e ouvir por horas essa caixa.

Com 210 horas, finalmente os médios recuaram e se encaixaram perfeitamente entre os graves e o tweeter. Fazendo com que o interesse a cada novo disco fosse se ampliando. Não é a caixa mais transparente e detalhista, mas sua naturalidade e facilidade em mostrar gravações mais complexas é muito convincente.

Com os atenuadores em 0 dB nunca irão aparecer agressivos, duros ou brilhantes. A região média possui uma folga e presença que nos cativa, e os graves a partir de 230 Hz ganham um conforto, corpo, energia e deslocamento de ar que nos anima a buscar gravações que sejam ricas em baixas frequências.

Foi a hora de ouvir todos Marcus Miller, Brian Bromberg, Patricia Barber, e revisitar nossa coleção de LPs de rock progressivo dos anos setenta (comecei pelo álbum ao vivo Genesis Live, uma gravação tecnicamente limitada, mas que tem uma importância emocional em minha formação musical na adolescência, enorme!).

Impressionante como a L100 (permita-me abreviar), conseguiu descongestionar a região média, repleta de compressão, e nos dar um grau de inteligibilidade com precisão rítmica e nos passar um pouco da energia do palco e da plateia naquela noite! Não foi a audição com mais folga que fiz deste disco, mas tinha um apelo em termos de 'vivacidade' que deixou claro que essa seria uma das qualidades dessa JBL.

Outra característica: ela gosta de ser levada a tocar alto, e responde com enorme desenvoltura. De forma objetiva, diria que não é uma caixa com enorme extensão nas pontas - mas até onde ela responde, o faz com critério e muita autoridade! Você não vai ver ela desandar, ou engasgar em passagens complexas, pois ela sempre dará um jeito de se 'enquadrar' ao desafio imposto, e com isso ela vai nos conquistando e nos levando a propor novos desafios, com outros gêneros musicais.

E, ao contrário do modelo dos anos setenta, ela toca - e bem - qualquer gênero musical proposto. Mas os amantes de rock, blues e pop, esses se sentirão realizados, acreditem. Pois as L100 não se sentem intimidadas, nem mesmo com as gravações mais sofríveis tecnicamente.

Quem tem os primeiros LPs da cantora inglesa Kate Bush, sabe o quanto os engenheiros estragaram suas belas canções. É uma quantidade de compressão injustificável para os arranjos, fazendo com que tudo soe escuro, embolado, com baixa inteligibilidade. Nenhuma caixa ou eletrônica corrige erros tão insanos, mas a JBL L100, como diria meu pai: "come pelas bordas" sem revirar demais o centro, e com isso conseguimos ouvir aquela 'massa batida no liquidificador' e curtir o disco.

É como ouvir uma melodia que amamos em um elevador, mas com um pouco mais de qualidade. E quando isso ocorre, nos surpreendemos e nos sentimos gratos por aquele momento inesperado!

O soundstage da L100 é muito bom, mas não espere excelência em termos de foco, recorte e planos (principalmente no quesito altura). Novamente o que temos é um arranjo bem feito, que nos transmite o

ÁUDIO

conceito, em termos de posicionamento, mas nada repleto de precisão como em muitas caixas em que podemos ver com exatidão o recorte em volta do solista.

As texturas são surpreendentes, e talvez sejam uma das maiores proezas das L100. Ouvi três discos do Hendrix, dos dois lados, só para curtir o grau de pressão intencional que Jimi imprimia nos seus solos. A melhor saturação em termos de distorção, que nenhum outro guitarrista atingiu! A quantidade de distorção e pressão no volume imposto aquela parede de amplificadores Marshall, é para nos fazer desistir, em inúmeras caixas hi-end, de sequer ouvir o solo todo.

Mas não na L100. Novamente ela nos mostra a soma do todo, sem buscar detalhar as nuances e com isso nosso foco fica preso ao momento, sem o cérebro querer esmiuçar como aquilo está sendo feito.

Um amigo, ao ouvir a L100, fez a interessante observação: “ouvir música nessa caixa é como estar faminto - não pensamos no que estamos colocando no prato, apenas queremos saciar a fome!” Então, se ela não nos apresenta com precisão total a paleta de cores dos instrumentos, ela nos coloca em contato com a resultante do todo, e como aquelas texturas em conjunto se comportam.

Os transientes são incisivos, precisos e contagiantes! Nada soar letárgico ou sem graça na L100, absolutamente nada. Parece até que está sempre ‘antenada’ 100%.

Para o seu tamanho, sua apresentação de macrodinâmica pode ser um puxão de orelha para muita caixa hi-end caríssima, mas que nunca se sujeita a colocar o ‘pé na lama’. Ela se mostrou tão ousada, que a desafiei a reproduzir a Abertura 1812 de Tchaikovsky, e quem quase morreu de susto com os tiros de canhão fui eu, e não ela. Temi por sua integridade, e cheguei a imaginar o cone de 12 polegadas se espatifando à minha frente. Que nada! Orgulhosamente ela passou pelo teste e ainda pediu bis! (que não dei, claro).

O corpo harmônico dessa caixa deveria ser estudado com afinco. Pois, pelas suas dimensões, não deveria ser tão ousada e determinada! Órgãos de tubo, tímpanos, contrabaixo, piano, harpa, foram reproduzidos com total fidelidade do que se conseguiu na captação, sem tirar e nem por.

Quanto à materialização física do acontecimento musical, pela sua maneira de resolver a menor transparência, o resultado será mais um esboço etéreo do que a apresentação ali na nossa frente. Mas mesmo este esboço é bastante sedutor, pois nos faz novamente nos mantermos ligados ao todo, e não aos detalhes.

Eu não tenho nenhum problema em trocar essa materialização pelo prazer em estar ali em frente a música na sua integridade. Mas sei de leitores que, junto com soundstage, essa materialização é essencial! A esses, certamente a L100 não será sua caixa!

CONCLUSÃO

É preciso lembrar que nunca haverá a realização plena da reprodução eletrônica. Sempre haverá perdas e ganhos, pois nenhum equipamento é perfeito! Então é sempre preciso colocar as questões em suas devidas perspectivas.

Para quem a L100 Classic pode ser a caixa ideal? Para todos que possuem uma sala de mais de 20 metros quadrados, possuem um sistema minimalista (de preferência um excelente integrado) e gosta de ouvir suas músicas de forma convincente com muita energia, deslocamento de ar, peso, precisão rítmica e de tempo, e que consiga resolver de forma ‘palatável’ gravações tecnicamente limitadas. Ouvintes que não queiram a transparência absoluta e sim a música o mais íntegra possível. Ainda que tenham que abrir mão de certos ‘adornos’ que para outros são fundamentais. Pessoas (como disse meu amigo), famintas por audições que os levem a revisitar sentimentos e pensamentos que lhe são caros!

Se você se enquadra nessa descrição, ouça com muita atenção a JBL L100 Classic (mas por favor tenha absoluta certeza de estarem amaciadas integralmente!). Em um bom integrado e com uma fonte correta, ela pode ser o ‘elo’ entre seu sistema e você!

Pontes muitas vezes nos levam a lugares inusitados. A L100 Classic pode perfeitamente ser essa ponte para inúmeros dos nossos leitores. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=O4HDHKMYCZO](https://www.youtube.com/watch?v=O4HDHKMYCZO)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=KDL2WYJCMSQ](https://www.youtube.com/watch?v=KDL2WYJCMSQ)

AVMAG #285
Mediagear
contato@mediagear.com.br
(16) 3621.7699
R\$ 45.000

NOTA: 92,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS MONITOR AUDIO GOLD 300 SÉRIE 5

Fernando Andrette



A última caixa que eu testei da Monitor Audio foi da série Platinum, faz um bom par de anos. Portanto eu não poderia rejeitar o envio para teste do modelo top da linha Gold, o 300 série 5, modelo que utiliza muitos os recursos da série Platinum em seu desenvolvimento.

Atualmente, a nova série Gold possui uma book modelo 100, a torre menor modelo 200, o canal central modelo 250, a caixa surround modelo FX, o sub W12, e a torre maior 300.

Segundo o fabricante, a Gold 300 série 5, foi projetada para oferecer uma verdadeira experiência audiófila e, para isso, utilizou a tecnologia dos drivers utilizados na série Platinum II. Em um gabinete com excelente acabamento, temos uma caixa de três vias como dois woofers de 8 polegadas feitos de RDT II (tecnologia proprietária de diafragma de alumínio fundido para maior rigidez e amortecimento), um falante de médio de 2 polegadas e meia C-CAM (Ceramic Coated Aluminium

Magnesium) feito de um material extremamente leve e rígido, e um tweeter de baixa massa MDP (Micro-Pleated Diaphragm) com uma área de superfície oito vezes maior que uma cúpula de um tweeter tradicional. Esse tweeter tem uma resposta muito plana e pode responder (segundo o fabricante) até 100 kHz!

Também segundo o fabricante, esses avanços alcançados nesses drivers utilizados na série Platinum, são os de menor distorção na história da Monitor Audio, com quedas de mais de 8dB acima de 300 Hz.

O gabinete é de MDF de 18mm de espessura com dois dutos nas costas do gabinete para a resposta de baixa frequência. O fabricante disponibiliza quatro acabamentos: preto brilhante piano, branco acetinado, nogueira escura, e ébano piano. O gabinete em cima utiliza couro sintético, o que se mostrou bastante útil na hora de posicionar as caixas e evitar as marcas difíceis de remover em laca de piano preto. A

ÁUDIO

tela é presa com ímãs por de trás do gabinete, mas que tiramos após todo o amaciamento delas.

A Gold 300 pode ser bi-cablada ou bi-amplificada. Os spikes, além de bem acabados, são bastante eficientes em termos de dar estabilidade a caixa, são de alumínio fundido em forma de X, que se conectam a cada base do gabinete. Todas as chaves para a montagem dos spikes estão inclusas, o que facilita o trabalho do usuário.

O fabricante sugere ao menos 70 horas de amaciamento. Esqueça! Pois para realmente extrair todo o potencial da caixa, serão precisos no mínimo 200 a 300 horas. Pois se você ouvir as caixas com apenas as 70 horas indicadas, sua frustração será grande, acredite!

No manual, que está também em português, o fabricante dá uma boa referência de posicionamento das caixas na sala, que pode ser bastante útil como ponto de partida. Eles falam, por exemplo, que as caixas devem ficar equidistantes pelo menos 1,80m entre elas, podendo chegar até 3m. Que o ideal é mantê-las em um perfeito triângulo equilátero, com pouco toe-in e uma distância mínima de 50 a 90cm das paredes laterais, e pelo menos 1m das paredes as costas. Constatamos serem corretas essas medidas, pois essas caixas precisam de respiro em relação a sala para darem o seu melhor.

Para o teste, utilizamos os seguintes equipamentos. Amplificação: integrados Line Magnetic 219IA (leia Teste 2 na edição 290) e Roksan Atessa (leia teste na edição 290), e nosso Sistema de Referência. As fontes digitais foram: dCS Rossini Apex (leia Teste 1 na edição 290), Nagra Transporte e TUBE DAC. Fonte analógica: toca-discos Origin Live com cápsula ZYX Ultimate Astro G, prés de phono Gold Note PH-1000 e Rega Aura (leia teste na edição 291). Cabos de caixa: Dynamique Audio Apex e Virtual Reality Trançado.

Ao fazermos o primeiro contato auditivo, nossas impressões foram desanimadoras. Então, muito cuidado se você for 'afoito' e desejar mostrar aos amigos sua nova aquisição. É a típica caixa em que faltará tudo em ambas as pontas. Como passei isso com a Platinum quando testei, não foi nenhuma novidade para mim que isso ocorra.

Mas ao ler o manual, tinha esperança que o tempo de queima pudesse ter diminuído. Ledo engano, afinal os drivers são similares, então o óbvio é que as 300 horas seriam necessárias novamente. Para aliviar um pouco, as Gold 300, a partir das 100 horas, já estarão com os graves menos 'engessados' e os agudos já com um pouco mais de extensão. O que já permitirá, ao menos, ficar na sala acompanhando sua evolução.

Sugiro a velha técnica de amaciamento, para que as 300 horas passem o mais rápido possível: uma caixa de frente para a outra, com apenas 4 dedos separando-as, uma caixa com os polos invertidos e a outra a polaridade correta, streamer nelas, 24 horas por dia, por

duas semanas, a volumes de 80 db de dia e 60 dB de noite, com um edredom cobrindo ambas. Utilizo essa técnica há 30 anos - é a única maneira de passarmos por essa fase sem maior stress.

Depois de 240 horas, voltamos a caixa para nossa sala de testes, e eis que ela finalmente começou a mostrar suas qualidades. O médio alto encaixou nos agudos, e o médio grave ganhou corpo. Ainda sentimos falta de uma fundação mais bem recortada e definida nos graves, mas nos agudos já foi possível observar a beleza desse tweeter com sua doçura e decaimento suave.

As ambiências ainda soaram tímidas e homogêneas, mesmo em salas bem distintas em termos de acústica e volume cúbico, mas já estavam presentes.

Muitas pessoas desconhecem a beleza de um sistema apresentar a ambiência das gravações, porém quando passam a poder observar em seus sistemas como cada gravação possui sua própria ambiência (seja ela da própria sala de gravação ou feita por reverberação digital), não abrirão mais mão desse recurso. Pois a música também precisa respirar, para soar livre e mostrar seus decaimentos intencionais corretamente. Afinal música não é gravada em câmaras anecóicas, correto?

E nosso cérebro não se engana se uma gravação soar sem ambiência e respiro. Principalmente ao ouvir pratos, metais e vozes.

As últimas 60 horas, deixamos a Gold 300 na sala de testes, hora ligadas ao Line Magnetic e hora ao Roksan Atessa, pois ambos também estavam em processo de amaciamento.

A região média da Monitor Audio é muito transparente, porém na medida certa, sem nos fazer ficar o tempo todo perdendo a música para se prender a detalhes. Soa com bom grau de naturalidade e conforto auditivo, seja com poucos instrumentos ou com muitos.

Para você saber o quanto é boa e plana a resposta da região média, onde quase tudo de mais importante ocorre na música, você deve ouvir a caixa que deseja comprar, em volume baixo (entre 50 e 65 dB) e em volume normal (entre 65 e 80 dB de pico). E comparar o grau de inteligibilidade da caixa em volume baixo e normal. Se em volume baixo, algo se perder ou ficar borrado, desconfie do equilíbrio tonal e da relação sinal/ruído da caixa.

Agora se a inteligibilidade for correta em ambas as situações, bingo! A Gold 300 passou nesse teste com méritos.

E, com as 300 horas, finalmente pudemos posicionar as caixas para iniciarmos as avaliações auditivas. Na nossa sala ela ficou a 1.64 m da parede às costas das caixas, 1.20m das paredes laterais, e 4 m de distância de tweeter à tweeter. Com elas paralelas às paredes laterais sem nenhum toe-in. Nessa posição, as Gold 300 tiveram o respiro que

elas tanto exigem e precisam para soarem descongestionadas e com uma bela holografia sonora.

Fiquei surpreso em ver o quanto ela preencheu a sala, o que não é comum para caixas deste porte. Ela, ainda que possua 90 dB de sensibilidade, e possua uma impedância de 4 ohms (3.5 ohms mínimo), segundo o fabricante ela gosta de estar sendo empurrada com mais Watts (o fabricante fala de no mínimo 100 Watts). Com o Roksan Atessa e o Nagra HD, ela se sentiu realmente dentro de uma enorme zona de conforto, para mostrar todos os seus dotes.

Seu equilíbrio tonal, depois dela integralmente amaciada, é muito correto, com graves bem definidos, com bom peso e deslocamento de ar. E os agudos são de uma suavidade inebriante e de alto conforto auditivo.

O seu soundstage é exemplar, tanto em termos de largura, profundidade como altura, mantendo os planos estáveis, mesmo em passagens complexas e com grande variação dinâmica. O foco e recorte são precisos, e depois de 300 horas de queima, as ambiências surgiram, possibilitando ouvirmos com precisão as salas em que as obras foram gravadas.

As texturas não possuem aquele último grau de exuberância encontrado em caixas mais sofisticadas, mas além de corretas, conseguem nas melhores gravações mostrar a intencionalidade das mesmas.

Os transientes são excelentes, tanto em termos de precisão quanto de ritmo.

A macrodinâmica é surpreendente para o tamanho da caixa, e capaz de suportar grandes variações sem dobrar os joelhos ou jogar a toalha. Só não espere algum tipo de pirotecnia ou fogos de artifício. E a microdinâmica, graças ao silêncio de fundo, é muito boa.

Surpreendente o corpo harmônico dos instrumentos, principalmente de contrabaixos, pianos, contrafagote, sax barítono, etc. Gostei demais da apresentação deste quesito em instrumentos tão difíceis de serem reproduzidos em seus tamanhos corretos (quando bem gravados é óbvio).

E a materialização física: foi de alto nível em gravações bem feitas!

CONCLUSÃO

Sei o quanto nosso leitor, distante dos grandes centros, sofre em tentar a cada mês decifrar em nossas avaliações qual seria a melhor opção de caixa para o seu sistema. Por isso que o número de consultorias a respeito de caixas é o maior que recebemos diariamente (diria que de cada dez consultorias, seis são sobre caixas acústicas).

E também sei o quanto é difícil ajudar sem que o leitor possa ouvir em seu sistema os produtos por nós testados mensalmente. Se serve de 'console', o que posso afirmar é que o mercado jamais esteve tão bem servido de ótimas opções.

Claro que isso não resolve o dilema, pois sou o primeiro a dizer em nossos Cursos de Percepção Auditiva, que a caixa é - junto com um pré de linha - a peça mais delicada de se escolher. E a caixa é ainda mais, pois será a responsável pela assinatura final do sistema.

Fora o elemento chamado de 'gosto pessoal' - que cada um de nós tem como definição para a escolha de uma caixa. O que procuro então fazer, para aliviar um pouco tantas dúvidas, é descrever o mais objetivamente possível o comportamento de cada caixa com os eletrônicos que temos em mão para a avaliação.

Então, vamos lá: a Monitor Audio Gold 300 é uma caixa que precisará de pelo menos uma sala acima de 20 metros quadrados para dar o seu melhor. Em espaços menores, fatalmente ela será prejudicada justamente naquilo que é um dos seus maiores trunfos: a excelente imagem holográfica 3D. A amplificação precisará, além de ser muito correta no quesito equilíbrio tonal, ter pelo menos 80 Watts de potência, pois as Gold 300, apesar de sua sensibilidade, gostam de trabalhar com folga de Watts. Pois para extrair o melhor dos seus graves, será preciso autoridade.

É uma caixa que não tem dificuldade em nenhum gênero musical e, para extrair seu melhor, precisa apenas de espaço, uma eletrônica e cabos corretos.

Tomando essas precauções, pode perfeitamente ser a caixa definitiva para os que querem um sonofletor Estado da Arte com excelente acabamento e alta performance. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=E8EMR6AIBVS](https://www.youtube.com/watch?v=E8EMR6AIBVS)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=VYXQ97YTHIQ](https://www.youtube.com/watch?v=VYXQ97YTHIQ)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ATTF8W8W0](https://www.youtube.com/watch?v=ATTF8W8W0)

AVMAG #290
Mediagear
contato@mediagear.com.br
(16) 3621.7699
R\$ 54.000

NOTA: 92,0



ESTADO DA ARTE



SME 75TH ANNIVERSARY DIAMOND SERIES SYNERGY

SENTE E SE EMOCIONE

A SME tem orgulho de entrar em nosso 75º aniversário em 2021 como o melhor fabricante de toca-discos e braço de tom do mundo. 75 anos depois, continuamos a cumprir nosso status como uma marca britânica altamente respeitada e icônica, fundada pela lenda do áudio Alastair Robertson-Aikman em 1946.

O Diamond Anniversary é um marco significativo na longa história da SME, com muitas grandes conquistas feitas e ainda sendo feitas desde o início em 1946 até se tornar uma empresa de áudio de ponta e única hoje.

Em comemoração ao nosso passado ilustre e futuro emocionante, este toca-discos exclusivo Diamond Anniversary é desenvolvido a partir do premiado e altamente aclamado Synergy. O Diamond Series Synergy é acabado à máquina para demonstrar a precisão definitiva, linhas nítidas e perfil cosmético criativo. Os detalhes finos acabados à mão são uma expressão das habilidades artesanais pelas quais o SME é famoso. O contraste cromado preto destaca e complementa esta distinta obra-prima de engenharia de áudio.



TELEFONE: (11) 98369.3001
(11) 99471.1477

WWW.FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR
INFO@FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR



FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

ÁUDIO

CAIXA HARBETH SHL5PLUS XD

Fernando Andrette


**PRODUTO DO ANO
EDITOR**

Nossos leitores mais antigos irão se lembrar que a Harbeth já esteve no Brasil entre 2000 e 2003, e depois saiu sem nenhum importador mostrar interesse em sua volta.

Até que, no meio da pandemia, o Fernando Kawabe me disse que assim que a produção da Harbeth se normalizasse, ele estaria trazendo novamente a marca. E ele cumpriu a promessa, e nos disponibilizou para testes o modelo logo abaixo da top, a Super HL5plus XD.

Fundada em 1977 pelo engenheiro HD Harwood, que havia acabado de deixar o departamento de pesquisa da BBC decidindo que iria produzir monitores de alto desempenho. E utilizaria em seus monitores o polipropileno, um material para cone de falantes com um timbre muito correto, leve e de enorme durabilidade. A BBC, ouvindo seu primeiro protótipo, concedeu a ele uma parceria para a compra de seus monitores, pois constataram que o seu novo falante era muito mais eficiente, preciso e com menor coloração que os falantes de cone de papel dopado que todos os fabricantes que forneciam monitores para a BBC utilizavam.

Nos mais de 40 anos da empresa, muitas melhorias foram feitas, mas o que se mantém como no início da companhia são seus gabinetes e o design retrô, muito semelhantes aos designs originais.

O modelo SHL5plus XD é uma caixa de 3 vias, mas que na verdade utiliza dois tweeters e um falante de médios-graves de 200mm. O primeiro tweeter responde até 14kHz, sendo este um ferrofluido de 25 mm, e o segundo um super tweeter de 20 mm que responde até 20kHz.

Segundo o fabricante, a caixa responde de 40 Hz a 20 kHz (+- 3 dB), tem uma impedância de 6 ohms, sensibilidade de 86 dB, pesa apenas 15.8 Kg, mesmo com uma dimensão considerável de 63.5 cm de altura, 32.2 cm de largura e 30 cm de profundidade.

Alan Shaw, o diretor técnico e atual dono da Harbeth, utilizou no novo modelo SHL5plus XD, o seu mais recente driver patentado para graves e médios, o Radial2, com 7.9 polegadas. Cada falante é construído à mão na própria fábrica na Inglaterra, depois são medidos, e casados antes de receberem seu gabinete e irem para a bancada de ►

testes auditivos, antes de serem considerados finalizados para envio aos clientes.

Pense em uma empresa totalmente verticalizada - essa é a filosofia da Harbeth, desde sua fundação.

Seu gabinete de excelente acabamento será certamente olhado com desdém por quem procura brilho em frisos ou um design slim com fundo arredondado e mais estreito que a frente, tão em moda na atualidade. Ao contrário, a Harbeth mantém a tradição como a realeza britânica, em que nada será alterado se se mostrou eficiente e capaz de acompanhar as evoluções existentes, sem mudar a forma.

Então, se você leitor for adepto da 'aparência' acima do conteúdo, esqueça este teste. Pois as caixas Harbeth não abrem mão de sua filosofia, e é por isso mesmo que seus gabinetes parecem estar na contra mão do que se prega em termos de inércia, para se matar colorações espúrias. Como um instrumento musical, os gabinetes da Harbeth soam com a música, fazendo uso de amortecimento interno apenas em locais pontuais, e que sejam críticos em termos de coloração.

E até mesmo os parafusos existentes no primeiro modelo ainda estão em uso na traseira do gabinete.

Quanto às regras vigentes nos sonofetores modernos, a Harbeth viola todas elas, como por exemplo: o teste do nó de dedos para ouvir o grau de amortecimento da caixa - ainda que ao fazer o teste é possível notar a eficiência do material de amortecimento colocado internamente, que não deixa a caixa ressonar, soando com um decaimento muito rápido, porém sem soar completamente seco ou morto. Ou a ideia de que, para se ter um excelente soundstage em termos de largura, profundidade e altura, o ideal seja um gabinete fino com curvatura nas paredes laterais - a Harbeth é literalmente um caixote, e suas dimensões exigem um suporte específico, com a altura certa para que o primeiro tweeter esteja na altura do ouvido, e não o super tweeter ou o falante de médios/graves. Não tente burlar essa regra, pois você irá perder muito do encanto desses monitores!

Agora, se você sempre desejou ouvir um monitor em seu sistema, que possua refinamento suficiente para lhe apresentar a música como ela foi produzida, sem, no entanto, soar frio ou transparente em demasia, eu o aconselho a ouvir uma caixa Harbeth.

Elas visualmente parecem 'despretensiosas', e certamente são caras. Se você for daqueles em que a racionalidade é o que bate o martelo em toda decisão para futuros upgrades, certamente as Harbeth não farão parte de sua lista Top 5 de caixas a serem ouvidas.

E ainda assim, eu lhe digo: Ouça!

Pois você não só pode ser surpreendido, como se encantar com tudo que ela tem a lhe dizer, sobre monitores feitos sob medida para

nos deixar frente a frente com a música, e nada mais entre ela e você. Sei que esse argumento já foi utilizado à exaustão para te convencer, tanto por fabricantes, como por revisores críticos de áudio, e entendo que você tenha criado até uma 'resistência' a esse tipo de argumentação. No entanto, eu vou insistir para que você o faça, ao menos por curiosidade e até mesmo para discordar de minha opinião.

Agora, se o fizer em condições satisfatórias, meu amigo, será difícil não a colocar naquela lista de possíveis candidatas a um futuro upgrade!

Para o teste utilizamos os amplificadores: integrados Line Magnetic modelo 219IA, Willsenton R8, e Sunrise Lab V8 Aniversário, power Gold Note PA-10, e Pré e Power Nagra Classic. Fontes analógicas: toca-discos SME Synergy (leia Teste 1 na edição 291) e Origin Live (nosso Setup de Referência). Fontes digitais: Transporte Roksan Atesa, Transporte Nagra, Transporte dCS Bartok, e DACs Nagra TUBE DAC e dCS Rossini Apex. Cabos de caixa: Sunrise Lab Aniversário, Virtual Reality Trançado, e Dynamique Audio Apex.

Enquanto aguardava a produção do pedestal pelo fabricante de racks e pedestais Sabiá, deixei a Harbeth amaciando no pedestal da Magis. Como disse, à altura da caixa é essencial para um perfeito soundstage, mas como era apenas amaciamento deixei a caixa em queima por 150 horas nessa condição, sendo que a cada 50 horas eu sentava para ouvir a evolução do amaciamento. É uma caixa que precisa de pelo menos 150 horas, sendo que a partir das 200 horas não notei absolutamente mais nenhuma mudança.

Quando você a coloca, saindo do zero, você terá uma região média aberta, com falta de extensão em ambas as pontas. Sendo que o super tweeter precisará de pelo menos 150 horas para abrir por completo.

Incomoda ir ouvindo desde o início? Não, mas para os mais apressados ficará sempre aquela 'pulga atrás da orelha': será mesmo que vai chegar lá? Eu conheço bem a insegurança audiófila, e sei o quanto coça as mãos para mostrar aos amigos o novo upgrade. E por mais que você repita aos amigos: falta amaciamento, a maioria sai sempre com uma opinião formada dessas audições (e sabemos muito bem o estrago que essas opiniões apressadas podem fazer). Então mantenha a calma, e confie. É uma caixa que requer paciência na queima, paciência no posicionamento e precisa de pares de seu nível para brilhar.

O que ela tem de positivo é que seu grau de compatibilidade é enorme. Adorei ela tanto com o R8 como com o V8, e o power da Gold Note PA-10. Todos os três com assinaturas sônicas tão distintas, e que a Harbeth soube 'interpretar' com maestria cada um desses pares. Os excelentes monitores tendem a desempenhar esse papel sem

ÁUDIO



dificuldade alguma - dando 'voz' às qualidades e limitações da eletrônica que você colocar.

Ainda que sua sensibilidade não seja alta, com esses amplificadores a Harbeth se sentiu muito à vontade.

Seu equilíbrio tonal é extremamente correto e com enorme folga com gravações tecnicamente ruins. E com as boas e excelentes, será um deleite auditivo. Seus graves são impressionantes, tanto em peso como velocidade e deslocamento de ar (perdendo apenas para a JBL L100 Classic, que utilizam woofers de 12 polegadas). Em uma sala entre 18 a 35 metros quadrados, não creio que o usuário sentirá falta de grave (a não ser que ele seja um 'grave dependente'). Diria que seus 40Hz são suficientes para a maioria das gravações e estilos musicais.

Mas é sua região média que nos faz suspirar, e se render ao grau de refinamento, detalhe e apresentação dos instrumentos e vozes! Com texturas inebriantes, e de um grau de refinamento e realismo, a Harbeth nos coloca a menos de um metro do acontecimento musical.

Arrisco dizer que esse grau de realismo na apresentação de texturas, só ouvi em caixas muito mais caras que a Harbeth (coloque o triplo do valor pelo menos).

E os agudos - depois do super tweeter completamente amaciado - seu decaimento, extensão e ambiência, são excelentes! O encaixe entre a região média-alta e o primeiro tweeter é perfeito, sem nenhum pico ou vale audível, o que permite mesmo em passagens com enorme quantidade de instrumentos, um grau de inteligibilidade pleno. Isso é fundamental para qualquer monitor de alto nível: inteligibilidade.

No entanto, manter esse grau de inteligibilidade com conforto auditivo é o problema. E nesse quesito a Harbeth é uma consistente referência a todos que desejem fabricar monitores hi-end.

Os transientes são impecáveis, tanto em termos de tempo, como em andamento e marcação de ritmo. Ouvi inúmeras gravações encardidas em variação de ritmo, em que muitas caixas parecem 'engasgar' para reproduzir, e a Harbeth fez com maestria e vivacidade contagiante! ►

A dinâmica é apresentada com autoridade e folga, tanto a micro, como a macro. Claro que haverá sempre a limitação física dos falantes, mas nos volumes corretos e com a capacidade do amplificador aceitar a demanda de fortes variações dinâmicas, a Harbeth não se intimida. E quanto à micro, é um dos monitores mais fidedignos que escutei nos últimos anos. Tanto que se tivesse a oportunidade de voltar a gravar, seria certamente o monitor que utilizaria para mixar o trabalho!

O soundstage dependerá e muito do uso correto do pedestal especificado pela própria Harbeth (em termos de altura). A Sabiá gentilmente nos forneceu esse pedestal, e acredito que seja uma excelente opção aos futuros compradores dessa marca de caixas.

Pois bem, o usuário precisará se munir de paciência, para estabelecer a melhor posição delas em sua sala. Para começar, uma dica: pouquíssimo toe-in - se o fizer, no máximo 15 graus para o ponto de audição. O que esses monitores necessitam é de arejamento à sua volta. Pois como um instrumento musical, elas 'respiram', e essa característica exige que elas estejam afastadas pelo menos 50 cm das paredes laterais e 1 metro da parede às costas.

Se você pesquisar vídeos no YouTube, irá perceber que em todo vídeo deste fabricante, quando está soando bem, as caixas estão mais afastadas das paredes (principalmente esse modelo, e a top de linha, pelas suas dimensões). Então, antes de ouvir essas lindas caixas, veja se você terá um ambiente favorável para lhe dar o que ela necessita. Pois esse arejamento irá determinar o primor na resposta do palco sonoro, foco, recorte, planos e ambiência. Dando as condições favoráveis mínimas, ela irá brilhar também nesse quesito!

Quanto ao corpo harmônico, o tamanho dos instrumentos captados na gravação, não será problema para esse monitor.

Tem o tamanho exato de um contrabaixo? Claro que não, mas pelas suas dimensões está muito mais próximo de uma coluna do que de uma bookshelf, o que lhe garante uma posição de destaque neste quesito, semelhante à da JBL L100 Classic.

E a materialização física do acontecimento musical em nossa sala? Sua apresentação de organicidade é primorosa! Se o ouvinte tiver se excedido nas taças de vinho, sugiro não ficar andando entre os músicos, para não tropeçar, rs! Falando sério, não tem como não se encantar com a reprodução do acontecimento musical à nossa frente com essa Harbeth!

Acho que consegui dar pistas consistentes de como extrair o melhor desse belo monitor hi-end.

Mas falta a cereja do bolo: sua musicalidade! Sua capacidade de expressar o âmago musical beira o sublime! Não por ser hiper precisa na recriação de detalhes, mas sim pela sua 'interpretação' do todo, como só escutam os em uma apresentação ao vivo, com todas as

imperfeições humanas na execução musical. Se você é um fã do hiper realismo, esqueça essa caixa.

Mas se você deseja audições mais 'humanizadas', em que se ouça as limitações técnicas da gravação, junto com a virtuosidade de um solista, sem jamais se queixar da qualidade técnica da gravação, essa Harbeth precisa ser ouvida com atenção.

Pois o que mais escuto de reclamação de leitores, é o quanto se perde o interesse em escutar gravações tecnicamente limitadas, ainda que a música seja excelente. Essa 'receita' de equilibrar entre o tecnicamente equivocado e a música bem executada, a Harbeth faz com enorme maestria!

CONCLUSÃO

Acho que no parágrafo anterior já sintetizei e fiz a defesa da melhor maneira possível das qualidades dessa impressionante caixa.

A única coisa que gostaria de dizer para finalizar, é que teria esse monitor para fazer minhas gravações sem sequer pensar em uma segunda opção! E ter um monitor hi-end desse naipe em nosso sistema é um privilégio! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=POBYW1MLNVU](https://www.youtube.com/watch?v=POBYW1MLNVU)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=IFMZLP3W7FM](https://www.youtube.com/watch?v=IFMZLP3W7FM)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ORJVRLCC7MG](https://www.youtube.com/watch?v=ORJVRLCC7MG)

AVMAG #291
KW Wi Fi
fernando@kwwifi.com.br
(11) 95442.0855
R\$ 49.800

NOTA: 93,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS WHARFEDALE ELYSIAN 4

Fernando Andrette

Quando o Fernando Kawabe nos contou que iria distribuir as Wharfedale, fui um dos que o parabenizou pela iniciativa, pois essa era uma marca que não eu entendia não estar ainda oficialmente no Brasil.

Pois dentre os grandes fabricantes ingleses de caixas acústicas, percebo uma enorme coerência em todas as suas linhas e um enorme esforço para oferecer produtos com excelente relação custo/performance, que atendam desde o iniciante com uma verba restrita até o audiófilo que deseja colocar um ponto final em sua trajetória, atrás de seu sonofletor definitivo.

Já tive a oportunidade de ouvir alguns modelos da série Diamond e da linha EVO, mas meu foco era poder algum dia ouvir a Elysian 4, o modelo mais sofisticado da Wharfedale, e que teve excelentes revisões em várias mídias em todos os continentes!

Então, assim que o Kawabe nos ligou dizendo que a primeira importação havia chegado, não titubeei em solicitar essa caixa para teste. No entanto, sua chegada calhou com os dias que estive internado e, por isso, tivemos que adiar sua chegada à redação por três semanas. O que foi positivo, pois o Kawabe a deixou com um cliente que gentilmente a colocou em amaciamento por quase 30 horas. Não foi o suficiente, mas de qualquer forma ajudou a deixar tanto o tweeter AMT (Air Motion Transformer) e as duas unidades de graves de 8.5 polegadas, um pouco menos engessados!

Trata-se de uma caixa imponente, para ambientes acima de 25 metros quadrados, e que necessariamente precisará de respiro para poder mostrar suas inúmeras qualidades.

O amigo e fiel escudeiro Robério, mais uma vez fez literalmente todo o trabalho bruto, de transportar as caixas até nossa sala, desembalar e posicionar as caixas exatamente no ponto em que deixamos nossa caixa de referência, a Wilson Audio Sasha DAW, para eu fazer uma primeira audição e minhas anotações iniciais.

A Wharfedale disponibiliza a caixa em três luxuosos acabamentos: preto, branco e nogueira. Felizmente a que veio para teste foi em Nogueira (como amo caixas com acabamento de madeira!).

O gabinete possui um defletor frontal feito de HDF, e o restante do gabinete é feito de painéis de MDF, com várias camadas para controlar as ressonâncias. Internamente o gabinete de graves é isolado da unidade de médio e do tweeter.

A caixa tem 1,19 m de altura, 40 cm de largura e 43 cm de profundidade, e cada uma pesa 50 Kg. O falante de médio de 6 polegadas tem sua própria câmara também. As três unidades (de graves e médios) usam um cone feito de uma matriz de fibra de vidro tecida,



PRODUTO DO ANO
EDITOR

material patenteado pela Wharfedale que, segundo o fabricante, combina baixa massa com alta resistência.

A caixa possui excelentes terminais (algo raro nesse padrão de qualidade nessa faixa de preço) e pode ser bi amplificada ou bi-cablada. Em vez de jumpers de metal, o fabricante disponibiliza um cabo trançado de excelente bitola e muito bem acabado.

A base é fixa na caixa, assim como os spikes, que já vêm embutidos na base. O trabalho é apenas regular os spikes, ligar as caixas no amplificador e definir sua melhor posição de escuta.

A sensibilidade é excelente (92dB), com resposta de frequência de 30Hz a 22kHz e impedância de 8 ohms (sem especificar a impedância mínima).

Para o teste utilizamos os powers Nagra Classic e HD (leia teste na edição de abril próximo) e o integrado Mark Levinson 5802 (leia Teste 2 na edição 290). Cabos de caixa: Oyaide Across 3000B, Virtual Reality Trançado, e o Dynamique Audio Apex. Pré Nagra Classic, conversor TUBE DAC, streamer Innuos ZEN MINI 3 com fonte externa (leia teste na edição de maio próximo), transporte Nagra, pré de phono Gold Note PH-1000, toca-discos Origin Live Sovereign Mk4 com braço de 12 polegadas Enterprise C Mk4, cápsula ZYX Ultimate Omega G, cabos de interconexão Sunrise Lab Quintessence Aniversário (XLR e RCA).

A impressão inicial que tive é que as primeiras 30 horas não foram suficientes para 'soltar' os dois extremos, pois nas minhas primeiras impressões eu anotei que os agudos estavam sem nenhum ar e com pouquíssimo decaimento. E os graves estavam absolutamente engessados, com falta de energia e também pouco deslocamento de ar.

Como o duto da caixa é apontado para baixo, pude fazer vários experimentos, com as caixas mais próximas das paredes ou bem mais distantes. O fato é que rapidamente notei que a mesma posição encontrada para a Sasha, não se mostrou adequada para a Wharfedale. Pois ficava um nítido buraco no centro do imaginário palco sonoro.

Então a primeira conclusão é que em nossa sala, a máxima distância entre elas (de tweeter a tweeter) não poderia ser maior que 3,90m (na Sasha DAW é de 4,50m). Outra conclusão é que a Wharfedale gosta de um toe-in mais voltado para o ponto de audição (quase 30 graus) e o posicionamento das caixas em relação à parede às costas é mais importante e decisivo, que das paredes laterais.

Assim, à medida que avançamos no amaciamento e os graves se soltaram, ganharam corpo, energia e extensão, fixamos as mesmas a 1,75m da parede às costas, e limitamos a abertura em 3,70m do centro de cada tweeter, e conseguimos uma excelente imagem, tanto em termos de foco, recorte, corpo, como planos (altura, largura e profundidade).

Isso já com 180 horas de queima e sem sentir que os agudos estivessem próximos da queima final. Muitos leitores têm dúvida de quando finalmente chegamos ao fim do amaciamento. No caso específico de caixas, a primeira dica é ouvir diariamente três a quatro faixas que possuam muita informação nas pontas e que, se possível, sejam gravações realizadas em salas de concerto (em que a ambiência captada na gravação seja do próprio ambiente e não reverb digital colocado na mixagem). Pois a primeira dica de que o processo está no final, é quando se nota nos agudos as diferentes ambiências de gravações distintas.

Eu utilizo, nesse caso, gravações de grandes corais e órgãos de tubo. E, para entender se os decaimentos se tornaram mais suaves e naturais, pratos que também sejam gravados em boas salas de concerto (as gravações do trio do pianista Keith Jarrett pelo selo ECM, são excelentes, principalmente ao vivo). Você pode usar até mesmo gravações de instrumentos solo, como violino, trompete, flauta, vibrafone, etc. Mas é preciso fazer esse pente fino diário, até se ter a certeza de que nada mais foi alterado.

A Wharfedale Elysian 4 levou, até à queima total, 280 horas. Daí em diante, pudemos finalmente iniciar a audição dos discos utilizados em cada um dos nossos quesitos, para fechar sua nota.

Eu gostei demais dessa caixa. Pois ela consegue ser transparente sem passar do ponto e descambar para o analítico, e tem uma assinatura sônica que nos convida a longas audições diárias!

Seus agudos jamais tendem para o brilho, sua região média soa sempre muito natural e orgânica, e seus graves têm um grau de apresentação digno de caixas custando o dobro de seu preço. Esse é um grande mérito, meu amigo, pois a Wharfedale não tem apenas porte de 'gente grande', ela soa como uma caixa Estado da Arte refinada e definitiva.

Os nossos leitores mais antigos sabem que procuro 'decifrar' todas as possibilidades para se extrair o sumo de cada produto que testamos, e quando percebo de imediato o potencial de um produto em teste, à medida que vou ouvindo os discos da Metodologia e fazendo minhas observações pessoais, vou imaginando o que poderia fazer para extrair mais.

E no caso desse teste, foi uma enorme surpresa ouvir que, mais do que bi-cablar a caixa, um jumper de melhor qualidade faria mudanças interessantes, tanto na extensão nas altas, como de maior organização entre a micro e macrodinâmica. Ao substituir o jumper original pelo da Sunrise Lab, esses dois quesitos foram substancialmente aprimorados. Então, aos futuros proprietários, recomendo que se avalie a possibilidade desse upgrade.

ÁUDIO

Para o amigo ter uma ideia, com esse upgrade a nota final no equilíbrio tonal e na dinâmica ganharam um ponto cada!

O soundstage dessa caixa é excelente para os amantes de música clássica e de grandes grupos orquestrais (como big bands e grandes corais mórmons). O foco - desde que as caixas tenham condições de respirar na sala - e o recorte são excelentes. Assim como os planos, na largura, profundidade e altura.

As texturas possuem aquele grau de qualidade que separam as boas caixas das excelentes, com enorme facilidade de se perceber a intencionalidade sem esforço nenhum adicional. Assim como a paleta de cores e os detalhes na qualidade dos músicos e de seus instrumentos.

Os transientes possuem precisão e harmonia para delinear tempo e espaço e nos fazer bater os pés constantemente com o andamento da música.

E a dinâmica, tanto a micro como a macro, é apresentada de forma exemplar, pois a Wharfedale não se intimida com grandes crescendo, trabalhando com enorme folga e sem deixar o sinal comprimido ou bidimensional (algo tão comum quando a caixa não tem 'bainha' para sustentar o fortíssimo).

Foi difícil 'intimidar' a Wharfedale em termos de macrodinâmica, acredite - o que me fez fazer três páginas em anotações ao ouvir exemplos encardidos, como a Sagração da Primavera de Stravinsky, 1812 de Tchaikovsky, ou a Sinfonia Fantástica de Berlioz. Escrevi, ao final, que ela passou com méritos nesses exemplos!

Se o amigo, como eu, não abre mão do melhor corpo harmônico captado em uma gravação, irá se sentir realizado ao ouvir que a Wharfedale nos mostra pianos em tamanhos quase reais, assim como contrabaixos, cellos, tímpanos, etc.

E a materialização do acontecimento musical (organicidade) será 'palpável' em gravações bem sucedidas neste quesito.

Resumindo: A Elysian 4 pode, com os pares ideais, enganar seu cérebro que não se trata de reprodução eletrônica o que estamos ouvindo!

Mas agora vem a melhor parte: todo esse 'pacote' de qualidades custa menos de 100 mil reais! Antes de me lançarem ao precipício, deixe-me apenas explicar que caixas com a pontuação que a Elysian 4 receberá, custam em sua maioria acima de 100 mil reais, o que a coloca em uma posição bastante privilegiada para os que buscam sua caixa Estado da Arte definitiva (e agora podem me jogar aos leões!).

CONCLUSÃO

Falo faz tempo que se tem um segmento que evoluiu muito nos últimos anos, foi e de caixa acústicas. A Wharfedale é uma prova, tanto

com essa série top de linha como com suas séries inferiores (iremos em 2022 testar mais três modelos), que merece estar no radar de todos que desejam um upgrade de caixas.

A Elysian 4 é uma caixa digna de todos os prêmios e dos excelentes testes que já recebeu.

Para audiófilos que buscam uma solução definitiva, ela certamente atenderá a todas as expectativas (principalmente os que não abrem mão de refinamento e apresentações que nos façam esquecer serem meras reproduções eletrônicas).

Sua compatibilidade é excelente e, para quem tem salas de 25 a 40 metros quadrados, não ouvir essa caixa será indefensável! Espero que se é este seu caso, amigo leitor, não deixe de escutar, ela pode te surpreender como ocorreu comigo.

Altamente recomendada e certamente estará entre os Melhores Produtos do Ano! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=6Y7IW_IADW8](https://www.youtube.com/watch?v=6Y7IW_IADW8)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WRJMIRSIYDQ](https://www.youtube.com/watch?v=WRJMIRSIYDQ)

AVMAG #282
KW Hi-Fi
fernando@kwhifi.com.br
(11) 95442.0855
(48) 3236.3385
R\$ 85.000

NOTA: 96,0



ESTADO DA ARTE

KRELL

THE LEADER IN AUDIO ENGINEERING

K-300i



QUANDO O MÍNIMO É MAIS !

O mundo mudou, as pessoas também mudaram. Elas querem o máximo de performance com simplicidade, praticidade e eficiência. O novo integrado da Krell K-300i atende a todos esses quesitos. E ainda tem a opção de um DAC interno de altíssimo nível!

Se você deseja simplificar seu sistema, sem abrir mão do mais alto nível de qualidade hi end, o K-300i foi feito sob medida para suas expectativas.



TELEFONE: (11) 98369.3001
(11) 99471.1477

WWW.FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR
INFO@FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR

FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS ESTELON YB MKII

Fernando Andrette



Minha curiosidade em ouvir a Estelon YB MKII, só aumentou quando me despedi da Estelon Diamond XB MKII (leia teste na edição 279) e percebi que seria interessante ver como uma caixa de valor mais acessível, e com outra topologia e falantes, se comportaria em termos de assinatura sônica, e se teria o mesmo ‘apelo emocional e sonoro’ tão característico da série acima.

E, claro, poder tirar a dúvida se uma Estelon selada (suspensão acústica) teria semelhanças na reprodução dos graves com uma bass-reflex (XB Diamond). Não me lembro de cabeça de outro fabricante de caixas Estado da Arte que utilize com maestria duas topologias tão distintas, o que só aguçou ainda mais minha curiosidade.

Eu não ouvi as versões anteriores das caixas Estelon, e o máximo de informação que consegui foi lendo os reviews feitos antes do lança-

mento da geração MKII em comemoração aos dez anos da empresa. Mas, pelo que li, a Estelon YB MKII sofreu muito mais alterações até que a linha Diamond, o que a colocou em um novo patamar de performance.

O modelo original YB não utilizava o mesmo composto das séries acima, à base de mármore moído, e possuía um outro crossover e outro cabeamento. O que não foi alterado para a nova série foi o desenho assimétrico do gabinete, e a colocação dos falantes para minimizar os reflexos internos e em relação ao seu posicionamento na sala de audição.

Ao receber a caixa, a primeira impressão visual que me veio à mente é que a YB MKII é uma versão miniatura da Forza (modelo acima da linha Diamond) e, como a Forza, possui um acabamento e formas que certamente agradam ainda mais aos olhos que a linha X Diamond. ►

ÁUDIO

A YB MKII foi uma unanimidade em termos de beleza e requinte a todos que tiveram a oportunidade de vê-la em nossa sala (ao contrário da XB Diamond, que teve resistência ao seu visual). Suas formas são mais harmoniosas e as soluções encontradas para deixá-la mais slim, foi inclinar o woofer bem rente ao chão de maneira que a caixa pode ser colocada perto das paredes laterais sem ter problemas de reflexão ou coloração.

Para baratear os custos, a YB MKII utiliza um woofer de 8 polegadas da SEAS com cone de alumínio, um falante de médio de 5,8 polegadas da Scanspeak com o famoso cone de papel deste fabricante, da série Revelator, e um tweeter de 1 polegada também Scanspeak de cúpula de berílio, da série Illuminator. A fiação interna é agora a mesma utilizada na série Diamond, da Kubala-Sosna.

A resposta de frequência, segundo o fabricante, é de 30 Hz a 40 kHz, potência nominal de 150 Watts, impedância nominal de 6 Ohms, sensibilidade de 86 dB (2,83V), gabinete de composto de mármore, e peso de 45 Kg. Com altura de 1,260 mm, largura 332 mm e profundidade (na base) de 394 mm.

O fabricante recomenda seu uso em salas no mínimo de 16 metros e máximo de 45 metros quadrados.

Ela também vem em um excelente Case profissional com rodas, para facilitar o manuseio. Mas a caixa, ao contrário da XB Diamond MKII, não sai do Case com rodas para facilitar seu manuseio e posicionamento, vindo com pés de borracha, que devem ser trocados pelos spikes assim que for determinada sua posição final.

Eu sugiro fazer à dois a retirada da caixa do Case, e fazê-lo com as luvas que vem com a caixa. E nada de relógio no pulso, fivelas, ou material que possa marcar seu acabamento deslumbrante!

Para o teste, o arsenal de eletrônicos foi grande. Amplificadores integrados: Mark Levinson No.5802 (leia teste na edição 282), Shuguang Audio modelo SG-845-7G (leia teste na edição 283), Boulder 866 (leia teste na edição recente de Melhores do Ano - 280). Powers: Nagra HD (leia teste edição 283), Nagra Classic. Pré-amplificador: Nagra Preamp. Fonte digital: Nagra TUBE DAC com Transporte Nagra. Sistema analógico: prés de phono Gold Note PH-1000, e PH-10 com PSU-10 (leia teste 2 na edição 281), cápsulas Hana Umami Red Umami e ZYX Ultimate Omega G, braço Origin Live Enterprise C MK4, e toca-discos Origin Live Sovereign MK4. Cabos de caixa: Dynamique Audio Apex. Cabos de interconexão: Dynamique Audio Apex, Sunrise Lab Quintessence Aniversário. Cabos de força: Kubala-Sosna Revelation (leia teste edição de maio próximo), Sunrise Lab Quintessence Aniversário, Transparent Audio Opus G5 e PowerLink MM2. Caixa de referência: Wilson Audio Sasha DAW.

Como veio na sequência da XB Diamond MKII, foi embalar essa e já colocar para amaciamento a YB MKII. E deixar ela ligada ao Mark Levinson, que também estava em fase de amaciamento. Mas, antes disso, fiz nossa Primeira Impressão (sempre com os discos gravados por nós e meia dúzia de LPs que utilizo há anos para esse primeiro contato).

E ainda que o primeiro impacto tenha sido bastante diferente em relação à XB Diamond MKII em termos de deslocamento de ar, extensão nas duas pontas e equilíbrio tonal, gostei da sua apresentação de foco, recorte e planos, e ela se mostrou muito mais fácil de posicionar do que a XB Diamond.

A YB MKII precisa de muito mais que 150 horas iniciais para se ajustar e começar a dar o seu melhor. Ainda que se possa ouvir o processo de amaciamento desde o começo, haverá gravações que incomodarão e outras que serão uma verdadeira 'pêra doce'. Aos apressados eu aconselho: calma, muita calma. Pois, do contrário, haverá o risco de se cometer erros na sua avaliação final!

Vamos aos cuidados necessários: eu já testei caixas que mudaram sua posição na sala algumas vezes, mas nem a Boenicke W8 (que também possui um woofer lateral) eu tive que diversas vezes reposicionar o woofer hora virados para dentro, hora para fora, como tive que fazer com essa Estelon! Para ser exato, alterei, até o término do amaciamento, sete vezes a posição. Pois quando achava que havia chegado ao ideal, ao mudar a posição da caixa em relação às paredes, uma nova rodada de escolha, ocorria.

Mas isso não tem nada a ver com exigência da caixa em relação a sala, e sim em esperar o término total do amaciamento do woofer, que realmente demora (só não é mais longo do que o do tweeter de berílio, rs).

Para o amigo leitor ter uma ideia, com 300 horas é que finalmente o equilíbrio tonal se encaixou para não sofrer mais nenhuma alteração, e podermos (finalmente) deixar os woofers apontados para as paredes laterais e não para o centro entre as caixas. Mas isso foi em nossa sala, em que qualquer caixa tem espaço suficiente à sua volta para respirar.

Então, em salas menores, com acústicas diferentes, será preciso paciência para esperar os woofers se soltarem totalmente, para definir a posição dos woofers.

Outra característica muito interessante é a possibilidade (depois de inteiramente amaciada) de se ajustar o foco, recorte e planos milimetricamente. Se o ouvinte for um apaixonado por música clássica, ele poderá ajustar a Estelon para se extrair o supra sumo em planos (tanto na profundidade, como na largura e altura), e definir com precisão o foco e recorte.

Essa característica tão interessante a XB Diamond também apresentou - mas a YB me pareceu ainda mais cirúrgica nesse quesito. Ao ponto de a caixa sumir 'literalmente' na sala, e a música ser recriada em sua integridade!

E aí chegamos ao DNA sonoro da Estelon, que tanto me impressionou na XB Diamond. A capacidade de deixar a música fluir à sua frente como se não fosse reprodução eletrônica. Enganando seu cérebro e o convidando a profundas imersões a cada disco ouvido.

Claro que a YB MKII não chega ao mesmo grau de refinamento e intencionalidade que a linha Diamond, mas ela o faz com tanta segurança e um caráter sônico tão bem estabelecido, que o efeito de 'magia' é muito semelhante ao da série acima.

Os graves são simplesmente os melhores que ouvi em caixas seladas (independe do preço), o que me leva a crer que a Forza supere a linha Diamond (bass-reflex) tanto em deslocamento de ar, quanto em precisão e velocidade (dúvida que só esclarecerei se um dia tiver a oportunidade de testá-la).

A YB MKII não soa como uma caixa selada 'convencional', pois os graves possuem definição, peso e sobretudo velocidade e energia, para nos fazer perguntar o motivo de outras caixas seladas não soarem assim nos graves! E olhe que nossa Sala de Referência está acima das medidas sugeridas pelo fabricante.

À princípio (na fase de amaciamento), achei que para se ter mais energia nos graves a posição ideal delas seria com eles voltados para dentro, pois na fase final de amaciamento (mais de 200 horas), foi nessa posição que muitas vezes me vi balançando a cabeça com a sua resposta nas baixas frequências e sua autoridade.

Mas, à medida que o amaciamento chegou às 280 horas, ficou claro que na reprodução de órgão de tubo e percussões, que o woofer para fora, além de encher mais, se alinham perfeitamente com o médio-grave, facilitando o posicionamento final das caixas (já com os spikes), que ficaram a 1,80 m da parede às costas delas, e 1,20m das paredes laterais, com um toe-in de apenas 15 graus para a posição ideal de audição.

Neste ângulo, o soundstage para obras sinfônicas e big bands se mostrou perfeito!

Foram dias de glória, como diria um grande amigo!

São aqueles momentos em que parece que tudo teve a conjunção perfeita, de equipamentos disponíveis, caixa à altura da eletrônica, e música para escolhermos a dedo!

A YB possui um equilíbrio tonal excelente e comedido! E gosto muito quando a caixa se comporta assim, pois permite entendermos a relação e o desejo do engenheiro de gravação ao não



ÁUDIO

dar mais ênfase ao que não está explícito na partitura! Triângulos, sinos, percussões, não irão ‘concorrer’ com os solistas ou com os cantores.

As texturas serão fidedignamente apresentadas, em toda sua paleta de cores, sem nos fazer perder em detalhes que desviam nossa atenção do todo.

O tempo e ritmo serão precisos, mas também concisos na maneira de nos seduzir e nos colocar dentro da melodia.

E a dinâmica é apresentada em toda sua variação de degraus, do pianíssimo ao fortíssimo, sem arroubos pirotécnicos ou fogos de artifício!

Para mim, depois de testar dois modelos deste fabricante, ficou claro que seu conceito é que a música flua sem artifícios, como ouvimos um instrumento nas mãos de um virtuose! Assim como o virtuose não precisa provar mais nada a ninguém, a Estelon não se prende à ideia de que para ser competitiva no mercado de caixas superlativas, necessite ser eloquente ou ‘reinventar’ a roda. Ao contrário, ela mais uma vez nos lembra da importância do ‘menos ser mais’. Ao fazer com que a música seja presente e não a caixa acústica.

Ouvi nos últimos 30 anos, e testei excelentes caixas, propostas e conceitos diversos e soluções muitas vezes audaciosas. Mas a Estelon se encaixa em uma categoria à parte, pois consegue aplicar conceitos e soluções em que claramente o resultado não apenas é mais preciso, como também é mais harmonioso e musicalmente encantador!

Não quero de maneira alguma dizer que assim seja o certo, ou que atenda as expectativas de todos audiófilos. Pois sei que cada um tem a sua ideia pessoal do que seja certo ou errado para ele. E sabemos que as escolhas vão muito além apenas da performance do produto (principalmente caixas acústicas).

Mas para aqueles que ainda hoje utilizam como referência para as suas escolhas, música ao vivo não amplificada, certamente ao ouvir atentamente uma caixa Estelon, notarão o quanto lembram as características de uma sala de concerto, sua ambiência, timbres, texturas, transientes, etc. E como seu cérebro consegue relaxar e ser enganado por essas caixas!

Essa característica ficou clara tanto na XB como agora na YB, sendo que a diferença está muito mais no grau de lapidação e refinamento do que em algum quesito de nossa Metodologia.

Claro que a XB consegue entregar um resultado ainda mais requintado em termos de nos colocar frente à música e aos músicos, mas fato é que essa diferença só se torna audível se o audiófilo tiver como ouvir ambas em seu sistema simultaneamente.

CONCLUSÃO

Para os nossos leitores, que necessitam de ver em detalhes a diferença entre as Estelon, sugiro se debruçarem nas notas dadas aos quesitos, e aí terão ideia das diferenças.

Mas, para os que estão apenas estudando a caixa definitiva que gostariam de colocar em seu sistema, o que posso dizer é que a Estelon YB MKII possui todas as virtudes inerentes à XB MKII, custando a metade do valor. E sabemos, nos dias de hoje, o quanto isso pesa no orçamento e na viabilização ou não de um upgrade.

E com mais uma vantagem: ser muito mais acessível e fácil de ajustar em salas menores do que a XB.

Quanto ao conceito, o mesmo DNA está presente, em todos os aspectos. Deixando a música fluir sem impor uma assinatura sônica, ou escolhendo estilos musicais para mostrar suas qualidades.

Claro que estamos falando de uma caixa que será exigente com a eletrônica e, no mínimo, precisará que o sistema também sinalize na direção da neutralidade. Com esses cuidados, não vejo como o audiófilo que se referencia pela música ao vivo não amplificada, não se renda a seus inúmeros encantos! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=R4QB4GA98QW](https://www.youtube.com/watch?v=R4QB4GA98QW)

AVMAG #281
German Áudio
comercial@germanaudio.com.br
(+1) 619 2436615
R\$ 219.860

NOTA: 99,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS ESTELON X DIAMOND MKII

Fernando Andrette



Várias vezes leitores me abordaram perguntando que tipo de teste é o mais complicado de se escrever, e não tenha dúvida, amigo leitor, que os testes mais difíceis são os que quebram paradigmas ou que se comportam integralmente como um 'ponto fora da curva'.

Pois testes desses equipamentos exigem que todos os cuidados sejam minuciosamente revisados, e que o setup esteja à altura do produto avaliado.

Felizmente, tanto para o teste dos powers Nagra HD AMP (leia teste na edição 283), como agora para o teste da Estelon X Diamond MkII, tínhamos à disposição ambos e por tempo suficiente para o amaciamento e avaliação criteriosa.

Sugiro aos leitores que leiam também o teste do HD AMP, assim como também das Estelon XB Diamond MkII (edição 279) e Estelon YB MkII (edição 281), pois em ambos eu explico um pouco da

filosofia da empresa, o histórico do fundador e principal projetista Alfred Vassilkov, e como ele desenvolveu as formas e o conceito de suas caixas acústicas.

Pois se for explicar a você leitor tudo novamente, esse teste ficará longo demais.

No entanto, em respeito a todo novo leitor que conquistamos todos os meses, farei um breve apanhado do trabalho de Alfred. Depois de trabalhar por 25 anos para diversas empresas de áudio, o CEO Alfred Vassilkov passou cinco anos desenvolvendo o conceito de um alto-falante que pudesse transmitir com fidelidade a música em qualquer tipo de sala de audição doméstica.

Ele usou todo seu conhecimento em acústica e formas e materiais para gabinetes para chegar à conclusão que, tamanho objetivo, só teria êxito se ele conseguisse desenvolver um gabinete de alta

ÁUDIO

massa amortecido e que fosse muito rígido, sem superfícies internas ou externas paralelas. Sua solução foi criar um gabinete feito de pó de mármore com um design que, a mim, lembra um 'bispo' de uma peça de um jogo de xadrez estilizado. Em que o tweeter de diamante de 1 polegada se encontra na parte superior do gabinete mais estreita e logo acima o falante de médio de 7 polegadas com cone de cerâmica Accuton e o woofer de 11 polegadas também de cerâmica Accuton, na base da caixa.

Suas formas, dependendo da luz do ambiente, parecem que criam movimentos e, dependendo do ângulo de visão do ouvinte, se tornam ainda mais atraentes.

Já havia escrito nos teste com os modelos YB e XB Mkll que a principal virtude desses falantes era a capacidade da música não soar sendo irradiada das caixas, ainda que estejamos a curtas distância dos defletores. Esse fenômeno psicoacústico é imprescindível para que nosso cérebro relaxe e se concentre na música sempre de forma intensa e precisa, e não resta dúvida que essa possibilidade foi explorada ao máximo pelo sr Vassilkov.

Mas as Diamond vão muito além dessa 'magia sonora', ao nos possibilitar em sistemas bem ajustados a capacidade de escutar todas as qualidades intrínsecas de cada gravação. E nesse aspecto, concordo plenamente com o Jonathan Valin da Absolute Sound, que ao avaliar a X Diamond Mkll escreveu: "Seja por causa de seu gabinete altamente projetado, artisticamente esculpido, excepcionalmente 'invisível', sua mistura ultra suave de drivers altamente neutros e lineares, a X Diamond não quebra o encanto de ouvir música aparentemente tocada em um espaço e tempo diferente do aqui e agora do seu quarto. É um feito incrível de proeza de engenharia, que cria um estéreo maravilhoso".

Eu nunca escutei nenhuma versão original das Diamond, então não tenho como fazer comparações dessa nova versão com a anterior. Mas, segundo o fabricante, as principais diferenças são: um novo tweeter de diamante de 25 mm da Accuton com uma largura de banda estendida até 60 kHz, um novo woofer de 11 polegadas de sanduíche de cerâmica, e um novo médio-grave de 7 polegadas com cone de diafragma de cerâmica. Novos resistores Mundorf Supreme e capacitores de filme Mundorf Silver Gold Oil. E, por fim, uma nova fiação top de linha da Kubala-Sosna, e um novo crossover de terceira ordem entre o woofer e o falante de médio, e de segunda ordem entre o médio e o tweeter.

O que temos de informações técnicas: as X Diamond Mkll são indicadas para salas de 25 a 80 metros quadrados, seu peso é de 86 kg, sua resposta de 22 Hz a 60 kHz, impedância de 6 ohms (com mínimo de 3.5 ohms em 50 Hz), mínimo de potência indicado de 20 Watts, e sensibilidade de 88 dB (2.83 V).

Para o teste utilizamos nosso Sistema de Referência e também os monoblocos Nagra HD AMP. Fontes digitais: além do Nagra TUBE DAC, também o MSB Reference. Cabos de força de 20 amperes da Kubala Sosna Realization nos powers HD AMP.

Outros revisores que tiveram a chance de ouvir a nova X Diamond, narram experiências semelhantes às do Jonathan Valin ao tentar descrever o palco sonoro e a transparência das imagens sonoras, e as observações seguem a mesma direção: "A X Diamond Mkll está entre aquelas raras caixas que você pode ouvir de qualquer distância e não tem chance de descobrir onde estão os falantes esquerdo e direito e quantos drivers tem cada caixa. Mesmo em campo próximo, e apesar de seu tamanho, ela desaparece completamente e, de olhos fechados, não havia nada que indicasse que o som vinha delas".

E, por último, a descrição do revisor Jeff Fritz do site SoundStage: "Lana Del Rey foi retratada com uma presença tridimensional em um palco sonoro palpavelmente tangível. O mais impressionante foi a imagem quase visível de Del Rey enquanto ela cantava bem no meio do palco. Esse palco era magnificamente profundo, estendendo-se muito além do plano descrito e além da parede. Imagens auditivas precisamente delineadas. Com as vozes femininas e masculinas soando neutras e claras - em termos de precisão tonal era tudo que eu podia pedir". Os que me leem sempre, sabem o quanto evito citar outros revisores e, muitas vezes, até me nego a ler antes de tirar minhas próprias conclusões. Mas como esses depoimentos batem integralmente com minhas conclusões, resolvi abrir uma exceção.

Então vamos à nossa avaliação. Lembrem-se que no teste do HD AMP, eu escrevi que haveria o Verdade Sonora partes 1 e 2. E que a 'simbiosidade' entre o HD AMP e a X Diamond havia sido tão impressionante, que o mais correto seria dar a chamada de capa o mesmo título sugerido ao power HD AMP (edição 283).

Mas essa tomada de decisão vai muito além de um mero 'simbolismo metafórico'. Pois ainda que sejam produtos distintos, ambos fabricantes parecem possuir a mesma visão do que se deve buscar no áudio Superlativo!

Com isso não estou de maneira alguma dizendo que ambos necessitam trabalhar em conjunto, mas que quando isso ocorre o resultado é uma 'Verdade Sonora' magnífica!

Li e reli várias vezes os testes dos que tiveram a chance de ouvir essa caixa, e quanto mais eu lia, o que me veio à mente foi a dificuldade com que cada um tentou dentro de seu grau de experiência, transmitir com fidelidade o que as X Diamond Mkll lhes proporcionaram em termos de prazer auditivo. E todos foram enfáticos o suficiente para transmitir ao seu leitor o quanto as Estelon os surpreenderam positivamente. ►

No meu caso, ousou dizer que a situação foi um pouco distinta, pois ainda está em minha memória fresca o impacto dos testes de dois modelos da Estelon. E sinceramente eu achava que a X Diamond MkII, teria um pouco mais de 'refinamento' do que a XB e que, portanto, o 'efeito Estelon' já estava suficientemente assimilado.

Esse mesmo erro cometi também no teste do power Nagra HD AMP, achando que seria uma extensão mais aprimorada do Classic, e "dei com os burros n'água" (prometo não cometer mais esse erro caro leitor, pois duas vezes foi mais do que suficiente).

Então me vi em má situação para descrever minhas observações da X Diamond MkII, pois dizer que ela é apenas superior a XB MkII seria um erro irreparável. Pois são de pedigrees distintos, ainda que ambas tenham o mesmo DNA sonoro e aparentemente o que as faz diferente são detalhes de tamanho apenas.

Sempre tentamos racionalmente criar respostas que nos pareçam 'sensatas' teoricamente, mas que na prática se mostram imprecisas e muitas vezes mal formuladas. Pois a questão não é o quanto são diferentes, mas sim o que as torna diferentes.

E só depois de muito ouvir e ouvir, cheguei a alguns caminhos interessantes e tentarei compartilhar com vocês essas conclusões.

A primeira que de tão óbvia só poderia abrir essa pauta, é que para a nossa sala de testes a XB MkII foi limitada em dois quesitos: macrodinâmica e na resposta de graves (tanto em deslocamento de ar como em peso e energia). Mas a partir dessa conclusão as outras características e diferenças, já não são tão óbvias.

E começo aqui pela explanação de um fenômeno psicoacústico muito mais evidente na X Diamond MkII do que na XB. Chamei-o de: "Efeito Sonoro Bokeh". Quem gosta de fotografia, certamente já ouviu e fez uso deste efeito para conseguir melhores imagens em suas fotos. Para os não familiarizados, tentarei explicar: Bokeh é uma palavra japonesa que tenta descrever a suavidade e a qualidade do desfoque de fundo de uma fotografia ao fazer uma imagem com uma profundidade de campo rasa (ou seja, em que o fundo está tão presente quanto a imagem principal). Para se conseguir o efeito desejado, o fotógrafo recorre a desfocar suavemente o fundo, tornando tudo ao entorno da imagem principal mais suave, agradável e harmonioso. Essa técnica é muito usada em fotos de campo e retratos da natureza, em que se separa o fundo 'perturbador' da imagem principal.

Eu sempre lembro em meus textos e testes do perigo de uma transparência excessiva nos tirar a concentração do todo, nos levando a ficar presos em detalhes que não estão ali como o acontecimento central. E esse problema é muito mais 'permissivo sonicamente' quando determinadas frequências se sobressaem na reprodução

da música. Inúmeros setups sofrem desse problema, e caixas acústicas mais ainda!

Isso ocorre por inúmeros motivos, e por muito e muito tempo era até motivo de 'orgulho' para muitos audiófilos, mostrarem como os agudos de suas mais recentes caixas acústicas, soavam em relação a sua referência anterior. Ou os graves, quanto maior o impacto e sustos, melhor era seu apelo. E, por fim, a região média, que de tão precisa e



ÁUDIO

transparente, pregava pequenos sustos nos ouvintes, com 'ruídos de gravação' que pouco tem a ver com o discurso musical.

Quantas vezes ouvi caixas enormes com uma resposta capaz de fazer a bainha das calças tremerem em um rufar de tímpanos e, quando entravam vozes ou instrumentos de sopro de madeiras, o corpo desses instrumentos era enorme (uma vez até citei em um artigo uma audição que fiz em uma caixa caríssima em que as vozes pareciam do tamanho de uma boca de hipopótamo). Ou aquele triângulo ao fundo da orquestra, concorrendo com o solista como se tivesse a mesma relevância!

Nada contra se esse for o seu 'barato' sonoro, de seu atual estágio na busca da perfeição. Mas se você deseja um sistema que faça seu cérebro realmente esquecer que está ouvindo música reproduzida eletronicamente, esses 'fetiches sonoros' não enganarão seu cérebro jamais. E, acredite, existem dezenas de fabricantes de áudio trabalhando seriamente para lhe proporcionar a oportunidade de seu cérebro relaxar e ouvir somente a música e nada mais.

Então, voltando às caixas acústicas especificamente, conseguir esse difícil equilíbrio entre transparência, naturalidade, musicalidade e realismo, é um dos desafios mais complexos a serem resolvidos. Pois quando se consegue dois ou três desses objetivos, sempre a proporção entre eles não é a ideal, ou a que o projetista tanto almejava ao sair do nível teórico ao prático.

Os que fizeram nossos Cursos de Percepção Auditiva, irão lembrar da primeira dica que sempre dei a todos: se forem começar um sistema do zero, comecem pelas caixas acústicas e montem a eletrônica para extrair o melhor da assinatura sônica da caixa escolhida. Caixas acústicas são a parte do sistema mais próxima à um instrumento musical!

Os estudantes de música têm enorme dificuldade de escolher seu primeiro instrumento, os audiófilos iniciantes também. E pedir ajuda ou orientação, não é vergonha alguma!

No entanto, à medida que caminho para o final dessa minha carreira, percebo que muitos audiófilos 'rodados' não têm a segurança necessária para escolher suas caixas definitivas. Pois muitos ainda estão presos a 'pirotecnias' e determinadas características sonoras, que tornam essa busca final muito mais complexa e dispendiosa.

Sem falar na quantidade de excelentes caixas que existem na atualidade, para deixar a escolha ainda mais emocionante e diversificada.

Então, o meu conselho, que compartilho há anos, continua em pé: se for iniciar do zero, comece pela caixa, pois ela dará a assinatura sônica de seu sistema e será o 'norte' seguro para a escolha e ajuste fino do setup escolhido.

E não esquecer jamais que toda caixa possui a assinatura do seu projetista, então antes da escolha, é preciso conhecer o que o projetista imaginou para o seu produto e ouvir se o que busco em minha caixa 'derradeira' é o que aquele projetista também buscou.

E a X Diamond MkII possui um conjunto de características que são muito distintas de todas as caixas que ouvi, tive e testei. Claro que minhas escolhas serão sempre muito diferentes das de vocês leitores, pois tudo que adquiro tem como principal função ser uma ferramenta de trabalho para aprimorar nossa Metodologia.

Por outro lado, aqueles que apreciam a Metodologia e a acham um porto seguro para escolhas finais, certamente levarão em conta nossas escolhas e o motivo de seguirmos determinada direção.

Por essa perspectiva, a X Diamond MkII, tem uma das qualidades mais importantes da Metodologia: aliar transparência com naturalidade, realismo e musicalidade, como nenhuma outra caixa por nós testada.

Mas, se o amigo imagina que este equilíbrio foi alcançado 'ampliando' essas quatro características ao extremo da possibilidade tecnológica hoje existente, esqueça, pois não foi este o caminho tomado pela Estelon. Ela atingiu esse equilíbrio usando como referência a maneira que a música é gravada, mixada e masterizada. Se foi captada, mixada e masterizada de maneira exemplar, essa gravação soará impressionantemente realista! Se a captação, mixagem e masterização foi mediana, o resultado será idêntico!

Isso nos leva à outra questão (a mesma dos cabos neutros, lembra?): o quanto o audiófilo aprecia montar um sistema livre de colorações ou 'artefatos' lúdicos. E o quanto são capazes de não desejar interferir no que não soa magnífico, sem expurgar essas gravações do seu convívio?

Pois arrisco dizer que se esses audiófilos, que possuem resistência, se pudessem ouvir um sistema corretamente equilibrado em conjunto com a X Diamond MkII, iriam se surpreender o quanto a folga, precisão e equilíbrio desses sistemas superlativos são capazes de fazer por gravações tecnicamente limitadas, que nunca mais desistiriam de nenhum de seus discos que amam artisticamente.

Sempre, em rodas de discussão, ouvi de muitos audiófilos (e até de fabricantes de caixas conceituados), que tweeter de berílio ou diamante, deixam os agudos brilhantes, com timbre falso, etc. E sempre respondi que isso não é regra, e atualmente arrisco dizer que o projetista precisa ser muito inábil para não saber usar esses tweeters e explorar seus enormes recursos.

Nos últimos anos, nossas caixas de referência tiveram tweeters de domo de seda, fita, diamante, domo de seda novamente, e nunca nenhuma de nossas caixas teve a beleza, extensão, clareza, definição e realismo da X Diamond MkII nos agudos.

E vou mais longe: nenhuma chegou perto da resolução tímbrica dessa caixa nas frequências altas! Duro constatar isso, pois estou falando de caixas excelentes que tivemos, e que duas delas custam no mercado americano 20 a 30 mil dólares a mais que essa X Diamond!

O mesmo posso dizer da região média, que já na XB se mostrou completamente superior à todas as nossas últimas caixas, e foi no teste da XB MkII que comecei a fazer a analogia com o Bokeh, em que o fundo da imagem sonora está ali para fazer a composição do todo, e não para concorrer com o tema central!

E depois de ouvir e testar três modelos deste fabricante, é que compreendi a importância do gabinete, do design, da escolha dos falantes, do conceito, e da genialidade do projetista da X Diamond. Ele conseguiu colocar em prática o que todo grande projetista de caixa acústica deseja: fidelidade sem impor nenhuma assinatura pessoal!

Enquanto todos querem deixar sua marca e serem reconhecidos pelas suas obras, me parece que Alfred Vassilkov deseja que seu reconhecimento venha pela capacidade de proporcionar ao ouvinte as audições mais próximas da realidade hoje alcançadas na reprodução eletrônica. E isso é impossível de se almejar quando os produtos impõem uma assinatura sônica!

Percebem a sutileza e mudança de perspectiva?

Ao buscar não impor uma assinatura sônica, ele está libertando e enfatizando o que toda caixa de nível superlativo deveria ser! E isso, meu amigo, garanto que nem passa na cabeça da esmagadora maioria dos audiófilos do planeta, pois é preciso ouvir para entender a profundidade deste conceito, na maneira de reproduzir com a maior fidelidade possível a música reproduzida eletronicamente!

Existe uma parábola Zen que fala da beleza da água límpida que toma a forma do objeto que a recolhe sem perder suas características inatas.

E no catálogo em que a Estelon fala das belezas naturais da Estônia, e que serviram de fonte para o design das caixas X Diamond, tem algumas fotos deslumbrantes de mata virgem e água em abundância. Arrisco dizer que Alfred (mesmo que jamais tenha ouvido falar neste poema Zen) quis dar a suas caixas a forma ideal para a reprodução da música gravada.

Pois o resultado é tão consistente que, a mim não resta dúvida que não foi ao acaso que ele conseguiu tamanho feito! Pois basta ouvir os graves da X Diamond e se questionar como um falante apenas de 11 polegadas consegue uma resposta tão precisa e com tanta energia e deslocamento de ar, lembrando caixas com dois falantes de 10 polegadas e gabinetes muito maiores!

E aqui, novamente, é preciso lembrar que não se trata de pirotecnia e sim de controle, definição e precisão.

Como diz um grande amigo, não vai cair um cofre de uma tonelada na sua frente e te matar de susto, mas qualquer nota grave emitida por um instrumento musical soará magistralmente coesa e correta em tempo, sustentação, corpo e decaimento.

Em termos de soundstage, acho que já detalhei todas as qualidades, mas uma delas para mim é mais importante do que os planos precisamente apresentados de acordo com a captação e mixagem. Que é o foco tridimensional. E aqui mais uma vez o 'efeito sonoro bokeh' se mostra perfeito, pois como o fundo do palco não tem o mesmo peso que os solistas, a separação, ou melhor, o delineamento do acontecimento principal, chega a ser chocante de tão preciso e realista.

Ouvindo gravações em duo de vários cantores e cantoras, é incrível como se percebe até quando os cantores estão no mesmo microfone ou em microfones separados, assim como a diferença de altura, distância dos cantores e ângulo do microfone. Você literalmente nesses casos 'vê' o que está ouvindo! E tudo graças ao fundo nunca concorrer com o essencial.

E quando esse equilíbrio foi captado e mixado nas alturas intencionalmente previstas ou desejadas, nunca se perde o todo.

E, como escrevi linhas atrás, esse é um resultado difícil de se conseguir nas caixas acústicas, pois depende de muito conhecimento, crossovers bem ajustados, falantes corretos, gabinete, etc. Pois do que adianta sua eletrônica conseguir a proeza de manter o foco, recorte, planos e ambiência corretos, se sua caixa tem problema para manter tudo em seus devidos planos?

Essa é uma questão totalmente resolvida pelas caixas Estelon em toda sua linha, pelo visto.

As texturas também são muito favorecidas pela capacidade da X Diamond MkII não impor assinatura sônica. Então sempre estamos ouvindo a qualidade da gravação, a virtuosidade dos músicos, a intencionalidade do compositor e a qualidade dos instrumentos.

Para uma pessoa apaixonada por texturas como eu, foi glorioso poder 'redescobrir' nuances de texturas em gravações que estão comigo por uma vida! E ao mesmo tempo me perguntar como eu nunca havia observado tanta riqueza e detalhes que na X Diamond MkII são tão evidentes!

Quando as pessoas falam de transientes corretos, geralmente elas se referem a marcação de tempo e ritmo para dizer se gostam ou não. Mas existe um efeito que demonstro desde 1999, nos Cursos, que eu chamo de 'letargia sonora'. Uma sensação fácil de se escutar, que deixa a gravação soando com uma certa displicência, com baixo

ÁUDIO

interesse de nosso cérebro em apreciar e escutar. Coloco uns dois ou três exemplos e faço os participantes ouvirem, como pode na mesma gravação a apresentação ser desleixada ou precisa.

Mas na X Diamond Mkll, esses mesmos exemplos possuem um novo elemento que chamei de 'deslizes sonoros', quando no grupo (um ou dois músicos), não estão tão ligados quanto o restante dos músicos. E nunca tinha percebido isso em nenhuma caixa e muito menos em qualquer eletrônica que testamos.

Mas com a dupla HD AMP e X Diamond Mkll, os 'vacilos' se tornaram audivelmente evidentes!

Macro dinâmica, se você deseja coice no peito, cócegas na próstata (que imagino que ocorra nas salas audiófilas com caixas que descem a 20 Hz, cercadas por uma dupla de subwoofers que desce a 10 Hz e powers de 1000 Watts por canal), esqueça essa caixa. Nenhuma Estelon, creio (nem a Extreme), foi feita para esse tipo de 'espetáculo pirotécnico'.

Agora, se deseja ouvir um órgão de tubo corretamente, grandes variações dinâmicas nas obras sinfônicas, a última oitava da mão esquerda de um piano soando em fortíssimo, ou instrumentos percussivos orientais de maneira em que você possa ficar na sala sem risco de danos auditivos, a X Diamond Mkll pode lhe proporcionar momentos inesquecíveis.

E quanto à microdinâmica, só não espere ela lhe dar mais ênfase a ruídos do que à música, mas tudo que foi corretamente captado estará lá!

Quanto ao corpo harmônico, eis aqui uma outra impressionante revelação: nunca ouvi nenhuma outra caixa (independentemente de tamanho e de preço), reproduzir tão detalhadamente as diferenças de um naipe de violinos e violas, ou de um cello e um contrabaixo, ambos tocados com arco!

É prazeroso dar ao nosso cérebro a possibilidade de ficar na dúvida se aquilo à nossa frente é ou não real!

É preciso vivenciar esse momento para descrever os sentimentos que essas audições nos proporcionam.

Em relação à organicidade, esse quesito talvez seja o 'cartão de visita' de todas Estelon Diamond - junto com o soundstage, claro! Até gravações medianas parecem mais 'materializadas' que em qualquer caixa que já testamos. Isso torna toda gravação imediatamente mais interessante e emotiva (e quem não deseja isso, ao investir tanto tempo e dinheiro em um sistema?).

Então, junte todas essas qualidades de cada um desses sete quesitos, e você terá o grau de musicalidade que a X Diamond Mkll pode proporcionar.

Em um sistema que esteja na mesma direção, suas audições serão absolutamente prazerosas e emocionantes. E como já relatei, com o grau de folga dessa caixa, mesmo gravações tecnicamente ruins, que são limitadas pelos erros do engenheiro de gravação ou acústica da sala de gravação (principalmente shows ao vivo em espaços abertos), terão seu apelo artístico preservado.

CONCLUSÃO

Espero ter conseguido fazer uma radiografia próxima ao que a X Diamond Mkll nos proporcionou.

Como em uma montanha-russa me senti, por muitas vezes ao ouvir meus discos de cabeceira, me perguntando ao término dessas gravações como a X Diamond Mkll consegue transmitir com tanta precisão o que outras caixas se esforçam para conseguir.

A música apenas flui sem resistência, sem barreiras, sem surpresas. É como se o acontecimento musical estivesse sendo executado ali à nossa frente em tempo real. Essa sensação e essa materialização física ocorreram com diversas gravações de diversos gêneros e distintos períodos.

Pela primeira vez meu cérebro fez, em gravações excepcionais, correlação com aquele momento mágico em que eu estava dentro da sala de gravação com os músicos que lançamos pela CAVI Records. Fui literalmente transportado para 1958, 1961, 1967, 1969, 1971, em gravações de jazz, rock progressivo, folk, música clássica e música instrumental brasileira.

O problema, meu amigo, é que isso se torna viciante, pois todos que amam a música mais do que sistemas, querem eternizar esse momento.

Se você pode e deseja estar com a sua música no mesmo espaço-tempo em que ela foi executada e gravada para a eternidade, a Estelon X Diamond Mkll é esse portal! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ULVCRGUV0US](https://www.youtube.com/watch?v=ULVCRGUV0US)

AVMAG #284
German Áudio
comercial@germanaudio.com.br
(+1) 619 2436615
R\$ 649.000

NOTA: 110,0



ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO

VÍDEO

TV SAMSUNG 8K 65QN800B

Jean Rothman



A TV Samsung QN800B é um modelo 8K, evolução da QN800A testada por nós em 2021, na edição 274, e é oferecida em 3 tamanhos de tela: com 65 (modelo testado), 75 e 85 polegadas.

O modelo 2022 apresenta algumas diferenças de especificações e recursos. A primeira diferença chave vem de seu processador de imagem. O Samsung QN800B é alimentado pelo Neural Quantum Processor 8K, processador de imagem mais avançado que traz melhor otimização com tecnologia de IA utilizando redes neurais. A segunda diferença entre a QN800B e QN800A vem de sua imagem adaptável. Ela vem com EyeComfort/Optimized, enquanto a QN800A só vem com imagem adaptável padrão. A imagem adaptativa EyeComfort é capaz de reduzir a luz azul para manter nossos olhos confortáveis, e também pode adaptar o brilho da tela de acordo com a condição de iluminação do ambiente.

O painel utiliza tecnologia mini-LED e taxa de atualização de 120 Hz nativo, para trazer uma tela de 8K muito brilhante para sua sala de estar.

Uma grande novidade para a linha Samsung 2022 é o Gaming Hub, que permite jogar seus games preferidos direto na sua TV através da nuvem, sem precisar de console.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

A 65QN800B possui uma moldura mínima, que praticamente desaparece ao assistir a um filme ou jogar. O estilo moderno das laterais desta TV faz com que tenha uma ótima aparência em uma ampla variedade de ambientes domésticos. O painel possui apenas 1,7cm de espessura, e falantes embutidos nas bordas laterais e no painel traseiro.

O pedestal é do tipo central, e possui um design muito bonito e delicado. Dependendo do ângulo que se olha, a TV parece flutuar ▶

no ar. A parte de trás do pedestal possui um suporte para fixação do One Connect, box único para conexão de todas as fontes. Ele se conecta à TV com um único cabo transparente. Se você fixar a TV na parede, só precisará conectar um cabo ao One Connect, tornando a instalação mais limpa e permitindo que a TV fique bem rente à parede, graças ao suporte slim, um acessório vendido à parte. O design do pedestal deixa espaço livre suficiente para acomodar um soundbar sob a TV.

O painel é um QLED que utiliza pontos quânticos e possui iluminação formada por mini LEDs que oferecem um preto mais preciso e com menor vazamento de luz.

O controle remoto é fácil de usar, tem o tamanho certo e não utiliza pilhas, pois carrega por energia solar e luz interna, ou por USB-C. Também possui teclas específicas para acesso direto a Netflix, Amazon Prime e Globoplay. Consegue controlar praticamente todos os equipamentos conectados à TV, como decoder de TV a cabo, Blu-ray e Apple TV. Também possui acionamento através de comandos de voz através do Bixby, assistente de voz da Samsung, além de ser compatível com Google Assistant e Alexa (Amazon).

As conexões disponíveis no One Connect são: 4 entradas HDMI, sendo uma com suporte a eARC (*Audio Return Channel*), 3 portas USB, porta Ethernet RJ45, 1 saída de áudio óptica digital, 1 entrada RF para antena. A conexão com Internet também pode ser feita por wi-fi 2.4 GHz ou 5 GHz. Também possui conexão bluetooth para fones de ouvido, teclados etc.

RECURSOS

A Samsung QN800B utiliza a conhecida plataforma Tizen com excelente interface, rápido acesso às fontes conectadas nas entradas HDMI e também aos aplicativos instalados. Você pode personalizar facilmente a ordem de execução da barra de rolagem dos aplicativos ao longo da borda inferior, para que seus favoritos apareçam primeiro.

Entre os aplicativos disponíveis, destacamos Netflix, YouTube, Amazon Prime Vídeo, Disney Plus, Apple TV, Globoplay, Tune In Spotify e Deezer. A função Airplay permite enviar vídeos diretamente de um iPhone ou espelhar o conteúdo da tela diretamente para a TV.

Também oferece o aplicativo Samsung TV Plus que disponibiliza 32 canais com conteúdos diversos gratuitamente. Ótima opção para quem não assina TVs a cabo.

A QN800B oferece suporte a conteúdo HDR10+ com mapeamento dinâmico, que ajusta brilhos e contraste para melhor visualização de áreas muito claras e muito escuras da imagem. O processador de imagens é o Neural Quantum Processor 8K, com recursos de Inteligência Artificial que fazem o upscaling e aperfeiçoam a resolução de qualquer conteúdo para a qualidade próxima de 8K. A proteção anti-reflexo é

muito boa, assim como o ângulo de visão, muito melhor do que as TVs convencionais LCD/LED.

A QN800B possui o modo ambiente 4.0. Ao desligar a TV, ao invés de uma tela preta, você pode ativar o modo ambiente fazendo a TV combinar com o seu espaço através de imagens e texturas pré-definidas ou tirando uma foto da parede de sua sala e a TV irá se adequar à sua decoração.

A integração com smartphones e dispositivos móveis é muito simples. Basta instalar o aplicativo *SmartThings* e você poderá configurar e controlar a TV a partir de seu celular. Além disso, o app SmartThings permite controlar diversos dispositivos da casa, como luzes, lavadoras, ar-condicionado e fechaduras compatíveis com o sistema.

Também permite o recurso de Tap View, compatível com alguns celulares da Samsung, e permite encostar o Smartphone na TV e ver o conteúdo do celular automaticamente espelhado na tela para compartilhamento de fotos, vídeos e apresentações.

Para gamers, a QN800B possui taxa de atualização de 120 Hz nativo, e simula uma tela Ultra-Wide, permitindo a exibição nos formatos 21:9 e 32:9 para melhor visualização das partidas sem cortes na imagem. Também possui um menu de jogo para consultar input lag, FPS, HDR e fazer ajustes. Além dos recursos Motion Xcelerator Turbo+ e FreeSync Premium Pro que melhora o tempo de resposta e minimiza o aspecto de imagens quebradas.

Outra novidade bem interessante é a Multi Tela, que passa a dividir a tela em até 4 partes, podendo exibir diferentes conteúdos simultaneamente.

Mas a novidade exclusiva é o Gaming Hub. Permite jogar Xbox diretamente na TV sem necessidade de console, através de uma parceria da Samsung com a Microsoft. Basta parear um controle Xbox com a TV e assinar o Xbox Game Pass ou Geforce Now. O teste com o jogo Forza Horizon foi extremamente fluido e responsivo. Não dava para notar a ausência do console. Realmente fantástico. O Gaming Hub suporta diversos controles de diferentes marcas, entre eles: Microsoft Xbox Series X/S, Xbox One S, Xbox 360, Xbox Elite Wireless Controller Series 2, Sony Playstation Dualsense, DualShock 4, Joytron CYVOX DX, Logitech F710, e F510. Os jogadores podem usar seus acessórios favoritos, como fones de ouvido e controles com Bluetooth. O Samsung Gaming Hub também integra de modo contínuo serviços de música e *streaming* para fornecer acesso a mais opções de entretenimento durante o jogo, com fácil conexão ao Twitch, YouTube e Spotify diretamente do menu de experiência Gaming Hub. Os jogadores também podem acessar as últimas notícias de jogos, assistir a tutoriais, tocar suas músicas e podcasts favoritos, e ver trailers dos jogos mais esperados.

VÍDEO

ÁUDIO

A Samsung QN800B apresenta a tecnologia de Som em Movimento, utilizando alto-falantes espalhados pela tela que acompanham o movimento das cenas. Além disto, utilizando-se o novo Soundbar Samsung, ao invés dos falantes internos ficarem desligados, eles passam a fazer parte do conjunto com a função Sincronia Sonora. O som do Soundbar é somado aos alto-falantes da TV e todos trabalham em conjunto para uma melhor experiência sonora. A TV suporta Dolby Atmos e possui 70W de potência e 4.2.2 canais de áudio.

QUALIDADE DE IMAGEM

A Samsung QN800B apresenta a incrível resolução de 8K, que oferece quatro vezes mais pixels do que as TVs 4K e, portanto, a clareza dos detalhes é incomparável.

Seu painel com Mini LEDs permite um controle mais preciso da iluminação e das áreas escuras da tela. Isso significa menos vazamento de luz (blooming) quando a imagem exibe áreas claras adjacentes a áreas escuras. Apesar da melhora, ainda notamos um pouco de blooming em algumas cenas mais críticas, como céu escuro com estrelas ou durante exibições de créditos com fundo preto, mas não chega a incomodar na maioria das cenas usuais dos filmes.

Os pretos são bem profundos, aproximando-se dos níveis das TVs OLED, e a QN800B impressiona pelos níveis de brilho, especialmente em HDR, o que a torna excelente opção para ambientes iluminados. Também possui HDR 32X, que oferece um desempenho de alta faixa dinâmica que diferencia ainda mais esta TV de sua concorrência. As cores vivas impressionam e agradam bastante. O upscaling de conteúdo 4K é impressionante e exibe os detalhes com um ultra realismo de uma lupa.

Os gamers vão adorar o desempenho dos jogos e o novo Gaming Hub. O Menu de Jogo permite que você veja os detalhes do status do jogo e ajuste a relação de aspecto e a posição na tela. O ângulo de visão é bom, bem como o revestimento anti-reflexo.

Com suas cores vivas e equilibradas, e seu brilho superlativo em HDR, a Samsung QN800B destaca-se entre as TVs mais sofisticadas e cheias de recursos do mercado. ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- Clips 8K: Pendrive fornecido pela Samsung
- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- HDR10 Test Pattern Suite
- Blu-Ray: Spears and Munsil - HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento

- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet - An American Classic
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 - 4K HDR
- Netflix 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries
- Amazon Prime 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries

EQUIPAMENTOS

- UHD Blu-Ray player Samsung
- Blu-Ray player Sony
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital

AVMAG #287

Samsung

www.samsung.com/br

Preços sugeridos:

QLED 8K QN800B 65" - R\$ 14.999

QLED 8K QN800B 75" - R\$ 21.999

QLED 8K QN800B 85" - R\$ 59.999

NOTA: 106,0



**ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO**

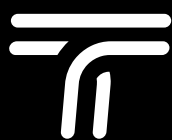


LINHA MAGNUM



LINHA OPUS

A PERFEIÇÃO É A NOSSA META



TRANSPARENT

NOVA GERAÇÃO 6

@WCJRDESIGN



PRODUTO DO ANO
EDITOR

cabos de força xlpc2 e opus g6



LINHA REFERENCE



LINHA XL



TELEFONE: (11) 98369.3001
(11) 99471.1477

WWW.FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR
INFO@FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR

FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

VÍDEO

TV TCL QLED MINI LED 65C835

Jean Rothman



A TV TCL linha C835 é a evolução da C825, que testamos no ano passado. Ela está disponível nos tamanhos 75 e 65 polegadas, sendo este último o modelo testado. Como sua antecessora, este modelo utiliza painel LCD de pontos quânticos (Quantum Dot) e iluminação através de Mini LEDs, oferecendo melhor qualidade de contraste e níveis de preto, quando comparada a TVs comuns de LCD/LED. A 65C835 possui tecnologia de imagem Dolby Vision HDR e o Dolby Vision IQ, que se ajusta dinamicamente às mudanças de luz da sala e aos tipos de conteúdo que estão sendo reproduzidos. Possuindo áudio e subwoofer integrados, em parceria com a tradicional marca Onkyo, oferece áudio superior aos diminutos falantes das TVs convencionais.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

A 65C835 apresenta design minimalista, e uma tela praticamente sem bordas, com uma estrutura em metal com design bem moderno.

A parte traseira da TV permanece mais espessa na parte central, abrigando um woofer para reprodução dos graves. A base retangular central possui um recurso muito interessante, que possibilita montar a TV em duas alturas diferentes, para acomodar uma soundbar sob a tela.

As conexões disponíveis em sua parte traseira são: 4 entradas HDMI 2.1, das quais duas suportando 4K/120Hz e duas 4K/60Hz, sendo uma com suporte a eARC (*Audio Return Channel*), 2 portas USB, porta Ethernet RJ45, 1 saída de áudio ótica digital, 1 entrada RF para antena, 1 entrada para áudio e para vídeo composto, e uma saída para fone de ouvido. A conexão com Internet pode ser feita por wi-fi 2.4 GHz, 5 GHz, e suportando protocolo wi-fi 6. Também possui conexão bluetooth para fones de ouvido, teclados etc.

O controle remoto é fino, comprido, bem leve e bastante funcional. Possui um cursor em forma de anel na parte superior. Acima do cursor estão as teclas de power, Google Assistente e configurações. Abaixo ▶



do cursor estão as teclas Home (menu inicial), volume, mute e seleção de entradas. E na parte inferior existem 6 teclas para acesso direto a Netflix, Prime Video, Globoplay, Disney+, YouTube e canais TCL.

RECURSOS

O painel da TCL 65C835 é um LCD com tecnologia Mini LED e 288 zonas de dimerização com local dimming. Além disso, conta com uma camada de Quantum Dot, ampliando o espectro de cores. Possui resolução 4k e suporta HDR10+ e Dolby Vision IQ. A tecnologia HDR10+ oferece um padrão superior de contraste e brilho, exibindo muito mais detalhes cena a cena, gerando cores mais vivas e criando uma aparência mais realista. O Dolby Vision IQ altera automaticamente as configurações de exibição em sua TV, com base no conteúdo e nas condições de iluminação da sala. A taxa de atualização é de 120Hz, garantindo maior suavidade nas imagens em movimento. Seu processador é o AIPQ Quad Core 4k GEN 2, com inteligência artificial.

O sistema operacional é o Google TV, moderno e cheio de recursos. A interface seleciona sugestões de filmes e programas de TV com base em seus hábitos de visualização. O foco do Google TV é garantir que os usuários possam acessar o conteúdo mais visto e recomendado, diretamente da tela inicial. Como outras plataformas de dispositivos de streaming, o Google TV oferece Netflix, Apple TV, Prime Video, Disney+ e muito mais.

Você pode transmitir (espelhar) o conteúdo de notebooks e celulares diretamente à TV sem uso de cabos, além de contar com Airplay 2 para usuários de iPhone.

A 65C835 conta com Google Assistente integrado e também Alexa, podendo-se escolher o assistente de sua preferência.

Para os gamers, o Game Master, da C835, permite uma experiência de forma otimizada, com funcionalidades 144Hz-VRR, HDMI 2.1, ALLM, FreeSync Premium Pro, eARC, WiFi6 e low-input lag.

ÁUDIO

O modelo também vem equipado com um sistema de som 2.1 Onkyo com 60W e suporte a Dolby Atmos, trazendo um sistema de áudio imersivo. Dolby Atmos transporta os usuários para as cenas com um som maior e mais abrangente, que enche a sala e flui ao redor dos espectadores, além de graves envolventes através de um *subwoofer* dedicado instalado na parte de trás da TV.

Há suporte a eARC, permitindo que o som da TV seja transmitido através do cabo HDMI para um Receiver ou Soundbar externo, opções sempre recomendadas para uma melhor experiência sonora.

QUALIDADE DE IMAGEM

Como a TCL 65C835 é uma evolução da C825, que testamos no ano passado, vou repetir alguns comentários do teste anterior e acrescentar outros, pois a C835 apresenta evoluções muito significativas em relação ao modelo anterior.

O brilho da 65C835 é realmente notável. Uma vez no conteúdo do filme, é difícil isolar os efeitos do processamento da TCL na qualidade da imagem final. Esta TV usa o processador AiPQ Engine Gen 2, com sua capacidade de otimizar as configurações de acordo com o conteúdo - “para que os oceanos pareçam mais azuis e as florestas tropicais mais abundantes”.

O desempenho do HDR certamente se beneficia da grande faixa dinâmica e do mapeamento de tom dinâmico selecionável, de modo

VÍDEO

que, se o conteúdo HDR for definido até 4000 nits, os brancos mais brilhantes serão mapeados para os limites do painel. Essa configuração também ajusta significativamente os detalhes de sombra.

A TV possui um ótimo tratamento anti-reflexo, o que permite assistir a TV em ambientes bem iluminados sem grandes incômodos.

O nível de desempenho do Mini LED se aproxima bastante da tecnologia OLED. A TCL não está exagerando ao considerar que a tecnologia Mini LED está alcançando as mesmas qualidades - o brilho e as cores saindo dos pretos puros, a tridimensionalidade da imagem que isso transmite. O que surpreendeu foi o baixíssimo nível de blooming, quase inexistente. Nível de preto, contraste e cores são surpreendentes. Após a calibração, a C835 está 'no vácuo' de uma TV com tecnologia OLED - usando um jargão das corridas de Fórmula 1. Comparando ambas lado a lado, na maioria das cenas fica difícil notar a diferença. Notei também que a eletrônica da C835 melhorou bastante em relação ao modelo anterior. Mas ainda pode melhorar para obtermos ajustes melhores e mais precisos durante a calibração.

A TV TCL 65C835 é a melhor TV LCD já testada por esta revista, e insere a TCL entre os principais fabricantes de TVs premium da atualidade. ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

Blu-Ray: Advanced Calibration Disc

HDR10 Test Pattern Suite

Dolby Vision Test Pattern Suite

Blu-Ray: Spears and Munsil – HD Benchmark 2nd Edition

Blu-Ray: O Quinto Elemento

Blu-Ray: Missão: Impossível – Protocolo Fantasma

Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013

Blu-Ray: Tony Bennet – An American Classic

UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 – 4K HDR

Netflix, Amazon Prime, HBO e Disney+ 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=3Q_VXE92JO](https://www.youtube.com/watch?v=3Q_VXE92JO)

AVMAG #290

TCL

www.tcl.com/br

Preço sugerido: 65": a partir de R\$ 8.599

75": a partir de R\$ 11.399

NOTA: 107,0



**ESTADO DA ARTE
 SUPERLATIVO**

EQUIPAMENTOS UTILIZADOS

UHD Blu-Ray player Samsung

Blu-Ray player Sony

Colorímetro X-Rite

Luxímetro Digital



TV TCL QLED MINI LED 8K 75X925

Jean Rothman



A TCL se esmerou em oferecer inúmeros recursos nesta que é sua TV topo de linha, a 75X925. É uma TV de 75 polegadas 8K com 33 milhões de pixels, ou seja, 4 vezes a resolução de uma TV 4K, iluminação por Mini LED com grande reserva de brilho, Quantum Dots, interface Google TV e soundbar incorporado, e uma câmera para videoconferências que se encaixa no topo do aparelho. Além disso, disponibiliza Dolby Vision IQ e certificação IMAX Enhanced.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

A 75X925 tem acabamento com bordas de alumínio e pode ser fixada na parede ou sobre um móvel. A base é central, constituída de metal, e com acabamento combinando com o aparelho.

A TV possui um soundbar incorporado em sua parte inferior, em parceria com a Onkyo, tradicional marca de áudio. A parte traseira da TV permanece mais espessa na parte central, abrigando um woofer para reprodução dos graves.

As conexões disponíveis em sua parte traseira são: 4 entradas HDMI 2.1, sendo uma com suporte a eARC (*Audio Return Channel*), uma porta USB 3.0, porta Ethernet RJ45, 1 saída de áudio óptica digital, 1 entrada RF para antena, 1 entrada para áudio e vídeo composto e uma saída para fone de ouvido. A conexão com Internet pode ser feita por wi-fi 2.4 GHz, 5 GHz e suportando protocolo wi-fi 6. Também possui conexão Bluetooth para fones de ouvido, teclados etc...

O controle remoto é o mesmo do modelo C835 que testamos na edição 290. É fino, comprido, bem leve e bastante funcional. Possui

um cursor em forma de anel na parte superior. Acima do cursor estão as teclas de liga/desliga, Google Assistente e configurações. Abaixo do cursor estão as teclas Home (menu inicial), volume, mute e seleção de entradas. E na parte inferior existem 6 teclas para acesso direto a Netflix, Prime Vídeo, Globoplay, Disney+, Youtube e canais TCL.

RECURSOS

A TCL 75X925 utiliza painel LCD 8K com tecnologia de iluminação por Mini LED e 240 zonas de dimerização com Local Dimming. Além disso, conta com uma camada Quantum Dot, ampliando o espectro de cores, e possui brilho máximo de 1000 nits - uma das TVs com mais brilho do mercado atualmente.

Suporta HDR10+, Dolby Vision IQ e possui certificação IMAX Enhanced. A tecnologia HDR10+ oferece um padrão superior de contraste e brilho, exibindo muito mais detalhes cena a cena, gerando cores mais vivas e criando uma aparência mais realista. O Dolby Vision IQ altera automaticamente as configurações de exibição em sua TV com base no conteúdo e nas condições de iluminação da sala. A taxa de atualização é de 120Hz, garantindo maior suavidade nas imagens em movimento.

Seu processador é o AIPQ Quad Core 4k GEN 2 com inteligência artificial e capacidade de fazer upscaling das imagens para resolução de 8K.

“O sistema operacional é o Google TV, moderno e cheio de recursos. A interface seleciona sugestões de filmes e programas de TV com ▶

base em seus hábitos de visualização. O foco do Google TV é garantir que os usuários possam acessar o conteúdo mais visto e recomendado diretamente da tela inicial. Como outras plataformas de dispositivos de streaming, o Google TV oferece Netflix, Apple TV, Prime Video, Disney+ e muito mais.

Você pode transmitir (espelhar) o conteúdo de notebooks e celulares diretamente à TV sem uso de cabos, além de contar com Airplay 2 para usuários de iPhone.

A 75X925 conta com Google Assistente integrado e também Alexa, podendo-se escolher o assistente de sua preferência.

Para os gamers, o Game Master permite uma experiência de forma otimizada, com funcionalidades 144Hz-VRR, HDMI 2.1, ALLM, FreeSync Premium Pro, eARC, WiFi6 e low-input lag.

ÁUDIO

A TCL 75X925 traz um soundbar Onkyo 2.1 canais incorporado, contando com 60W de potência e suporte a Dolby Atmos - que transporta os usuários para as cenas com um som maior e mais abrangente, que enche a sala e flui ao redor dos espectadores, além de graves envolventes através de um subwoofer dedicado instalado na parte de trás da TV.

Há suporte a eARC, permitindo que o som da TV seja transmitido através do cabo HDMI para um receiver externo, opção para uma melhor experiência sonora.

A qualidade de áudio com o soundbar é sensivelmente superior em relação às TVs tradicionais e seus diminutos alto-falantes.

QUALIDADE DE IMAGEM

A iluminação por Mini LED permite que a TV melhore muito a qualidade de imagem em relação às telas com iluminação convencional por LEDs. Somando-se à película de Quantum Dot, a X925 oferece uma tremenda quantidade de brilho, o que é ótimo para assistir em ambientes muito iluminados.

Com incrível nível de preto e baixíssimo nível de blooming (vazamento de luz sobre áreas escuras), o nível de desempenho do Mini LED se aproxima bastante da tecnologia OLED.

Após a calibração, observamos cores vivas com excelente contraste e imagens sempre agradáveis com ótimo conforto visual e sem excessiva saturação.

O desempenho do HDR certamente se beneficia da grande faixa dinâmica e do mapeamento de tom dinâmico selecionável de modo que, se o conteúdo HDR for definido até 4000 nits, os brancos mais brilhantes serão mapeados para os limites do painel. Essa configuração também ajusta significativamente os detalhes de sombra.

A TV possui um ótimo tratamento anti-reflexo, o que permite assistir a TV em ambientes bem iluminados sem grandes incômodos.

Considero que, do ponto de vista de qualidade de imagem, houve um empate técnico entre a 75X925 8K e a 65C835 4K, cabendo a ambas o Primeiro Lugar no ranking das TVs LCD que já testamos. No entanto, a 75X925 leva vantagem pelo seu tamanho de 75 polegadas e soundbar incorporado.

Para quem procura uma TV 8K premium, recomendo conhecê-la mais de perto.

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

Blu-Ray: Advanced Calibration Disc

HDR10 Test Pattern Suite

Dolby Vision Test Pattern Suite

Blu-Ray: Spears and Munsil – HD Benchmark 2nd Edition

Blu-Ray: O Quinto Elemento

Blu-Ray: Missão: Impossível – Protocolo Fantasma

Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013

Blu-Ray: Tony Bennet – An American Classic

UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 – 4K HDR

Netflix, Amazon Prime, HBO e Disney+ 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries

Clips de mídia 8K

EQUIPAMENTOS UTILIZADOS

UHD Blu-Ray player Samsung

Blu-Ray player Sony

Colorímetro X-Rite

Luxímetro Digital



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=SWLBQIE4VX0](https://www.youtube.com/watch?v=SWLBQIE4VX0)

AVMAG #291

TCL

www.tcl.com/br

Preço sugerido: 75"X925 -

a partir de R\$ 16.999

NOTA: 108,0



ESTADO DA ARTE
 SUPERLATIVO



linha hi-fi de racks

NorStone
 simples.elegante.robusto

Através de sua reconhecida experiência no mundo de móveis hi-fi e conectores de alta fidelidade, a Norstone oferece uma ampla gama de produtos para audiófilos. O universo da Norstone é composto por soluções técnicas ao serviço da estética, numa constante vontade de responder às necessidades dos entusiastas da música e do vídeo. Sendo assim, apresentamos duas soluções de racks, onde você mesmo pode montar para sua própria conveniência.

LINHA COMO



COMO BASE



COMO I



COMO II



COMO III

LINHA SPIDER



SPIDER BASE



SPIDER I



SPIDER II



SPIDER III



IMPEL

Sua vida em alto e bom som.

DISTRIBUIDORA OFICIAL NO BRASIL

(11) 3582.3994
 contato@impel.com.br

impel.
 com.br



VENDAS E TROCAS



VENDO

- Integrado Luxman L-590ax -

R\$ 36.000.

Um dos mais lendários amplificadores integrados de todos os tempos.

Em excelente estado de conservação, conta com amplificação totalmente em classe A, pura, várias entradas sendo duas balanceadas. Excelente estágio de phono, permitindo a conexão de cápsulas MM e MC. Pode receber dois pares de caixas acústicas, comutáveis, além de possuir a capacidade de funcionar apenas como um pré ou apenas como amplificador de potência. Controle remoto total em ótimo estado de conservação. Importado oficialmente, operando em 120/127V. As fotos não fazem jus ao aparelho. Conforme o material, posso aceitar troca. Dúvidas, chame no PVT.

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257

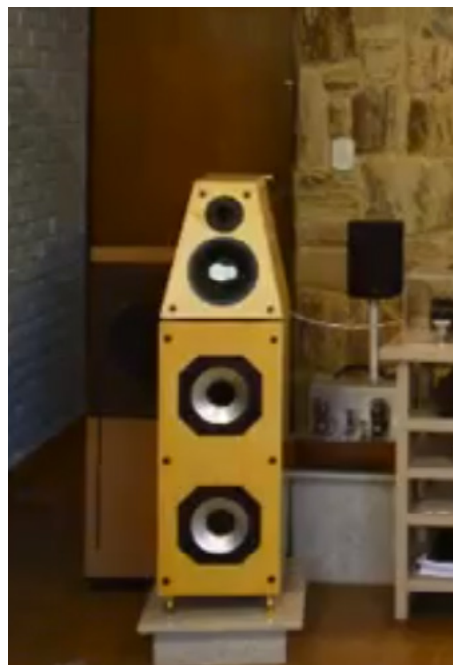
VENDO

Caixas acústicas Hyperion HPS-968, excelente caixa ainda em fabricação. Na edição 119 da AVV Magazine, a Hyperion HPS-938, um modelo inferior, foi recomendado como Escolha do Ano pelo Editor da revista. Embalagem original, impecável conservação. Pode ser ouvida na cidade de Guaratinguetá, SP. Frete por conta do comprador. Potência 200 WRMS, sensibilidade 90 dB, impedância 6 ohms, Resposta de frequência: 25Hz - 25kHz. Woofer de 8 polegadas, médio de 6 polegadas, tweeter domo de seda. R\$ 30.000 - aceita-se negociações.

Aparecido

(12) 3125.1994

j.aparecidolopes@gmail.com





VENDO

- Caixas MAGICO - modelo S1 Mk2. Estado de novas, embalagens originais. U\$ 15.000.
- Audio Player MARK LEVINSON 519 (SACD/DAC/streamer) U\$ 15.000.
- Toca-discos TECHNICS SP-10Mk3, com braço Jelco 12". U\$ 10.900.
- Cabos SHUNYATA Anaconda (força/caixas). U\$ 2.000.

Martin Ferrari
martinferrari@gmail.com



VENDAS E TROCAS



VENDO

LPs VALOR PEDIDO: R\$ 7.000.

Oportunidade cada vez mais rara, o som 'quente' do vinil numa coleção de 262 discos. A maioria absoluta é de música de concerto - contei apenas 5 discos em outros estilos - com ênfase em artistas brasileiros. Bastante música antiga e contemporânea. Muitos raros e que nunca foram relançados em formato digital. Quanto ao estado dos discos: existe um disco sem capa; os mais velhos estão com as capas mais deterioradas, naturalmente. Os discos estão precisando de limpeza, mas até onde eu sei, não há nenhum riscado. Pela quantidade de LPs, achei inviável fazer uma lista com todos os discos. Ao invés disso, criei um PDF com todas as capas. Caso haja alguma dúvida sobre algum disco, por favor, entre em contato. É muito difícil escolher quais discos destacar. Vários me são muito queridos, pois foram essenciais para a minha formação. Ainda assim, seguem alguns discos com artistas ou coleções que chamaram minha atenção enquanto os arrumava: • Integral da obra de

câmara de Brahms pela Deutsche, 15 LPs; • Boulez como regente, inclusive de suas próprias obras, 6 discos; • Glenn Gould tocando Bach e Mozart, 15 discos; • Fernando Lopes na integral dos concertos para piano de Villa-Lobos, com a Sinfônica de Campinas; • João Carlos Martins: 7 discos mais um repetido; • Duas gravações de Roberto Szidon para a Deutsche; • Walter Carlos no sintetizador, 5 discos; • Guiomar Novaes, 3 discos; • Amaral Vieira, discos de sua integral abortada de Liszt e gravações de concertos, 9 discos; • Rubinstein tocando Chopin, a gravação referência, 4 discos; • 2 discos de teste de equipamento. Sobre o valor pedido: são 262 discos, mas como existem alguns repetidos, descontei 3 e usei 259 como referência. Em todos os sebos que visitei os LPs são vendidos por valores entre R\$ 20,00 e R\$ 50,00. O valor que estou pedindo é de R\$ 27,027 por disco.

Marco Alcântara

marco_alcantara@yahoo.com



VENDO

- Paganini. US\$ 5.500.

- Esoteric Rubidium. US\$ 7.000.

<https://www.theabsolutesound.com/articles/tas-180-esoteric-g-orb-rubidium-master-clock-generator-1>

Victor Mirol

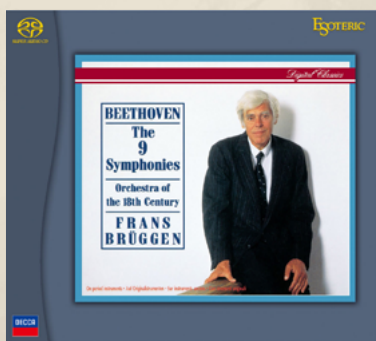
(11) 99982.1047

v.mirol@uol.com.br



GRAVAÇÕES PRIMOROSAS, REMASTERIZADAS EM SACD PELA ESOTERIC.

© WCJRDESIGN



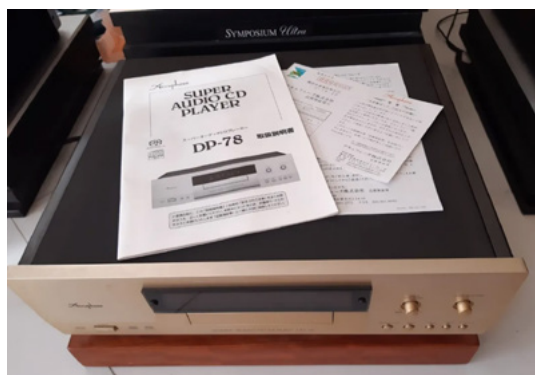
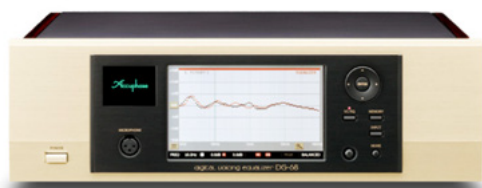
PROMOÇÃO DE LANÇAMENTO NO BRASIL POR 495 REAIS CADA CD.

FRETE NÃO INCLUSO. FORMA DE PAGAMENTO: DEPÓSITO/PIX/TRANSFERÊNCIA.

PARA PEDIDOS: REVISTA@CLUBEDOAUDIO.COM.BR.



VENDAS E TROCAS



VENDO

(nos cabos estudo ofertas e propostas de trocas)

A-Amplificador integrado Accuphase E-5000 MSRP EUA U\$ 16.000 - meu preço R\$ 65.000.

B-DSP Accuphase DG 68 MSRP EUA U\$ 16.000 - meu preço R\$ 65.000.

C-Sonus Faber Olympica 3 MSRP EUA 13.000 - meu preço R\$ 60.000 (tem alguns detalhes de acabamento).

1-DAC Mark Levinson ML 30.6 REF, fonte separada, impecável, único dono, comprado do representante brasileiro, MSRP EUA U\$ 18.000 - meu preço R\$ 25.000.

2-CD Transport Mark Levinson ML 37, único dono, estado de conservação muito bom, MSRP EUA 6.000 - meu preço R\$ 12.000.

3-SACD Player Yamaha CD-S3000, único dono, controle remoto, manual e embalagem original R\$ 18.000 - (220Vac, mas posso fornecer transformador 127vac/220vac)

4- SACD Player Accuphase DP-78 excelente estado de conservação (120vac) MSRP U\$ 16.000 - meu preço R\$ 25.000 (com caixa e manual).

5- Pré amplificador valvulado Reimyo CAT 777 MSRP EUA U\$ 16.000 - meu preço R\$ 50.000.

6-Cabo Digital Siltech Golden Eagle, AES/EBU Digital XLR único dono, comprado na Holanda. Caixa e certificado de origem! MSRP EUA U\$ 6.000 - meu preço R\$ 15.000.

7-Cabo AES/EBU Transparent Digital XLR com embalagem original MSRP EUA U\$ 4.195 - meu preço R\$ 15.000 cada (tenho duas unidades).

8-Cabo BNC Transparent com embalagem original MSRP USA U\$ 3.671 - meu preço R\$ 13.000.

9-Cabo XLR Balanceado NBS Statement 1m - R\$ 7.000.

10-Cabo Kimber AES/EBU Orchid Illuminations, único dono, embalagem original comprado do representante oficial na época R\$ 5.000.

11-Cabo Digital AES/EBU Madrigal (Mark Levinson) 50cm - R\$ 1.200.

12-Cabo De Caixa Harmonic Tech Pro 9 6n 2,20mts R\$ 4.500.

13-Cabo de força Stealth Dream 1.5m - R\$ 4.500.

14-Cabo Nordost Valhalla Digital BNC 1m - R\$ 3.000.

Em relação aos cabos, estudo propostas serias!

Carlos Nascimento

(11) 98424.0008 (whatsapp)





VENDAS E TROCAS



VENDO

Caixa Dynaudio Edição Especial Twenty Five. R\$ 35.000.

André Mehari

estudiomonteverdi@gmail.com



VENDO

- 2 cabos de força Purist 20th Anniversary, 1,5 m (1,9 total). R\$ 5.600 (cada).
- Cabo de força Furutech 3T520 com plugues F11, 2 metros - R\$ 800.
- Conjunto de 4 bases Iso Acoustics Gaia II, para suporte de caixas acústicas e equipamentos de áudio até 55 Kg. No caso de caixas, será necessária a compra de outro conjunto. Sem uso - R\$ 1.400.

Édison Christianini

(19) 98351.8046

edison.christianini@gmail.com



O MAIOR ACERVO DE MÚSICA
A SUA DISPOSIÇÃO

DISCOS de
SELOS AUDIÓFILOS

IMPERDÍVEIS!

**FAÇA PARTE DO
NOSSO GRUPO
DE WHATSAPP!**

Receba diariamente
ofertas de CDs e Vinis
(audiófilos e standards),
com condição de
remessa via sedex.

 11 99341.5851



NOVIDADE!

Espaço de excelência com wine bar, espaço de
apresentação de áudio ao vivo e estante com
som vintage, tocando gravações especiais em
vinil digital e gravador de rolo.

Área externa para degustação de Charutos.

Área de exposição e venda de equipamentos,
caixas de som vintage. Displays com vinis e CDs
de mpb, classicos, jazz e rock.



CLIQUE NA IMAGEM E ASSISTA AO PROJETO.

Calçada Antares, 241 - Alphaville/SP - Centro de Apoio 2
Em frente ao Alphaville Residencial 6
Tel.: 11 99341.5851 

WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
LOJA.AUDIOCLASSIC@GMAIL.COM

@wejrdesign

VENDAS E TROCAS



VENDO

- Caixa Acústica Contour 2.8 Dynaudio.

R\$ 8.000. (embalagem original).

- Sub Dynaudio Contour 500.

R\$ 15.000.

- Pré Audiopax Model 5 com controle remoto funcionando perfeitamente.

R\$ 8.000.

Não está incluso nesses valores, o frete (a combinar).

Omar Castelan

(16) 98116.5003

(16) 3014.0473

ocastellan@uol.com.br





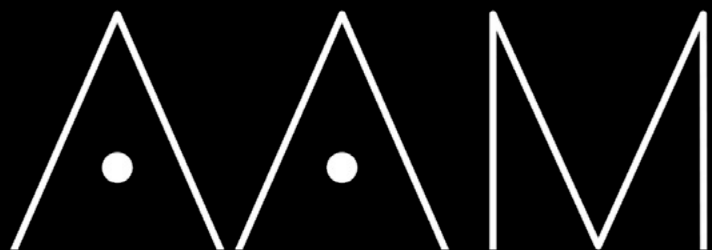
VENDO

- DAC Mark Levinson ML30.6 com fonte separada, único dono. R\$ 25.000.

- Transport Mark Levinson ML37, único dono. R\$ 10.000.

Carlos Nascimento

(11) 98424.0008 (whatsapp)



AUDIO CONSULTING

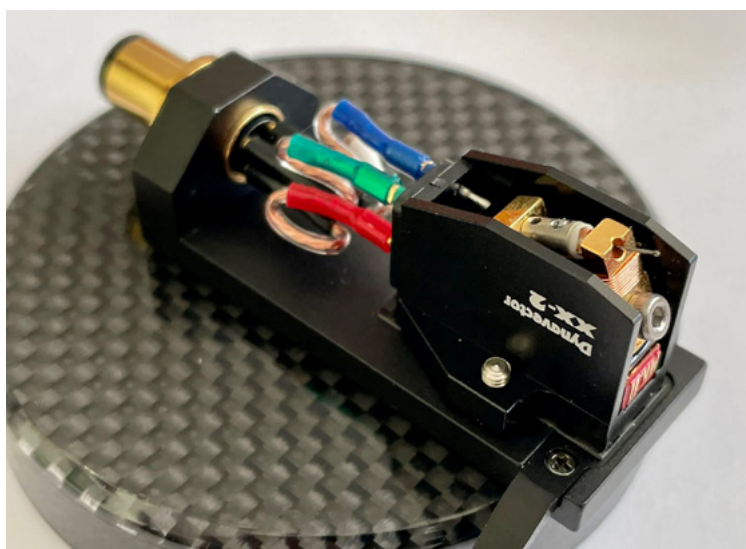
Para quem deseja extrair o melhor do seu sistema analógico.

A AAM presta consultorias em áudio e é especializada em instalação e ajustes de equipamentos analógicos - toca-discos e gravadores open reel.

Prestamos serviço de lavagem de LPs seguindo as melhores técnicas, utilizando máquinas e insumos da mais alta qualidade. Confira!

andremaltese@yahoo.com.br - (11) 99611.2257

VENDAS E TROCAS



VENDO / TROCO

- Cápsula DYNAVECTOR XX-2 Mk II. Magnífica cápsula de bobina móvel (MC) de baixa saída, NOVA. Foi apenas instalada para ser testado e já voltou para caixa (menos de uma hora de uso). Não acompanha o Headshell que está nas fotos. É o modelo de melhor custo benefício da Dynavector. Imãs em ALNICO, cantilever em bóro, agulha Pathfinder Line Contact (7x30 microns, que extrai o máximo dos sulcos dos discos, com uma ótima rejeição de ruídos periféricos pelas diminutas medidas da agulha). Bobinas em cobre PC-OCC. Saída de 0,28 mV e 6 Ohm de impedância de bobina. R\$13.000.

- Braço Kuzma Stogi de 9 polegadas. Em estado de novo. Na caixa com todos os manuais e acessórios. Com cabeamento original CARDAS terminado em ponteiros XLR (facilmente trocável para RCA caso queira).

R\$ 9.800.

Como em qualquer anúncio meu, conforme o material, posso aceitar trocas.

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257

VENDO

Toca discos SME 30/2. Em excelente estado de conservação. Inclui o lendário braço SME Series V e fonte externa. Talvez um dos mais aclamados toca discos na história do áudio de alta fidelidade. Combina o extremo da precisão com uma musicalidade muito poucas vezes igualada. Raríssimo. Em excelente estado. As fotos não fazem jus ao estado e a beleza desse TD. Pelo nível desse equipamento, presto o serviço de instalar diretamente na sala do cliente, em todo o território nacional (a combinar). R\$ 98.000.

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257





VENDO

- Audiopax Maggiore M100. Versão especial. 220V. Estes M100 já estão com as novas fontes que equipam os novos M88 Reference e os novos Maggiore.

Frete por conta do comprador.
R\$ 90.000.

- Tidal Contriva G2, acabamento Mahogany. R\$ 250.000.

João Vieira

vieiraneto@icloud.com

@wcjrdsign



VENDAS

E TROCAS

DE AUDIÓFILO PARA AUDIÓFILO
sem intermediários

SE VOCÊ QUER VENDER, CERTAMENTE UM LEITOR QUER COMPRAR.
ANUNCIE NA SEÇÃO VENDAS E TROCAS E AMPLIE A VISIBILIDADE DO QUE VOCÊ ESTÁ VENDENDO.

Anuncie já, pelo e-mail:
revista@clubedoaudio.com.br

EDITORA
MAG

A proteção do seu sistema



Condicionador



Condicionador Estabilizado

Módulo Isolador



UPSAI
sistemas de energia

vendas@upsai.com.br / www.upsai.com.br / 11 - 2606.4100